

Cadernos do *Lepaaraq*

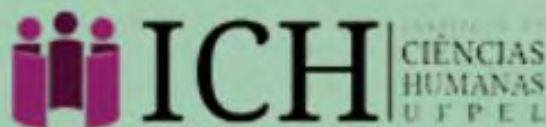
Vol. XVI nº32 2019



*Textos de
Antropologia, Arqueologia e Patrimônio*



ISSN 2316 8412



Cadernos do
Lepaarq

Textos de

Antropologia, Arqueologia e Patrimônio

Vol. XVI | nº32 | 2019 | ISSN 2316 8412



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Reitor:

Pedro Rodrigues Curi Hallal

Vice-Reitor:

Luis Isaías Centeno do Amaral

Pró-Reitora de Graduação:

Maria de Fátima Cóssio

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:

Flávio Fernando Demarco

Pró-Reitora de Extensão e Cultura:

Francisca Ferreira Michelin

Pró-Reitor Administrativo:

Ricardo Hartlebem Peter

Pró-Reitor de Planejamento e

Desenvolvimento: Otávio Martins Peres

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor:

Sebastião Peres

Vice-Diretora:

Andréa Bachettini

LABORATÓRIO DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA

Coordenador:

Rafael Guedes Milheira



Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 - Pelotas, RS CEP 96010-150

Fone/fax:(53)227 3677 e-mail:

editoraufpel@uol.com.br

Ficha catalográfica: Ayde Andrade de Oliveira - CRB 10/864

Cadernos do LEPAARQ - Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio. Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia. Pelotas, RS: Editora da Universidade Federal de Pelotas, v.16, n.32, Jul-Dez, 2019.

Semestral

ISSN eletrônico 2316-8412

1. Arqueologia - Periódico. 2. Antropologia - Periódico. 3. Patrimônio - Periódico. I. Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia.

CDD 930.1

EDITORIA - CADERNOS DO LEPAARQ

Editores Responsáveis:

Rafael Guedes Milheira

Fábio Vergara Cerqueira

Conselho Editorial:

Airton Pollini (Universite de Haute-Alsace, Mulhouse - França)

Ana Maria Sosa Gonzalez (Universidade Federal de Pelotas)

Carolina Kesser Barcellos Dias (Universidade Federal de Pelotas)

Charles Orser Jr. (New York State Museum - EUA)

Francisco Pereira Neto (Universidade Federal de Pelotas)

Helen Gonçalves (Universidade Federal de Pelotas)

Jean-Louis Tornatore (Universite de Bourgogne - França)

Lourdes Dominguez (Oficina del Historiador - Cuba)

Luiz Oosterbeek (Instituto Politecnico de Tomar - Portugal)

Maria Dulce Gaspar (Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Mariano Bonomo (Conicet - Facultad de Ciencias Naturales y Museo de La Plata - Argentina)

Marisa Coutinho Afonso (Museu de Arqueologia e Etnologia – Universidade de São Paulo)

Paulo DeBlasis (Museu de Arqueologia e Etnologia – Universidade de São Paulo)

Pedro Paulo Abreu Funari (Universidade Estadual de Campinas)

Reinhard Stuperich (Universidade de Heidelberg - Alemanha)

Sandra Pelegrini (Universidade Estadual de Maringá)

Conselho Consultivo:

Camila Azevedo de Moraes Wichers (Universidade Federal de Goiás)

Albérico Nogueira de Queiroz (Universidade Federal de Sergipe)

Neli Teresinha Galarce Machado (Universidade Integrada Vale do Taquari de Ensino Superior)

Veronica Wesolowski de Aguiar e Santos (Museu de Arqueologia e Etnologia - Universidade de São Paulo)

Deisi Scunderlick Eloy de Farias (Universidade do Sul de Santa Catarina)

Ana Inez Klein (Universidade Federal de Pelotas)

Fernando Ozório (Universidade Federal de Sergipe)

Arno Alvarez Kern (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

Camila Gianotti (Centro Universitario Regional Este, Uruguai)

Claudia Turra Magni (Universidade Federal de Pelotas)

Edgar Barbosa Neto (Universidade Federal De Minas Gerais)

Gustavo Peretti Wagner (Strata Consultoria)

Márcin César Tempass (Universidade Federal do Rio Grande)

Maria De Fátima Bento Ribeiro (Universidade Federal de Pelotas)

Rafael Corteletti (Universidade Federal de Pelotas)

Rafael Suárez Sainz (Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Universidad de la República, Uruguai)

Renato Pinto (Universidade Federal de Pernambuco)

Secretaria Editorial:

Rafael Guedes Milheira

Bruno Leonardo Ricardo Ribeiro

Editoração e Projeto Gráfico:

Bruno Leonardo Ricardo Ribeiro

Revisão Linguística:

Núcleo de Revisão de Textos - CLC

Coordenação: Profa. Dra. Sandra Alves

SUMÁRIO

PÁGINA

EDITORIAL

Rafael Milheira

5

ETNOGRAFANDO PATRIMÔNIOS: OS REFLEXOS DA FORMAÇÃO EM ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA NO PROCESSO DO INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS /INRC – LIDAS CAMPEIRAS NA REGIÃO DE BAGÉ/RS

Liza Bilhalva e Marta Bonow Rodrigues

6

COMUNIDADES DE PESCA: PESSOAS, MATERIAIS, LUGARES E PEIXES

APRESENTAÇÃO

Caroline Borges, Lucas Antonio da Silva (Orgs.).

27

PIRATÝPE: UMA LINGUAGEM DA PESCA E DO CONSUMO DE PEIXES ENTRE OS GUARANÍ

Francisco Silva Noelli

30

RECURSOS ASOCIADOS A LA PESCA Y EL MARISQUEO EN LAS SOCIEDADES PREHISPANICAS DEL RÍO DE LA PLATA, URUGUAY

Laura Beovide

55

LA PESCA Y LA RECOLECCIÓN DE MOLUSCOS: ALGUNOS COMENTARIOS CON BASE A INFORMACIÓN ETNOHISTÓRICA Y LA ARQUEOFAUNA DE CUATRO

SITIOS ARQUEOLÓGICOS EN LA REGIÓN CARIBE COLOMBIANA

Diana Rocío Carvajal Contreras

76

LA PESCA DE PODOCNEMIS EXPANSA EN EL ORINOCO MEDIO: UNA PERSPECTIVA DIACRÓNICA SOBRE LAS RELACIONES ENTRE HUMANOS Y TORTUGAS

Elis Esther Meza Peña

106

A ARTE DA CONSTRUÇÃO NAVAL NA PESCA ARTESANAL: SOBRE SABERES E HABILIDADES DE CARPINTEIROS NAVAIS DO LITORAL DO EXTREMO SUL DO BRASIL

Gianpaolo Knoller Adomili, Francisco Barroso Rotondaro Romani, Leticia D'Ambrosio Camare-ro.

122

	REFLEXÕES SOBRE A PESCA PRÉ-COLONIAL NA BAÍA DA BABITONGA, LITORAL NORTE DE SANTA CATARINA, BRASIL	138
	Jessica Ferreira, Dione da Rocha, Magda Carrion Bartz, Thiago Fossile, Felipe Mayorka	
	PRE-COLONIAL GROUPS FROM BRAZILIAN COAST AND SHARKS: FIRST GLIMPSE ON A COMPLEX RELATIONSHIP THROUGH THE CASE STUDY OF THE SHALLOW SITE RIO DO MEIO, SANTA CATARINA	156
	Simon-Pierre Gilson, Andrea Lessa	
	QUANTO MAIS PEIXE, MELHOR: SOBRE A IMPORTÂNCIA DA PESCA PARA OS MBYÁ-GUARANI	169
	Mártin César Tempass	
	QUANDO OS PESCADORES ENVELHECEM: IDENTIDADE E IDADE AVANÇADA ENTRE OS CONSTRUTORES DO SAMBAQUI MAR VIRADO, NO LITORAL PAULISTA	180
	Soraya Martins de Alencar	
ENSAIOS VISUAIS	RUÍNA E MATERIALIDADE: UMA ARQUEOLOGIA VISUAL ACERCA DA TRANSFORMAÇÃO DE ANTIGOS ESPAÇOS DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA DE XINGÓ	194
	Marcus Vinícius Pereira Santos da Silva	
TRADUÇÕES	UMA BREVE VISÃO GERAL DOS ÚLTIMOS 10 ANOS DAS PRINCIPAIS DESCOBERTAS DO PLEISTOCENO SUPERIOR NO VELHO MUNDO: HOMO FLORESIENSIS, NEANDERTAL, DENISOVAN	204
	Fernanda Neubauer	
RESENHAS	DÍAZ-ANDREU, MARGARITA. ARQUEOLOGIA: CRÍTICA E HUMANISTA	218
	Tais Pagoto Bélo	
Relatórios e notícias institucionais	UMA TIJOLOTECA COMO FONTE DE PESQUISA: COLEÇÃO ARQUEOLÓGICA CASA DO GRITO	223
	Angélica Aparecida Moreira da Silva, Paula Nishida Barbosa	

Editorial

O volume XVI, número 32, de julho-dezembro de 2019, dos Cadernos do LEPAARQ, novamente vem recheado de bons trabalhos. Desta vez, contamos com um belo dossiê organizado por Caroline Borges, do Departamento de História, Universidade Federal Rural de Pernambuco, e Lucas Antonio da Silva, da Universidade Federal de Pelotas e Museu Nacional do Rio de Janeiro. O dossiê intitulado “Comunidades de Pesca: Pessoas, Materiais, Lugares e Peixes” traz nove trabalhos das áreas de Arqueologia e Antropologia que contribuem para as discussões sobre o mundo da pesca.

Em separado, o presente volume traz ainda um artigo inédito de Liza Bilhalva e Marta Bonow Rodrigues, intitulado “Etnografando patrimônios: os reflexos da formação em Antropologia e Arqueologia no processo do Inventário Nacional de Referências Culturais /INRC – lidas campeiras na região de Bagé/RS”, um artigo de Fernanda Neubauer, intitulado “Uma breve visão geral dos últimos 10 anos das principais descobertas do Pleistoceno Superior no velho mundo: Homo floresiensis, Neandertal, Denisovan”, traduzido pela própria autora. Além disso, o volume conta com um ensaio visual de Marcus Vinícius Pereira Santos da Silva, intitulado “Ruína e materialidade: uma Arqueologia visual acerca da transformação de antigos espaços do Museu de Arqueologia de Xingó”. Traz também um relatório de pesquisa de Angélica Aparecida Moreira da Silva e Paula Nishida Barbosa, “Uma Tijoloteca como fonte de pesquisa: coleção arqueológica Casa do Grito e, por fim, uma resenha de Tais Pagoto Bélo sobre o livro de Margarita Díaz-Andreu, Arqueologia: crítica e humanista.

A todos e todas, uma ótima leitura!

Rafael Guedes Milheira

(Universidade Federal de Pelotas. Laboratório de Antropologia e Arqueologia, LEPAARQ-UFPEL)

ETNOGRAFANDO PATRIMÔNIOS: OS REFLEXOS DA FORMAÇÃO EM ANTHROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA NO PROCESSO DO INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS /INRC – LIDAS CAMPEIRAS NA REGIÃO DE BAGÉ/RS

ETNOGRAPHYING HERITAGES: REFLECTS OF THE TRAJECTORY IN ANTHROPOLOGY AND ARCHEOLOGY IN THE PROCESS OF INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS/ INRC – LIDAS CAMPEIRAS IN THE REGION OF BAGÉ/RS

Liza Bilhalva
Marta Bonow Rodrigues

Como citar este artigo:

BILHALVA, Liza; RODRIGUES, Marta Bonow. *Etnografando patrimônios: os reflexos da formação em Antropologia e Arqueologia no processo do Inventário Nacional de Referências Culturais /INRC – lidas campeiras na região de Bagé/RS*. In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 7-27, Jul-Dez. 2019.

Recebido em: 07/04/2019
Aprovado em: 20/09/2019
Publicado em: 15/12/2019

ISSN 2316 8412



Etnografando patrimônios: os reflexos da formação em Antropologia e Arqueologia no processo do Inventário Nacional de Referências Culturais /INRC – Lidas campeiras na região de Bagé/RS

Liza Bilhalva^a

Marta Bonow Rodrigues^b

Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir sobre a influência da formação em Antropologia Social e Cultural/Arqueologia no processo de produção e elaboração do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) – Lidas Campeiras* na Região de Bagé/RS. Procuramos apresentar essa experiência e apontar as contribuições que a formação acadêmica propiciou na pesquisa deste inventário, especialmente no que tange à categoria patrimônio, bem como a reciprocidade e a repercussão da metodologia INRC na formação que adquirimos e nas pesquisas que desenvolvemos durante a trajetória acadêmica..

Abstract: This article aims to reflect about the influence on the formation of Social and Cultural Anthropology/Archeology in the process of production and writing of the Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) – Lidas Campeiras** in the Region of Bagé/RS. We look to present this experience and point out the contributions that the academic trajectory had make in the research of this inventory, especially in relation to the heritage category, as well as the reciprocity and its repercussion of the INRC methodology in the formation we build, and in the researches developed during the academic trajectory..

Palavras Chave:

Patrimônio, Método, Antropologia, Arqueologia, Formação Acadêmica, Interdisciplinaridade

Keywords:

Heritage, Method, Anthropology, Archeology, Academic Training, Interdisciplinarity

^a Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Brasil; Mestra em Antropologia Social e Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Brasil; Bacharela em Antropologia Social e Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Brasil.

^b Mestra em Antropologia – Área de Concentração em Arqueologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Brasil; Bacharela em Antropologia – Linha de Formação em Arqueologia pela UFPel.

* Lidas campeiras – categoria êmica – atividades exercidas pelos trabalhadores do campo envolvidos com pecuária no Rio Grande do Sul. Bagé é uma cidade localizada no sudoeste do estado do Rio Grande do Sul.

** Lidas Campeiras = Campeiras Handling, the labor of country men from de region of Brazilian Pampas – in the State of Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

Para iniciar esta discussão, é necessário que façamos uma breve explanação sobre o que são as Lidas Campeiras: um conjunto de trabalhos exercidos no meio rural e que ultrapassam a categoria laboral para fazerem parte de um modo de vida, o campeiro. Essas lidas estão centradas na atividade do pastoreio, na produção pecuária de rebanhos de forma extensiva¹ em regiões do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina. São essas lidas, essa vida campeira, referências culturais de comunidades habitantes dos pampas sul-riograndenses, que são observadas e estudadas no processo do Inventário Nacional de Referências Culturais descrito a seguir.

O Inventário Nacional de Referências Culturais/INRC² - Lidas Campeiras na Região de Bagé/RS surge de uma demanda da Prefeitura Municipal de Bagé/RS, no âmbito do Programa de Aceleração do Crescimento/PAC das Cidades Históricas (Termo de Cooperação nº 01/2010), do Governo Federal Brasileiro. Esta pesquisa foi acolhida e executada pela Universidade Federal de Pelotas, através do Departamento de Antropologia e Arqueologia e utilizou a metodologia de documentação de referências culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN³, que tem como base a formação de equipe com profissionais das áreas de Antropologia e História⁴, permitindo a composição interdisciplinar na ampliação do grupo de trabalho.

Para este INRC, a equipe estava formada por profissionais e estudantes de antropologia, arqueologia, história, ciências sociais, geografia e arquitetura/urbanismo⁵, o que resultou em um trabalho com reflexões densas a respeito do tema do patrimônio e entrou em consonância com a indicação do IPHAN, voltando os olhares para a desconstrução de dicotomias entre cultura material e imaterial na produção do conhecimento (RIETH et al, 2013a, 2013b, 2013c; SILVA, 2014). Assim, há uma influência dessa interdisciplinaridade nos resultados desta pesquisa, bem como há o caminho contrário, com este trabalho permeando as formações de estudantes incluídos no processo.

Como estudantes, adentramos o mundo acadêmico com algumas perspectivas, porém sem nenhuma certeza. Dessa forma, este INRC, por abraçar diferentes disciplinas e proporcionar o contato entre pessoas de diversas áreas de pesquisa, além de propiciar um contato direto com a comunidade do meio campeiro, foi um elemento importante para a definição profissional de algumas e alguns membros do projeto. A forma como ocorreu a inserção de estudantes – pode-se dizer que todas/os que buscaram a inclusão no projeto foram acolhidos/as, quando não haviam sido indicados/as previamente – e de profissionais (professoras e professores universitários) fez com que acadêmicas/os em formação direcionassem suas preferências para seguir sua profissão. O tema do patrimônio apresentou-se com esse perfil múltiplo através do projeto: o Inventário influenciou a equipe e, em contrapartida, a equipe, com seus olhares distintos, configurou uma pesquisa interdisciplinar e satisfatória.

¹ Criação de animais de produção, especialmente bovinos, na qual os rebanhos são mantidos em pastagens naturais ou exóticas, sem estarem em espaços confinados.

² INRC é um instrumento de conhecimento de bens culturais de qualquer natureza. Fazer um inventário é fazer um levantamento, uma listagem descritiva dos bens culturais que remetem às referências culturais - materiais e imateriais - de um lugar ou grupo. (IPHAN, 2012).

³ Órgão que também financiou a pesquisa.

⁴ No mínimo um/a profissional de cada uma dessas duas áreas é uma recomendação do IPHAN.

⁵ A pesquisa de campo ocorreu entre 2010 e 2013, com financiamento e metodologia do IPHAN. Compõem a equipe desse INRC: Prof^a Flávia Rieth – Coord.; Pesquisadoras/es: Marília Kosby, Liza Bilhalva, Marta Rodrigues, Pablo Dobke, Daniel Lima; Consultoras/es: Cláudia Magni (Imagem), Fernando Camargo (História), Erika Collischonn (Geografia), Karen Mello (Arquitetura/Urbanismo); IPHAN: Beatriz Freire e Marcos Benedetti.

O primeiro passo na elaboração desse Inventário ocorreu através de leituras – algumas partindo de disciplinas no curso de Graduação em Antropologia da UFPel, outras apresentadas pelos membros da equipe – sobre patrimônio material e imaterial, construção de conhecimento antropológico, arqueológico e histórico, cultura campeira e pecuária extensiva. Com isso, buscamos a preparação para o trabalho de campo, entendendo que apenas a etnografia poderia nos levar à compreensão das dimensões semânticas que a categoria patrimônio assume nesse contexto cultural. Cabe ressaltar que havia a preocupação de atentar sempre para as relações entre materialidade e imaterialidade, entre pessoas, animais, lugares, artefatos, objetos, paisagem, pois esses elementos estão absolutamente interdependentes nessa cultura e a formação do bacharelado ao qual a maioria da equipe estava vinculada traz a interface entre Antropologia e Arqueologia.

Para o trabalho etnográfico seguimos a metodologia indicada para INRCs (IPHAN, 2000) que compreende a descrição minuciosa em fichas de identificação do sítio e localidades, da história de interlocutores/as, e de bens culturais⁶. A investigação envolveu cidades do pampa sul-riograndense⁷ o qual centra sua economia na produção de rebanhos, especialmente bovinos, ovinos e equinos (RIETH et al, 2013a, 2013b, 2013c). Estávamos diante de uma rede heterogênea (LATOUR, 2009) composta por humanos e não humanos e pelas práticas atinentes à atividade pecuária. Essa rede se configura a partir de significações locais próprias, cuja especificidade está na relação entre a diversidade biológica e a cultural, uma interdependência evidente nos sistemas pastoris (CARNEIRO DA CUNHA, 2005), e as lidas campeiras se apresentavam como um entrelaçamento de trabalho e modo de vida, em que as práticas são percebidas como um saber viver e se relacionar com o ambiente. A categoria trabalho, nesse ínterim, parece ter seu valor potencializado, consequência do processo histórico de desenvolvimento associado à modernização (SILVA, 2014).

Na observação das práticas culturais percebemos que as lidas campeiras, embora sofrendo transformações ao longo do tempo, expunham aspectos ideais e valorativos desse modo de vida, colocando em relação pessoas e “coisas” – incluindo a própria natureza e o espaço (SANTOS, 2002) –, conformando subjetividades e elegendo símbolos, os quais muitas vezes são percebidos como o próprio patrimônio desses grupos culturais (SILVA, 2014). Esses símbolos compartilhados têm a capacidade de expressar de forma sintética e afetiva uma relação entre ideias e valores e estão conectados à identidade dos sujeitos, entendida como uma construção dinâmica social e ideológica, com valores prévios (normalmente subsidiários a algum interesse) e com uma certa fixação e perduração no tempo (PRATS, 1998).

Todas as pessoas entrevistadas no âmbito da pesquisa⁸ estão nas mais diferentes atividades associadas à pecuária, e encontram nas lidas campeiras o seu patrimônio cultural, uma vez que entendem tais bens como representativos de seu grupo de pertencimento (SILVA, 2014). Estávamos, portanto, diante de um grupo rural compartilhando um modo de vida, no qual o trabalho e a mão de obra são escassos, as políticas públicas não chegam e as tecnologias substituem a mão humana arrastando

⁶ Os dados estão inseridos nas seguintes fichas: Identificação do Sítio; Ident. de Localidades; Bibliografia; Ident. de Ofícios e Modos de Fazer; Ident. de Celebrações; Contatos; Questionários de Ident. de Ofícios e Modos de Fazer; Reg. Audiovisual.

⁷ A denominação *pampa* não foi configurada somente conforme delimitações geográficas, mas referida a partir dos agenciamentos de relações que se estabelecem entre paisagens, homens, animais, ofícios e utensílios, na configuração de um modo de vida “campeiro” (sua construção, abandono e perpetuação).

⁸ Um total de 69 pessoas nas Fichas de Contatos (RIETH et al., 2013b). A pesquisa acompanhou o dia-a-dia de alguns desses contatos (conforme fichas de Ofícios e Modos de fazer – RIETH et al., 2013a), enquanto outros foram entrevistados como parte da rede indicada, porém sem estarem obrigatoriamente na atuação do campo. Salientamos que, desses 69 contatos, apenas 13 eram mulheres (18%, aproximadamente), sendo que na atuação das lidas, (fichas de Ofícios e Modos de Fazer) as mulheres aparecem ainda menos – consequência provável do “seguir a rede”, já que o campo se apresenta, para nós, como majoritariamente masculino, invisibilizando as mulheres. Esta questão está sendo acompanhada nas novas fases do Inventário, desde 2014, com a ampliação da pesquisa e a inserção de cidades com uma grande quantidade de pequenas propriedades, que se configuram de outro formato, onde a participação das mulheres é mais visível.

comunidades e indivíduos para outros contextos, especialmente urbanos (SILVA, 2013; SILVA, 2014).

Essas mudanças traziam consigo a ideia de ruína e de desaparecimento da base fundante e necessária para a reprodução social; ainda que a equipe pudesse observar as transformações das práticas ao longo do tempo, para muitas pessoas desses grupos, essas alterações, típicas da contemporaneidade no mundo globalizado, são compreendidas como perdas: “Isso [lidas campeiras] faz parte da nossa cultura, vivemos isso, e algumas coisas estão desaparecendo. As pessoas estão indo embora do campo, não tem valorização, precisamos fazer alguma coisa antes que seja tarde demais” (Flávia Blanco – informação pessoal. Aceguá, 2013).

Para esses grupos, a equipe do INRC representava a política pública com um interesse legítimo em refletir conjuntamente sobre o que representaria o patrimônio a ser preservado e salvaguardado nos termos indicados pela política do IPHAN (SILVA, 2014). Dessa maneira, foi possível o acesso e a participação da vida cotidiana desses coletivos, vivenciando e experienciando juntamente com as/os interlocutoras/es (WAGNER, 2010) as práticas e saberes desse grupo cultural.

Evidenciou-se que o processo de invenção, construção e transformação da cultura campeira ocorre através das relações entre os diferentes agentes humanos e não humanos presentes na estrutura das mais diferentes dimensões de sua existência, ou seja, tal bem é simultaneamente de natureza econômica, moral, religiosa, mágica, política, jurídica, estética, psicológica e fisiológica (GONÇALVES, 2003). Esse modo de vida e práticas compartilhadas apareciam como um conjunto inseparável de materialidade e imaterialidade.

A interdisciplinaridade trazida pela equipe permitiu olhares direcionados a vários elementos constituintes dos sujeitos campeiros que são fundamentais para a valorização dessa cultura, tão fortemente balizada no ambiente e nos artefatos especialmente produzidos e mantidos para as práticas cotidianas (BILHALVA & RODRIGUES, 2017).

Para o desempenho, vivências e experiências nas atividades da lida campeira, é necessário saber fazer, conhecer e aplicar o uso de artefatos específicos. Assim, dentro do INRC, enfatizar na cultura material é dialogar com o conceito antropológico de cultura, de modo a perceber a agência dos objetos e artefatos na lida campeira, bem como as potencialidades simbólicas de sua plasticidade⁹ (BILHALVA & RODRIGUES, 2017, p. 116-117).

Essa visão foi possível principalmente pela formação aproximada entre Antropologia e Arqueologia. Em retorno, a metodologia de Inventário Cultural do IPHAN permitiu, através das descrições minuciosas de todos os elementos, a observação de sutilezas entremeadas na extração das matérias-primas, confecção e utilização dos artefatos nas lidas. Há uma cultura material própria dessas atividades e, ainda que alguns materiais entendidos como originais pudessem ser substituídos por outros¹⁰, os artefatos são mantidos, pois fazem parte do todo dessa cultura campeira, são parte da identidade desses coletivos e também atuam na construção dos indivíduos (BILHALVA & RODRIGUES, 2017).

Observando esses elementos e entendendo as fronteiras fluidas entre material e imaterial, percebemo-nos diante de

⁹ Lúcia Hussak van Velthem (2007), em “Farinha, casas de farinha e objetos familiares em Cruzeiro do Sul – Acre”, aponta para a importância de a perspectiva antropológica extrapolar o utilitarismo dos objetos e artefatos, tomando-os como agentes capazes de constituir sistemas de relações sociais entre si e os seres humanos com quem trabalham. Desta forma, são agregados aos objetos materiais, atributos genealógicos, históricos e de intencionalidade.

¹⁰ Um exemplo é o laço: originalmente e preferencialmente, o laço para contenção dos animais no campo é feito em couro, normalmente confeccionado de forma artesanal. No entanto, são aceitos pelos trabalhadores laços industriais feitos em materiais sintéticos, como o nylon, por exemplo. Cabe salientar que esses laços sintéticos nem sempre são os mais apropriados para contenção, pois, segundo informações dos interlocutores, ele pode “queimar” a pele do animal, causando ferimentos.

um potencial patrimônio intangível (SILVA, 2014). Dentro das análises de campo e pensando sempre em uma produção de conhecimento conjunta com a comunidade, apontamos para o IPHAN sete bens culturais, indicados pelo grupo sociocultural, que representariam o patrimônio imaterial da região de Bagé/RS: o ofício do pastoreio, da esquila, da doma, da tropeada, doguasqueiro, do *alambrador* e da lida caseira (RIETH, et al., 2013a, 2013b, 2013c.):

A esquila é a tosa dos ovinos, a retirada das lãs; a doma, a preparação dos cavalos para que possam ser montados e utilizados em atividades diversas; o tropeirismo é o transporte dos rebanhos por terra, conduzidos por campeiros a cavalo; a lida caseira é a manutenção doméstica e cotidiana da propriedade rural, no entorno das sedes – casas e galpões, é a lida atribuída a homens e/ou mulheres, no universo da pesquisa; a feita dos aramados ou *alambrados* (termo em espanhol, porém muito utilizado na região do pampa sul-riograndense) é a atividade vinculada à construção e manutenção das cercas de arame que contornam as propriedades e suas divisões internas; o guasqueiro é aquele que produz artefatos e utensílios em couro, tanto como artesanato, quanto para o uso nas lidas; o pastoreio é a lida direta com os rebanhos (BILHALVA & RODRIGUES, 2017, p. 115-116).

O processo de pesquisa com essa perspectiva de retroalimentação – formação acadêmica interdisciplinar influenciando a pesquisa do INRC e vice-versa – foi fundamental para o entendimento de elementos básicos na construção do conhecimento, sendo um dos mais evidentes aquilo que Roy Wagner (2010) aponta: “somos todos antropólogos”. Com os diferentes olhares, foi possível discutir sobre uma análise ampla da noção de cultura e de patrimônio (GONÇALVES, 2007). À medida que inventamos a cultura do outro, conectando suas práticas e saberes à metodologia INRC (ou nos moldes de nossa própria cultura), interlocutores/as inventavam, concomitantemente, a sua cultura. Equipe de pesquisa e grupos campeiros criavam elos e pontes no esforço de apreender e inventar as diferentes culturas ali postas. Segundo Roy Wagner,

Ela [a invenção da cultura] ocorre toda vez e onde quer que algum conjunto de convenções “alienígena” ou “estrangeiro” seja posto em relação com o do sujeito (WAGNER, 2010: 39). [...] Invenção, portanto, é cultura, e pode ser útil conceber todos os seres humanos, onde quer que estejam, como “pesquisadores de campo” que controlam o choque cultural da experiência cotidiana mediante todo tipo de “regras”, tradições e fatos imaginados e construídos (WAGNER, 2010, p. 75).

A interdisciplinaridade, a formação acadêmica em andamento e a metodologia e preceitos de pesquisa do IPHAN desencadearam o surgimento de projetos de TCC, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Refletir sobre esses desdobramentos, como frutos e, ao mesmo tempo parte da reflexão e desenvolvimento do processo investigativo do INRC é fundamental para pensarmos sobre áreas de atuação profissional, interação entre academia e trabalho de campo e, especialmente, nesse caso, na formação em Antropologia e Arqueologia frente a políticas de patrimônio.

Apontamentos-chave sobre Patrimonial Cultural: a preparação para o campo

Em se tratando de um Inventário de Bem Patrimonial, foram imprescindíveis as leituras e discussões que pudessem dar conta da complexidade de compreensões que envolvem o conceito de patrimônio cultural. Seguimos alguns textos como base para a ampliação de nossas próprias ideias de patrimônio.

Percebemos que deveríamos ter cuidado para que não naturalizássemos as nossas próprias representações sobre pa-

patrimônio entendendo que este é uma categoria de pensamento bastante familiar aos conceitos modernos do mundo ocidental e vinculado às formações dos Estados Nacionais, porém, não o único. Para que a diversidade cultural esteja contemplada nos processos de documentação dos bens, é necessário observar as diversas dimensões semânticas que a categoria patrimônio assume entre diferentes grupos, um dos pontos de interesse da tradição antropológica (GONÇALVES, 2003). Refletir sobre essas diversas formas de compreensão sobre a categoria é compreender que patrimônio cultural pode ser uma invenção – como capacidade de gerar discursos sobre a realidade (discursos de poder) e, ao mesmo tempo, uma construção social – como a via de legitimar/assimilar socialmente esses discursos (PRATS, 1998).

E pensando a patrimonialização como política preservacionista do Estado atrelada às percepções de passado-presente, patrimônio pode ser o que Poulot (2008) chamaria de distinção entre “o que é verdadeiramente herdado e o que é (re)construído, ou entre as ficções sinceras e as invenções desonestas, porém, mais amplamente se trata de questionar a produção e o consumo de evidência patrimonial ela própria, ao mesmo tempo imaginária e instituição.” (POULOT, 2008, p. 39-40).

Essa trajetória da política de preservação do patrimônio cultural no contexto mundial sempre esteve atrelada à Antropologia. Não por acaso são antropólogas e antropólogos muitos dos que estiveram e estão à frente dos projetos de renovação e ampliação da categoria patrimônio. É importante não esquecer que a própria Antropologia nasce nos museus e é marcada pela ideia de preservação desde seu início, quando os primeiros pesquisadores da disciplina coletavam objetos e documentos em suas pesquisas de campo e depois os armazenavam nos laboratórios (FILHO & ABREU, 2007).

Os caminhos que a categoria patrimônio vem percorrendo, portanto, parecem seguir a moderna concepção antropológica de cultura, na medida em que deixou de eleger para preservação o patrimônio de “pedra e cal” e passou a “desmaterializar” a cultura, preocupando-se com o patrimônio intangível (GONÇALVES, 2003; 2007).

Salientamos que o intangível/imaterial que abrange as ações humanas não está isolado do mundo material, pois todas as culturas são intermeadas e intermediadas por artefatos e objetos – aspecto bastante relevante na cultura campeira, como citado anteriormente, a qual se apresentou absolutamente dependente, em maior ou menor grau, dessa materialidade. Por dependente entendemos que há tanto a necessidade prática quanto simbólica do uso de determinados artefatos e objetos para a perpetuação do modo de vida campeiro (BILHALVA & RODRIGUES, 2017).

Entendendo percursos de registros patrimoniais no Brasil e a metodologia para a elaboração do INRC Lidas Campeiras

As medidas adotadas para salvaguardar os bens culturais brasileiros reportam-se aos anos 1930, quando há disposições legais sobre a evasão de obras de artes de território nacional e questões sobre o direito à propriedade em cidades históricas mineiras, bem como a submissão da propriedade privada ao interesse coletivo sob a ingerência do Estado (FILHO & ABREU, 2007; FUNARI & PELEGRINI, 2009). Nesta época, o anteprojeto de Mário de Andrade para institucionalização da preservação de bens culturais já apresentava uma visão mais culturalista e antropológica, privilegiando a perspectiva intangível de patrimônio. No entanto, a proposta acatada foi protagonizada por Rodrigo de Mello Franco de Andrade, primeiro diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/SPHAN (atual IPHAN) que beneficiava os aspectos materiais dos bens (FREIRE, 2005; FUNARI & PELEGRINI, 2009).

O modo de perceber o patrimônio altera-se apenas nos anos 1960, quando sítios arqueológicos – bens de interesse científico e/ou ambiental – são reconhecidos como patrimônios da União (FUNARI & PELEGRINI, 2009). Mas é apenas nos anos 1970/80 que o campo do patrimônio se aproxima das Ciências Sociais e tem sua noção ampliada passando a se preocupar

BILHALVA, Liza; RODRIGUES, Marta Bonow. Etnografando patrimônios: os reflexos da formação em Antropologia e Arqueologia no processo do Inventário Nacional de Referências Culturais /INRC... In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 6-26, Jul-Dez. 2019.

com manifestações coletivas como referências culturais (FREIRE, 2005).

Cabe lembrar que até o ano 2000, o IPHAN não dispunha de instrumento adequado para preservação de processos dinâmicos; a partir desta data, após debates interdisciplinares sobre o conceito de bem cultural imaterial e sobre trâmites para seu reconhecimento, há a instauração do Registro de Bens Imateriais, utilizado para a documentação e produção de conhecimento para preservação desses bens (FREIRE, 2005; FUNARI & PELEGRINI, 2009).

O IPHAN desenvolve, então, uma metodologia singular para documentação de bens: o INRC, o qual visa reunir informações sobre determinado bem cultural e apreender os sentidos e significados que lhe são atribuídos por grupos e coletividades. Para uma manifestação cultural concorrer ao registro, é necessário um amplo dossiê com pesquisas consistentes, descrições detalhadas e justificativas sobre as razões do pedido de patrimonialização (FREIRE, 2005). Esse registro ocorre por meio da inclusão, após análise de todos os elementos e aprovação por comissão indicada pelo Conselho Consultivo do IPHAN, desse bem cultural em um dos 4 livros: Livro de Registro dos Saberes, Livro de Registro das Celebrações, Livro de Registros das Formas de Expressão e Livro de Registros dos Lugares (IPHAN, 2017).

O INRC prevê três níveis sucessivos de aproximação: 1) levantamento preliminar; 2) identificação do bem; 3) documentação (FREIRE, 2005). Em todas as fases, a metodologia consta do preenchimento de fichas específicas para cada fim; para as Lidas Campeiras de Bagé/RS, foram aplicadas: ficha de sítio, de localidade, de contatos, de entrevistas, de ofícios e modos de fazer, de celebrações, de bibliografia e de registros audiovisuais (RIETH et al, 2013a, 2013b, 2013c).

As fichas possibilitam encontrar, tornar conhecidos e identificar os bens culturais. “O uso desses procedimentos metodológicos, como instrumento de ação institucional, produzirá informações que, espera-se, realimentarão as políticas de patrimônio.” (IPHAN, 2000). Para isso, “a solicitação do Registro deve ser feita por instituições do Ministério da Cultura e suas vinculadas, por Secretarias Estaduais, Municipais e do Distrito Federal, pelas sociedades civis e associações civis” (FREIRE, 2005, p.17).

Os estudos para a construção desse processo podem ser realizados em parceria com instituições públicas e privadas e é necessária a concordância do grupo detentor das práticas a serem documentadas, sendo fundamental a responsabilidade social de pesquisadores (as) e técnicos (as) (FREIRE, 2005).

Com esses princípios norteadores, a equipe do INRC Lidas Campeiras na Região de Bagé/RS inicia a pesquisa em 2010, e em 2013, entrega o Relatório Final, completando as três fases anteriormente citadas.

Entre fichas e formações

A antropologia estuda o fenômeno do homem – a mente do homem, seu corpo, sua evolução, origens, instrumentos, arte ou grupos, não simplesmente em si mesmos, mas como elementos ou aspectos de um padrão geral ou de um todo (WAGNER, 2010, p. 27).

Conforme já apontado anteriormente, percebemos ao longo do processo de pesquisa e elaboração do relatório que a materialidade não poderia ser deixada de lado nas observações sobre as lidas campeiras. Sendo esta investigação executada através do Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFPel, que se preocupa na aproximação entre essas duas áreas disciplinares, foi impossível excluir um olhar arqueológico que tratasse de patrimônio durante os anos do trabalho. Assim, os objetos e artefatos aparecem como parte fundamental e fundante do modo de vida campeiro na região do pampa sul-riograndense. Seguindo a metodologia do IPHAN, os objetos tiveram um espaço de visibilidade bastante destacado no relatório final, composto pelas fichas já citadas.

Outro ponto importante diz respeito à quantidade de trabalhos acadêmicos produzidos como desdobramentos deste INRC: logo após a finalização da pesquisa e entrega do relatório, havia 1 projeto de doutorado, 3 projetos de mestrado, e 1 projeto de conclusão de curso em andamento¹¹ – todos já defendidos. Atualmente, existem outras pesquisas acadêmicas em andamento, e o INRC das Lidas Campeiras está em processo de ampliação do campo e em fase de análise junto ao IPHAN.

A proposta demandada pelos três níveis de aproximação da metodologia INRC - levantamento preliminar, identificação e documentação - refere-se a problemas que não se limitam a disciplinas específicas. Dessa forma, a pesquisa impõe um esforço de criatividade e flexibilidade intelectual que resulta na permeabilidade das fronteiras entre modelos teóricos inerentes a diferentes especialidades: História, Antropologia Social e Cultural, Arqueologia, Geografia, Urbanismo e Sociologia, através de seus distintos lugares de fala, contribuíram para o conhecimento ampliado do bem investigado. A etnografia, levando em conta o cuidado em contemplar esse trânsito entre disciplinas, foi a base de todo o trabalho, buscando compreender as complexas relações existentes entre a história do grupo cultural, as estruturas físicas e materiais, os aspectos geográficos, sociológicos e os valores culturais.

As fichas que integram a metodologia do INRC (IPHAN, 2000, p. 39-155), conduziram à necessidade de explorar todos os aspectos possíveis da cultura campeira do pampa sul-riograndense. “Inventariar algo é *encontrar*, de forma exaustiva e sistemática, coerente com determinados critérios de inclusão e exclusão, os elementos que deverão constituir o inventário” (SILVA, 2014). Por meio do inventário, visava-se inserir as Lidas Campeiras no Livro dos Saberes e, com isso, tínhamos a tarefa de localizar, pesquisar e descrever os ofícios associados a esse bem cultural.

As fichas podem (e devem) ser utilizadas de forma a extrapolar a descrição somente do que os (as) interlocutores (as) falam. As fichas, na sua totalidade, demandam descrever o que as pessoas fazem, como fazem, com o que fazem e onde fazem, destacando a importância dos artefatos utilizados nas atividades, os espaços e a paisagem em que as mesmas são desenvolvidas, a história dos lugares e suas transformações, a alimentação, as bebidas e as roupas associadas, bem como as músicas e festas que a lida campeira, através de seus vários ofícios, abrange.

Assim, as fichas nos orientaram no caminho em que as redes de interlocutores (as) nos conduziram. Associado ao olhar treinado que nossa formação nos imprimiu, passamos a “olhar, ouvir e escrever” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006) a cultura e/ou as práticas dos interlocutores e interlocutoras na sua totalidade, de forma a perceber a lida campeira presente na estrutura de diferentes dimensões de sua existência, configurando-se como um modo de vida e não apenas um trabalho para subsistência econômica (GONÇALVES, 2005; RIETH, RODRIGUES & SILVA, 2015).

Quando delimitamos o sítio da pesquisa e começamos a seguir a rede de interlocutores (as), passamos a conviver com essas pessoas, acompanhando suas vidas diárias. Deparamo-nos, então, com uma extensão de significados que a lida campeira imprime nas pessoas e nas coisas que os rodeiam; ela está presente no trabalho, nas vestimentas, nos hábitos alimentares, na decoração das casas, na arte, na música, na poesia, nas danças, na religiosidade (a imagem de São Jorge em seu cavalo é comum nas casas, em formato de estátua, quadro, santinhos), nas festas locais, e conseqüentemente na política e nas leis.

A lida campeira, portanto, se constitui em cada ato da vida dessas pessoas, e por isso pode ser considerada como Referência Cultural, partindo de um todo que é o modo de vida, conforme os termos propostos pelo IPHAN:

¹¹ KOSBY, Marília F. *Alma-carçoço: Peregrinações com cabras negras pelo extremo sul do Brasil*. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, 2018. SILVA, Liza B. M. *Entre lidas: Um estudo etnográfico sobre masculinidade, memória e trabalho campeiro nas cidades de Pelotas e Bagé, RS*. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pelotas, 2014.; LIMA, Daniel V. “Cada doma é um livro”: a relação entre humanos e cavalos no pampa sul-rio-grandense. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pelotas, 2015.; BARRETO, Eric S. B. “Por dez vacas com cria eu não troco meu cachorro”: As relações entre homens e cães nas atividades pastoris do pampa brasileiro. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pelotas, 2015.

[...] são paisagens naturais, edificações, artes, ofícios, formas de expressão e modos de fazer. São as festas, e os lugares a que a memória e a vida social atribuem sentido diferenciado: as mais belas, as mais lembradas, as mais queridas. São fatos, atividades e objetos que mobilizam a gente mais próxima e que reaproximam os que estão longe, para que se reviva o sentimento de participar e de pertencer a um grupo e a um lugar. Em suma, *referências* são objetos, práticas e lugares apropriados pela cultura na construção de sentido de identidade (IPHAN, 2000, p. 29).

A formação da maioria da equipe – Antropologia – estava em consonância com a perspectiva adotada na política de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial e, sobretudo, na metodologia INRC. Os três atos cognitivos apontados por Cardoso de Oliveira (2006), olhar, ouvir e escrever, estão marcados pela nossa inserção na disciplina antropológica. No olhar e ouvir “disciplinados”, apuramos nossa percepção sobre o campo, e no escrever, exercitamos nosso pensamento como produtor de um discurso voltado à construção da teoria cultural e social. Este terceiro ato ocorre concomitante com a aprendizagem do preenchimento das fichas do INRC.

Ao passo que a cultura investigada se tornava visível para nós, aprendíamos também a inserir a descrição desse modo de vida nas fichas. As fichas eram “abertas” (termo que a equipe usava para iniciar as descrições dos bens, dos lugares, das celebrações e das edificações) e a partir de então, uma série de cruzamentos interdisciplinares surgiam, entre a rede de interlocutores (as) e entre as diferentes temporalidades que atravessam os sujeitos e seus saberes. Conforme conversávamos com um interlocutor, logo surgia uma indicação de outros interlocutores especializados em uma ou outra atividade, que forma o conjunto das lidas, como pode ser acompanhado nas imagens do trabalho de campo a seguir (figuras 1, 2, 3 e 4).



Figura 1 – Entrevista com interlocutor, Minga Blanco, proprietário rural e campeiro - Aceguá/RS. Foto: Acervo INRC Lidas Campeiras da Região de Bagé/RS (2012).



Figura 2 – Entrevista com o interlocutor Nilo Romero (*in memorian*), proprietário rural e introdutor do método de pastoreio Voisin para bovinos no Rio Grande do Sul - Bagé/RS. Foto: Acervo INRC Lidas Campeiras da Região de Bagé/RS (2011).



Figura 3 – Entrevista com Sr. Edegar (*in memorian*), pequeno produtor em Bagé/RS – o interlocutor leva a equipe para conhecer sua propriedade que se dedica principalmente à criação de ovinos. Foto: Acervo INRC Lidas Campeiras da Região de Bagé/RS (2011).



Figura 4 – A interlocutora Sônia Carlota Cabreira Garibaldi, pequena proprietária rural, produtora de gado bovino e ovino - Hulha Negra/RS. Foto: Acervo INRC Lidas Campeiras da Região de Bagé/RS (2012).

Concomitantemente, estávamos em campo e produzindo os textos nas fichas: estabelecíamos o contato, experienciávamos a cultura campeira, nos apropriávamos das fichas e escrevíamos nas mesmas a descrição dos bens. Esse processo não foi imediato, aprendemos a trabalhar com o modelo metodológico do INRC no decorrer da pesquisa. Essa forma de escrever não era o comumente realizado nas etnografias acadêmicas, nas quais há uma liberdade de escrita fluída. As fichas, inicialmente, nos pareceram fechadas, difíceis de abrangerem o todo que a etnografia propicia.

No entanto, foi exatamente esse processo de aprendizado e as características das fichas que permitiu nos disciplinarmos no campo e atentarmos para a cultura material, como costumamos atentar para as relações entre sujeitos, estrutura e sistemas simbólicos. Nesse tipo de formação, fomos influenciadas (os) pela tradição boasiana – *four fields* (BOAS, 2005), muito presente na nossa vida acadêmica, evidenciando o estudo de objetos materiais e técnicas dentro das culturas, dos quais a disciplina antropológica tentou se afastar ao longo do século XX, desmaterializando as formulações em favor de noções mais abstratas (GONÇALVES, 2005).

Para refletirmos sobre cultura/patrimônio precisamos falar sobre sua dimensão material, e as fichas do INRC nos direcionavam para isso, bem como nossas formações no âmbito do Departamento de Antropologia e Arqueologia/UFPel. É importante considerar que Patrimônio trata de uma categoria ambígua, pois transita entre o material e o imaterial, os quais aparecem de modo indistinto nos limites dessa categoria. A noção de patrimônio cultural, desse modo, enquanto categoria do entendimento humano, na verdade rematerializa a noção de “cultura”.

Durante o processo de pesquisa, deparamo-nos com artefatos característicos das lidas campeiras e fundamentais para o desempenho das atividades. Esses artefatos, em sua maioria, são confeccionados por artesãos especializados. – os guasqueiros.



Figura 5 - Sr. Ginêz Costa, gaúcho e campeiro, em frente ao seu rancho de moradia com artefatos em couro confeccionados e comercializados por ele para as lidas campeiras, Vila da Lata – Aceguá/RS. **Foto:** Marta B. Rodrigues - Acervo INRC Lidas Campeiras da Região de Bagé/RS (2011).



Figura 6 –Minga Blanco apresentando à equipe os artefatos da lida campeira confeccionados por ele – Aceguá/RS. **Foto:** Marta B. Rodrigues - Acervo INRC Lidas Campeiras da Região de Bagé/RS (2011).

Foi com essa visão que seguimos a rede de interlocutores (as) de forma a perceber o que os (as) conecta a partir dos diversos significados do patrimônio cultural e suas ressonâncias para o grupo. Sobre isso, entendemos que um patrimônio não depende apenas da vontade e decisão política de uma agência de Estado, nem apenas de uma atividade consciente e deliberada de indivíduos ou grupos; os objetos/artefatos que compõem um patrimônio precisam encontrar “ressonância” junto a seu público (BILHALVA & RODRIGUES, 2017; GONÇALVES, 2005).

A cultura campeira tornada visível

É um modo de vida, tudo está relacionado, fazendo parte de um sistema; se afastar disso é complicado. (Flávia Blanco, proprietária rural e professora - Aceguá/Brasil).

A visão de mundo (ideias) das pessoas que compõem a rede nessa área cultural do pampa, bem como o *ethos* (valores) compartilhado por esses indivíduos (GEERTZ, 1989), refletem a realidade da lida campeira traduzida em criar, manter e reproduzir rebanhos de gado – principalmente ovino, equino e bovino – atividade desempenhada por meio dos vários ofícios entendidos como especialidades de determinados trabalhadores¹², qualificados anteriormente como responsáveis pelas atividades de esquila, de doma, do tropeirismo, do *alabrado*, do pastoreio, da lida caseira e do guasqueiro, entre outros ofícios e trabalhos complementares. Enfatizamos que, embora se evidencie esses ofícios, citados assim, como especialidades de determinados trabalhadores, são, no entanto, abarcados pelo saber de um único (e múltiplo) agente, o campeiro¹³, aquele que conhece e sabe fazer um pouco de cada uma das lidas. (RIETH et al, 2013a). Os ofícios compõem um sistema que coloca em relevo diferentes temporalidades no momento em que entrelaça trabalho e modo de vida.

A medida em que etnografávamos as atividades, fomos percebendo se tratar de algo que o campeiro dominava na sua integralidade. A questão das especializações vem com as aptidões de alguns trabalhadores e também com a entrada da legislação trabalhista que formalizou os contratos de trabalho e definiu atividades, salários e jornadas. O conceito moderno de trabalho adentrou os campos pampeanos, entendidos como tradicionais na cosmologia de quem vive nesse ambiente, formalizando as práticas campeiras antes vistas como um saber viver e se relacionar com o ambiente. (SILVA, 2014).

O valor “trabalho” aparece, então, como norteador das práticas, advindo dos processos históricos de desenvolvimento. Consequentemente, foi se ajustando e se transformando no ritmo da vida cotidiana até chegar à categoria hoje entendida e percebida pela sociedade moderna como trabalho, especialidade ou ofício (SILVA, 2014). Essa última categoria é utilizada pelo IPHAN no INRC, para se referir aos saberes e modo de fazer.

Pela observação desses ofícios e sua inserção nas fichas destinadas à sua descrição, é possível compreender que as lidas traduzem um modo de vida, o qual coloca em relação e interação homens, mulheres, animais, objetos e paisagem (RIETH, RODRIGUES & SILVA, 2015). E esta interação foi se tornando visível para a equipe de pesquisa quando adentrávamos o campo, vivenciávamos a cultura do “outro” e, sobretudo, quando preenchíamos as fichas. Para Roy Wagner “A cultura é tornada visível pelo choque cultural, pelo ato de submeter-se a situações que excedem a competência interpessoal ordinária e de objetificar a discrepância como uma entidade – ela é delineada por meio de uma concretização inventiva dessa entidade

¹² Utilizamos a palavra no masculino, pois a rede que se apresentou nas lidas campeiras foi praticamente formada por homens.

¹³ O termo campeiro refere-se à pessoa que vivencia ou já vivenciou os trabalhos realizados na empresa da pecuária extensiva com o intuito de criar, manter e reproduzir rebanhos de gado ovino, equino e bovino, no extremo meridional da América do Sul – realidade que mescla as fronteiras político-geográficas entre o estado do Rio Grande do Sul e os países vizinhos, Argentina e Uruguai. (Kosby & Rieth et al, 2012).

após a experiência inicial (WAGNER, 2012, p. 37)”.

Seguindo a rede, enfatizando imaterialidade e materialidade, focamos na relação/interação entre elementos heterogêneos que a conformam (humanos e não humanos), localizando suas conexões, buscando não dicotomizar esses componentes e compreendendo sua realidade. Foi esta rede múltipla que nos forneceu o contexto interpretativo. (LATOURE, 2009)

As técnicas dos ofícios das sete lidas e atividades complementares, bem como as relações entre os elementos diversos envolvidos nessas lidas ressonam, através dos objetos e das práticas, diretamente nas subjetividades dos sujeitos, constituindo-os. Esse aspecto fica evidente diante dos relatos sobre lidas “brabíssimas”:

Peões descrevem o universo desta lida como árduo, perigoso, insalubre. No entanto, essas mesmas agruras parecem trazer os atributos ontológicos necessários à construção desses homens como pessoas – e mesmo imprescindíveis à manutenção de sua existência. Acordar antes de raiar o sol e ter que quebrar geada com a sola do pé descalço, derrubar novilhos com o próprio corpo (pois a contenção com o laço pode fraturar o animal), correr risco de morte ante a fúria de um touro, participar do mesmo ambiente que animais peçonhentos, enfrentar temporal no meio do campo aberto para salvar filhotes do rebanho, domar cavalo xucro, são alguns aspectos apontados como responsáveis pelo fato de serem “brabíssimas” as lidas campeiras – o que, no entanto, não chega a representar uma potência negativa, visto que, pelo contrário, o controle dessas situações impostas pelas forças da natureza selvagem, incorporado, é claro, pela exploração capitalista de sua força de trabalho, tem agência construtora dos sujeitos (RIETH, RODRIGUES & SILVA, 2015, p. 180).

As narrativas que incidem nas construções dos sujeitos campeiros são múltiplas, mas com alguns elementos recorrentes. O cavalo é um aliado na constituição desses homens, o trabalho e a juventude também determinam, de certa maneira, as masculinidades:

Eu trabalho em estância (capataz), eu cuido de uma estância, só que agora estou com um problema num braço, eu há muito tempo sofri um acidente no serviço mesmo, e com o passar do tempo foi evoluindo [...] então isso que está me afastando de trabalhar. Mas como eu sou da lida, eu e meu parceiro aqui alugamos isso [cocheira para cavalo na cidade de Bagé] para estar envolvido com os cavalos, eu gosto de andar a cavalo e lidar com os bichos [...] e não fico em casa, porque se eu ficar em casa no dia a dia eu vou a loucura. É só para nós estar aqui, chega um conversa um pouco, dá vontade de tomar um mate nós vamos ali fazer, nós almoçamos junto aí e estamos no dia a dia, porque eu não sei se eu sei viver sem o cavalo, nem que seja para ficar olhando no dia a dia. (Seu Beto, ex-trabalhador rural – Bagé, 2012).

A lida obrigava a gente a ser gente, a ser campeiro, o homem do campo é extremamente educado e disciplinado, porque teve essa formação de pai, mais rígida. [...] O cavalo mantém o vínculo com o campo. Esse contato com o cavalo é o vínculo que te leva ao campo. Tirou o cavalo do gaúcho e ele não é mais nada. (Eliezer – proprietário rural, poeta e professor aposentado -Bagé, 2012).

As falas das mulheres também carregam essa construção das subjetividades alicerçada nas lidas. Elas não estão presentes no trabalho considerado mais duro no campo, mas fazem parte das atividades no entorno das casas e, em alguns casos, na administração das propriedades: “Eu gosto de viver aqui, acordar cedo, fazer o fogo, colocar a água pro mate, essa é a hora que a gente conversa, se organiza pro dia. Tenho a minha horta, fico aqui horas e horas depois do trabalho” (Flávia Blanco, proprietária rural e professora- Aceguá, 2013). “Ah, se eu pudesse voltava para o campo, ficar perto dos bichos, eu sinto falta disso” (Esposa de capataz, empregada das “casas” da estância, hoje vive na cidade de Bagé, 2013).

Os vários elementos que constituem a vida no campo, o fogo (figura 7), o couro como matéria prima da maioria dos artefatos para o trabalho campeiro, as vestimentas, os objetos e a paisagem vasta do pampa (figura 8) também atuam nessa construção da subjetividade. São elementos indissociáveis da lida campeira que se estendem para outras dimensões. O fogo, presente no galpão, tem uma função utilitária de aquecer a água para o chimarrão, assar a carne, cozinhar a comida e aquecer o ambiente no frio do inverno. Fora do galpão, também funciona para aquecer o ferro para a marcação dos animais e também para a confecção de ferraduras, marcas para gado e etc.

Entretanto, a dimensão funcional constitui-se somente como uma de suas funções; ele – o fogo – tem função simbólica, informa algo para os sujeitos e, conseqüentemente, age sobre eles. Reunir-se na volta do fogo, ou até conversar com ele (como muitas vezes ouvimos) tem um valor fundante nessa cultura. Ele remete à sociabilidade, e viver sem o fogo traz sofrimento e solidão, vejamos as narrativas de Seu Nelson e Seu Beto: “O que eu mais sinto falta na cidade é o fogo, ficar na volta do fogo. Isso é o mais difícil” (Seu Nelson – Bagé/2012). “O fogo fica sempre aceso aqui, isso é muito importante para o gaúcho. Aqui fazemos nossa comida, esquentamos a água para nosso mate e sentamos na volta para prosear” (Seu Beto – Bagé/2012).



Figura 7 – Chaleira de ferro aquecendo água para o mate em fogo de chão - Bagé/RS. Foto: Acervo INRC Lidas Campeiras da Região de Bagé/RS (2012).



Figura 8 – Paisagem típica do pampa sul-riograndense: cavalos, cercas de alambrados, uma aguada (açude) e a vastidão dos campos. Estância Santa Leontina – Aceguá/RS. Foto: Marta B. Rodrigues – Acervo INRC Lidas Campeiras da Região de Bagé/RS (2011).

O movimento que as coisas fazem no modo de vida campeiro, parecem entrar em um ritmo circular: um exemplo são os artefatos feitos em couro para as lidas. Geralmente confeccionados ou remendados/consertados pelos próprios campeiros nos dias de chuva ou nas horas de descanso dentro das estâncias, os apetrechos usados no trabalho do campo têm como matéria prima o couro, que é retirado do animal após o abate e tratado. Esse couro volta aos animais no momento em que é parte primordial de um laço, ou rebenque¹⁴, por exemplo, e é usado para laçar um bovino (laço) ou para fazer o cavalo apurar o passo (rebenque). Esses artefatos extrapolam sua função utilitária, ao passo que também são percebidos pelo grupo cultural como uma arte – o ofício do guasqueiro, artesão responsável pela confecção dos artefatos de forma profissional ou amadora, é valorizado como um saber fundamental para o modo de vida campeiro. Nesse ofício, sempre é enfatizada a habilidade, o capricho e a beleza necessária para a confecção do artefato. Além de ser funcional, tem que estar “bem feito”. Há um prazer e orgulho por parte dos campeiros em mostrar seu trabalho, sua arte, tanto no contexto do campo como em outros. Para os campeiros que estão fora do ambiente rural, trançar o couro significa uma conexão com a vida no campo e com as lidas campeiras, como nos fala um dos interlocutores: *Eu não sei se vou ter pra quem deixar [o saber do guasqueiro], mas representa uma continuação do que meu vô e meu pai faziam. Isso é a única coisa que liga o gaúcho da cidade ao campo* (Abelardo – guasqueiro em Pelotas-2013). O pampa, com sua paisagem, edificações, artefatos, animais, plantas, sujeitos informam territórios de existência. Bota, chapéu, bombacha e lenço acompanham os sujeitos masculinos e femininos desta região para além do trabalho no campo, fazem parte da indumentária do ser campeiro e assim os identifica como tal – seres cavaleiros que trabalham com rebanhos na região do pampa sul-rio-grandense. Essa noção é trazida a partir da ideia de que não existem fronteiras fixas para o campeiro, o “Sul” como área etnografada e etnografável ultrapassa os limites geográficos e políticos brasileiros e adentram Uruguai e Argentina (LEAL, 1997).

A cultura pampeana trazida no inventário, portanto, é construída a partir de conceitos discutidos pela historiografia

¹⁴ Um tipo de chicote típico da lida campeira, usado tanto no Rio Grande do Sul, como em países vizinhos do Brasil com uma cultura campeira similar (Argentina, Uruguai, Chile...).

e antropologia no que tange à configuração de um *ethos* delimitado por relações entre humanos e não humanos em diversas dimensões (paisagem, artefatos, animais, etc.). Essas dimensões somente foram acessadas pela equipe de pesquisa pela configuração interdisciplinar que constituiu nosso olhar, ouvir e escrever, e, sobretudo, o método etnográfico que nos colocou em relação com o “outro”, aliada à metodologia INRC que privilegia essa perspectiva totalizante da cultura, possibilitando-nos a localizar e compreender as lidas campeiras como referências culturais compartilhadas pelos grupos habitantes da região do pampa sul-rio-grandense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contrário dos patrimônios biológicos que constituem o ser humano como espécie - um, endógeno (diversidade genética) e um, exógeno (cuja gestão lhe atribuí, mas que não lhe pertence, constituído pela biodiversidade), passíveis de conservação e transmissão direta, o patrimônio cultural dependente do aprendizado e transmissão do conhecimento geracional. Ainda que seja um patrimônio herdado, ele é vivido e, portanto, está em constante transformação (PRATS, 1998).

As culturas não seguem um modelo engessado na transmissão, pois existe uma arte criativa que é acionada pelos sujeitos culturais com o passar do tempo. Assim, o que se pode conservar em uma cultura é o conhecimento, aquilo que a humanidade pode preservar e transmitir, que pode ser entendido como patrimônio cultural.

Tanto el conocimiento de los logros científicos y artísticos más singulares, como el conocimiento de los sistemas e artilugios culturales que han permitido al hombre em situaciones ecológicas muy diversas y em situaciones sociohistóricas muy cambiantes, adaptarse a la vida en el planeta y a la convivencia con sus semejantes (PRATS, 1998, p. 73).

É evidente, no entanto, que não se pode conservar/preservar o conhecimento absoluto das culturas, por serem realidades sistemáticas e cambiantes. Portanto, o que se pretendeu indicar como referências culturais no Inventário das Lidas Campeiras é parte desse conhecimento totalizante, segundo critérios valorativos e ideológicos compartilhados no tempo presente (CARNEIRO DA CUNHA, 2005; PRATS, 1998). Os conhecimentos que buscamos nos processos que compõem a cultura pesquisada estão fundamentados no sentimento de continuidade em relação às gerações anteriores, com ofícios e práticas enraizados no cotidiano dos sujeitos culturais do presente, constituindo territórios de significados de um modo de vida que tem a sua própria ruína como a base de sua descrição/invenção. A ruína entendida aqui como as transformações pelas quais o mundo dessa pecuária passa ao longo dos anos, e não como o fim de uma cultura (KOSBY & RIETH, 2012; SILVA, 2014; WAGNER, 2010).

Com essa percepção, centramos nossos olhares no processo da cultura, que se transforma toda vez que outros elementos são apresentados. Mostrar a ressonância nas subjetividades das pessoas e, conseqüentemente, a visibilização de referências culturais, foi o objetivo do INRC Lidas Campeiras na Região de Bagé, possibilitada pela interdisciplinaridade a que se propôs a investigação a participação de pessoas em processos de formação, profissionais de áreas diversas e as comunidades envolvidas. Diante disso, a ciência parece ser o lugar legitimado para formalizar novos conhecimentos, propor novas interpretações e significados, e restabelecer novos repertórios culturais. Dessa maneira, cultura e ciência emergem como uma soma de invenções e conquistas (PRATS, 1998; WAGNER, 2010). Patrimônios culturais imateriais resultam desse encontro, das conexões dessas invenções com as instituições que os legitimam, tornando-se vivos quando seu caráter processual e dinâmico passa a ser observado.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Flávio S. O futuro ameaçado: o mundo rural face aos desafios da masculinização, do envelhecimento e da desagregação. *Ensaio FEE*, v. 26, n. 1, p. 661-694, 2005.
- APPADURAI, Arjun. *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.
- BILHALVA, Liza; RODRIGUES, Marta B. Artefatos como suportes de memória na construção da masculinidade no Pampa Sul-Riograndense. *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia*, v. 5, n. 2, p.113-141, 2017.
- BOAS, Franz. *Antropologia cultural* (org. Celso Castro). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1999.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. 2ª Ed, Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Introdução. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Patrimônio imaterial e biodiversidade*. v. 32, p. 15-27, 2005.
- CONNEL, Robert W. Políticas da Masculinidade. *Educação e Realidade*. v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.
- FILHO, Manuel F. L.; ABREU, Regina M. R. M. A antropologia e o patrimônio cultural no Brasil. In: FILHO, Manuel F. L. et al (org). *Antropologia e Patrimônio Cultural: diálogos e desafios contemporâneos*. Blumenau: Nova Letra, 2007, p. 21-43.
- FREIRE, Beatriz M. O Inventário e o Registro do Patrimônio Imaterial: novos instrumentos de preservação. *Cadernos do LEPAARQ - Textos de Arqueologia, Antropologia e Patrimônio*. Editora da Universidade Federal de Pelotas, v. 2, n. 3, p. 11-20, 2005.
- FUNARI, Pedro P.; PELEGRINI, Sandra C. A. *Patrimônio Histórico e Cultural*. 2ª Ed, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GONÇALVES, José Reginaldo S. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, , 2003, p. 25-33.
- _____. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 11, n. 23, p. 15-36, 2005.
- _____. Os limites do patrimônio. In: FILHO, Manuel F. L. et al (org). *Antropologia e Patrimônio Cultural: diálogos e desafios contemporâneos*. Blumenau: Nova Letra, 2007, pp. 239-248.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Inventário Nacional de Referências Culturais: Manual de aplicação*. Brasília: IPHAN, 2000.
- _____. *Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais*. Ed. Brasília: IPHAN, 2012.
- _____. *Livros de Registros*. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/122>> Acessado em: 08/jul/2017.
- KOSBY, Marília F.; SILVA, Liza B. M. INRC - Bagé: sobre atualizações da cultura gaúcha a partir do inventário do sistema
- BILHALVA, Liza; RODRIGUES, Marta Bonow. *Etnografando patrimônios: os reflexos da formação em Antropologia e Arqueologia no processo do Inventário Nacional de Referências Culturais /INRC... In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 6-26, Jul-Dez. 2019.*

da pecuária no sul do Rio Grande do Sul. *Revista Perspectivas Sociais*. Pelotas: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPel, v. 2, n. 1, p. 2-14, 2013.

LATOURE, Bruno. *Jamais Fomos Modernos*. Rio de Janeiro: Ed.34, 2009.

LEAL, Ondina. Honra, morte e masculinidades na cultura gaúcha. *Antropologia do Corpo e da Saúde I. Cadernos de Antropologia*. v. 5, p. 7-22, 1992.

_____. *The gauchos: male culture and identity in the Pampas*. Tese (Doutorado em Antropologia). Berkeley: University of California, 1989.

_____. Do etnografado ao etnografável: “O Sul” como área cultural. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 3, n. 7, p. 201-214, 1997.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

PALM, Juliano L.; KONRAD, Diorge A. O mundo do trabalho rural no Rio Grande do Sul no Estado Novo (1937-1945): Um questionamento da “Harmonia social”. *Revista do Corpo discente do PPGH/UFRGS*, v. 2, n. 4, p. 286-296, 2009.

POULOT, Dominique. Um Ecossistema do Patrimônio. In: CARVALHO, Cláudia. S. R. et al (orgs.). *Um Olhar Contemporâneo sobre a Preservação do Patrimônio Cultural Material*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008, p. 26-43.

PRATS, Llorenç. El Concepto de Patrimonio Cultural. *Política y Sociedad*, v. 27, p. 63-76, 1998.

RIETH, Flávia; KOSBY, Marília F.; SILVA, Liza B. M.; RODRIGUES, Marta B.; DOBKE, Pablo R.; LIMA, Daniel V. *Inventário Nacional de Referências Culturais - Lidas Campeiras na Região de Bagé – Volume 1*. Pelotas: Complexo Criativo Flor de Tuna, 2013a.

RIETH, Flávia; KOSBY, Marília F.; SILVA, Liza B. M.; RODRIGUES, Marta B.; DOBKE, Pablo R.; LIMA, Daniel V. *Inventário Nacional de Referências Culturais - Lidas Campeiras na Região de Bagé – Volume 2*. Pelotas: Complexo Criativo Flor de Tuna, 2013b.

RIETH, Flávia; KOSBY, Marília F.; SILVA, Liza B. M.; RODRIGUES, Marta B.; DOBKE, Pablo R.; LIMA, Daniel V. *Inventário Nacional de Referências Culturais - Lidas Campeiras na Região de Bagé – Volume 3*. Pelotas: Complexo Criativo Flor de Tuna, 2013c.

RIETH, Flávia M. S.; RODRIGUES, Marta B.; SILVA, Liza B. M. As lidas campeiras na região de Bagé/RS: sobre as relações entre homens, mulheres, animais e objetos na invenção da cultura campeira. In: NUMMER, Fernanda V.; FRANÇA, Maria Cristina C. C (Org.). *Entre ofícios e profissões: reflexões antropológicas*. Belém: GAPTA/UFPa, 2015. p. 175-195.

SANT’ANNA, Márcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, p. 49-58, 2003.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Ed.USP, 2002.

SILVA, Liza B. M. Masculinidade, memória e trabalho: um estudo etnográfico com homens campeiros do pampa sul-riograndense em processos de mobilidade. *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia*. Pelotas, v. 1, n. 1, p. 123-149, 2013.

BILHALVA, Liza; RODRIGUES, Marta Bonow. *Etnografando patrimônios: os reflexos da formação em Antropologia e Arqueologia no processo do Inventário Nacional de Referências Culturais /INRC... In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 6-26, Jul-Dez. 2019.*

SILVA, Liza Bilhalva. M. *Etnografando patrimônios: os reflexos de uma formação em antropologia social e cultural a partir da experiência em um Inventário Nacional de Referências Culturais*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia Social e Cultural). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

THOMAS, Julian. A materialidade e o social. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 3, p. 15-20, 1999.

VAN VELTHEM, Lucia H. Farinha, casas de farinha e objetos familiares em Cruzeiro do Sul (Acre). *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 605-631, 2007.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify. 2010.

REGISTROS ORAIS

Entrevistas com interlocutoras e interlocutores da pesquisa do INRC – Lidas Campeiras na Região de Bagé (RIETH et al., 2013a, 2013b, entre os anos 2010 e 2013).

COMUNIDADES DE PESCA: PESSOAS, MATERIAIS, LUGARES E PEIXES

FISHING COMMUNITIES: PEOPLE, THINGS, PLACES AND FISHES

Organizadores:
Caroline Borges
Lucas Antonio da Silva

Como citar este texto:

BORGES, Caroline; SILVA, Lucas Antonio da. *Comunidades de pesca: pessoas, materiais, lugares e peixes*. In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 27-29, Jul-Dez. 2019.

Recebido em: 11/12/2019

Aprovado em: 11/12/2019

Publicado em: 15/12/2019

ISSN 2316 8412



COMUNIDADES DE PESCA: PESSOAS, MATERIAIS, LUGARES E PEIXES

A reflexão que deu origem a este dossiê parte da constatação, fundada em nossa trajetória de pesquisa, da pouca visibilidade dada as comunidades pescadoras, suas práticas de pesca e seu mundo material nos estudos recentes da arqueologia brasileira. Para tentar promover um melhor contato e trocas entre diferentes pesquisadoras e pesquisadores, propusemos na reunião da SAB-Regional Sul de 2018, que ocorreu em Curitiba/PR entre 8 e 11 de outubro, um simpósio sobre a arqueologia da pesca chamado “Pesca e arqueologia: contextos, materiais, lugares, peixes e comunidades”. Durante este simpósio foram apresentados dezesseis trabalhos com os mais variados temas envolvendo a pesca. Em razão do interesse suscitado, decidimos ampliar a discussão em uma perspectiva nacional com a proposta deste dossiê chamado “Comunidades de pesca: pessoas, materiais, lugares e peixes”.

A reflexão proposta para esta publicação partiu de diferentes questões: como identificar diferentes práticas de pesca em contextos arqueológicos? Como avaliar a importância da pesca para as comunidades do passado e do presente? Podemos estabelecer uma caracterização do “ser pescador” através do estudo da cultura material? Em todas estas questões se têm destaque para as relações materiais características de uma atividade que se desenvolve prioritariamente na água.

A pesca, em termos simplistas, é definida como o ato de retirar o peixe e outros recursos (moluscos, crustáceos, etc.) de seu ambiente aquático, mas ela também pode ser entendida como a arte ou técnica de quem pratica este ato. Nesse sentido, a nossa definição segue a proposta de Antônio Carlos Diegues (2004) de que a pesca se configura como atividade produtiva de apropriação de recursos aquáticos, que ocorre tanto em alto-mar quanto em águas abrigadas, rios e lagoas. Seguindo essa proposição, deve-se também considerar as relações históricas, sociais e culturais que se desenvolvem na prática haliêutica e dentro das comunidades pescadoras. Assim, a pesca pode ser entendida como o conjunto de práticas e saberes que se articulam entre as pessoas e os materiais em seus lugares.

Diante disso, desdobra-se o desafio de compreender as comunidades pescadoras por meio de suas relações com a água e seres aquáticos e, ao mesmo tempo, de como a materialidade torna-se uma mediadora dessas relações. Para tanto, a pesquisa arqueológica deve combinar esforços, abordando os já consagrados temas sobre o consumo de recursos aquáticos, com novas abordagens nas interpretações simbólicas dos objetos e materiais de pesca e a construção de territórios e identidades relacionados a este modo de vida e de ser.

Diante disso, este dossiê nasceu com a proposta de abrir espaço a exposição de pesquisas, independentemente de seu escopo cronológico, geográfico, sociocultural e perspectiva teórico-metodológica, buscando contribuir no desenvolvimento e a aprofundar as investigações sobre a pesca, as comunidades pescadoras, suas práticas, materiais, lugares e seres.

O dossiê inclui nove artigos inovadores com as contribuições dos mais variados campos científicos e temas que envolvem a pesca. Em linhas gerais, o presente volume traz uma diversidade de regiões e países trabalhados, contando com trabalhos do sul e sudeste do litoral do Brasil, da Amazônia, Colômbia, Venezuela e Uruguai. Diante dessa referida diversidade, apresentamos brevemente os textos:

O trabalho de Francisco Noelli traz uma discussão histórica sobre a pesca praticada pelos Guarani e seus conhecimentos ambientais através de análise de um documento do século XVII, do jesuíta Antonio Ruiz de Montoya.

Simon-Pierre Gilson e Andrea Lessa apresentam uma análise zooarqueológica do sítio pré-colonial do Rio do Meio, Santa Catarina, com uma discussão sobre a pesca, mobilidade e as relações entre grupos pescadores indígenas e tubarões.

Diana Rocio Carvajal, a partir do estudo de quatro sítios, traz à tona uma discussão sobre a pesca de populações

indígenas da costa do Caribe Colombiano cruzando dados etno-históricos e arqueológicos.

O trabalho de Laura Beovide, a partir de uma grande síntese de dados arqueológicos, apresenta uma discussão sobre a apropriação de recursos aquáticos por populações indígenas pré-hispânicas no Rio de Prata em sua porção uruguaia.

Elis Meza discorre sobre a pesca e as relações estabelecidas entre humanos e tartarugas no Rio Orinoco, Venezuela, sob uma perspectiva diacrônica de longa duração e os possíveis efeitos da colonização neste contexto.

Jessica Ferreira e colaboradores apresentam uma síntese sobre a pesca pré-colonial de grupos indígenas na região da baía da Babitonga, em Santa Catarina, a partir de estudos arqueológicos e etnográficos com populações pescadoras tradicionais.

Soraya Martins de Alencar discute identidade e envelhecimento de pescadores a partir do estudo dos sepultamentos do sítio Mar Virado, localizado em uma ilha face ao mar aberto do litoral norte de São Paulo.

O trabalho de Gianpaolo Knoller Adomilli e colaboradores apresenta e discute os saberes e habilidades dos grupos pescadores tradicionais que envolvem a construção naval em no extremo sul do Brasil.

Por fim, Martín César Tempass apresente um estudo etnográfico sobre a importância dos peixes e de seu consumo ritual e simbólico para os Guarani do Rio Grande do Sul.

Esperamos que este dossiê estimule novos debates acadêmicos interdisciplinares, e que apoie estudantes, pesquisadoras/es e professoras/es vinculadas/dos a avançarem no entredimento sobre a pesca e as comunidades que vivem por meio dela.

Às autoras e autores, nossa gratidão por compartilharem seus trabalhos e o nosso desejo de que esse dossiê contribua para a divulgação e incremento de suas pesquisas. Às leitoras e leitores, a nossa aspiração de que disseminem as reflexões provocadas pelos textos e que sejam estimuladas/os a também produzirem novos conhecimentos sobre o tema partindo de suas experiências locais.

Caroline Borges

(Departamento de História, Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) , Brasil - arqueocarol@gmail.com)

Lucas Antonio da Silva

(Universidade Federal de Pelotas. Museu Nacional do Rio de Janeiro (UFPEL/MN), Brasil - las.arqueo@gmail.com)

REFERÊNCIA

DIEGUES, A. C. 2004. A pesca construindo sociedades: Leituras em antropologia marítima e pesqueira. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras/USP, 315p.

PIRATÝPE: UMA LINGUAGEM DA PESCA E DO CONSUMO DE PEIXES ENTRE OS GUARANÍ

PIRATÝPE: A LANGUAGE OF FISHING AND FISH CONSUMPTION AMONG THE GUARANI

Francisco Silva Noelli

Como citar este artigo:

NOELLI, Francisco Silva. *Piratýpe: uma linguagem da pesca e do consumo de peixes entre os Guaraní*. In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 30-54, Jul-Dez. 2019.

Recebido em: 21/10/2019

Aprovado em: 24/10/2019

Publicado em: 15/12/2019

ISSN 2316 8412



Piratýpe: uma linguagem da pesca e do consumo de peixes entre os Guaraní

Francisco Silva Noelli^a

Resumo: Este artigo apresenta a linguagem da pesca, de acordo com os dicionários *Tesoro e Vocabulario de la lengua Guaraní*, publicados entre 1639 e 1640, pelo missionário jesuíta Antonio Ruiz de Montoya. Destaca-se também um caso de armadilhas de pesca arqueológicas no rio Ivaí, Estado do Paraná, Brasil. Foram selecionadas 335 palavras e frases para algumas descrições e para compor cenários etnográficos. O objetivo é mostrar que a pesca era estruturada por um sistema de conhecimentos ecológicos tradicionais dos Guaraní, com grande persistência de práticas e adaptabilidades em uma vasta região. O léxico apresenta grande potencial para orientar a compreensão das práticas pesqueiras no entorno dos sítios etnográficos e arqueológicos, assim como para contribuir com estudos histórico-comparativos de línguas do tronco Tupí.

Abstract: This article presents the language of fishing according to the *Tesoro and Vocabulario de la lengua Guaraní*, published between 1639 and 1640, by the Jesuit missionary Antonio Ruiz de Montoya. The article also highlights archaeological fishing traps in the Ivaí River, Paraná State, Brazil. 335 words and phrases were selected for some descriptions and to compose ethnographic scenarios. The objective is to show that fishing was structured by a system of Guaraní traditional ecological knowledge, with great persistence of practices and adaptability in a vast region. The lexicon has great potential to guide the understanding of fishing practices around ethnographic and archaeological sites, as well as to contribute to historical-comparative studies on languages of the Tupí stock.

Palavras Chave:

Língua, Conhecimento tradicional, Taxonomia pesqueira, Tecnologia da pesca.

Keywords:

Language, Traditional ecological knowledge, Fishery taxonomy, Fishery technology.

^a Doutorando em Arqueologia, Universidade de Lisboa, Portugal.

INTRODUÇÃO

A pesca e os seus resultados possuem interesse geral, científico ou não. O entendimento sobre a exploração dos recursos disponíveis para a segurança alimentar da humanidade, incluindo os conhecimentos tradicionais do presente e passado, depende de investigações interdisciplinares (ERLANDSON ET AL. 2014). Quanto mais áreas científicas envolvidas, maior a diversidade de informações e, no caso das práticas tradicionais de longa duração, maiores as chances de aprender sobre o manejo, conservação e impacto sobre os recursos, para contribuir na definição de parâmetros sustentáveis (BARRET, 2019).

O caso da pesca dos falantes da língua Guaraní é um exemplo da América do Sul sobre adaptabilidade e práticas persistentes por mais de 2 mil anos (BROCHADO, 1984; CORRÊA, 2014). A sua população alcançava aproximadamente um milhão de pessoas quando os europeus chegaram (MELIÀ, 1986), vivendo no Brasil meridional, Paraguai oriental, nordeste da Argentina e partes do Uruguai e Bolívia (BONOMO ET AL. 2015). O mapa arqueológico e histórico (cf. Mapa Yvyrupa, <https://guarani.map.as/#/>) mostra que os requisitos ambientais essenciais para instalar suas aldeias eram as áreas com estrato arbóreo, solos férteis o suficiente para a policultura agroflorestal e proximidade da água (Figura 1). Eles manejavam imensa quantidade de plantas comestíveis, medicinais e de matéria-prima, suprindo a maior parte da sua alimentação. Como eles não tinham criações além de pets no período pré-colonial, capturavam proteínas dos vermes aos mamíferos (GATTI, 1985). Mas o mais importante é que a sua subsistência era planejada com meses de antecedência, baseada em conhecimentos holísticos sobre o ecossistema (NOELLI, 1993; ARAÚJO, KELLER E HILGERT, 2017).

O tema central deste artigo é a linguagem da pesca estabelecida no âmbito do conhecimento tradicional ecológico originário da Amazônia. Ela descreve conteúdos compartilhados entre os Guaraní, de acordo com o *ñande reko*, o “modo de ser” (MELIÀ, 1986, 2016), um conceito similar ao *ethos*. O vocabulário, o equipamento, a cadeia operatória para produzi-lo e as suas práticas podem ser comparados com os dados linguísticos amazônicos do tronco Tupí, sendo o Guaraní classificado no subconjunto 1 da família Tupí-Guaraní (RODRIGUES E CABRAL, 2012). O método da linguística histórica permite a compreensão de que o Proto-Tupí se diversificou em mais de 70 línguas durante 5 mil anos, mas parte da materialidade e conhecimentos ecológicos tradicionais persistiram por este longo período (cf. amostra lexical do Proto-Tupí em RODRIGUES 2007, 2010). A pesquisa comparativa sobre a pesca entre os Tupí não tem por objetivo apenas o mero inventário de coincidências, mas a compreensão do compartilhamento das estruturas de conhecimento transmitidas e reproduzidas entre as gerações, como sugere a teoria das comunidades de práticas (WENDRICH, 2012). As coleções da materialidade possuem detalhes empíricos e simbólicos que podem ser definidos, mensurados individualmente e comparados entre si. Os registros históricos de locais diversos, escritos por pessoas distintas em momentos diferentes, também oferecem informações que precisam ser analisadas.

O conjunto de dados que será apresentado revelam a grande especialização dos Guaraní sobre os peixes e a pesca. Suas estratégias mostram habilidade para: 1) estabelecer armadilhas para pesca estacionária em locais pré-definidos, utilizados anualmente, aguardando a mobilidade dos cardumes de piracema e os movimentos locais dos berçários de engorda; 2) encontrar os melhores pontos para captura aleatória de poucos peixes com equipamentos portáteis.

Tais experiências foram registradas por Antonio Ruiz de Montoya, em 335 palavras e frases nos dicionários *Tesoro* e *Vocabulario de la lengua Guaraní*. A sua elaboração começou em 1612, no Guairá, e terminou na impressão entre 1639 e 1640, na cidade de Madri. Para este trabalho de revisão e atualização de uma pesquisa sobre a vida, a materialidade e a subsistência nos *teko'á* (NOELLI, 1993), foram utilizadas as últimas edições, com a grafia original transliterada para a forma contemporânea (MONTROYA, 2002, 2011). Os dicionários não são apenas dados de uma época, mas o registro objetivo de práticas persistentes que servem para unir “efetivamente passado e presente numa dinâmica e inquebrável trajetória”

(PANICH ET AL., 2018, p.11-12). As informações foram organizados por temas afins, as vezes configurando contextos etnográficos esquemáticos, outras apenas simples listas, prevendo a sua comparação com os registros históricos, etnográficos e linguísticos acumulados desde o século XVI. De um lado complementa, mas de outro preenche diversas lacunas com informações não disponíveis nas fontes referidas, servindo como um guia de itens a serem procurados no registro arqueológico e dados etnográficos úteis à interpretação de diversos aspectos para compreender os contextos arqueológicos. Para economizar espaço, as referências foram condensadas: *Tesoro* página 1 = T:1; *Vocabulario* página 1 = B:1; as definições originalmente em espanhol foram traduzidas pelo autor e estão citadas entre aspas; p. ex.: *che pirahyri* (T:328) “sou afortunado na pesca”.

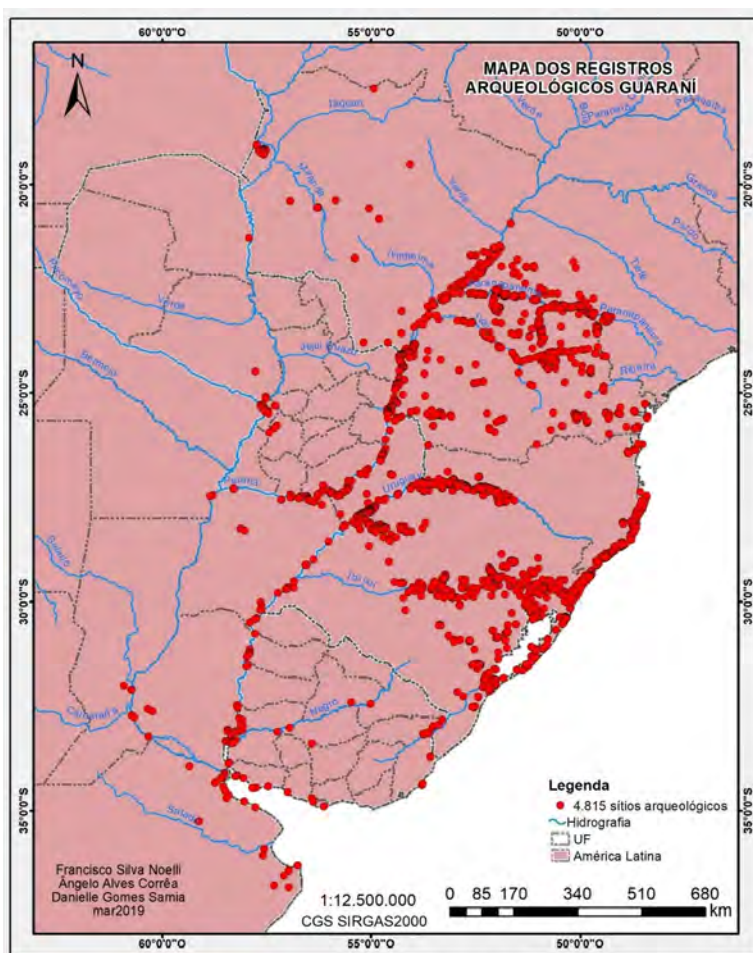


Figura 1: Mapa dos registros arqueológicos Guarani.

- A pesca...

A “pescaria” (B:319) *piratýpe*, *pirame’êngápe*, *pira joguatýpe* são as designações da prática. Só não era praticada quando alguma causa afastava as aldeias dos locais mais propícios; ou quando era muito violento o processo de desterritorialização, levando os assentamentos para longe dos sítios piscosos. E, nos períodos mais recentes, com crescentes impactos ambientais da deflorestação, defaunação, poluição, mudanças climáticas, e com problemas fundiários, sociais e econômicos oriundos da vizinhança de domínios não-indígenas.

É preciso considerar que o *teko'á*, o território ocupado por uma aldeia matida com diversas práticas de subsistência, que, articuladas, resultam na segurança alimentar (NOELLI ET AL., 2019). Seus dois principais pilares são a policultura agroflorestal e a pesca, duas fontes previsíveis de alimentos, com calendário anual da maturação das plantas aptas para o consumo e o surgimento de cardumes nas piracemas. O terceiro pilar é composto por ingressos aleatórios de proteína de vermes, insetos, fungos comestíveis, peixes, quelônios, répteis, aves e mamíferos. O quarto pilar compreende as plantas não-cultivadas manejadas e não-manejadas, com sazonalidade definida, que eram procuradas sistematicamente ou encontradas ao acaso. A etnografia indica que o fornecimento proteico em alguns assentamentos permanentes complementava a dieta vegetal, com alguns estudos indicando que o consumo de vegetais alcançaria 80% da dieta (p. ex.: MELIÀ; GRÜNBERG; GRÜNBERG, 2008, p. 114). Reed (1999, p. 133) sugere que as proteínas suplementavam o cultivo agroflorestal, mas a proporção das proteínas na dieta Guaraní é um tema inteiramente aberto à novas pesquisas.

A captura de peixes envolve múltiplas estratégias, especialmente nas épocas de piracema e dos berçários ativos, sequenciadas em um calendário sazonal conforme cada espécie. O calendário se organiza articulando complexas relações entre a fauna e a flora regional e local, aspectos ecológicos, etológicos, reprodutivos e climáticos. Não significava um calendário monolítico, mas variável conforme a posição do assentamento, a geografia, o clima e a intensidade da predação humana sobre a fauna local ou regional. É possível, considerando a posição do assentamento Guaraní, criar uma escala para determinar o tipo de acesso à quantidade e qualidade dos recursos pesqueiros, dos locais mais aos menos propícios. Mas em larga medida, considerando as etapas dos processos históricos regionais, com maior ou menor densidade de pessoas por Km², é possível que o impacto sobre toda a fauna tenha transformado a pesca e a coleta de insetos em alternativas previsíveis de acesso à proteína animal.

- O conhecimento...

O conhecimento ecológico tradicional dos Guaraní é multidisciplinar sobre vasta quantidade de recursos de flora e fauna (NOELLI, 1993). Ele foi reconhecido por alguns investigadores: 1) Strelnikov (1928, p. 346), eles “conhecem melhor que um naturalista a vida de todos os animais e dos pássaros que eles exploram”; 2) Watson (1952:23), eles “conhecem seu ambiente físico, sua flora, sua fauna, seu clima, seus cursos d’água e a topografia em grande e minucioso detalhe”; 3) Gatti (1985:xv), o Guaraní é um “observador meticoloso... deixou poucas plantas ou animais sem denominar”. Por exemplo, cruzando botânica e etologia de peixes, na segunda metade do século XVIII, José Sanchez Labrador (1968:45, 138), relatou uma estratégia indígena para identificar um pesqueiro: “os pacús do Paraguai se lembram muito bem dos locais onde há árvores Ingá, cujos galhos avançados sobre as águas dos rios, deixam cair nela seus amadurecidos e doces frutos, os quais gostam muito os pacús, que anualmente os procuram”. Provavelmente as árvores foram plantadas e manejadas intencionalmente à beira-rio, considerando um planejamento de longa duração.

Por outro lado, um observador etnocêntrico e desavisado poderia considerar que haveria contínua imprevidência e penúria, como no caso de Köegniswald (1908, p. 379), que observou em relação à fauna: “de maneira nenhuma são seletivos... comendo praticamente tudo que cai em suas mãos”; ou poderia estar desatualizado sobre o estado da arte relativo ao conhecimento ecológico tradicional dos povos de cultura Amazônica, como no caso de Schmitz (2006:44), quando refletia sobre a razão dos Guaraní “não chegaram a um nível de vida mais alto”. Ele mesmo respondeu com uma perspectiva do século XIX: a “distância dos centros mais desenvolvidos nos Andes e na costa do Pacífico certamente é decisiva”, considerando que a “criatividade foi limitada por deficiências ou ausências importantes. Talvez a deficiência mais importante fosse a de produtores

de abundantes proteínas, como rebanhos domésticos ou selvagens ou grandes cardumes de peixes, como os de que podiam dispor as culturas andinas”. E poderia haver enganos, incluindo gigantes da etnologia sul americana, como a conclusão de Alfred Métraux (1928:92, 1948:92), de que os Guaraní eram “pobres em métodos de pesca” ou que ela seria “secundária” (o curioso é que ele cita Montoya, mas sem usá-lo plenamente como fonte etnográfica). O fato é que não se pode usar apenas uma fonte para fundamentar a subsistência, pois geralmente ela será incompleta, superficial e cheia de distorções, especialmente se o autor não conhecia a língua indígena e esteve pouco tempo no local, não compreendendo aspectos diversos do contexto ecológico, social e político que poderiam resultar momentaneamente, por exemplo, em alguma limitação alimentar.

• Práticas e estratégias

Entre os Guaraní a obtenção de proteínas é individual ou coletiva, aleatória ou planejada, com ou sem o auxílio de equipamentos. As crianças brincavam caçando ou pescando, como parte do longo treinamento na atividade, iniciada precocemente. Desde cedo aprendiam sobre a fauna: *titĩ evokói* (T:582) “lhes dizem as mães [aos filhos]: isso é peixe”, ao que respondiam: *titĩ* (T:582) “dizem em algumas partes os filhos à carne e ao peixe”. Os filhos cresciam aprendendo em um ambiente onde havia uma completa nomenclatura da anatomia e uma vasta lista de espécies de peixes (cf. Gatti, 1985). O termo mais inclusivo para classificar peixe é *pira* (T:418, B:319) “peixe, pescado”. O coletivo de peixe é *pirakua* (T:418) “cardume”. Sobre o tamanho encontramos somente: *pira karapua* (T:241) “peixe largo e curto”. Montoya, contudo, reuniu poucos exemplos anatômicos específicos sobre peixes, embora tenha registrado uma nomenclatura completa da anatomia em geral:

- *pira resa* (T:419) “olhos de peixe”;
- *pira apeku* (T:418, B:181) “guelras”;
- [*pira*] *kãngue* (B:186) “espinha de peixe”;
- *pira rakape* (T:523) “vísceras de peixe” (*takape, hakape, heve, teve* T:169, 576), “barriga, o que contém o ventre” (B:69, 233);
- *pira pog* (T:418) “bexiga de peixe”;
- *tambyrakue* (T:526, B:78) “tripas de peixe, onde tem os escrementos”;
- *pira apekue* (T:418, B:181) “escamas”;
- *pira ijapekue pekue* (T:418, B:181) “peixe com escamas, escamoso”;
- *pira ru, hu, tu* (T:174, 418, 592) “ovas de peixe”.

Montoya listou algumas espécies de peixes e uma de raia de água doce (para a lista Guaraní mais completa sobre peixes, veja Gatti, 1985; na lista abaixo, alguns nomes em espanhol não foram traduzidos):

Pira ju (T:418, 419, B:159) “dourado”

Pirãi, mbirãi (T:418, 419) “palometa [piranha]”

Pira puku (T:418, 419, B:75) “bonito”

Pira pytã (T:418) “peixe conhecido”

Pira ete (B:356) “sábalo”
Pira ure (T:418) “sabalillos”
Ipiáu (T:187, B:360) “sardinha”
Ipiáu guasu (T:187) “sardinha comprida”
Ao jurupy (T:55) “badejo”
Tandei (T:527) “vieja, peixe conhecido”
Vieja, peixe (B:399) arekuta, iniã, guambutia, tandei
Ini’a (T:186) “viejas, espécie de peixe”
Ini’ambe (T:186) “o mesmo peixe”
Piky (T:417) “peixinhos”
Tovi (T:591) “um peixinho”
Kyrimbata (T:287, B:357) “sábalo”
Tare’ÿ (T:530) “peixe conhecido”
Mandi’i (T:292, B:66) “bagre”
Suruvi (T:515) “peixe conhecido”
Paku (T:394) “peixe conhecido”
Jatavoti (T:204, B:52) “peixe cascudo”
Taguara (T:520, B:52) “peixe cascudo”
Jarirugua (T:202) “espécie de peixe cascudo”
Mbirãi (T:330) “palometa”
Javevy (T:205, B:343) “peixe arraia”

• Pescar...

Os verbos “pescar” e “caçar” se traduzem como *poraka* (T:441, B:319), com o significado de “pegar” (T:441). O pescador (e o caçador) é chamado de *jeporakahára* (T:441) e *pindapoitára* (T:416, B:319) e, quando ia à pescaria, ele dizia *añembojeporaka* (T:441) “faço-me caçador ou pescador”. Pescar ou caçar se expressa por *ajeporaka guihóvo*, *ajeporaka guitekóvo* (T:441) “vou buscar algo (pescar ou caçar)” e “ando à caça ou pesca”; “dedicar-se à pesca” (B:47) *añemopindapoise*, *ajeporu pindapoi rehe*. E “pescar para si” (B:319) *ajeporaka* e “pescar para outro” (B:319) *aiporaka*, fossem duas ações comuns, como *oiporaka che rúva ope* (T:441) “procuro de comer [caça ou pesca] para o meu pai”. Talvez um pescador competente se autoafirmasse: 1) *añemopo porãng pindapói rehe* (T:430) “faço-me alegre, feliz na pesca”; 2) *che mbarahy pira rehe* (T:328) “sou sortudo na pesca”; 3) *che pirahyri* (T:328) “sou afortunado na pesca”; 4) “bem-aventurado na pesca” (B:397) *ava pinda porãng, ava jeporaka porãng*. Ou que ele tivesse um bom pressentimento do resultado: *apira a’uvô* (T:152) “julgo que irei bem na pesca”. Quando não tinha sorte dizia *ndache poraka póri* (T:441) “não achei caça ou pesca”; *amboáivetei pira* (T:16) “flechei ou prendi o peixe, e o trazia, mas o perdi”. E na pior das hipóteses, considerava que *che pira panê* (T:394-395) “sou desgraçado na pesca” (situação equivalente ao “panema” na cosmologia das sociedades tradicionais da Amazônia, cf. GALVÃO, 1951; DA MATTA, 1977).

- A definição do local da pesca

A língua Guarani classifica os corpos d'água e as topografias que os definem, sendo mais inclusivos os termos *y* e *ty* (T:601, 631, B:25, 353), sinônimos de “água” e “rio”. Observando o padrão de assentamento pré-colonial e colonial, verifica-se que o local preferido dos Guarani foi a proximidade da *y mbyasa* (T:632, B:68), “foz” ou “barra de rio”. A partir do século XVIII, a pressão colonial levou gradativamente a maioria das aldeias para longe dos rios de primeira e segunda ordens, ficando próximas dos cursos de primeira ordem, geralmente em locais com pouca oferta de peixe.

Os registros contêm algumas definições sobre o lugar e a qualidade da pesca. Também incluía perguntas e respostas especulativas sobre a piscosidade, certamente um dos itens decisivos para eleger um assentamento propício para garantir a segurança alimentar: 1) *y po ko y ra'e?* (T:632) “o rio tem peixes?”; 2) *y po* (T:632) “o que o rio contém, peixes, etc.”; 3) *y po katu* (T:632) “têm muito”...; 4) *y po y po ko y* (T:632) “têm, assim, assim...”.

A piscosidade se traduz com *pira ry* (T:418) “rio de peixes”. Os “pesqueiros” eram chamados de *pira vy'aha*, *pira mbovy'aha* (T:418, 627). Os locais de baixa rentabilidade e de escassez de pescados estão definidos, possivelmente indicando áreas a serem evitadas: 1) *y panẽ* (T:395) “rio sem peixes”; 2) *ndapira ryi ko* (T:418) “não é de peixe este rio”; 3) *ndapirareha ipovae ruguã ko y* (T:418) “não é de peixe este rio”.

Os rios com corredeiras, saltos e afloramentos rochosos tinham locais onde os peixes e cardumes nadavam contra a correnteza na piracema, muitas vezes saltando para fora da água: *opopóri pira* T:431 “salta o peixe”. Estes locais eram chamados de *pira po* (T:431) “onde salta o peixe” (*po* T:431 “salto”).

O conhecimento da biologia era interesse central, especialmente dos ciclos reprodutivos, para marcar as piracemas de cada espécie. A detecção das primeiras fêmeas com ovos (*pira tu*, *pira hu* T:592 “ovas de peixe”) marca o início da temporada e a preparação dos cercos e ictiotóxicos para capturar os cardumes. Algumas referências mostram o resultado de tais observações: 1) *gu ombo'a pira* (T:592) “desovar”, 2) *ojeu mombo pira* (T:592) “os peixes põem ovos”; 3) *pira ru ijakúi*, *omboagu pira*, *omongúi gu pira* (B:326) “por ovos os peixes”; 4) *pira ijakúi*, *pira gúva omongúi* (T:418) “desovam os peixes”. A presença também era sentida por alguns sinais na superfície da água, sutis ou não, como o *koja* (T:255) “murmúrio”, com o sentido de “ruído, borbulhar, fervilhar, estar cheio”, até considerado como *ko'i* (T:255) “falar, gorjear as aves, borbulhar os peixes, falar os homens”. Quando via alguma movimentação no rio e dos peixes, diziam *pira koja* (T:255, 632) “borbulhar os peixes”, *pira oko'i* (T:255) “borbulham os peixes” e *pira okumbig okuápa* (T:276) “em algum lugar borbulha o peixe”. Eventualmente, percebiam quando o peixe *iñakã ngoroi* (T:350) “espreita com a cabeça”, como exemplifica Montoya (T:282) sobre pedras emergindo quando baixa o nível da água, pessoas e patos apenas com a cabeça fora d'água.

Algumas expressões revelam preocupação com o atraso da desova: 1) *manamópe pira gu ombo'a?* (T:292) “quando desovam os peixes?”; 2) *ndatúvi pira*, *ndahúvi pira* (T:592) “os peixes não têm ovos”. Outras frases revelam preocupação com o atraso: “todavia não desovaram os peixes” (T:592): 1) *nde'i pira gu mbo'ávo*; 2) *nde'i ojeu mbo'a rangẽ*. Várias causas poderiam levar ao atraso, incluindo variações climáticas que afetam a temperatura d'água, o excesso de chuvas alterando a salinidade na foz dos rios que desembocam no mar e alterações da topografia nos rios, com assoreamento, queda de barreiras ou de grandes árvores. O impacto ambiental causado pelos habitantes do baixo curso de um rio, com a superexploração ou com ela associada com uma causa natural, também poderia reduzir os estoques dos habitantes do médio e alto curso.

• A comida...

O sabor é um quesito universal: *so' o re* (T:156) “sabor de peixe”, *pira rekue rami* (T:156) “oh! isso tem gosto de peixe” *he* (T:156, B:356) “sabor”. Eles diziam *pira yvy* (T:418, 650, B:200) “peixe fresco” e, ao contrário, quando estava passado ou estragado: *pira ravy'ag oguereko*, *pira reakuã oguereko* (T:153, B:229) “fede a peixe”. Também poderiam falar *nache rariúavi pira* (T:149) “não me prejudica o peixe” e, alguns poderiam contar que *peteĩ pira aõõ che raúchava* (T:408) “uma só coisa me prejudica, que é o peixe”.

A limpeza visava remover (*og* T:381 “tirar, arrancar”) as escamas: *aipepĩ pira*, *aipepĩ*; *aipé'og* (T:413, B:181) “escamar peixe”; e eviscerar *okasa*, *ahakape'og*, *ahave'og* (B:233) “tirar as vísceras do peixe”.

O peixe poderia ser consumido inteiro ou como *pira karapi'a*, *pira karapua* (T:241, 242) “posta de peixe”. Também poderia ser comido em duas variantes: 1) *pira ro'o* (T:513) “massa de peixe” (crua ou cozida, socada com a *angu'a'y* T:51, “mão de pilão”, no *angu'a* T:51, B:281 “pilão”); 2) *pira ku'i* (T:418, B:219) “farinha de peixe” (assada ou frita).

O preparo poderia ser:

- *pira ypi* (T:639) “assado”: 1) *ahesy tata mumũme* T:535, B:55 “[direto] na brasa entre as cinzas”; 2) *pira mimboke* (T:418, 437, B:54) “peixe assado em folhas” (*poke* T:437 “assar em folhas na brasa”), *amopira mboke* (T:418, 437) “assar assim”;
- *amoka'e* (T:232, B:54, 55) “moqueado”; 1) *moka'ẽ eta* (T:232, B:54) “grelha para assar” (*ka'ẽ* T:232, *moka'ẽ*, T:310 “enxuto, seco, coisa seca”), a grelha poderia ser de taquara: *takua pemby* (B:68); o peixe moqueado fica com a carne desidratada coberta com uma crosta carbonizada, sendo a carne então denominada como *pira tinĩ* (T:582) “peixe seco” (há dúvidas se é o resultado do moquém ou se o corpo ressecado ao sol de um peixe morto);
- *ambochyriry pira* (T:112) “fritar peixe”, que poderia ser comido puro ou misturado com farinha: *ajuja'a pira hu'i rehe imbochyriryvo* (T:23) “revolver o peixe com farinha para fritá-lo” (*ajuja'a so'o itýra ri* T:23 “revolver a carne com farinha, que é o modo de comer desta terra”);
- peixe cozido, não há um verbete explícito, mas várias indicações gerais sobre este tipo de preparo feito nas vasilhas de barro: *amõi* (T:183), *iy* (T:225) *ambojy* (T:225) “cozer, coisa cozida” (a segunda acepção também é sinônimo de coisa assada); e *mimõi* (T:183) “o cozido”; *che remimbojy* (T:225) “o que assei ou cozi”.

Um subproduto do peixe assado ou frito seria a sua gordura, acumulada em vasilha de barro ou cabaça durante a cocção: *pira ñandy* (T:285, 361) “manteiga de peixe” (*ñandy* T:285-286, 361, B:11, 210, 247, 268, também denomina outras graxas animais e vegetais, sendo sinônimo de gordura, toicinho, sebo e azeite). As ovas também eram consumidas, embora Montoya não tenha oferecido um verbete específico sobre este alimento (*pira ru*, *pira hu*, *pira tu* T:174, 418, 592 “ovas de peixe”).

Os Guaraní compunham suas receitas com diversos vegetais, como as mandiocas, batatas, milhos, carás, abóboras, amendoins e inúmeros acompanhamentos foliaginosos e temperos, como o pimentão, pimentas, urucum, etc (cf. NOELLI 1994). Também comiam os peixes com o seu pão (*mbujape* T:337 “pão”), que Montoya traduziu como empanada, por causa do formato arredondado e dobrado ao meio: *pira mbujape* (T:337) “empanada [de peixe]”.

- Equipamentos

Os principais instrumentos eram o arco e flechas, anzóis de osso, lanças, peneiras, nassas e covos, pequenas redes estruturadas como puçás, barreiras aquáticas e ictiotóxicos. O mergulho com ou sem equipamentos para coletar moluscos e crustáceos, e caçar quelônios, répteis e peixes, também era praticado. Recipientes diversos para coletar, transportar, estocar, desidratar, assar e cozinhar, também eram utilizados para complementar e dar suporte a tais atividades. Como não há figuras publicadas com cenas de pesca Guaraní, serão usados exemplos de equipamentos comuns entre os povos tradicionais da Amazônia.

MOBILIDADE PESQUEIRA: EQUIPAMENTOS PORTÁTEIS

- Arco e flecha

É um equipamento usado na margem dos cursos d'água ou embarcado. Quando a pessoa ia pescar com seu arco dizia *aha pira yvõmo* (T:647) “vou flechar peixe”. O *guyrapa* (T:134, B:51) “arco” era servido por uma variedade de *hu'y*, *u'y* (T:122, 169, 178, 615, B:198) “pontas de flechas” e “flechas” de madeira ou osso, cujas formas básicas possuem variabilidade divididas em dois conjuntos gerais quanto à forma da *he'y*, *e'y* (T:122, 169), da “ponta da flecha”: 1) *hakua tere* (T:145) “ponta rombuda”; 2) *hakua ovi* (T:145) “ponta aguda” (*hakua* (T:145) “ponta”). As agudas eram as usadas para pescar, provavelmente as farpadas, as *hu'y ty'e'y* (T:178) “flecha de arpões” (*[hu'y] aruai embe* T:178-9 “flecha com muitas pontinhas ao modo serrilhado”), em oposição à flecha de ponta com bordo liso, a *hu'y vakuapĩ* (T:178) “flecha sem arpõezinhos”.

Sy, syry [*syryva*] “haste (sai de *syryva*, uma palmeira grossa da qual fazem pontas para flechas, e as lavram como hastes; palmeira da qual fazem pontas de flechas” T:517, 518 (*sy* B:69 “haste de ferro”).

- Lança

Era um equipamento possível de ser usado para pescar, mas não encontramos informações específicas, apenas que se usa para caçar mamíferos de grande porte (CADOGAN, 1954:16; MARTÍNEZ-CROVETTO, 1968:2). Seu nome é *mi, mĩ* (T:306, B:247) “lança”, e o único detalhe é que poderia ser longa: *mimbuku* (T:306), “lança comprida”, com a ponta elaborada diretamente na haste.

- Peneira

A pesca/coleta com peneiras era praticada por mulheres e crianças para capturar as *mojarras*, os peixes de pequeno tamanho nos remansos usados como berçário e nos locais onde se aplicavam ictiotóxicos (D'ORBIGNY, 1945:271; MELIÀ, GRÜNBERG E GRÜNBERG, 2008). Os *piky* (T:417) “peixinhos”, são quaisquer espécies com escama de tamanho pequeno e dentes serrilhados (GATTI, 1985:240), menores que 10 cm. Ao sair para pesca-los se dizia *aha pikypóita* (T:417) “pescar peixinhos” ou *apikypói* (T:417) “vou pescar os peixinhos”. A percepção dos cardumes ou do movimento dos peixes era expressada por *oñomongo'i piky* (T:417) “bolem os peixinhos”. A expressão *ahauva piky yrupẽ pype* (T:152) “pegar

peixinhos em peneiras” resume a prática, com o verbo *hauva* (T:152) significando “agarrar, pegar com a mão, ou com outra coisa”. Com o sentido de fazer algo passar ou ficar preso por alguma coisa ou artefato para ser apreendido, agarrado: *mba’ e monguaháva* (B:95). As *yrupẽ, kirihi* (T:250, B:95) “peneiras redondas” e “peneiras de quatro cantos”, eram os instrumentos dessa modalidade de pesca.

• Anzol

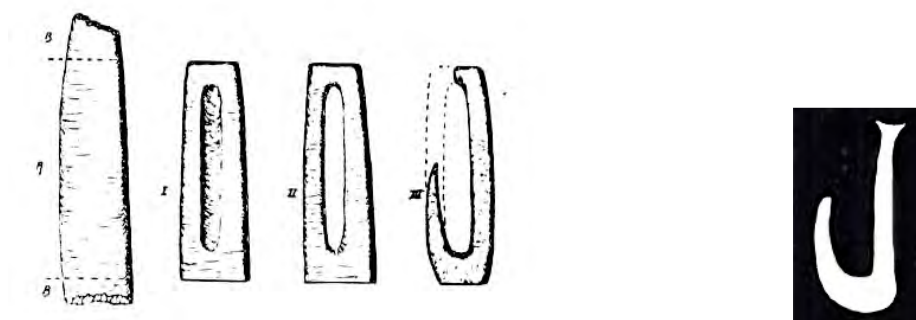
A atividade com ele se chama *pindapói, apindapoi* (T:417, B:319) “pescar com anzol”. E quem pescava com anzol era o *pindapóitara* (T:417). Os exemplares encontrados em contextos arqueológicos pré-coloniais do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, revelam que o uso de anzol é anterior à presença europeia. Os anzóis encontrados no sambaqui Itacoatiara (TIBURTIUS E BIGARELLA, 1953) e num sítio Guaraní do médio Jacuí (NOELLI, 1993:195) (Figuras 2 e 3), foram confeccionados com tecnologia e cadeia operatória similares, com ferramentas de lascas líticas e dentes de porcos do mato, cotias e pacas, para esculpir os anzóis de ossos planos de tayassuídeos. Tais ferramentas compunham um kit chamado *pinda apoháva, apoha* (T:55-56, 417, B:44) “instrumentos para fazer anzóis” e o fazedor era um *pinda apohára* (T:417) “anzoleiro”.

O nome do instrumento é *pinda, pinã* (T:416, B:44) “anzol”. E, para prendê-lo na linha, se diz *ajajurupy momby* (T:24) “engastar o anzol na corda”. Poderia ser usado com ou sem caniço de: 1) *pinda’y* (T:417) “vara de anzol”; 2) *ka’i ainga* (T:233) “uma arvorezinha forte de que fazem varas para pescar”; 3) *takuapopo, takuatĩ* (T:525) “caniço”. Eles eram encontrados/manejados no *pinda y’ýva* (T:417) “o lugar de vara de anzol”, o *takua týva* (T:525) “taquaral”. Também poderiam pescar apenas com a *pindasãma, pinãhãma* (T:417, B:253) “linha de pesca”. Para afundar o anzol se usava o *pinda ajukuái, pinda itakuã, ita ku’a* (T:24, 188, 264) “pedrinha acinturada, que serve como chumbada ao anzol”, “pedra com cintura para chumbada de anzol”, “a pedra ou chumbada do anzol”, “um cascalho pequeno”. A *potáva* (B:44, 91) “isca, chamariz” era colocada no anzol, chamada de *pinda pota* (T:417) “a isca que se põe no anzol”, e às vezes diriam *aipotavog pira pinda* (T:449) “o peixe levou a isca”. E há técnicas de pesca com linha sem anzol para capturar pequenos peixes: 1) *pinda pa’ã* (T:417) “linha com vermezinhas para pescar peixinhos”; 2) *kumamá* (T:275) “fio para pescar peixinhos sem anzol”; 3) *kupa’ã* (T:278) “fio como anzol com que pescam”; 4) *kupa’ã pype apikypói* (T:278) “pescar [peixinhos] com este fio”; 5) *kumamá apikypói* (T:275) “pesco [peixinhos] sem anzol”. Também procuravam *ambovy’a pira* (T:627) “cevar o peixe no pesqueiro” e (B:95) “cevar o peixe para que morda”, jogando elementos comestíveis para atrair os peixes. E quando mordida a isca diziam *apirakatu* (B:197) “fisgar o peixe”.

• Redes

A modalidade se diz *apira mbo’a* (T:3, 331), *apirambo’a pysa pype* (B:319) “pescar com rede”, com o sentido de “fazer cair” (*mbo’a* T:331). O equipamento é a *pysa* (T:477, B:345) “rede”, que teria o formato do “puçá”, de um saco e não de um plano. A primeira acepção de *py* (T:455) é “centro, capacidade, vazio”, usado para descrever “saco” feito com fios entretecidos: 1) *pyjuru, ao pyjuru, mbae ryru* (T:472, B:32, 74, 357) “saco, bolsa, alforje”, 2) *pyjuru mirĩ* (T:472, B:373) “bolsa, sacola”. *Ambo pysa* (T:476) “fazer rede”, *añopẽ, aipy’a* (B:1) “entretecer” [com sentido de enlaçar], com técnica semelhante ao crochê, na forma de um cone curto e afixada em um aro circular (Ribeiro, 1988:85). Os usos da rede para

pescar aparecem em *apysa mbo'a* (T:477) “arremessar a rede”, *apysaeity*, *aitypysa* (B:247) “lançar a rede de pescar” e *apysa*



Figuras 2 e 3: Cadeia operatória de produção de anzol em Itacoatiara e Anzol arqueológico Guarani, médio rio Jacuí\RS

rereko syry (T:477) “pescar com redinhas, levando-as rio abaixo”. Às vezes havia insucesso: *pyha voja apysa eity iko guitúpa*, *nam'ári a'ete mba'e amo* (T:477) “toda a noite estive pondo rede e não peguei nada”. O interessante é que o conjunto de dados históricos sobre os Guaraní e os falantes das 70 línguas do tronco Tupí, sugerem que a rede plana no estilo europeu foi uma apropriação colonial, junto com as pescas de arrasto e embarcada. O exemplo de rede plana, retangular, armada com duas varas nos lados menores, usada entre os Guaraní de Misiones, Argentina, seria um caso (MARTÍNEZ-CROVETTO, 1968:7).

- Nassas

São cestos trançados, cilíndricos e afunilados para a extremidade posterior, com uma cavidade interna acessada através de um cone de varetas próximas (Figura 4), que se abrem quando o peixe penetra e se fecham a sua passagem (Ribeiro, 1988:53). Dependendo do tamanho, se chamava *jeke'a* (T:208, B:288) “nassa pequena” ou *jeke'i* (T:208, B:98, 288) “cesto para peixes” e “nassa comprida”. Quando a nassa tinha muito espaço entre suas grades, era chamada de *japaguare* (T:200) “nassa rala”. À instalação delas se dizia: *jekae'i amoĩ guitekóvo pira mbo'ávo* (T:208) “ando colocando nassas para pescar”. Não necessitava presença efetiva, mas apenas revisão periódica para remover as presas. Uma variação deste cesto, não totalmente cilíndrico, era usado como receptáculo para capturar os peixes conduzidos pelas paredes de madeira, taquaras ou seixos rochosos que formavam as armadilhas de barragem.

- Pesca Estacionária

O princípio destas armadilhas é conduzir os peixes para um local de captura de peixes ou cardumes por cercamento. O pescador não precisa estar presente todo o tempo, pois as armadilhas funcionam sem o cuidado humano direto, mas se devia examinar rotineiramente o resultado e retirar os pescados, ou para eventuais reparos (eventualmente ali se acumulavam galhos, folhas, etc. O mais importante é a economia de energia invertendo a lógica da caça: o pescador de armadilha estacionária fica parado esperando o peixe, sem precisar persegui-lo, pois sabe onde ele estará em determinada época do ano e pode planejar suas ações. O gasto energético fica restrito à construção, reparos e vigília para retirar os peixes.

O conhecimento minucioso é decisivo para definir a instalação de cada armadilha. A eficiência da modalidade resulta do entrecruzamento de múltiplas informações relativas ao ecossistema, topografia, regimes de vazão da água, clima, fauna

local, etologia e mobilidade anual dos cardumes. São diversos tipos de barragens inorgânicas e orgânicas, todas recicláveis, mais ou menos permanentes, dependendo do local e das matérias-primas disponíveis, que revelam elevada capacidade adaptativa e habilidades técnicas. E algumas delas são monumentais, como veremos adiante, mas ainda são desconhecidas na arqueologia brasileira. Elas são recicláveis: 1) orgânicas, as madeiras e taquaras apodrecem e desaparecem da paisagem; 2) inorgânicas, formadas por paredes de seixos em rios de corredeiras, são colapsadas parcial ou totalmente pelas cheias causadas por chuvas, criando zonas de espalhamento à montante da armadilha. Após cada derrubada, quando o volume, a velocidade e a limpidez das águas permitiam, elas eram recompostas.



Figura 4: Nassa Wauja (adaptado de foto © Kamirrá Waurá\Greenpeace Brasil)

Montoya usou os verbos *atajar* e *cortar* como sinônimos para explicar a ação das armadilhas estacionárias. Ele seguiu o sentido do *Tesoro de lengua castellana*, de Covarrubias Orozco (1611:69, 166): *atajar, es lo mismo que el abreviar camino, yendo por parte más corta: y con esta alusión, dar corte en todas las cosas; e cortar... algunas veces vale atajar, cesar en una cosa, por haver la atajado, e impedido*. E Montoya também usou *atajadizo* (T:647, B:58), como sinônimo de cerco, do verbo cercar, e do artefato, da cerca trançada de caniços\taquaras\galhos instalada para pescar. Procurando atualizar a descrição de Montoya, será adotado o termo “desviar” no sentido de “conduzir”, uma tradução possível para *atajar*. Ele não usou o sentido dinâmico de *rodear, cercar* (T:291), quando as pessoas se deslocam para cercar algo, alguém ou um animal em movimento aleatório.

As descrições de cercar e desviar dão conta das armadilhas de madeira e taquaras (*cañas*), mas não informam sobre as feitas de seixos. Montoya ofereceu termos para *atajar con pared*, “cercar com parede” (B:58) *amombia yvyatã pype, yvyatã pype ahokesỹ, amoepysã. Yvyatã* (T:651, B:308) “parede”, na forma de taipa de muro ou de edificação. Não há nos seus dicionários expressão direta ou indireta, sobre parede ou muro de pedras usados na pesca.

Os termos mais genéricos oferecem as noções de cercar e desviar, são: *y pemby, y vẽmby, yvemby, guambype, pẽ, apẽ* (T:647, B:96) “cerca ou cercado”. Eles foram especificados:

- *hembe' y pemby* (T:557) “cerco pelo rio ou campo”; *y emby, y embyra* (T:631) “rio desviado para pescar”;
- *guambype* (T:127) “taipa francesa”, no sentido de uma parte da estrutura da parede de taipa, apenas com os galhos cilíndricos mais grossos para estruturar a cerca de pesca: *guambype yta* (T:127) “paus que têm as taipas a trechos” (de *guamby* T:127 “cerca de paus”, *yta* T:643 “armação, pilar, coisa onde outro apoia”);
- *pẽ* (T:402) “trançado, cerca de taquaras”; *apẽ* (B:58) “cerca de taquaras, cerco”; com o sentido de *añopẽ* B:166 “confeccionar, fazer”; *añapẽ* (B:97) “cercar tudo ao redor”; *añapẽ y* (T:61) “cercar o rio para pegar peixes”; *añope y* (T:402) “desviar o rio”; *pypẽ pype ambo' a pira* (B:319) “pescar cercado o rio”.

Nestes casos, as armadilhas eram estruturadas de várias maneiras, das mais expeditas e improvisadas, até as mais permanentes. Estas eram esteticamente melhor acabadas, com mais horas de trabalho sistemático, utilizando basicamente

caules, galhos, taquaras, folhas de palmeiras, amarrados com cordames de fibras e cipós resistentes ao apodrecimento causado pela água. Muitas vezes teriam a aparência de esteiras compridas, eventualmente muito altas, quando situadas em locais onde com amplitude de maré.

As expeditas são as armadilhas ocasionais, feitas com relativa rapidez e habilidade, consumindo o menor tempo possível para capturar em pequenos cursos d'água (Figura 5). A sua configuração material também poderia resultar da oferta de matérias-primas locais, como as árvores jovens de caules longos e cilíndricos. A própria definição delas sugere a tecnologia expediente: 1) *ka'ambaja* (B:342) “galhos que põem para cercar os arroios”; 2) *ka'ambaja* (T:230) “os galhos que põem para desviar os arroios para pegar peixes”; 3) *ka'aysa* (T:232) “cerco de ramos; galhos com que vão recolhendo o peixe, como se fosse com redes”. Eram usados os *ka'avo* (T:232) “galhos e folhas”, possivelmente as folhas de palmeira trançadas, pela resistência de suas fibras e facilidade de ser manuseada, cujo verbo é *ka'avo ajatyka* (T:230) “enramar”, com o sentido de “trançar”.

As armadilhas mais permanentes requeriam a definição do local da pesca em função do comportamento dos peixes, da periodicidade de sua mobilidade, da topografia e da vazão da água. Elas seriam instaladas onde poderiam ser reformadas ou reativadas após apodrecerem ou colapsarem na ação das cheias periódicas. A construção envolvia o planejando e trabalho coletivo para obter, preparar e transportar as matérias-primas, mais a etapa de montagem, requerendo esmero e tecnologia de produção para ter uma armadilha funcional e durável enquanto usada. Eram instaladas em áreas estratégicas de berçários de cardumes ou no caminho dos cardumes rumo aos rios de piracema, geralmente ficavam em ambientes de águas calmas, rasas, fundo arenoso ou lodoso. Eram compostas por longas cercas de taquaras ou galhos finos e altos amarrados como numa esteira e sustentados por postes, para desviar e conduzir os peixes para dentro do cerco. As situadas dentro de rios com fundo arenoso teriam configurações variadas, mas comumente nos locais mais rasos por causa da instalação e manutenção, aproveitando a baixa vazão da água para conduzir os peixes para os cercos instalados em locais apropriados conforme a topografia (afloramentos rochosos, ilhas, remansos, meandros, canais, etc.). Nos remansos e meandros com baixa vazão das águas, combinavam o cerco com os ictiotóxicos, para entorpecer momentaneamente as guelras, fazendo os peixes flutuarem ou reduzirem sua movimentação no caso dos animais de maior porte.



Figura 5: Armadilha de galhos, Enawên-Nawê (foto © Instituto Socioambiental ISA)

Montoya chamou de *zarzo* a cerca “vegetal”: *y pemby* (T:647, B:406) “parede trançada com caniços, galhos com que desviam o rio” (Figura 6). Se usam caules de galhos longos e raliços de árvores jovens e taquaras (Gramíneas dos gêneros *Guadua*, *Chusquea* e *Merostachys*), e fibras diversas para amarração, para construir os *takua pemby* (T:525, B:406) “cerca trançada de taquaras”. O processo de construção é resumido pelo verbo *añopẽ takua* (T:402) “fazer cerca trançada de

taquaras”; e a prática, com o sentido de fazer cair o peixe é *apira mbo’a* (T:3, 331) “pescar com cerca trançada”. Quando os peixes se acumulavam na área cercada, muitas vezes era necessário dirigi-los vigorosamente para o local de captura e extração da água: *ayta ñemoaña* (T:643, B:288) “nadar empurrando com força os peixes”. Não se pode esquecer que essas armadilhas poderiam ocupar áreas com centenas de metros quadrados.

Os ictiotóxicos são obtidos com diversas espécies vegetais maceradas, cujo sumo de partes ou da planta inteira era dispersado nas áreas de águas rasas e calmas, nem sempre cercadas previamente (PRANCE, 1987:130). Os Guaraní usavam plantas de vários gêneros, conforme Martínez-Crovetto (1968), Gatti (1985), Keller (2009; KELLER E PRANCE, 2007), Marchi e Dujak (2010). As estratégias eram denominadas “pokyty” e “ñupã” (CADOGAN, 1959, p. 93-94), com o sentido de: 1) esfregar espremendo com as mãos, *po* (T:422) “mão” + *kyty* (T:288) “esfregar”; 2) bater e mergulhar as plantas na água: *nupã* (T:354, 504) “bater”, *ainupã ihumbirívo* (B:47) “bater esmagando”.

Montoya usou o termo *emborrachar*, embebedar, para explicar o que atualmente é definido na etnobiologia como intoxicar, afetando as guelras, termo usado a seguir. O termo mais inclusivo, deriva do nome da planta ou de parte dela. Por exemplo: 1) *aitĩngyja* (B:165, 381) “intoxicar o peixe”, com o emprego de feixes de *tĩngy* (T:582) “matança de peixes com espuma de umas varas”, no caso talos e cascas de Sapindáceas (*Paullinia*, *Serjania*, *Talisia*, *Thinouia*, *Cardiospermum*), e *tĩngykue* (B:271) “matança de peixes”; 2) *amboaju pira* (T:22) “intoxicar o pescado com espuma de raízes”, por exemplo, raízes de Fabáceas (*Tephrosia*). A planta ou as suas partes eram maceradas e afundadas na água diversas vezes para liberar um suco, deixando uma espécie de espuma na superfície, até fazer efeito sobre os peixes: 1) *oaju yma tĩngy* (T:22) “já se intoxicou o peixe”; 2) *oaju yma che tĩngy* (T:582) “já está forte a espuma que mata o peixe”. Um dos efeitos poderia ser *aha pira tĩngy jávo voy*, *tĩngyja* (T:582) “adormecer os peixes”, ou o contrário, talvez pelo pouco volume de ictiotóxicos: *ndoajúi* (T:22) “não morre [o] peixe”. Montoya compôs uma frase para falar ao Guaraní, comparando o ato de espremer as plantas ao tema do pecado: *timboy okytýramo hyjúi sê nunga*, *eguñ ñavêvêno angaiipa mboasy águai tesay oseñe* (T:288) “assim como esfregando o timbó sai a espuma (que é sabão), assim dos olhos há de sair lágrimas pelos pecados”...



Figura 6: Cerca de pesca. (foto: © Mario Guerrero\Arquivo ACEEPJr.\UFRA)

As armadilhas com paredes de seixos rochosos, popularmente conhecidas no Brasil como “pari” ou “paris”, também foram utilizadas pelos Guaraní. Contudo, Montoya não dicionarizou o termo com detalhes sobre a parede rochosa. Mas o

registro arqueológico e etnográfico atesta a sua presença no sul do Brasil e temos sugerido a sua investigação desde 1993 (NOELLI, 1993; NOELLI MOTA E SILVA, 1996). Na língua Tupinambá, da mesma família linguística do Guaraní, *pari* (VLB 2:65) foi traduzido no final do século XVI como “canal de tomar peixe”. Os Tupinambá da Ilha de São Luís do Maranhão viviam na aldeia de *Itapary* (D’ABEVILLE, 1614:120v), que se traduz como “pari de pedra” (*pari* + *itá* VLB 2:69) e alguns rios chamados de Pariquera (rios onde houve paris, cf. NAVARRO, 2015:591). E há no Brasil a cidade de Itaparica no Espírito Santo, o bairro do Pari na cidade de São Paulo e alguns rios denominados “pari” (inclusive uma moda de viola de 1976, intitulada “Rio Pari”, de Jacó e Jacozinho).

Montoya traduziu *pari* (T:397, B:288) como o “cerco onde cai o peixe, nassa ou armadilha para peixes”. Deu outra conotação para *zarzo*, como o cesto para capturar os peixes que são conduzidos pelas paredes de pedra do *pari*. Se as paredes do *pari* não são adequadas: *pari popy esakã sakãramo osyryrygi pira* (T:398) “se os lados do *pari* são escassos, foge o peixe”. E menciona o manejo da armadilha na temporada de pesca: *pari raruãne ýmo pira ndo ári* (T:398) “não cai o peixe se não há quem cuide o *pari*”. O *pari* também poderia ser de madeiras e taquaras, instalados em leitos arenosos, possivelmente semelhantes aos cercos (mas não há informações suficientes para uma descrição adequada).

Para ilustrar o *pari* com paredes de pedra, usarei como uma nota marginal, as minhas observações de exemplares arqueológicos e etnográficos dessas armadilhas foram nos rios Apucarana, Apucarantina, Tigre, Tibagi e Ivaí, (todos no Estado do Paraná). Os etnográficos foram examinados nas Terras Indígenas Apucarantina (Figura 7) e Barão de Antonina, onde ouvi diversos relatos sobre conhecimentos e práticas dos Kaingang a respeito de 30 paris utilizados entre 1994 e 2001 (MOTA, NOELLI E SILVA, 1996; SILVA E NOELLI, 1996; TOMMASINO, 2002). Esta experiência de campo me permitiu formular as seguintes conclusões:

- 1) localizado em trechos rasos, com seixos, onde a vazão do rio é acelerada por declive, definidos pelos Guaraní como *y kavakuã* (T:631) “corredeiras”;
- 2) as armadilhas estão próximas de sítios arqueológicos e aldeias/acampamentos de pesca etnográficos;
- 3) a parede é construída com seixos com tamanhos diferenciados. Os maiores na base e os menores gradativamente mais acima, como observei em armadilhas de médio porte no rio Apucarana. Nas de grande porte, no rio Ivaí, observei alinhamentos de seixos muito grandes e pesados, com mais de 1,5 m no eixo maior, cujo deslocamento foi possível apenas coletivamente;
- 4) a passagem da água era controlada com o bloqueio do acesso ao cesto, com o empilhamento de seixos quando não havia quem cuidasse da armadilha. O efeito disso era o transbordamento sobre as paredes das armadilhas, ficando os peixes retidos nas armadilhas ou, eventualmente, saltando para fora delas;
- 5) o tamanho da armadilha varia entre paredes de 3 a quase 200 metros de comprimento, com alturas entre 0,6m e mais de 1,4m. As dimensões e a capacidade de carga dos cestos eram proporcionais ao tamanho, considerando que dependendo do momento da piracema as maiores poderiam capturar centenas de quilos de peixes;
- 6) a forma varia conforme a topografia, sendo o tipo V a que mais se destaca, mas existem casos de armadilhas com apenas uma parede e a maioria possui formas arqueadas para conduzir a água para os cestos;
- 7) as armadilhas são reativadas ao longo do ano ou podem ficar desativadas por períodos mais longos, sendo depois reconstruídas e reutilizadas;

- 8) os paris também foram reutilizados por comunidades não indígenas que frequentam as áreas de pesca;
- 9) o manejo indevido continuado causa impacto negativo sobre os peixes, reduzindo estoques, como se relata desde a década de 1860, no médio rio Tibagi (cf. MOTA, NOELLI E SILVA, 1996).

Depois de conhecer como era e funcionava um pari em 1994, visitei vários exemplares arqueológicos nos rios Tibagi e Ivaí, entre 1995 e 2004. Quase sempre na companhia da minha amiga Kimiye Tommasino, professora da Universidade Estadual de Londrina, antropóloga e pesquisadora dos Kaingang; e Lúcio Tadeu Mota, meu parceiro no Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história, da Universidade Estadual de Maringá, e vários alunos. Inicialmente não havia o recurso de imagens Google Earth e as fotos aéreas que serviram como base da cartografia paranaense não tinham resolução suficiente ou eram da época das cheias que encobriam as armadilhas. Hoje, facilmente, se pode mapear a sua localização e associa-los aos sítios arqueológicos próximos, sendo um tema inteiramente aberto à pesquisa no Brasil. Em 1997, quando o rio Ivaí estava com seu nível abaixo da média e suas águas estavam límpidas, eu e um grupo de alunos avistamos um grande conjunto de armadilhas desde a margem esquerda, no município de Engenheiro Beltrão. Ali o rio tem aproximadamente 450 metros de largura e um trecho em declive com aproximadamente 1000 metros de rápidos e corredeiras, uma ilha e afloramentos de seixos. E o que se enxergava era semelhante aos relatos dos velhos Kaingang do médio rio Tibagi, sobre conjuntos de paris



Figura 7: Pari de seixos com paredes 41 e 13 metros de comprimento, e cesto para captura, armados pelos Kaingang da T.I. Apucarantina, Paraná – UTM 22K 510142 7368052 (fotos a, b © Kimiye Tommasino; imagem c © Taxar 2019 Technologies, 23/06/2018 altitude 400m)



Figura 8: Fechamento com pedras para impedir a queda dos peixes quando não há quem cuide da armadilha (foto © Kimiye Tommasino).

formavam barreiras por toda a largura do rio, e os aos paris com 6 ou 7 cestos descritos por Franz Keller em 1867 (cf. MOTA, NOELLI E SILVA, 1996:23). O fato é que sem o recurso da imagem aérea não foi possível fazer um mapeamento preciso. Apenas andei sobre uma parte das armadilhas na metade do rio, próximas da margem direita (pari 1a e conjunto de paris 1b), onde verifiquei que os maiores muros eram compostos por seixos de grandes dimensões na base, recobertos por seixos menores que eram derrubados nas cheias. Os menores formavam à juzante acúmulos em uma zona de dispersão causada pelas cheias, semelhante ao que ocorre nos pequenos paris manejados pelos Kaingang dos rios Apucarana, Apucarantina e Tigre. Toda as vezes que eles reativam um pari após uma cheia, precisam recolher os seixos na zona de dispersão para remontar a parede. Posteriormente, passei de barco perto das armadilhas próximas da margem esquerda (conjunto de paris 2 e pari 3), mas não tive mais oportunidade de retornar com o nível do rio tão baixo como da primeira vez (Figura 9).

Após 22 anos, agora com as ferramentas do Google Earth, localizei as armadilhas posicionando cada UTM próxima do vértice para onde a água é desviada para o local onde o cesto de captura era instalado (Tabela 1). Cada armadilha ou conjunto delas recebeu número e letras para definir as dimensões das paredes e da abertura à montante (p. ex.: pari 1a, paredes a-b, a-c, abertura b-c):



Figura 9: Armadilhas de pesca do tipo Pari, rio Ivai (imagem © Taxar 2019 Technologies, 14/07/2019 altitude 840m)

Tabela 1: Posição das armadilhas de pesca arqueológicas no rio Ivaí

Pari	Parede (metros)	Parede (metros)	Abertura (metros)	UTM
1a	a-b = 197,5	a-c = 165	b-c = 124	22K 372354 7385173
1b	a-b = 56	a-c = 36	b-c = 57	22K 372346 7385164
1b	d-c = 26	d-e = 51	c-e = 40	22K 372382 7385151
1b	f-e = 29	f-g = 40	e-g = 28	22K 372421 7385157
1b	h-g = 25	h-i = 21	g-i = 24	22K 372450 7385159
2	a-b = 43	a-c = 35	b-c = 43	22K 372244 7385332
2	e-d = 29	e-f = 33	d-f = 36	22K 372280 7385308
3	a-b = 53	a-c = 73	b-c = 70	22K 371960 7385114

O pari 1a é o maior de todos que avistei, com uma parede que tem quase 200 metros, a outra possui 165 metros e a abertura 124 metros. Nota-se que as paredes não são retas na maioria das armadilhas, salvo o pari 3, que é bastante proporcional. O pari 3 também mostra que as paredes iniciam junto das duas ilhas, para vedar completamente a passagem da água, tal como eu pude verificar nas armadilhas etnográficas. Um aspecto interessante que a imagem aérea mostra, é a quantidade de armadilhas mais visíveis, próximas de outras que parecem menos visíveis, talvez porque foram sendo abandonadas em função daquelas que parecem ter alcançado melhores condições de acesso, manutenção, rendimento e escoamento dos pescados para as margens. Assim como se encontram sobreposições em painéis de arte rupestre, com várias camadas sobrepostas de pinturas, também parece haver “camadas” de armadilhas “empilhadas” e/ou reconstruídas justapostas em tempos diferentes, com formatos diferentes, nem sempre triangulares, mas com formas arqueadas, como representou Franz Keller (Figura 10). Aquelas construídas com seixos maiores na base parecem estar resistindo a pressão da vazão das águas.

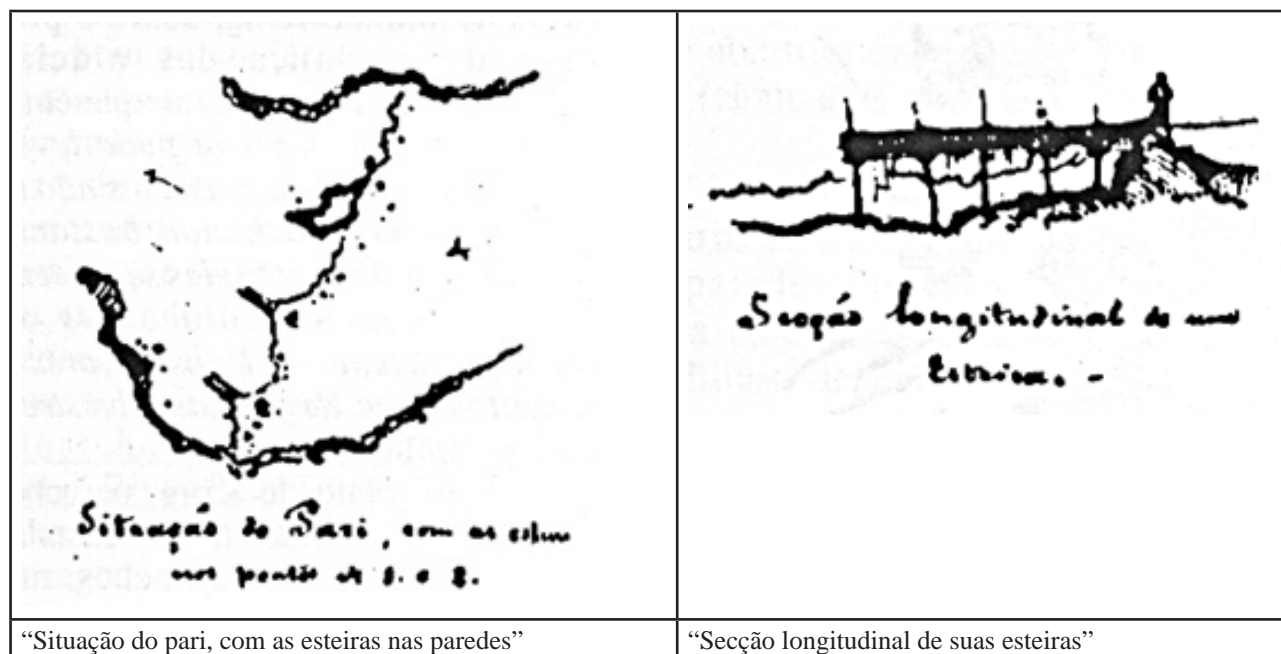


Figura 10: Paris Kaingang do rio Tibagi, 1867, desenho de Franz Keller

Uma representação gráfica da posição desta área das armadilhas foi localizada muitos anos depois por Lúcio Mota. Trata-se do croqui que serviu de base para o *Mappa geral da estrada de ferro D. Isabel* foi impresso na década de 1870, marcando a posição dos paris (<https://bdib.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/40501>), pertencentes ao projeto de viabilidade para a construção da ferrovia e hidrovia que conectaria o Paraná ao Mato Grosso, cuja execução ficou a cargo

de engenheiros ingleses, descrita no relatório *Paraná and Mato Grosso Survey Expedition* (Figuras 11 e 12). O resultado do trabalho de campo foi parcialmente descrito no relatório *Caminho de ferro de D. Isabel. Da Província do Paraná à de Mato Grosso. Relatório* (LLOYD, 1875), e no livro *Pioneering in South Brazil: three years of forest and prairie life in the province of Paraná*, publicado em 1878 (BIGG-WITHER, 1974). O *Mappa geral* foi baseado em um croqui da equipe de engenharia, que será publicado em breve por Mota e colegas, cujos foram assinalados como os “rápidos”, as “corr^{as}” [corredeira] e os “pariz dos índios”. O *Mappa Geral* será reproduzido a seguir, junto com a imagem correspondente do Google Earth, com pontos azuis marcando o local dos sítios Guarani e um contorno amarelo da área das armadilhas.

A área no entorno dos paris contém diversos sítios arqueológicos, incluindo vários ocupados pelos Guarani, os pontos azuis da figura 13. A tabela 2 mostra as referências básicas dos sítios mapeados pelas equipes do CEPA-UFPR e do LAEE-UEM, a maioria registrada com número no CNSA-IPHAN. Por diversos motivos o levantamento arqueológico não é completo, sendo apenas uma amostragem parcial, mas reveladora do grande potencial arqueológico da área. O contexto mostra que as armadilhas foram utilizadas pelos Guarani e, posteriormente, pelos Kaingang, sendo continuamente reativadas e reconstruídas. As datações obtidas por Igor Chmyz mostram que a ocupação Guarani já estava consolidada no baixo-médio rio Ivai há 1500 anos antes do presente (STUCKENRATH E MIELKE 1973). Com o colapso demográfico do século XVII, os Kaingang passaram a ocupar as áreas manejadas deixadas pelos Guarani, especialmente a partir do século XVIII, mas foram abandonadas no início do século XX por causa do processo de ocupação brasileira. No rio Tibagi, o processo foi semelhante, mas com a demarção das T.I. Apucarantina e Barão de Antonina, os Kaingang puderam continuar assentados e os pari continuam sendo utilizados até o presente.



Figuras 11 e 12: Mapa arqueológico dos sítios Guarani e da localização das armadilhas de pesca no rio Ivai (imagem © Taxar 2019 Technologies, 14/07/2019). Seção do Mappa Geral produzido em 1873 pela Paraná and Mato Grosso Survey Expedition, destacando o “pari dos Coroados”. Detalhe do Mappa Geral, mostrando a área das armadilhas, anotada como “pari dos Coroados”

NOELLI, Francisco Silva. *Piratýpe: uma linguagem da pesca e do consumo de peixes entre os Guarani*. In: *Cadernos do Lepaarq*, v. XVI, n.32., p. 30-54, Jul-Dez. 2019.



Figura 13: Trecho do rio Ivaí, entre os municípios de Ivatuba e Jussara

Tabela 2: Sítios arqueológicos Guarani próximos dos pari, rio Ivaí, municípios de Ivatuba e Jussara

Nome do sítio Guarani	CNSA	Sigla	Município	UTM
Doutor Camargo 2	PR01582	x	Doutor Camargo	22K 367337 7392076
Corredeira da Égua 1	PR00111	PR-FL-24	Doutor Camargo	22K 368150 7388882
Restaurante Ivaí 1	PR00107	PR-FL-20	Doutor Camargo	22K 368165 7391621
Segunda Corredeira	PR00110	PR-FL-23	Doutor Camargo	22K 368207 7389289
Restaurante Ivaí 2	PR00108	PR-FL-21	Doutor Camargo	22K 368226 7391150
Primeira Corredeira	PR00109	PR-FL-22	Doutor Camargo	22K 368496 7389741
Corredeira da Égua 2	PR00112	PR-FL-25	Doutor Camargo	22K 369291 7387612
Rio Claro 1	PR00960	PR-Ivaí-9	Engenheiro Beltrão	22K 371142 7384430
Suçui 1	PR00972	PR-Ivaí-7	Engenheiro Beltrão	22K 375460 7383099
Fazenda Santa Rita 2	PR00114	PR-FL-27	Doutor Camargo	22K 380954 7395797
"Sem nome"	x	x	Engenheiro Beltrão	22K 381809 7380293
Rio Mourão 1	PR00967	PR-Ivaí-3	Quinta do Sol	22K 386598 7377464
Vila Rural	x	x	Floresta	22K 382110 7384070

CONCLUSÃO

A linguagem Guaraní da pesca registrada por Montoya é referencial importante sobre o conhecimento tradicional, mas também é uma grande fonte inspiradora de investigações interdisciplinares. Ao mesmo tempo, pode ser útil aos Guaraní na atualidade, para compararem aspectos do passado com o presente e reafirmarem o seu *ñande reko*, como sempre fazem. Junto com a linguagem, o registro arqueológico dos equipamentos da pesca mostra a persistência de práticas e a distribuição geográfica dos assentamentos Guaraní do passado e aqueles da memória recente. Tais registros podem, inclusive, ajudar nas demandas por terra, servindo como elementos comprobatórios perante a Justiça, uma vez que os *paris* sempre estão associados aos lugares dos Guaraní de qualquer época. Como os juruá muitas vezes não aceitam a apenas a palavra empenhada, tão importante aos Guaraní, o penhor da sua imaterialidade pode ser demonstrado pela sua materialidade como último recurso àqueles que procuram barrar os seus direitos imemoriais.

O levantamento sistemático de dados é o fundamento para compreender o uso do espaço e dos ecossistemas. A linguagem dá conta de uma série de informações difíceis ou raras de serem encontradas no registro arqueológico, abrindo portas para compreender uma série de práticas e usos do território conforme suas características ecológicas e topográficas locais. O caso das armadilhas do tipo *pari* é representativo disso, uma vez que a associação de dados linguísticos, etnográficos e históricos levaram ao encontro de registros arqueológicos ignorados pelos arqueólogos no Brasil, apesar de termos chamado à atenção sobre o tema há mais de duas décadas como referimos no texto acima. De outro lado, também é necessário levantar dados históricos e etnográficos, havendo imensa quantidade disponível para sistematizar, tanto para identificar semelhanças e diferenças, quanto para avaliar corretamente a plasticidade das práticas conforme o ecossistema ocupado.

O exemplo da localização dos *paris* utilizando imagens de satélite é um passo para avançar na compreensão dos sistemas de assentamento em todo o território brasileiro, dado que as armadilhas de pesca estacionárias foram largamente disseminadas desde um passado remoto. O importante é a criação de um método para identificar este tipo de armadilha, mas sempre cuidando para não interpretar erradamente o contexto e transformar uma feição natural em uma armadilha de pesca. O fator decisivo é a comprovação *in situ* das características estruturais da edificação dos muros das barragens, cujos critérios metodológicos precisam ainda ser melhor definidos que a proposta a seguir. Há que distinguir o desenho natural do cultural, pois ambos vistos apenas por imagens possuem semelhanças. É obrigatório ir para o campo confirmar a presença de seis características fundamentais, considerando primeiro se o desenho topográfico e a estabilidade geológica dos cursos d'água foram constantes desde o assentamento humano no local:

- 1) comprovar se a relação entre a abertura e o vértice da armadilha estão alinhados conforme a direção da vazão da água (dado a constância da direção da vazão d'água, é provável que a sua força tenha “desenhado” a distribuição dos seixos para criar as feições naturais dos afloramentos);
- 2) verificar se a profundidade do curso d'água é compatível com pessoas de tamanho médio a baixo, considerando os períodos do ano onde o nível médio está baixo, sendo o momento ideal da construção ou reativação das armadilhas (conforme nossos registros etnográficos entre os Kaingang e aqueles disponíveis na bibliografia);
- 3) definir o arranjo e o método construtivo do muro da barragem, observando se os seixos e blocos maiores estão na base e se os gradativamente menores estão acima. Nem sempre o alinhamento é o elemento chave na definição de um *pari*;

- 4) confirmar se a zona de espalhamento dos seixos está à juzante, parte dele junto da parede, protegida do arrasto da correnteza;
- 5) relacionar as armadilhas com registros arqueológicos de assentamento humano próximo.
- 6) verificar localmente se as armadilhas foram reativadas e utilizadas pelos moradores da área, indígenas ou não, pois muitas vezes verifiquei que vizinhos aprenderam com os Kaingang e Guarani a usar os paris

Com o desenvolvimento da pesquisa certamente se definirão outros procedimentos metodológicos do protocolo para definir se é ou não armadilha de pesca. Evidentemente, a forma de algumas armadilhas, especialmente as triangulares, podem ser consideradas artificiais como a armadilha 3 da figura 9, acima. Mas para a comprovação terminativa se deve proceder à demonstração de campo, inclusive no caso demonstrado neste artigo. Apesar da informação histórica descrita por um time experiente de engenheiros construtores de ferrovias e, do testemunho deles sobre o usos que os Kaingang faziam daquelas armadilhas, considero necessária a minuciosa descrição das evidências, pois toda afirmação científica precisa ser testada.

Por fim, não se trata apenas do conhecimento Guarani sobre pesca, peixes e seus equipamentos. Também se deve realizar a investigação sobre a memória e os conhecimentos dos Kaingang, povo que possui grande experiência e domínio sobre a pesca nos rios do Paraná e demais Estados da Região Sul do Brasil. Eles têm um repositório imenso e indispensável que merece e precisa ser conhecido, tendo muito para ensinar no presente.

Agradecimentos

Para Kimiye Tommasino, que me apresentou as armadilhas de pesca dos Kaingang em 1994, na Terra Indígena Apucarantina. E, posteriormente, na Terra Indígena Barão de Antonina e outros locais do rio Tibagi. Ao Lúcio Tadeu Mota, parceiro de incontáveis expedições terrestres e no “barco da tulha”, coautor de várias publicações, algumas sobre as armadilhas de pesca. Aos Kaingang, professores notáveis e refinados, sempre dispostos a explicar e ensinar. A Pedro Augusto Mentz Ribeiro, *in memoriam*, pela gentil cessão das imagens inéditas dos anzóis arqueológicos escavados por ele. Para Ana Suelly Arruda Câmara Cabral pela generosa leitura atenta e sugestões para melhorar o texto. A Rafael Milheira, pelo incentivo à publicação, sem o qual este trabalho não teria sido escrito, e a@s pareceristas anônimo@s dos Cadernos do LEPAARQ. Para Marianne Sallum que me ajudou a encontrar as palavras certas para esta publicação.

REFERÊNCIAS

- AMBROSETTI, J. B. Los cementerios de prehistóricos del alto Paraná (Misiones). *Boletín del Instituto Geográfico Argentino*, 16:227-257. 1895.
- ARAÚJO, J. J.; KELLER, H. A. & HILGERT, N. I. Management of pindo palm *Syagrus romanzoffiana* (Cham.) Glassman, (Arecaceae) to produce coleoptera edible larvae among the Guaraníes of Northeastern Argentina. *Ethnobiology and Conservation*, 7: doi:10.15451/ec2018017.01118 2017.
- BARRET, J. H. An environmental (pre)history of European fishing: past and future archaeological contributions to sustainable fisheries. *Journal of Fish Biology*, 94(6) <https://doi.org/10.1111/jfb.13929> 2019.
- BIGG-WITHER, T. *Novo caminho no Brasil Meridional. A província do Paraná: três anos de vida em suas florestas e campos -1872/1875*. Rio de Janeiro/Curitiba: José Olympio/UFPR. 1974.
- BONOMO, M.; ANGRIZANI, R. C.; APOLINAIRE, E.; NOELLI, F. S. A model for the Guaraní expansion in the La Plata Basin and littoral zone of southern Brazil. *Quaternary International*, 356:54-73. 2015.
- BROCHADO, J. P. *An ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South America*. Urbana-Champaign: University of Illinois at Urbana-Champaign (Tese de doutorado em Antropologia). 1984.
- CADOGAN, L. Cómo inoterpentan los Chiripá (Avá Guaraní) la danza ritual. *Revista de Antropologia*, 7(1-2):65-99. 1959.
- CORRÊA, A. A. *Pindorama de Mboia e Ikaré: continuidade e mudança na trajetória das populações Tupí*. São Paulo: MAE\ USP (Doutorado em Arqueologia). 2014.
- DA MATTA, R. Panema, uma tentativa de análise estrutural. *Ensaio de Antropologia Estrutural*. Petrópolis: Vozes, pp. 63-92. 1973.
- ERLANDSON, J. M.; RICK, T. C., & BRAJE, T. J. Archaeology, Sustainability, and Fisheries. In: Scarlett Chiu & Cheng-hwa Tsang (eds.). *Archaeology and Sustainability*. Taipei: Academia Sinica. pp.307-328. 2014.
- GALVÃO, E. Panema: uma crença do caboclo amazônico. *Revista do Museu do Paulista*, n. s., 5:221-225. 1951.
- GATTI, C. G. *Enciclopedia Guaraní-Castellano de conocimientos paraguayos*. Asunción: Editorial Nuevo. 1985.
- KOENISGWALD, G. Die Cayuás. *Globus*, 93:376-381. 1908.
- LABRADOR, J. S. *Peces y aves del Paraguay Natural*. Buenos Aires: Compañía General Fabril Editorial Ltda. 1968.
- LLOYD, W. *Caminho de ferro de D. Isabel. Da Província do Paraná à de Mato Grosso. Relatório (Lloyd, 1875)*. Rio De Janeiro: Leuzinger. 1875.
- MARTÍNEZ-CROVETTO, R. La alimentación entre los indios Guaraníes de Misiones (República Argentina). *Etnobiológica*, 4:1-24. 1968.
- MELIÀ, B. *El Guaraní conquistado y reducido*. Asunción: CEPAG. 1986.
- MELIÀ, B. *Camino Guaraní. De lejos venimos, hacia más lejos caminamos*. Asunción: CEPAG. 2016.
- MELIÀ, B.; GRÜNBERG, G.; GRÜNBERG, F. *Pañ – Tavyterã. Etnografía Guaraní del Paraguay contemporáneo*. Asunción: CEADUC\CEPAG. 2008.
- MÈTRAUX, A. La civilisation matérielle des tribus Tupi-Guarani. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner. 1928.
- MÈTRAUX, A. The Guarani. In: Steward, Julian H. (ed.). *Handbook of South American Indians*. Vol. 3: The tropical forest
- NOELLI, Francisco Silva. *Piratýpe: uma linguagem da pesca e do consumo de peixes entre os Guaraní*. In: *Cadernos do Lepaarq*, v. XVI, n.32., p. 30-54, Jul-Dez. 2019.

tribes, Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143 Washington: Government Publishing Office. pp. 69-94. 1948.

MONTOYA, A. R. *Vocabulario de la lengua Guaraní (1640)*. Asunción: CEPAG. 2002.

MONTOYA, A. R. *Tesoro de la lengua Guaraní (1639)*. Asunción: CEPAG. 2011.

NAVARRO, E. A. *Dicionário de Tupí Antigo*. A língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global. 2015.

NOELLI, F. S. *Sem Tekohá não há Tekó (em busca de um modelo etnoarqueológico da subsistência e da aldeia Guaraní aplicado a uma área de domínio no delta do Jacuí-RS)*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Dissertação de Mestrado em História Ibero-Americana). 1993.

NOELLI, F. S.; VOTRE, G. C.; SANTOS, M. C. P.; PAVEI, D.; CAMPOS, J. B. Ñande reko: fundamentos dos conhecimentos tradicionais ambientais Guaraní. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 11(1), doi.org/10.26512/rbla.v11i1.23636 2019.

PANICH, L.; ALLEN, R. & GALVAN, A. The archaeology of Native American persistence at mission San José. *Journal of California and Great Basin Anthropology*, 38(1): 11-29. 2018.

PRANCE, G. T. Etnobotânica de algumas tribos Amazônicas. In: D. Ribeiro (ed.). *Suma Etnológica Brasileira*. vol. 1. Etnobiologia. São Paulo: Vozes/FINEP, pp. 119-133. 1987.

REED, R. K. *Prophets of agroforestry. Guaraní communities and commercial gathering*. Austin: University of Texas Press. 1999.

RIBEIRO, B. *Dicionário do artesanato indígena*. Belo Horizonte\ São Paulo: Itatiaia\EDUSP. 1988.

RODRIGUES, A. D. As consoantes do Proto-Tupí. In: Cabral, A. S. C.; Rodrigues, A. D. (org). *Línguas e Culturas Tupí*. Campinas/Brasília: Curt Nimuendajú/LALI. pp. 167-203. 2007.

RODRIGUES, A. D. Linguistic reconstruction of elements of prehistoric Tupí culture. In: E. B. Carlin; S. van der Kerke. (Org.). *Linguistics and archaeology in the Americas: the historization of language and society*. Leiden: Brill, v. 2. p. 1-10. 2010.

RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. S. Tupían. In: CAMPBELL, L.; GRONDONA, V. (eds). *The indigenous languages of South America*, v.2. Berlin\Boston: Mouton de Gruyter. pp. 495-574. 2012.

STRELNIKOV, S. I. Les Kaa-îwuá du Paraguay. *Atti del XXII Congresso Internazionale degli Americanisti*, vol. 2. Roma. pp.333-366. 1928.

STUCKENRATH, R.; MIELKE, J. Smithsonian Institution radiocarbon measurements 8. *Radiocarbon*, 15(2):388-424. 1973.

TIBURTIUS, G.; BIGARELLA, I. K. Nota sobre os anzóis de osso da jazida páleo-etnográfica de Itacoara, Santa Catarina. *Revista do Museu Paulista*, N. S., 7, pp. 381-394. 1953.

TOMMASINO, K. A ecologia dos Kaingang da bacia do rio Tibagi. In: Moacyr E. Medri et al. (Eds). *A bacia do rio Tibagi*. Londrina: M. E. Medri. pp. 81-100. 2002.

WATSON, J. Cayuá culture. *American Anthropologist*, 54(2). Memoir 73, Lancaster. 1952.

WENDRICH, W. Archaeology and apprenticeship: body knowledge, identity, and communities of practice. *Archaeology and Apprenticeship. Body Knowledge, Identity, and Communities of Practice*. Tucson: The University of Arizona Press. pp. 1-19. 2012.

RECURSOS ASOCIADOS A LA PESCA Y EL MARISQUEO EN LAS SOCIEDADES PREHISPANICAS DEL RÍO DE LA PLATA, URUGUAY

ASSOCIATED RESOURCES TO FISHERIES AND SHELLFISHING IN THE PREHISPANIC SOCIETIES OF RÍO DE LA PLATA, URUGUAY

RECURSOS ASSOCIADOS À PESCA E MARISQUEIO NAS SOCIEDADES PRÉ-HISPÂNICAS DO RIO DE LA PLATA, URUGUAI

Laura Beovide

Como citar este artigo:

BEOVIDE, Laura. *Recursos asociados a la pesca y el marisqueo en las sociedades prehispanicas del Río de La Plata, Uruguay*. In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 55-75, Jul-Dez. 2019.

Recebido em: 18/06/2019

Aprovado em: 16/10/2019

Publicado em: 15/12/2019

ISSN 2316 8412



Recursos asociados a la pesca y el marisqueo en las sociedades prehispanicas del Río de La Plata, Uruguay

Laura Beovide^a

Resumen: Durante la ocupación humana del Holoceno del medio y reciente en la cuenca del río Santa Lucía, tributario del Río de la Plata, se identificaron una serie de asentamientos vinculados con actividades de pesquería y marisqueo. El presente trabajo expone tanto los recursos arqueoictícolas como arqueomalacológicos que pudieron haber estructurado dichas actividades, así como los recursos arqueobotánicos, zooarqueológicos y minerales asociados. En base a lo anterior, se propone un entorno de la costumbre y social vinculado a la pesca y marisqueo en el pasado, que implicó, entre otras cosas, estrategias de uso reiterado de los recursos y de los espacios costeros considerados.

Abstract: During human occupation of middle and recently Holocene in Santa Lucía River basin, tributary of Río de la Plata, a series of settlements linked to fishery and shellfishing activities were identified. The present work exposes ichthyoarchaeological and archeomalacological resources that could have structured these activities, as well as the resources archaeobotanical, zooarchaeological and associated minerals. Based on the above, an environment of habit and social linked to fishing and shellfishing in the past is proposed, which involved, among other things, strategies for repeated use of resources and coastal areas considered.

Resumo: Durante a ocupação humana do Holoceno Médio e recentemente na bacia do rio Santa Lucía, afluyente do Rio de la Plata, foi identificada uma série de assentamentos ligados às atividades de pesca e marisco. O presente trabalho expõe tanto a arqueofauna como os recursos arqueomalacológicos que poderiam estruturar essas atividades, bem como os recursos arqueobotânicos, zooarqueológicos e minerais associados. Com base no acima exposto, é proposto um ambiente social e costumeiro ligado à pesca e ao marisco no passado, que envolveu, entre outras coisas, estratégias para o uso repetido dos recursos e áreas costeiras consideradas.

Palavras Clave:

Uso de los recursos prehispanicos, Arqueología del Río de la Plata, Concheros arqueológicos

Keywords:

Use of pre-Hispanic resources, Río de la Plata archaeology, Archaeological shell middens

Keywords:

Uso de recursos pré-hispânicos, Arqueologia do Río de la Plata, Sambaquis

^a Centro de Investigación Regional Arqueológica y Territorial (CIRAT), Dirección para el Desarrollo de la Ciencia y el Conocimiento. Ministerio de Educación y Cultura, Uruguay.

INTRODUCCION

A lo largo del tiempo las sociedades se han relacionado con los ecosistemas costeros lo que ha permitido distinguir rasgos comunes, delinear ciertas especificidades asociadas con las culturas que los habitaron (ERLANDSON, 2001; YESNER, 1980, entre otros) o demarcar dichos espacios como paisajes del agua, por ejemplo (GONZÁLEZ-BERNÁLDEZ, 1992). La pesca y el marisqueo son dos actividades relevantes llevadas a cabo desde tempranas épocas en la costa que entrelazan aspectos económicos, sociales e ideacionales (ALVAREZ, BALBO, *et al.*, 2011; BALBO, MANDELA, *et al.*, 2011; entre otros). Particularmente, la zona costera Platense no ha sido ajena a las generalidades anteriores donde se ha señalado la importancia de la pesca (MUSALI, 2010) y el marisqueo (BEOVIDE, 2011b) en tiempos prehispánicos.

La margen izquierda del Río de la Plata presenta ecosistemas diversos y ha sufrido cambios importantes a lo largo del Holoceno (WELLS e DABRON, 1998; figuras 1 y 2). La mayoría de los autores proponen el máximo ingresivo entre los ca. 7000 a 5000 años AP (elevándose el nivel del mar entre +5 y +7 m s.n.m.) para el Río de la Plata y algunos lo acotan en los ca. 6000 años AP, llegando a 6,5 m s.n.m. (CAVALLOTTO, VIOLANTE e PARKER, 2004).

Posterior a ese máximo ingresivo se sucedieron distintos paleoambientes costeros (asociados a estuarios, lagunas y humedales) con distintas condiciones de salinidad, temperatura y humedad (BEOVIDE, 2007b, 2009; BRACCO, DEL PUERTO e INDA, 2008; BRACCO, GARCÍA, *et al.*, 2011; CAVALLOTTO, VIOLANTE e PARKER, 2004; CAPDEPONT, CASTIÑEIRA, *et al.*, 2016; INDA, DEL PUERTO, *et al.*, 2011; IRIARTE, 2006, entre otros). Sin embargo, se debate sobre la naturaleza continua del descenso del nivel del mar posterior al óptimo climático en la costa uruguaya (BRACCO, GARCÍA, *et al.*, 2011; MARTÍNEZ e ROJAS, 2013, 2014; IRIARTE, 2006; entre otros).

Hacia los ca. 13.000 años AP se registran los primeros indicios de la presencia humana en la costa del Río de la Plata (INDA, DEL PUERTO, *et al.*, 2011; POLITIS, MASSINEO e KAUFMANN, 2004; SUAREZ, 2017), sin embargo la señal arqueológica se hace más conspicua posterior al quinto milenio AP (BEOVIDE, 2013a; BEOVIDE, MARTÍNEZ e NORBIS, 2017).



Figura 1: Área de estudio: Cuenca Baja del río Santa Lucía y curso medio del Río de la Plata (Uruguay).



Figura 2: Imágenes de pesqueros y áreas de potencial marisqueería en el curso medio del Río de la Plata. a. Punta Espinillo, b. Puerto La Tuna-río Santa Lucía, c. Playa Penino, d. San Gregorio (lugar de pesca actual en relación al sitio arqueológico), e. Kiyú-San Gregorio.

En la cuenca del río Santa Lucía (figura 1) los asentamientos más tempranos (ca. 7000 años AP, BEOVIDE, MARTÍNEZ e NORBIS, 2017), se asocian al registro de un conchero (sedimento de origen antrópico constituido mayormente por conchillas, (BALBO, MANDELA, *et al.*, 2011; WASELKOVA, 1987), lo que expone la importancia de la costa para los primeros grupos que ocuparon el área. En el conchero de cañada de las conchas se identificaron desechos de la talla de instrumentos líticos y restos del aprovechamiento de distintos moluscos (Tabla 1).

Hacia los ca. 5000 años AP, se observa la presencia cultígenos y alfarería (BEOVIDE, 2013a; BEOVIDE e CAMPOS, 2014), siendo el sitio Puerto La Tuna el mejor estudiado de ese período. En dicho sitio se releva la presencia humana desde el quinto milenio hasta la llegada de los europeos (ca. 400 años AP). El sitio Puerto La tuna representó un espacio central en la organización social de los grupos que habitaron el área en el marco de procesos e interrelaciones que llevaron a la adopción de nuevas prácticas económico-sociales (BEOVIDE, 2004, 2010 a, b; 2011a,b; 2013; 2015b). Hacia el tercer milenio AP se identifica maíz (*Zea mays*) en los sitios arqueológicos junto con otros cultígenos presentes desde el quinto milenio (BEOVIDE, 2011a; BEOVIDE e CAMPOS, 2014, entre otros). Se propone la emergencia de concheros monticulares asociados a la explotación de paleolagunas costeras y a la transformación-demarcación del espacio geográfico (BEOVIDE, 2011b; 2013b; BEOVIDE, MARTÍNEZ e NORBIS, 2017; entre otros).

Posterior a los ca. 2000 años AP el registro arqueológico es más amplio en cuanto a recursos naturales y cultígenos

utilizados por las poblaciones prehispánicas en el sistema de humedales de la cuenca del río Santa Lucía (BEOVIDE, 2009, 2013a). Las sociedades incorporan durante el momento tardío de ocupación del área, nuevos elementos decorativos y sistematizan la producción alfarera aunados a la complejidad material de los ajuares funerarios (BEOVIDE, 2013a; BEOVIDE, MARTÍNEZ e FIGUEIRO, 2015b; BEOVIDE, MARTÍNEZ e LORENZO, 2019; MALÁN, VALLVÉ, *et al.*, 2013; VALLVÉ, MALÁN e MALVAR, 2010; 2015).

Del análisis etnohistórico se puede inferir la presencia de aldeas en la costa Platense, asentadas en los humedales costeros, e inmersas en redes de relaciones favorecidas por el uso de embarcaciones (BEOVIDE, 2003; BEOVIDE, GIROLDI, *et al.*, 2017; entre otros).

El presente trabajo tiene como objetivo exponer los recursos asociados a la pesca y el marisqueo en el marco del conocimiento acerca de los modos de hacer (BINFORD, 1980) de las sociedades prehispánicas que ocuparon la margen izquierda del Río de la Plata desde el Holoceno medio.

MARCO CONCEPTUAL Y METODOLOGICO

La apropiación de ciertos espacios naturales en detrimento de otros por los grupos humanos puede ser vista como la apropiación de un recurso en sí (BORRERO e LANATA, 1992) y un medio para crear una realidad nueva, un espacio social (GAMBLE, 2002). La gestión que se hizo en el pasado de los recursos naturales se asocia generalmente a la estructura y dinámica de éstos en el espacio geográfico. Sumado a los mecanismos de obtención y procesamiento de los mismos en el marco de la organización tecnológica (NELSON, 1991).

El agua es uno de los recursos centrales para la vida humana, y sin dejar de observar esto, cuando se analiza la gestión que se hizo de los recursos acuáticos en el pasado por parte de las poblaciones humanas se aborda el estudio de las actividades de subsistencia en relación al ciclo de vida de las especies, los factores ambientales que afectan la abundancia y distribución espacio-temporal de las mismas a lo largo del tiempo, las estrategias tecnológicas de explotación y grados de intensidad con que las sociedades humanas hicieron uso de estos entornos (PRATES e BONOMO, 2017). Sin embargo, no siempre se analiza el amplio espectro de los “otros” recursos involucrados en la explotación de recursos costeros a partir de la pesca y el marisqueo. En este sentido, en el aprovechamiento de los recursos acuáticos también se hace uso de los recursos vegetales, animales y minerales, y del espacio geográfico en sí. Todo lo anterior vinculado a las artes de pesca o de marisqueo (armas; trampas sobre el río; cebos; instrumental de acarreo) las formas de uso (cocción y de almacenamiento) y aspectos rituales asociados, entre otros. Se considera entonces a la pesca y al marisqueo no simplemente desde la productividad, sino como un sistema socioecológico complejo (BAILEY e MILNER, 2002; ERLANDSON, 2001; LYMAN, 1991, YESNER, 1980; entre otros). La apropiación de las sociedades pasadas de los ambientes acuáticos, remite también a la ideología y cosmovisión que se tuvo de dichos espacios (MELGAR, 2012), de la pesca y moluscos (SCARPA, 2007; SUAREZ Y VELÁZQUEZ, 2010; entre otros). Con el fin de tener una aproximación a los recursos vinculados a la pesquería y marisqueo en la zona costera del curso medio del Río de la Plata (Uruguay) la metodología se centró en una revisión de los trabajos elaborados en el marco de la investigación arqueológica que se desarrolla en dicha zona (BEOVIDE, 2013a)

RESULTADOS

La tabla 1 expone algunos de los sitios arqueológicos ordenados cronológicamente en los que se identificaron recursos que podrían ser asociados a la pesca o marisqueo para el área considerada en el presente trabajo.

Tabla 1. Presencia y ausencia de recursos en sitios arqueológicos asociados a las actividades de pesca o marisqueo entre los ca. 7000 a 400 años AP para el área de estudio

Sitios		Cañada de las Conchas	Puerto la Tuna, Punta Espinillo, Arazatí, Dianova	Colonización 6, Gambé, Km 26, Puerto La Tuna	Puerto la Tuna, Ordeig, Arazatí	Puerto La Tuna, Arazatí, Mainumby
Cronología		ca. 7000 años AP	ca. 5000 a 3500 años AP	ca. 3500 a 2000 años AP	ca. 2000 a 1000 años AP	1000 a 500 años AP
minerales	Anfibolita	x	x	x	x	x
	Cuarzo	x	x	x	x	x
	Cuarcita	-	x	x	x	x
	Granito	-	x	x	x	x
	Metacuarcita	-	x	x	x	x
	Caliza Silicificada	x	x	x	x	x
	Malaquitas	-	-	x	-	-
	1ilópalo	-	x	-	-	-
	Opalos	-	x	x	x	x
	Calcendonia	-	x	-	-	-
	Basalto	-	x	x	-	-
	Riolita	-	x	x	-	-
	Hematita (Ocre)	-	-	x	x	x
	Arenisca	-	-	-	x	x
	Micaesquisto	-	-	-	x	x
Arcillas	-	x	x	x	x	
botánicos	<i>Celtis tala</i>	-	x	x	x	x
	<i>Cucurbita</i> sp.	-	x	x	x	x
	<i>Ipomea batatas</i>	-	x	-	-	-
	<i>Canna</i> sp.	-	x	x	x	x
	Ciperáceas	-	x	-	-	x
	<i>Canna</i> sp.	-	x	x	x	x
	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	-	x	x	x	x
	Ciperáceas	-	x	x	x	x
	<i>Zea mays</i>	-	-	x	x	x
	<i>Opuntia</i> sp.	-	x	x	x	x
	<i>Phaseolus</i> sp.	-	-	-	-	x
	<i>Baccharis</i> sp.	-	-	-	-	x
	<i>Eryngium pandanifolium</i>	-	-	-	-	x
	<i>Lupinus albescens</i>	-	-	-	-	x
	<i>Juncus</i> sp.	-	-	-	-	x

Faunísticos moluscos	<i>Erodona mactroides</i>	-	x	x	-	-
	<i>Heleobia sp.</i>	x	x	x	-	-
	<i>Tagelus plebeius</i>	x	x	x	-	-
	<i>Anomalocardia brasiliana</i>	x	-	-	-	-
	<i>Ostrea equestris</i>	x	x	x	-	-
	<i>Macra sp.</i>	x	-	x	-	-
	<i>Mytilus edulis</i>	x	x	-	-	-
	<i>Buccinanops deformis</i>	-	x	-	-	-
	<i>Plicatula gibbosa</i>	x	x	-	-	-
	<i>Siphonaria lessoni</i>	-	x	-	-	-
Faunísticos peces	<i>Urosalpinx haneti</i>	-	-	-	-	x
	<i>Costoanachis sp</i>	-	-	-	-	x
	<i>Olivancillaria vesica auricularia</i>	-	-	-	x	x
	<i>Pogonias cromis</i>	x	x	x	x	x
	<i>Myliobatis sp.</i>	-	-	x	-	-
	Condrictio (1):	-	-	x	-	-
	Condrictio (2)	-	-	x	-	-
	Condrictio (3)	-	-	x	-	-
	Doradidae (armado)	-	-	-	-	x
	Peces (s/l)	x	x	x	x	x
	<i>Ozotoceros bezoarticus</i>	-	-	x	x	x
	<i>Blastocerus dichotomus</i>	-	-	-	-	x
Faunísticos Terrestres	<i>Myocastor coypus</i>	-	x	x	x	x
	<i>Hydrocoerus hydrochaeris</i>	-	-	-	-	x
	Tayassuidae(pecarí)	-	-	-	-	x
	Testudines (tortuga)	-	-	-	-	x
	<i>Cavia apereá</i>	-	-	-	-	x
	<i>Ctenomys sp.</i>	-	-	x	-	x

LOS PECES

Una de las especies presentes en el registro arqueológico del área de estudio desde los ca. 5000 años AP corresponde a Corvina negra -*Pogonias cromis*- (Tabla 1; BEOVIDE, 2009; BEOVIDE, MARTÍNEZ e NORBIS, 2017). Esta especie presenta entre 2 a 14 kg llegando a registrarse ejemplare entre 50 y 70 Kg y medir más de 150 cm de longitud (VAZ-FERREIRA, 1969; NION, RÍOS e MENESES, 2002). Emiten un sonido característico que puede ser sentido a varios metros de donde se ubica el cardumen en épocas de reproducción hacia las horas de la tarde y entrada la noche (TELLECHEA, NORBIS, *et al.*, 2011). Se adentra al río Santa Lucía y otros tributarios del curso medio del Plata para desovar entre los meses de primavera y verano, pero se encuentra disponible en la costa todo el año (VAZ-FERREIRA, 1969; NION, RÍOS e MENESES, 2002).

El chucho o *Myliobatis* sp. se reconoce en concheros acotados entre los ca. 3000 a 2000 años AP (Tabla 1, BEOVIDE, 2009; BEOVIDE, MARTÍNEZ e NORBIS, 2017). Este pez llega a medir más de 1m, vive en los fondos lodosos, tiene el cuerpo aplanado con forma de rombo con cola fina y larga en forma de látigo, con un aguijón con una sustancia que le permite defenderse, y se lo puede encontrar disponible todo el año cerca de la costa (VAZ-FERREIRA, 1969; NION, RÍOS e MENESES, 2002).

En relación a los concheros (entre ca. 3500 a 2000 años AP), vinculados a las márgenes de paleolagunas (producto de las oscilaciones marinas) se han identificado tres especies de condrictios, uno de ellos *Carcharhinus* sp. (BEOVIDE, MARTÍNEZ e NORBIS, 2017). En general éstos miden un poco más de 1m y pesan entre 80 y 100 kg según las especies y entran en los estuarios buscando alimento o la cría de los ejemplares más jóvenes por la abundancia de comida en dichos ecosistemas (VAZ-FERREIRA, 1969; NION, RÍOS e MENESES, 2002).

Armado (familia Doradidae) es un tipo de pez que se recupera en los sitios con ocupaciones más tardías (ca. 400 años AP, BEOVIDE e OPERTI, 2015) de ca. 70 cm y 9 kg. Habitan los lechos de los ríos, y el cardumen se alimenta por la noche avanzando prefiriendo aguas cálidas, siendo una especie disponible todo el año en las áreas costeras (VAZ-FERREIRA, 1969; NION, RÍOS e MENESES, 2002).

LOS MOLUSCOS

Los moluscos aparecen en el registro arqueológico del área hacia los ca. 7000 años AP. Identificados en el conchero de cañada de las conchas se distinguen 7 especies (*Ostrea equestris*, *Tagelus plebeius*, *Anomalocardia brasiliana*, *Macra* sp., *Mytilus edulis*, *Erodona mactroides*, *Heleobia* sp.) (BEOVIDE, MARTÍNEZ e NORBIS, 2017).

Ostrea equestris junto con *Erodona mactroides* y *Mytilus edulis* son las especies recuperadas en el conchero de Dianova (ca. 4977 años AP) y se reconocen por lo menos 7 especies (*Heleobia* sp., *Ostrea equestris*, *Tagelus plebeius*, gasterópodos s/i, *Mytilus edulis*, *Buccinanops deformis*, *Plicatula gibbosa*, *Siphonaria lessoni* en el conchero de Punta Espinillo (ca. 3500 a 2000 años AP) (BEOVIDE, et al. 2017a).

En los concheros entre los ca. 3000 a 2000 años AP se identificaron cuatro especies *Heleobia* sp., *Erodona mactroides*, *Tagelus plebeius*, *Ostrea equestris*, *Anomalocardia brasiliana*, *Macra* sp., *Mytilus edulis*, y gasterópodos s/i. (BEOVIDE, MARTÍNEZ e NORBIS, 2017).

Los bivalvos *Erodona mactroides*, *Tagelus plebeius*, *Macra* sp., *Anomalocardia brasiliana* y los gasterópodos *Heleobia* sp. y *Buccinanops deformis* viven en sustratos blandos, como por ejemplo, los suelos arenosos o limosos fundamentalmente de la zona intermareal (SCARABINO, ZAFFARONI, et al., 2006 a; b).

Ostrea equestris, *Mytilus edulis*, *Plicatula gibbosa* así como *Siphonaria lessoni* (que es un tipo de gasterópodo) viven en la zona intermareal y se fijan sobre sustratos duros como los afloramientos rocosos costeros (SCARABINO, ZAFFARONI, et al., 2006 a; b).

Especialmente el bivalvo *Erodona mactroides* es mayoritario en los concheros después de los ca. 5000 años AP (BEOVIDE, 2013b, 2014; BEOVIDE e MARTÍNEZ, 2014; BEOVIDE, MARTÍNEZ e NORBIS, 2014; 2015). Este molusco puede ser recolectado a ca. 3 cm de la superficie de la zona intermareal y se ubica en distintos puntos costeros de la actual cuenca del río Santa Lucía todo el año, con meses de mayor abundancia (octubre, noviembre, diciembre) (BEOVIDE, 2011b).

Se ha evaluado los potenciales beneficios nutricionales vinculados al consumo humano de dicha especie. En este sentido el nivel de magnesio, cobre, hierro y sodio de la pulpa de *Erodona mactroides* es muy bueno, y podría ser comparable a la leche, siendo las calorías totales por cada gramo de pulpa 1,049 kcal (BEOVIDE, MARTÍNEZ e NORBIS, 2014).

LAS PLANTAS

El registro arqueobotánico potencialmente vinculado a la pesca y el marisqueo tiene que ver con aquellas plantas con potencial uso para manufacturar cestas, redes, arpones, construir trampas sobre el río, cebos de pesca, garrotes y agujas, por ejemplo (SCARPA, 2007). Del registro etnográfico americano se desprende que algunos grupos usan las plantas también en ritos vinculados con la pesca (SCARPA, 2007; MELGAR 2012; entre otros).

En este apartado no se considerarán las plantas que potencialmente pudieron haber formado parte del repertorio culinario asociado a la pesca de lo que hay registro para los grupos que habitaron la cuenca del río Santa Lucía en el pasado como: maíz (*Zea mays*), batata (*Ipomoea batatas*), achira (*Canna* sp.), tuna (*Opuntia* sp.), leguminosa lupín (*Lupinus albencis*), zapallo (*Curubita máxima*) y poroto (*Phaseolus* sp.) (BEOVIDE e CAMPOS, 2014).



Figura 3. Plantas del humedal del río Santa Lucía. a. Tatora (*Typha* sp.), b. Caraguatá (*Eryngium pandanifolium*), c. Junco (*Schoenoplectus californicus*).

En particular el uso de las fibras vegetales en el pasado la cuenca del río Santa Lucía se ha inferido desde el estudio de micro-restos vegetales del registro arqueológico (ca. 5000 a 400 años AP) reconociendo plantas con potencialidades para la elaboración de hilos (hilos finos, cuerdas, etc.) y distintos tipos de tejidos (como redes, bolsos, entre otros) (BEOVIDE e CAMPOS, 2014, 2015; BEOVIDE, CAMPOS e GÓMEZ, 2019). Algunas de esas plantas son: caraguatá (*Eryngium pandanifolium*, figura 3b), totora (*Typha* sp., figura 3a), palmera pindó (*Syagrus romanzoffiana*) y aquellas vinculadas tanto a la familia Cyperaceae como junco (*Schoenoplectus californicus*, figura 3c) y a la familia Poaceae (BEOVIDE e CAMPOS, 2014, 2015). Estas plantas forman parte de la actual flora de los humedales mixohalinos del Uruguay y del río Santa Lucía (ALONSO, 1997; SABAJ, 2011, figura 3).

Fibras de caraguatá (hoja de *E. pandanifolium*) se presentan en un tortero del sitio Puerto La Tuna vinculado con la ocupación más tardía (ca. 1000 a 400 años AP). Se ha propuesto que estas fibras fueron hiladas (BEOVIDE, et al. 2019) en el pasado. Las referencias regionales etnográficas sobre el hilado de dicha fibra hacen mención a la producción indígena de redes para la pesca (ARENAS, 1997; METRAUX, 1946; entre otros).

La pesquería con redes ha sido observada en las primeras crónicas europeas que describen los grupos indígenas de la costa Platense. En este sentido una de las primeras crónicas históricas, hacia el año 1531, expone la presencia de redes

destinadas a la pesca y caza, así como dispuestas como elementos simbólicos en los arreglos funerarios costeros:

“... mientras andaba por tierra en busca de leña para calentarnos fuimos a dar al campo con muchos palos clavados y redes, que hacían un cerco, ... las redes de pescar o de cazar venados, todo estaba en torno a su sepultura...” (LOPES DE SOUSA, 1958, p. 168).

Sobre la presencia de embarcaciones se refiere:

“Sábado 21 de diciembre, al salir el sol calmo el viento y salí del río al que puse de San Juan (Cufre) ...hallé la gente con cuyas tiendas me topé a la ida, salieron seis almadías, todos sin armas y con medio placer venían a abrazarnos hacía mucho viento y mucha mar” (LOPES DE SOUZA, 1958, p. 137).

Las embarcaciones (numerosas según lo descrito por Ulrico SCHMIDL, 1962) son elementos que permiten el acceso a distintos recursos marinos así como dinamizar la comunicación y el comercio de distintos productos. En este sentido la crónica de Pero Lope de Sousa en 1531 registra “... y en cuanto les di fueron a unos juncuales y sacaron dos almadías o canoas pequeñas y me trajeron al bergantín pescado, tasajos de venado...” (LOPE DE SOUZA, 1958, p. 140). Es interesante la interrelación de estas poblaciones con los ambientes de humedales desde donde salen los individuos del grupo con productos de la pesca y de la caza (como los tasajos de venado) para intercambiar.

Una referencia a la estructura de las embarcaciones es la siguiente: “... son hechas de un árbol, y las barquillas tienen un ancho de tres pies en el fondo y un largo de ochenta pies. En todo tiempo viajan en ellas hasta dieciséis hombres, y todos deben remar (...)” (SCHMIDL, 1962, p. 285).

En estos relatos provenientes de las crónicas se desprende la presencia de canoas hechas con troncos de árboles. Algunos de los estudios realizados en relación a la madera utilizada para la elaboración de canoas monoxilas de origen indígena para la región menciona el uso de Timbó (*Enterolobium timbouva*) (ALDAZABAL e CASTRO, 2000, p. 23).

Antonio Sepp describe a fines del siglo XVII el uso de balsas para navegar el río Uruguay: “Se toman dos árboles... estos se atán entre sí...de modo que las balsas parecen árboles flotantes. Sobre ese fundamento, los indios colocan de través cañas...encima construyen una chosa o casita de paja y caña delgada...” (SEPP, 1971: p. 168 [1691])

La palmera pindó (*Syagrus romanzoffiana*) es uno de los árboles identificados en el registro arqueológico de la cuenca del río Santa Lucía (BEOVIDE e CAMPOS, 2014) que podría haber tenido un uso en la construcción de balsas como las que describe Sepp, o en herramientas vinculadas a la pesquería y marisqueería, dado los múltiples usos etnográficos (BONOMO e CAPELETTI, 2014) de la misma. Otro de los árboles es el tala (*Celtis tala*) (BEOVIDE e CAMPOS, 2014) cuyo tronco puede medir entre 20 y 30 centímetros de diámetro, y la madera es considerada dura pero también muy flexible para trabajar en distintas herramientas (CARRERE, 1990). No se descarta la posibilidad del uso para la construcción de embarcaciones del junco y la totora, presentes en el área de estudio (BEOVIDE e CAMPOS, 2014), ya que en el mundo prehispánico americano fueron usadas en muchas regiones (MELGAR, 1999; entre otros).

LOS MAMÍFEROS

En el registro arqueológico del bajo Río Santa Lucía se han identificado restos de *Ozotoceros bezoarticus* (venado de campo), *Blastocerus dichotomus* (ciervo de los pantanos), *Myocastor coypus* (coipo o nutria), *Hydrochoerus hydrochaeris* (carpincho), *Cavia aperea* (apereá), *Ctenomys* sp. (tucu-tucu) y Tayasuidos (Tayassuidae) llamados pecaríes (BEOVIDE, 2009; BEOVIDE, 2013a; BEOVIDE e OPERTI, 2015). Instrumentos como anzuelos y puntas, pueden haber sido elaborados en base a huesos largos de algunas de estas especies como se registra para sitios arqueológicos de la región (BUC, 2010; BEOVIDE, Laura. Recursos asociados a la pesca y el marisqueo en las sociedades prehispanicas del Río de La Plata, Uruguay. In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 55-75, Jul-Dez. 2019.

CLEMENTE, MORENO, *et al.*, 2010; PINTOS, 2001; entre otros).

El intercambio de productos terrestres como marinos por las poblaciones costeras prehispánicas se menciona desde las crónicas europeas más tempranas como la de Pero Lopes de Sousa en 1531 “... y en cuanto les di fueron a unos juncales y sacaron dos almadías o canoas pequeñas y me trajeron al bergantín pescado, tasajos de venado...” (LOPES DE SOUZA, 1958, p. 140). La preparación de tasajo de venado, corambre (coipo pj.), junto con grasa y harina de pescado (SCHMIDEL, 1962, p. 280), fueron actividades asociadas a la pesca para los grupos de la región.

LAS ROCAS Y ARCILLAS

Los recursos minerales utilizados por las poblaciones prehispánicas del área considerada comprenden: el granito y el cuarzo para la fabricación de instrumentos de molienda -manos y morteros- y pesas de red (BEOVIDE, MATA e CAMPOS, 2007; BEOVIDE, 2013, entre otros). A su vez, se utilizó la caliza silicificada, la anfibolita, el cuarzo, la cuarcita y el ópalo para la talla de distintos instrumentos de corte, raspado, así como puntas de flechas (BEOVIDE, 2001; BEOVIDE e BAEZA, 2007; BEOVIDE e CAMPOS, 2007; entre otros). La mayoría de los recursos líticos presentan fuentes potenciales de abastecimiento localizadas a menos de 10 Km de cada sitio (BEOVIDE e BAEZA, 2007). Distintas piedras verde (como malaquita, que presenta fuentes potenciales a más de 200 km) fueron utilizadas para la elaboración de adornos (BEOVIDE, 2013 a; b). La arena y la arcilla empleada para la producción cerámica se ubican en afloramientos potenciales localizados en radios menores a 3 Km de los sitios (BEOVIDE, 2001; MALÁN, VALLVÉ, *et al.*, 2013; VALLVÉ, MALÁN e MALVAR, 2010; entre otros).



Figura 4 Materiales cerámicos y líticos asociados a pesqueros y concheros, a. Pesa de red en granito del sitio arroyo Mauricio, b c y d instrumentos en anfibolita, cuarzo y caliza silicificada identificados en los concheros de Gambé y Colonización (ca. 3000 a 2000 años AP), e. tiesto de cerámica del conchero de Gambé, f. tiesto de cerámica decorada del sitio arroyo Mauricio, g. fragmento de mortero y h. percutores del conchero Gambé.

La preparación de alimentos, como la elaboración de harina de pescado, aparece referida para la región de la cuenca del Plata en la crónica de Schmidl de 1536: “Y en la localidad no hallamos nada fuera de corambre sobado de nutrias u Otter, como se las llama, y mucho pescado y harina y grasa de pescado.” (SCHMIDL, 1962, p. 280).

Las harinas de pescado y de maíz se procesaron en muchos de los morteros identificados en los sitios arqueológicos estudiados y posteriormente pudieron haber sido hervidas en distintos contenedores cerámicos (BEOVIDE e CAMPOS, 2014, 2015). En este sentido, en estudios funcionales sobre los contenedores cerámicos se analizaron las caras internas/externas de los mismos (MALÁN, VALLVÉ, *et al.*, 2013). En la cara interna de la cerámica se recuperó achira (*Canna* sp.), tuna (*Opuntia* sp.), Ciperáceas, tala (*Celtis tala*) y almidones gelatinizados en algunas de las muestras. Se realizaron estudios de residuos de ácidos grasos sobre los contenedores cerámicos, que indican el posible consumo de grandes herbívoros, pescado y maíz (MALÁN, VALLVÉ, *et al.*, 2013).

En la figura 4 se ilustran algunos de los instrumentos recuperados en las estaciones pesqueras y concheros prehispánicos del área considerada.

EL ESPACIO GEOGRÁFICO COMO RECURSO

Las comunidades costeras del río de la Plata a lo largo del tiempo han seleccionado distintos espacios para asentarse y explotar los recursos naturales, pudiendo considerarse como especies de “atractores” desde la época prehispánica a nuestros días (BEOVIDE, 2013a). En este sentido, los humedales y puntas rocosas en el área de estudio se asocian con sitios pesqueros o de marisqueo y se presentan como espacios recurrentemente usados desde épocas prehispánicas (BEOVIDE, 2013a; BEOVIDE, GIROLDI, *et al.*, 2017).

En algunos trabajos previos se ha propuesto que la dinámica de los recursos vinculada con la distribución y captura de especies parece haber jugado un papel importante en la organización del asentamiento costero prehispánico (BEOVIDE, 2001; BEOVIDE, 2013a; BEOVIDE, MARTÍNEZ e NORBIS, 2017; entre otros.).

En relación a lo anterior, la ubicación de los concheros se relaciona mayormente con una logística vinculada al abastecimiento de distintos recursos minerales, vegetales y faunísticos donde también están los moluscos (BEOVIDE, MARTÍNEZ e NORBIS, 2017; figura 5 a,b,d). El manejo del descarte de moluscos se asocia a los espacios cercanos (radios de menos de 3 km) del lugar de depositación final hacia la formación de los montículos (BEOVIDE, MARTÍNEZ e NORBIS, 2017; figura 5, tabla 2).

Los concheros identificados en el área no solo se han definido por la presencia de material arqueológico, sino que se ha avanzado en el estudio de los procesos de formación naturales y culturales de los mismos (BEOVIDE 2011b; BEOVIDE, MARTÍNEZ e NORBIS, 2015). La explotación de *Erodona mactroides* (especie predominante en los concheros arqueológicos) se produce en el límite del Río de la Plata con el océano Atlántico en la actualidad y el estudio de los modos de explotación actual de dicha especie ha sido abordado para comprender diversos aspectos de dichos procesos (BEOVIDE, 2014, 2015; BEOVIDE, MARTÍNEZ e NORBIS, 2014; figura 5c)

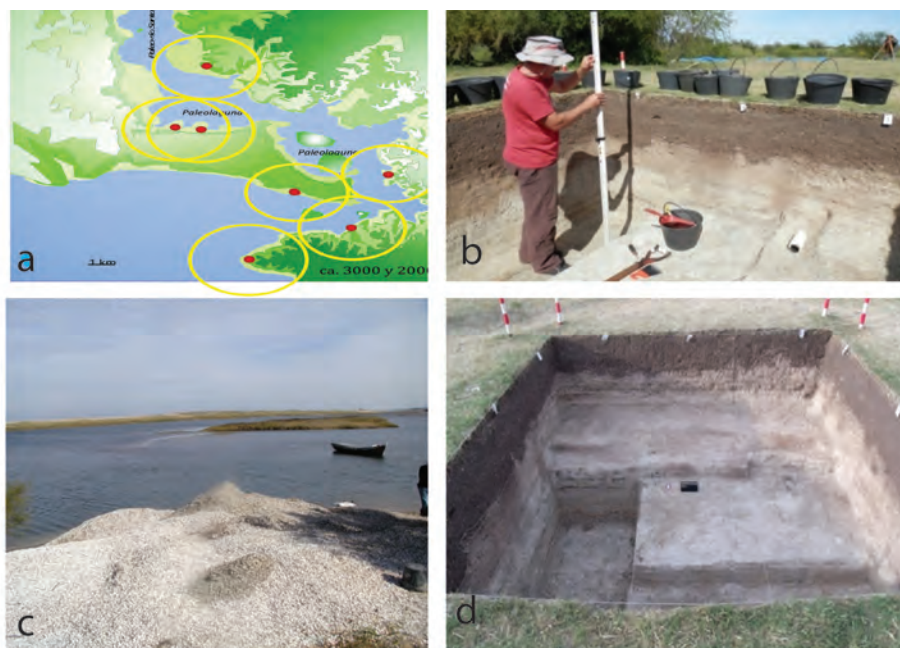


Figura 5 Concheros prehistóricos. a. concheros (puntos rojos) y áreas de abastecimiento de recursos (tomado de BEOVIDE, et al 2017a), b y d. concheros de colonización (ca.3000 a 2000 años AP), c conchero actual, laguna de Garzón (BEOVIDE, 2014, 2015).

El material lítico tallado, además de los moluscos, se identificó para los concheros más antiguos; y para los concheros ubicados entre los ca. 3500 y 2000 años AP se recuperó material lito-cerámico junto con fauna terrestre y acuática, así como distintas plantas silvestres y cultivadas (tabla 2).

Por otra parte, los concheros monticulares son buenos indicadores de un proceso de transformación y señalización del espacio cuya emergencia se señala hacia los ca. 3000 años AP en la cuenca del río Santa Lucía (BEOVIDE, MARTÍNEZ e NORBIS, 2017; figura 5).

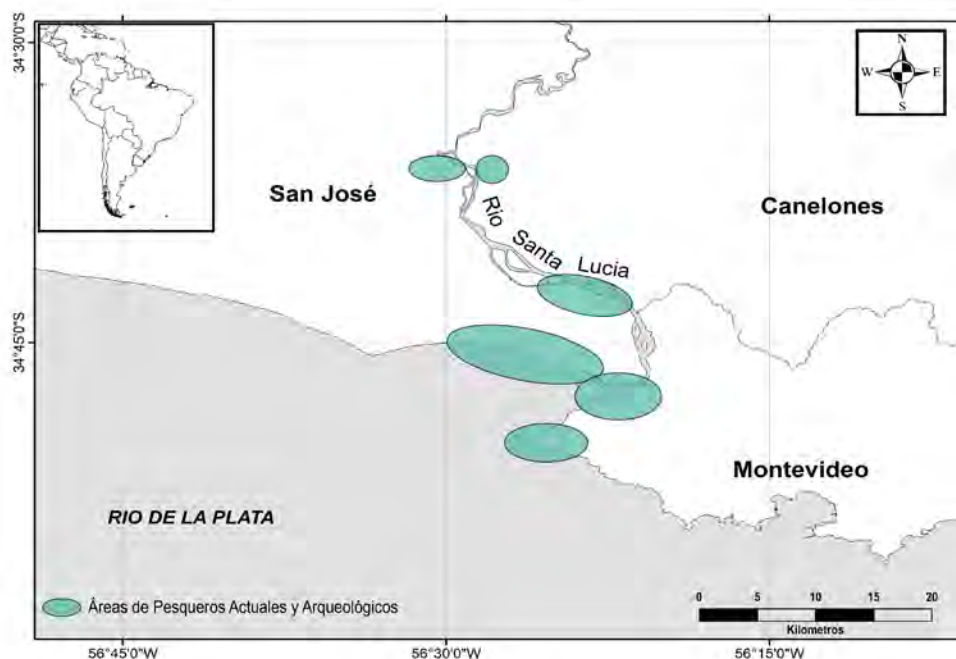


Figura 6. Se señalan las áreas de pesqueros actuales y arqueológicos (BEOVIDE, et al 2017b).

En cuanto a los asentamientos arqueológicos pesqueros, se ha observado que éstos se vinculan a ciertas geoformas como puntas rocosas o arenosas, para los momentos más tempranos, y arcos de playa para los momentos más tardíos (BEOVIDE, 2013a; BEOVIDE, GIROLDI, *et al.*, 2017; figura 6).

La mayoría de los espacios de explotación de pesca artesanal en el presente en la cuenca baja del río Santa Lucía se estructuran en relación al ciclo vital de varias especies (BEOVIDE, GIROLDI, *et al.*, 2017). En este sentido, la corvina negra (*Pogonias cromis*) podría haber tenido un papel importante en el patrón de asentamiento vinculado a la dinámica pesquera desde el Holoceno medio, junto con la recolección y consumo de un molusco bivalvo denominado *Erodona mactroides* para los concheros entre los ca. 3000 a 2000 años AP (BEOVIDE, GIROLDI, *et al.*, 2017).

Tabla 2. Recursos y áreas de abastecimiento potencial en relación a la paleogeografía asociada a los concheros (ca.3500 a 2000 años AP), (tomado BEOVIDE, *et al.* 2017a).

		Distribución paleogeográfica potencial en relación a los concheros entre los 3500 y 2000 años AP		
		Fuente: de 0 a 3 Km.	Fuente: de 0 a 10 Km.	Fuente: mayor a 10 Km
minerales	Anfibolita	x	x	-
	Cuarzo	x	x	-
	Cuarcita	x	x	-
	Granito	x	x	-
	Metacuarcita	-	x	-
	Caliza Silicificada	-	-	x
	Malaquitas	-	-	x
	Arcillas	x	-	-
	Arenas	x	-	-
botánicos	<i>Ipomea batata</i>	x	x	-
	<i>Celtis tala</i>	x	x	-
	<i>Lupinus albescens</i>	x	x	-
	<i>Phaseolus vulgaris</i>	x	x	-
	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	x	x	-
	<i>Cucurbita</i> sp.	x	x	-
	<i>Zea mays</i>	x	x	-
	<i>Canna</i> sp.	x	x	-
	Ciperáceas	x	x	-
Faunísticos moluscos	<i>Erodona mactroides</i>	x	x	-
	<i>Heleobia</i> sp.	x	x	-
	<i>Tagelus plebeius</i>	x	x	-
	<i>Anomalocardia brasiliiana</i>	x	x	-
	<i>Ostrea equestris</i>	x	x	-
	<i>Mactra</i> sp.	x	x	-
	<i>Mytilus edulis</i>	x	-	-
	<i>Buccinanops deformis</i>	x	-	-
	<i>Plicatula gibbosa</i>	x	-	-
	<i>Siphonaria lessoni</i>	x	-	-

Faunísticos peces	<i>Pogonias cromis</i>	x	x	-
	<i>Myliobatis</i> sp.	x	x	-
	Condrictio (x):	x	x	x
	Condrictio (2)	-	x	x
	Condrictio (3)	-	x	x
	Doradidae (armado)	x	x	-
Faunísticos Terrestres	<i>Ozotoceros bezoarticus</i>	x	x	x
	<i>Myocastor coypus</i>	x	x	-
	<i>Cavia apereá</i>	x	x	-
	<i>Ctenomys</i> sp.	x	x	-

DISCUSION

El sistema de recursos asociados a las actividades de pesquería y marisqueería por las poblaciones prehispánicas de la costa Platense se podría considerar como parte del entorno (o paisaje) de la costumbre (GAMBLE, 2002). Se entiende como entorno de la costumbre aquellos espacios utilizados por los grupos en sus actividades cotidianas vinculadas a la subsistencia o en relación al mundo ideológico (GAMBLE, 2002). A lo largo del Holoceno medio y tardío los ambientes en la cuenca del río Santa Lucía con los que se relacionaron dichas poblaciones tuvieron que ver con estuarios, lagunas y humedales vinculados a las oscilaciones marinas (BEOVIDE, 2013a). En el marco de la dinámica ambiental, hay recursos que parecen haber tenido continuidad en el uso y contribuido a delinear el patrón de asentamiento (BEOVIDE, 2009). En este sentido, la pesquería pudo haberse ordenado en torno a la corvina negra (*P. cromis*) y el marisqueo en función de un tipo de bivalvo *E. mactroides* (BEOVIDE, 2009, 2013a, 2015, entre otros).

Por otra parte, los recursos que formaron parte del entorno vegetal asociados a las actividades de marisqueo y pesquería se vinculan con especies que tienen continuidad en su uso hasta nuestros días como junco, totora y palmera (Pindó), entre otras, posiblemente destinadas a la fabricación de redes y cestas (BEOVIDE e CAMPOS, 2014; 2015). A través de las evidencias disponibles se puede proponer que se procesaron recursos acuáticos destinados a la elaboración de harinas o hervidos en contenedores cerámicos para el área considerada (MALÁN, VALLVÉ, *et al.*, 2013). El ahumado del pescado en la región como otra forma de consumo se apoya en el análisis de la evidencia etnohistórica para el área (BEOVIDE, 2003; 2007a) y en el estudio de algunos contextos previos al contacto hispano indígena (BEOVIDE e OPERTI, 2015). El estudio de oligoelementos (Sr/Zn) e isótopos estables ($d^{13}C$) menciona para la región sur del Uruguay una dieta mixta basada en recursos terrestres y marinos (BRACCO, FREGEIRO, *et al.*, 2000). Lo anterior complementa la información proveniente del registro arqueológico de la cuenca del río Santa Lucía en el que se han identificado tanto recursos acuáticos así como cultígenos (entre ellos maíz, *Zea mays*) disponibles para el consumo por lo menos desde los ca. 5000 años AP.

Los recursos líticos destinados a elaborar instrumentos (tallados o pulidos) tanto para obtener como para procesar los mariscos o la pesca, pueden ser potencialmente obtenidos de fuentes cercanas a los espacios pesqueros (buffers de 3 km) así como dentro de buffers de 10 km (BEOVIDE e BAEZA, 2007; BEOVIDE, MARTÍNEZ e NORBIS, 2017^a, tabla1). Todo ello colabora a delinear un territorio de abastecimiento de recursos, y un entorno o paisaje de uso cotidiano. En este entorno cotidiano también se pueden reconocer aspectos vinculados al uso del espacio y los recursos acuáticos desde su dimensión simbólica. Las valvas de moluscos se han vinculado con el mundo simbólico en distintas culturas y han sido usadas como

medios de comunicación de diversos aspectos culturales, por ejemplo, en algunos casos representaron la conexión entre el mundo de los vivos y de los muertos (SUAREZ e VELÁZQUEZ, 2010). En este sentido, las valvas de moluscos fueron usadas como adornos personales y en los ajueres funerarios del área de estudio como fue mencionado. Pero también se pueden reconocer otros elementos asociados a la pesca incorporados en el mundo simbólico como la presencia de redes de pesca dispuestas en los enterramientos costeros relatadas en las crónicas históricas (BEOVIDE, 2003; BEOVIDE, MARTÍNEZ e FIGUEIRO, 2015; BEOVIDE, CAMPOS e GÓMEZ, 2019).

El entorno o paisaje social (GAMBLE, 2002) se entiende como la integración de aquellos paisajes de la costumbre en redes ampliadas de intercambio, vínculos y relaciones sociales. En este sentido, las estaciones pesqueras arqueológicas en el área de estudio pueden ser vistas como centros de intercambio de productos terrestres y acuáticos (tasajo y peces, pj), así como espacios involucrados en la circulación de productos y en la navegación. Las estaciones pesqueras prehispánicas estudiadas también se pueden considerar como espacios de apropiación ritual y simbólica valorado, por ejemplo, desde los emplazamientos vinculados con la funebria ubicados en la costa Platense como los sitios de Arazatí y Puerto La Tuna (momento tardío de ocupación ca. 1000 a 400 años AP; BEOVIDE, 2003, 2013a; BEOVIDE, MARTÍNEZ e FIGUEIRO, 2015; BEOVIDE, CAMPOS e GÓMEZ, 2019) y sitios en la costa de Maldonado (CAPORALE, SILVEIRA, *et al.*, 2015), entre otros.

Por otra parte, los concheros monticulares se interrelacionan y se vinculan desde el aprovechamiento de los recursos comunes a las lagunas que compartieron entre ca. 3000 a 2000 años AP para la cuenca del río Santa Lucía (BEOVIDE, 2011). Este paisaje conformado por los conchales, es un aspecto que narra no solo la construcción de un paisaje social posiblemente centrado en la modificación del entorno ambiental, sino la organización del espacio costero en redes de relaciones, circulación de prácticas y conocimientos para el área considerada (BEOVIDE, 2011), observado también para las sociedades formadoras de sambaquíes por ejemplo (DE BLASIS, KNEIP, *et al.*, 2007; SACCONI, 2017; entre otros)

CONCLUSIONES

Los pobladores prehispánicos de la costa del Río de la Plata y sus humedales, a través de los diferentes momentos de ocupación durante el Holoceno, hicieron un uso reiterado de ciertos recursos naturales propios de las zonas costeras y de humedales en el marco de los cambios ambientales. Se generaron redes de relaciones que trascendieron el espacio de las actividades rutinarias, compartiendo relaciones sociales, saberes tecnológicos, prácticas de alimentación y rituales. La pesquería y el marisqueo aportaron a delinear parte del patrón de asentamiento en la cuenca del río Santa Lucía en torno a recursos como la corvina negra (*P. cromis*) y bivalvos como *E. mactroides* presentes en el registro arqueológico desde el Holoceno medio. En particular el junco, la tatora, el caragatá y la palmera Pindó son algunos de los recursos botánicos posiblemente utilizados en relación a las artes de pesca, así como distintos instrumentos líticos para obtener y procesar dichos recursos. La transformación del espacio en torno a los concheros monticulares y las lagunas a fines del Holoceno medio expresa la importancia de la costa como espacio de comunicación e interrelación para dichas sociedades.

AGRADECIMIENTOS

Al equipo de trabajo del CIRAT. A Javier Lemos y Johanna Gómez por las distintas colaboraciones a este artículo.

REFERENCIAS

- ALDAZABAL, Verónica.; CASTRO, María. La construcción de canoas monoxilas en la Cuenca del Plata. *Journal de la Société des Américanistes*, v. 86, p. 185-193, 2000.
- ALONZO, Eduardo. *Plantas acuáticas de los humedales del Este*. Montevideo: Graficas Editorial Agropecuaria del Hemisferio Sur, 1997.
- ALVAREZ, Myriam; BALBO, Andrea; BRIZ, Iván; MANDELLA, Marco. Shell middens as archives of past environments, human dispersal and specialized resource management. *Quaternary International*, n. 239, p. 1-7, 2011.
- ARENAS, Pastor. *Las bromeliáceas textiles de los indígenas del Gran Chaco*. Parodiana, n. 10, p. 113-139, 1997.
- BAILEY, Geoff; MILNER, Nicky. Coastal hunter-gatherers and social evolution: Marginal or Central? *Before Farming*, v. 4, n. 1, p. 1-15, 2002.
- BALBO, Andrea; MANDELLA, Marco; BRIZ, Iván; ALVAREZ, Myriam. Shell midden research: An interdisciplinary agenda for the Quaternary and Social Sciences. *Quaternary International*, n. 239, p. 147-152, 2011.
- BEOVIDE, Laura. Recursos y organización del espacio prehistórico costero en la Cuenca Inferior del Río Santa Lucía, Uruguay. In: BEOVIDE, Laura.; Barreto, Isabel; CURBELO, Carmen. *X Congreso Nacional de Arqueología Uruguaya: La arqueología uruguaya ante los desafíos del nuevo siglo*. Montevideo: [s.n.], 2001. p. 1-25.
- Animals, bones and indians: patterns of butchering process in the indigenous economy from 16 th to 18 th centuries a.d., in the “banda oriental. In: GUTIERREZ, María; MIOTTI, Laura; BARRIENTOS, Gustavo. *Taphonomy and Zooarchaeology in Argentina*. [S.l.]: British Archaeological Reports, Oxford., 2007a. p. 150-180.
- Un aporte al conocimiento del cambio climático holocénico desde la investigación arqueológica en el tramo medio del Río de la Plata (Uruguay). In: BOSSI, Jorge; ORTÍZ, Alejandra.; CRUZ, Gabriela. *Semana de reflexión sobre cambio climático y variabilidad climática*. [S.l.]: Facultad Agronomía, 2007b. p. 110-121.
- Transformaciones productivas y dinámica costera: más allá del concepto de cazadores-recolectores prehispánicos. In: LAPORTE, Juan; ARROYO, Bárbara.; MEJÍA, Héctor. *XXIII Simposio de Investigaciones Arqueológicas en Guatemala*. Guatemala: TIKAL, v. 1, 2009. p. 223-236.
- Estrategias de uso del espacio durante el holoceno medio-tardío en la Cuenca Inferior del Río Santa Lucía: Uruguay. In: COCCO, Gabriel.; FEUILLET, Rosario. *Arqueología de Cazadores Recolectores*. Santa Fe, Argentina: Centro de Estudios Panamericanos, 2010a. p. 49-63.
- La presencia humana en el curso medio del Río de la Plata (Uruguay) durante el Holoceno Medio-Reciente: una perspectiva de la continuidad y el cambio. In: BARCENA, Roberto.; CHIAVAZZA, Horacio. *XVIII Congreso Nacional de Arqueología Argentina. Arqueología Argentina en el Bicentenario de la Revolución de Mayo*. Mendoza: [s.n.], v. 1, 2010b. p. 333-338.
- La presencia de cultígenos desde el quinto milenio en el registro del curso medio Platense. In: FEUILLET, Rosario; COLASURDO, María; SARTORI, Julieta; ESCUDERO, Sandra. *Avances y Perspectivas en la Arqueología del Nordeste*. El Talar: Santísima Trinidad (ST Ser. Gráficos), 2011a. p. 155-173.
- Arqueozoología de los depósitos conchilíferos de la cuenca inferior del río Santa Lucía, Uruguay. PEDECIBA, Universidad de la República. Montevideo, p. 422. 2011b.
- Las Sociedades Prehistóricas De La Cuenca Del Río Santa Lucía: Una mirada desde la epistemología de la Complejidad. *Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano - Series Especiales*, Buenos
- BEOVIDE, Laura. Recursos asociados a la pesca y el marisqueo en las sociedades prehispanicas del Río de La Plata, Uruguay. In: *Cadernos do Lepaarq*, v. XVI, n.32., p. 55-75, Jul-Dez. 2019.

Aires, v. 1, p. 83-93, 2013a.

- Concheros en la costa uruguaya del Río de la Plata: una aproximación a la explotación y uso de moluscos por las sociedades de fines del Holoceno Medio. *Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano - Series Especiales*, Buenos Aires, v. 1, n. 1, p. 136-148, 2013b.
 - Shell middens and the use of molluscs in the Late Middle Holocene in the Rio de la Plata: an ethnoarchaeological contribution. In: SZABÓ, Katherine; DUPONT; Catherine, DIMITRIJEVIĆ; Vesna, GÓMEZ-GASTÉLUM; Luis; SERRAND, Nathalie, *Archaeomalacology: Shells in the Archaeological Record*. British Archaeological Reports, International Series, Oxford, Inglaterra, v. 1, 2014. p. 136-148.
 - Marisquear, junquear y ocupar en la costa platense uruguaya desde una perspectiva etnoarqueológica. *Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano - Series Especiales*, v. 2, n. 3, p. 231-247, 2015a.
 - Permanencia y movimiento en las sociedades del Holoceno medio y tardío, cuenca del Santa Lucía, Uruguay. *55 ICA*. El Salvador: ICA. 2015b. p. 76.
- BEOVIDE, Laura; CAMPOS, Sara. Aspectos de la recolección de recursos botánicos y líticos en el marco de los cambios costeros holocénicos de la cuenca inferior del Río Santa Lucía (Uruguay). *Actas del segundo encuentro de discusión arqueológica del nordeste argentino*. Paraná, Entre Ríos.: [s.n.]. 2007. p. 10-16.
- Interacciones entre las sociedades y las plantas durante el Holoceno medio-tardío en el área septentrional del Río de la Plata. *Revista Española de Antropología Americana*, Madrid, v. 22, n. 2, p. 575-601, 2014.
 - El manejo del entorno vegetal y cultígenos (*Zea mays l.*) en los concheros entre ca. 3.000 y 2.000 años AP. en la cuenca inferior del río Santa Lucía, Uruguay. *Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano - Series Especiales*, Buenos Aires, v. 2, n. 4, p. 56-70, 2015.
- BEOVIDE, Laura; CAMPOS, Sara; GÓMEZ, Johanna. Torteros e hilado: una aproximación al uso de fibras vegetales (*Eryngium pandanifolium*) en el Holoceno tardío, sitio Puerto la Tuna, Uruguay. *Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano - Series Especiales*; Artículo en prensa, 2019.
- BEOVIDE, Laura; GIROLDI, Alghero; NUÑEZ, Daniel; NORBIS, Walter. Historia de la explotación de los recursos pesqueros en la costa del Plata: puertos pesqueros tradicionales, arqueológicos y etnohistóricos. *Libro de Resúmenes del III NZWG*. San José, Uruguay: [s.n.]. 2017. p. 40-41.
- BEOVIDE, Laura; MARTÍNEZ, Sergio. Concheros Arqueológicos en la Costa Uruguaya: Revisión y Perspectivas. *Revista Chilena de Antropología*, n. 29, p. 26-32, 2014.
- BEOVIDE, Laura; MARTÍNEZ, Sergio; FIGUEIRO, Gonzalo. Urosalpinxhaneti (gasterópoda) como adorno funerario (ca. 900 a 500 años AP), Arazatí, costa del Río de la Plata (Uruguay). *Resúmenes III Congreso Latinoamericano de Zooarqueología*, <http://www.octeventos.com/elaz/es/>. [S.l.]: [s.n.]. 2015.
- BEOVIDE, Laura; MARTÍNEZ, Sergio; LORENZO, Marco. Elaboración de adornos sobre materiales conchiliológicos recuperados en sitios arqueológicos (ca. 3000 a 400 años AP) de la costa del Río de la Plata. Aportes experimentales. *Archaeofauna*, n. 28, p. 141-156, 2019.
- BEOVIDE, Laura; MARTÍNEZ, Sergio; NORBIS, Walter. Etnobiología de Erodnamactroides (Mollusca, Bivalvia): análisis espacial y tafonómico de concheros actuales. *Etnobiología*, México, v. 12, n. 2, p. 5-20, 2014.
- Discriminación Entre Acumulaciones De Moluscos Naturales, Antrópicas Modernas y Arqueológicas, Constituidas por las Mismas Especies. *Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano - Series*

Especiales, v. 2, n. 4, p. 21-37, 2015.

- Space Use Patterns and Resource Exploitation Of Shell Middens from the Río de la Plata Coast (Ca. 6,000 to 2,000 Year BP), Uruguay. In: MONDINI, Mariana; MUÑOZ, Sebastian; FERNANDEZ, Pablo. *Zooarchaeology in the Neotropics Environmental Diversity and Human-Animal Interactions*. [S.l.]: SPRINGER, v. 5, 2017. p. 81-103.
- BEOVIDE, Laura; MATA, Virginia; CAMPOS, Sara. Los artefactos de molienda en la ocupación humana de la cuenca inferior del Río Santa Lucía durante dos eventos transgresivos holocénicos. *Actas del XVI Congreso Nacional de Arqueología Argentina*. Jujuy: [s.n.]. 2007. p. 151-155.
- BEOVIDE, Laura; OPERTI, Fabiana. Uso de la fauna al momento del contacto hispano-indígena en el Río de la Plata: un aporte arqueozoológico y etnohistórico. *Revista Chilena de Antropología*, v. 30, p. 136-141, 2015.
- BINFORD, Lewis. Willow Smoke and Dog`s Tails: Hunter-gatherer Settlement Systems and Archaeological Site Formation. *American Antiquity*, n. 45, p. 4-20, 1980.
- BONOMO, Mariano; CAPELETTI, Luis. Uso prehispánico de las palmeras *Syagrus romanzoffiana* y *Butia yatay* en el Nordeste argentino: aportes desde la etnografía y la biometría. *Revista del Museo de Antropología*, v. 7, n. 2, p. 227-234, 2014.
- BORRERO, Luis; LANATA, Luis. Arqueología espacial en Patagonia: nuestra perspectiva. In: BORRERO, Luis.; LANATA, Luis. *Análisis Espacial en la Arqueología Patagónica*. Buenos Aires: Ayllu, 1992. p. 149-161.
- BRACCO, Roberto; GARCIA, Felipe; INDA, Hugo; DEL PUERTO, Laura; CASTIÑEIRA, Carola; PANARIO, Daniel. Niveles relativos del mar durante el Pleistoceno final-Holoceno en la costa de Uruguay. In: GARCÍA, Felipe, (ED); *El Holoceno en la zona costera de Uruguay*. Montevideo: UDELAR, 2011. p. 65-92.
- BRACCO, Roberto; DEL PUERTO, Laura; INDA, Hugo. Prehistoria y Arqueología de la Cuenca de Laguna Merín. In: LOPONTE, Daniel; ACOSTA, Alejandro. *Entre la tierra y el agua. Arqueología de humedales de Sudamérica*. Buenos Aires: [s.n.], 2008. p. 1-59.
- BRACCO, Roberto; FREGEIRO, María; PANARELLO, Héctor; ONDINO, Rosario; SOUTO, Beatriz. Dieta, Modos de Producción de Alimentos y Complejidad. In: DURAN, Alicia; BRACCO, Roberto, *Arqueología de las Tierras Bajas*, Montevideo: Ministerio de Educación y Cultura, 2000, p. 227-249.
- BUC, Natacha. Explorando la variabilidad de la tecnología ósea a lo largo de la cuenca inferior del río Paraná. *Pesquisas, Antropología*, São Leopoldo, n. 68, p. 133-166, 2010.
- CAPDEPONT, Irina; CASTIÑEIRA, Carola; DEL PUERTO, Laura; FERNANDEZ, Gabriela. Desarrollo de las ocupaciones humanas durante el Holoceno en la cuenca de la Laguna de Castillos (Uruguay): síntesis y actualización de las investigaciones arqueológicas. *Tessituras, Pelotas, Brasil*, v. 4, n. 1, p. 53-93, 2016.
- CAPORALE, Marcela; SILVEIRA, Mariana; LEMOS, Javier; BAEZA, Jorge; RODRIGUEZ, Osvaldo. Revalorización del Patrimonio Arqueológico del Ecoparque del Humedal del Arroyo Maldonado (Dpto. Maldonado-Uruguay). *Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano- Series Especiales*, Buenos Aires, v. 2, n. 3, p. 163-176, 2015.
- CARRERE, Eduardo. *El bosque natural uruguayo: utilización tradicional y usos alternativos*. Serie "Investigaciones" de CIEDUR, Montevideo, n. 79, 1990.
- CAVALLOTTO, Luis; VIOLANTE, Roberto; PARKER, Gerardo. Sea-level fluctuations during the 8600 yr in the la Plata River (Argentina). *Quaternary International*, n. 114, p. 155-165, 2004.
- CLEMENTE, Ignacio; MORENO, Federica; LOPEZ, J.; CABRERA, Leonel. Manufactura y uso de instrumentos en hueso
- BEOVIDE, Laura. Recursos asociados a la pesca y el marisqueo en las sociedades prehispanicas del Río de La Plata, Uruguay. In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 55-75, Jul-Dez. 2019.*

- en sitios prehistóricos del este de Uruguay. *Revista Atlántica-Mediterránea de Prehistoria y Arqueología Social*, n. 12, p. 75-93, 2010.
- DE BLASIS, Paulo; KNEIP, Andreas; SCHEEL-YBERT, Rita; GIANNINI, Paulo; GASPAR, María. Sambaquis e Paisagem dinâmica natural e Arqueologia regional no litoral do sul do Brasil. *Arqueología Suramericana*, v. 1, n. 3, p. 29-61, 2007.
- ERLANDSON, Jon. The archaeology of aquatic adaptations: paradigms for a New Millennium. *Journal of Archaeological Research*, v. 9, n. 4, p. 287-350, 2001.
- GAMBLE, Clive. *Arqueología básica*. Barcelona: Ariel, 2002.
- GONZALEZ-BERNALDEZ, Fernando. *Los paisajes del agua: terminología popular de los humedales*. Madrid: J. M. Reyero, 1992.
- INDA, H., DEL PUERTO, Laura; CASTIÑEIRA, Carola; CAPDEPONT, Irina; GASCUE, Andrés, BAEZA, Jorge. Relación hombre-ambiente para la costa estuarina y oceánica de Uruguay durante el Holoceno. Reflexiones y perspectivas. In: GARCÍA, Felipe. *El Holoceno en la zona costera de Uruguay*. Montevideo: UDELAR, 2011. p. 229-260.
- IRIARTE, José. Vegetation and climate change since 14,810 14C yr B.P. in southeastern Uruguay and implications for the rise of early Formative societies. *Quaternary Research*, n. 65, p. 20-32, 2006.
- LOPES DE SOUZA, Pero. Diario de Navegación (1530-1532). In: ARREDONDO, Horacio. *Apartado de la Revista de la Sociedad de Amigos de la Arqueología*. Montevideo: Siglo Ilustrado, 1958. p. 134-140.
- MALÁN, Maira; Vallvé, Elena; Malvar, Ana; CAMPOS, Sara. Sobre vasijas y sus decoraciones: un acercamiento a sus funciones y usos. *Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano*, Buenos Aires, v. 12, p. 61-71, 2013.
- MARTÍNEZ, Sergio; ROJAS, Alejandra. Relative sea level during the Holocene in Uruguay. *Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology*, v. 374, p. 123-131, 2013.
- Comments to 'A reply to "Relative sea level during the Holocene in Uruguay"' by Bracco et al. (2013). *Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology*, n. 401, p. 171-172, 2014.
- MELGAR, Emiliano. La tecnología marítima prehispánica en los contactos intraoceánicos Andes-Mesoamérica. *Dimensión Antropológica*, v. 17, n. 7, p. 7-35, 1999.
- Los mayas y el mar. Arqueología marítima en Chetumal. Mexico DF: Publidisa Mexicana, 2012.
- METRAUX, Alfred. Ethnography of the Chaco. In: STEWARD, Julian. *Handbook of South American Indians*. Washington: Smithsonian Institution, 1946. p. 197-370.
- MUSALI, Javier. *EL rol de la pesca entre los grupos humanos de la baja cuenca del Plata. Ictioarqueología de conjuntos prehispánicos del Holoceno tardío en el humedal del río Paraná inferior*. Tesis doctoral. Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires. [S.l.]. 2010.
- NELSON, Margaret. The study of technological organization. *Archeological Method and Theory*, v. 3, p. 57-100, 1991.
- NION, Heber; RÍOS, Carlos; MENESES, Pablo. *Peces del Uruguay. Lista sistemática y nombres comunes*. Segunda. ed. Montevideo: [s.n.], v. 1, 2002. Acceso em: 2019.
- PINTOS, Sebastián. Puntas, puntos y apuntes, acerca de la industria ósea en la R.O.U. In: ARQUEOLOGÍA, A. U. D. *IX Congreso Nacional De Arqueología Uruguaya. Arqueología del Uruguay hacia fin del milenio*. Montevideo: Gráficos del Sur, v. 1, 2001. p. 223-239.
- POLITIS, Gustavo; MASSINEO, Pablo.; KAUFMANN, Cristian. El poblamiento temprano de las llanuras pampeanas de
- BEOVIDE, Laura. Recursos asociados a la pesca y el marisqueo en las sociedades prehispanicas del Río de La Plata, Uruguay. In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 55-75, Jul-Dez. 2019.*

- Argentina y Uruguay. *Complutum*, n. 15, p. 207-224, 2004.
- PRATES, Luciano; BONOMO, Mariano. Los ambientes acuáticos en arqueología. *Arqueología, Dossier*, v. 3, n. 23, p. 11-33, 2017.
- SABAJ, Viveca. *Extracción de “Juncos” Schoenoplectus californicus en el Área Protegida Humedales del Santa Lucía (Uruguay): Contexto Ecológico, Socioespacial y Perspectivas de Manejo Sustentable*. Tesis de Maestría en Ciencias Ambientales. Facultad de Ciencias, UDELAR. Montevideo. 2011.
- SACCONI, Elena. Navegando entre sambaquís: evidencias del uso de embarcaciones entre las sociedades constructoras de concheros. *Cadernos Lepaarq*, v. XIV, n. 28, p. 18-36, 2017.
- SCARABINO, Fabrizio; ZAFFARONI, Juan; CARRANZA, Alvar; CLAVIJO, Cristhian; NIN, Mariana. Gasterópodos marinos y estuarinos de la costa uruguaya: faunística, distribución, taxonomía y conservación. In: MENAFRA, Rodrigo; RODRIGUEZ, Lorena; SCARABINO, Fabrizio; CONDE, Daniel, *Bases para la conservación y el manejo de la costa uruguaya*. [S.l.]: Vida Silvestre, 2006a. p. 143-157.
- SCARABINO, Fabrizio; ZAFFARONI, Juan; CLAVIJO, Cristhian; CARRANZA, Alvar; NIN, Mariana. Bivalvos marinos y estuarinos de la costa uruguaya: faunística, distribución, taxonomía y conservación. In: MENAFRA, Rodrigo; RODRIGUEZ, Lorena; SCARABINO, Fabrizio; CONDE MENAFRA, Rodrigo; RODRIGUEZ, Lorena; SCARABINO, Fabrizio; CONDE, *Bases para la conservación y el manejo de la costa uruguaya*. [S.l.]: Vida Silvestre, 2006b. p. 157-171.
- SCARPA, Gustavo. Plantas asociadas a la pesca y a sus recursos por los Indígenas Chorote del Chaco Semiárido (Argentina). *Boletín de la Sociedad Argentina de Botánica*, v. 42, n. 3-4, p. 333-345, 2007.
- SCHMIDL, Ulrico. *Viaje al Río de la Plata (1534-1554)*. Editorial Aguilar. Edited by María Moliner. Vol. 4. Madrid: Biblioteca Indiana «Viaje por América del Sur, 1962.
- SEPP, Antonio. *Relación de viaje a las misiones jesuíticas*. [S.l.]: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1971.
- SUAREZ, Lourdes; VELAZQUEZ, Adrián. *Ecós del Pasado: los moluscos arqueológicos de México*. México. México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, Colección Científica 572, 2010.
- SUAREZ, Rafael. The human colonization of the Southeast Plains of South America: Climatic conditions, technological innovations and the peopling of Uruguay and south of Brazil. *Quaternary International*, n. 431, p. 181-193, 2017.
- TELLECHEA, Javier; NORBIS, Walter; OLSSON, Daniela; FINE, Michael. Calls of the Black Drum (Pogonias cromis: Sciaenidae): Geographical Differences in Sound Production between Northern and Southern Hemisphere Populations. *Journal of Experimental Zoology Part A: Ecological Genetics and Physiology*, v. 315, p. 48-55, 2011.
- VALLVÉ, Elena; MALÁN, Maira; MALVAR, Ana. Zigzagueando entre La Tuna y Arazatí: vinculaciones decorativas entre dos sitios cerámicos con actividades funerarias. In: BARCENA, Rodrigo; CHIAVAZZA, Horacio. *Arqueología Argentina en el Bicentenario de la Revolución de Mayo*. Mendoza: [s.n.], 2010. p. 175-180.
- Rastros de Comunicación: una lectura actualizada de las pinturas de Colonia Quevedo y Sierra de Mahoma. *Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano*, v. 2, n. 3, p. 287-302, 2015.
- VAZ-FERREIRA, Raúl. *Peces del Uruguay*. [S.l.]: Nuestra Tierra, v. 23, 1969.
- WASELKOVA, Gregory. Shellfish gathering and shell midden archaeology. *Advances in archeological method and theory*, San Diego, n. 10, p. 93-210, 1987.
- WELLS, Peter; DABRON, Graham. *El Río de la Plata una revisión ambiental*. Nueva Escocia, Canadá. 1998.
- YESNER, David. Maritime hunter-gatherer ecology and prehistory. *Current Anthropology*, v. 2, n. 6, p. 727-751, 1980.
- BEOVIDE, Laura. Recursos asociados a la pesca y el marisqueo en las sociedades prehispanicas del Río de La Plata, Uruguay. In: *Cadernos do Lepaarq*, v. XVI, n.32., p. 55-75, Jul-Dez. 2019.

**LA PESCA Y LA RECOLECCIÓN DE MOLUSCOS: ALGUNOS COMENTARIOS CON
BASE A INFORMACIÓN ETNOHISTÓRICA Y LA ARQUEOFAUNA DE CUATRO
SITIOS ARQUEOLÓGICOS EN LA REGIÓN CARIBE COLOMBIANA**

*FISHING AND SHELLFISH: SOME COMMENTS BASED ON ETHNOHISTORICAL
INFORMATION AND THE ARQUEOFAUNA OF FOUR ARCHAEOLOGICAL SITES ON
THE COLOMBIAN CARIBBEAN REGION*

*A PESCA E A COLETA DE MOLUSCOS: ALGUNS COMENTÁRIOS COM BASE EM
INFORMAÇÃO ETNOHISTÓRICA E ARQUEOFAUNA DE QUATRO SÍTIOS ARQUE-
OLÓGICOS NA REGIÃO CARIBE-COLOMBIANA*

Diana Rocío Carvajal Contreras

Como citar este artigo:

CARVAJAL CONTRERAS, Diana Rocío. *La Pesca y la Recolección de Moluscos: Algunos comentarios con base a Información Etnohistórica y la Arqueofauna de cuatro sitios Arqueológicos en la Región Caribe Colombiana*. In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 76-105, Jul-Dez. 2019.

Recebido em: 06/09/2019

Aprovado em: 28/10/2019

Publicado em: 15/12/2019

ISSN 2316 8412



La Pesca y la Recolección de Moluscos: Algunos comentarios con base a Información Ethnohistórica y la Arqueofauna de cuatro sitios Arqueológicos en la Región Caribe Colombiana

Diana Rocío Carvajal Contreras^a

Resumen: Este artículo revisa la información existente sobre la pesca y recolección de moluscos en tiempos precolombinos en cuatro sitios del Caribe colombiano. A través de datos ethnohistóricos y arqueológicos sobre el uso de los recursos acuáticos, se sugiere que las poblaciones humanas se han adaptado a distintos ambientes. Los recursos se obtenían en ambientes cercanos a la costa como manglares, fangos arenosos, playas arenosas de aguas turbias, aguas salobres y ciénagas. No se registran artefactos asociados a la pesca o recolección de moluscos. Por consiguiente, el uso de arqueofaunas junto con el mejoramiento de las colecciones de referencia permitirán en un futuro una mejor aproximación a las condiciones ambientales, climáticas y al estudio de la cultura de los grupos humanos que habitaron el Caribe colombiano desde hace 5000 años.

Abstract: This article reviews existing information on the fishing and harvesting of molluscs in Pre-Columbian times in four sites on the Colombian Caribbean. Through ethnohistorical and archaeological data on the use of aquatic resources, it is suggested that human populations have adapted to different environments. The resources were obtained in environments near the coast such as mangroves, sandy mud, and sandy beaches of murky waters, brackish water and marshes. There are no artifacts associated with fishing or shellfish collection. Therefore, the use of archeofaunas together with the improvement of reference collections allow a better approximation to the environmental and climatic conditions and to the study of the culture of the human groups that inhabited the Colombian Caribe for 5000 years.

Resumo: Este artigo revisa informações existentes sobre a pesca e a colheita de moluscos em épocas pré-colombianas em quatro locais no Caribe colombiano. Através de dados etno-históricos e arqueológicos sobre o uso de recursos aquáticos, sugere-se que as populações humanas se adaptaram a diferentes ambientes. Os recursos foram obtidos em ambientes próximos ao litoral, como manguezais, lama arenosa, praias arenosas com águas turvas, águas salobras e brejos. Não há artefatos associados à pesca ou coleta de moluscos. Portanto, o uso da arqueofauna aliado à melhoria das coleções de referência permite uma melhor aproximação às condições ambientais e climáticas e ao estudo da cultura dos grupos humanos que habitaram o Caribe colombiano por 5000 anos.

Palavras Chave:

Caribe, Arqueología, Moluscos, Peces, Colombia

Keywords:

Caribbean, Archaeology, Mollusks, Fish, Colombia

Keywords:

Caribe, Arqueologia, Moluscos, Peixes, Colômbia

^a *Docente-Investigadora. Facultad de Estudios de Patrimonio, carrera de Arqueología. Universidad Externado de Colombia, Colômbia . E-mail: diana.carvajal@uexternado.edu.co / diacarco@hotmail.com*

El financiamiento de esta investigación fue proporcionada por un incentivo de Investigación otorgado por el Instituto Colombiano de Antropología e Historia –ICANH- 2011-2012 y las becas 2014 y 2018 de investigación otorgadas por la Fundación de Investigaciones Arqueológicas Nacionales (FIAN)

INTRODUCCIÓN

Son varias las discusiones en torno al uso de los recursos ictiológicos y malacológicos en tiempos precolombinos, en cuanto a su aporte en grasas y proteínas a la dieta de las poblaciones humanas (Erlandson, 2001; Leach, 2006; Osborn, 1977; Sauer, 1966). Los recursos animales acuáticos han sido importantes desde el Pleistoceno jugando un rol importante en el proceso de hominización, siendo considerados posteriormente un factor determinante en la sedentarización y surgimiento de la desigualdad de las sociedades (BEAREZ, 1996; BRYAN Y GRUHN 1993; CARNEIRO, 1995; DRENNAN, 1996; JOORDENS ET AL., 2014; LANGEBAEK Y DEVER 2000; LLERAS, 2002; OYUELA, 1987, 1996; OYUELA Y BONZANI 2005; SANDWEISS ET AL., 1998; STAHL Y OYUELA 2007; STOTHERT 1985).

Los estudios cuantitativos de los restos de fauna en la región del Caribe Colombiano son pocos y en su mayoría los análisis son realizados por zoólogos con o sin colecciones de referencia, y sin una perspectiva antropológica (ARCHILA, 1993; ARDILA, 1996; GONZÁLEZ 2009; LOZANO 2014; MURDY, 1986; PEÑA, 2010). Se ha enfatizado en la necesidad de mejorar las colecciones de referencia, las técnicas de recuperación y la investigación en un marco interdisciplinario lo que permite mejores interpretaciones sobre los modos en que las poblaciones pretéritas seleccionaban dichos recursos y como los mismos fueron capturados (COOKE Y JIMÉNEZ 2004; RAMOS, 2019; WAKE, 2004).

Para el Caribe colombiano, hay una gran variedad de registros escritos europeos a partir del siglo XVI sobre el modo de vida de las poblaciones indígenas pero, la información sobre el uso de recursos animales en el área, las técnicas de pesca o recolección de moluscos y las especies capturadas por las poblaciones precolombinas es muy escasa (DE CASTELLANOS, 2004; DE LAS CASAS, 1875; ELVAS, 2008; FERNÁNDEZ DE OVIEDO, 1535; PATIÑO, 1990; SIMÓN, 1892; TOVAR 1994, 1995).

El propósito de este artículo es resumir la información etnohistórica y arqueológica sobre el uso de los recursos acuáticos por poblaciones humanas en la región caribe colombiana a partir de investigaciones zooarqueológicas preliminares de cuatro sitios localizados en la Bahía de Cartagena, la Bahía de Barbacoas y el Canal del Dique.

Información medioambiental

Los limitados estudios paleoambientales en la zona comprendida entre la Bahía de Barbacoas, Bahía de Cartagena y Canal del Dique (ARCHILA, 1993; BETANCOURT ,2003; VAN ANDEL, 1989; OYUELA 1987, 1996; OYUELA Y RODRÍGUEZ 1995), indican cambios en la geomorfología costera, el sistema lagunar y el cauce del río Magdalena a nivel regional. Se ha sugerido que esos cambios desde hace 14.000 años, están relacionados con nuevos regímenes climáticos, cambios en el nivel del mar y la alternancia de periodos secos y húmedos. Los últimos 3.000 años presentan temperaturas y niveles similares a las condiciones actuales. Estos cambios obviamente, limitaron el acceso a las poblaciones prehispanicas de los diversos recursos acuáticos e influyeron en la localización, distribución y visibilidad de los sitios arqueológicos. Son necesarios más estudios a nivel local, dado que la situación en diferentes puntos del Caribe demuestra que estas oscilaciones en el nivel del mar y las temperaturas no son un patrón general (TOSCANO, PELTIER, DRUMMOND 2011).

En la zona de estudio se destaca el Canal del Dique, obra construida en el siglo XVI, que modifica y utiliza un antiguo brazo del río Magdalena para conectar este con el sistema de ciénagas y dar una salida al mar (Figura 1). Tiene una longitud de 115 Km entre Calamar y su desembocadura en la bahía de Cartagena. A través de los caños Correa, Matunilla

y Lequerica, presenta desembocaduras hacia mar abierto en la bahía de Barbacoas. Ecológicamente presentan ambientes salobres, manglares, estuarios, ciénagas y zonas fangosas de arenas mixtas (CARVAJAL, 2013a, b).

La fauna es muy diversa, en particular la ictiofauna y la malacofauna de la ecorregión del Magdalena, donde hay un mosaico de hábitats en los sistemas lagunares costeros y/o estuarios como la Bahía de Barbacoa y la Bahía de Cartagena y bajo Canal del Dique. Esta región se caracteriza por su alta productividad primaria y representa un gran potencial de recursos en particular para la pesquería artesanal y obtención de moluscos (DÍAZ Y PUYANA 1994; JIMÉNEZ, 2008; LINARES Y VERA 2012; RODRÍGUEZ, 1993). Por ejemplo, las especies de peces reportadas en el gran Caribe comprenden al menos 1500 especies, de estas al menos 40 son consideradas especies de importancia económica en la actualidad (CERVIGON, 1991; ROBERTSON Y VAN TASSELL 2012; RODRÍGUEZ, 1993).

CONSIDERACIONES METODOLÓGICAS

Para documentar la pesca y explotación de moluscos y los sitios de su explotación en tiempos prehispánicos, este artículo integra información arqueológica de cuatro sitios arqueológicos en la Bahía de Barbacoas, el Canal del Dique y la Bahía de Cartagena en los que se documentó el uso de recursos acuáticos animales: Puerto Hormiga, Monsú, Islita del Pozón y Leticia con fechas entre el 3500 a. C y el siglo XII (Figura 1). En estos sitios los restos de animales fueron preparados utilizando tamices de aluminio de 1/8 de pulgada y 1/16 de pulgada. Los huesos que cayeron en la malla de 1/8 de pulgada y 1/16 pulgada se recogieron; los sedimentos que cayeron bajo la malla de 1/16 pulgada se guardaron.

Luego en el laboratorio en la Universidad Externado, la tarea consistió en separar en seco de estos sedimentos el material cultural y el material orgánico de los sedimentos recogidos bajo la malla de 1/16 pulgada. Las muestras de restos faunísticos que se presentan preliminarmente en este documento corresponden a la malla de 1/8 de pulgada y se cuantificaron utilizando el número de restos identificados (NISP). La identificación taxonómica se realizó utilizando la colección de referencia de la Universidad Externado o bibliografía biológica relevante (DÍAZ Y PUYANA 1994; REITZ Y WING 1999).

Como complemento a la información arqueológica, se revisó la información documental sobre la explotación de los recursos acuáticos para la región caribe. Inicialmente se revisó la obra de Victor Manuel Patiño titulada Historia de la cultura material en la América equinoccial I. Alimentación y alimentos (1990), donde compila referencias sobre peces, moluscos, crustáceos. Sin embargo, dichas referencias son generales a los territorios de las Antillas, Colombia, Panamá y Ecuador. Por lo tanto, se revisó la documentación publicada sobre las crónicas del siglo XVI como Gonzalo Fernández de Oviedo, Pedro Cieza de León, Pascual de Andagoya, Fray Pedro Simón, Girolamo Benzoni y Juan de Castellanos en la que se recogen los testimonios tempranos sobre actividades de pesca y recolección de moluscos que incluye menciones de la antigua Provincia de Cartagena que comprendía la Bahía de Cartagena, Bahía de Barbacoas, Isla Barú, el Canal del Dique y Montes de María (Figura 1). Con el propósito de ampliar las búsqueda, se utilizaron documentos posteriores de la Historia de Cartagena que mencionaban datos sobre prácticas pesqueras del siglo XVI en la Ciénaga de Tesca (URUETA, 1887), así como los textos de Hermes Tovar (1994, 1995) sobre el siglo XVI que incluyen relaciones y descripciones de la Provincia de Santa Marta y Provincia de Cartagena donde se menciona el Canal del Dique, la Bahía de Cartagena, la Bahía de Barbacoas, Canapote, Mompo y el este del río Magdalena y una serie de ciénagas entre los departamentos de Bolívar y Magdalena.

Los datos etnohistóricos

Las crónicas españolas que cuentan las expediciones de Juan de la Cosa y Rodrigo de Bastidas, son muy escuetas en torno a las condiciones ecológicas y las estrategias de subsistencia de las poblaciones indígenas (calamares, urabaes, malibués, macanaés y urbacos) en inmediaciones del Canal del Dique, la Bahía de Cartagena y la Bahía de Barbacoa durante el siglo XVI. La isla de Barú (Puirex), la ciénaga de Tesca y el río Magdalena, así como las Bahía de Cartagena, son las locaciones más reportadas en las crónicas españolas (CIEZA DE LEÓN, 2005; DE CASTELLANOS, 2004; TOVAR 1994; URUETA, 1887), son pocas las descripciones de los recursos acuáticos, pero es más mencionada el área como terreno de caza de esclavos para las Antillas y descripciones de viajes de comercio (MELO, 1996).

Notable excepción son las descripciones naturalistas de Gonzalo Fernández de Oviedo. Este autor relata profusamente el uso de los recursos animales y vegetales por parte de los indígenas. Lamentablemente sus descripciones son muy generales del Caribe, limitándose a las prácticas y ambientes de las Antillas (ELVÁS, 2008). A continuación, resumiremos la información disponible según los sitios explotados, las especies acuáticas seleccionadas y las técnicas empleadas para su obtención y preparación por parte de las poblaciones prehispánicas del área.

Los sitios explotados

Tovar (1994) indica que en las tierras bajas tropicales de esta zona del Caribe se forman lagunas por las lluvias de invierno y son disponibles para la pesca en canoas. No obstante, las crónicas mencionan que los indígenas pescaban en inmediaciones del río Magdalena durante la estación seca: son las dichas lagunas abundantísimas de pescado que es el sustento ordinario de los yndios, porque carne no la comen todos generalmente sino son aquellos criados entre españoles. Recógese el dicho río grande en los dichos veranos y así las lagunas vienen a ser menores, máximamente en **diziembre y enero, febrero y março**, que quedan tan secas que fácilmente se anda a caballo y a pie todo aquello que en su creciente bañan y ahí se apacientan ganados; y estando los yviernos tan crecidas que caminando por ellas en canoas... (TOVAR, 1994, p.292)

No se especifica los ambientes explotados en inmediaciones a la costa, la ciénaga de Tesca, la bahía de Barbacoas, la Bahía de Cartagena o en las Isla Barú o Isla Fuerte, pero se menciona que los indígenas eran pescadores que obtenían abundantes recursos. Se menciona que en las costas se extraía sal para preservar los pescados y para su intercambio (Andagoya, 1865, p. 2, 80; Benzoni, 1857, p. 108). En otras locaciones en cercanías a Cartagena, son pocas las menciones de explotación de recursos pesqueros y extracción de moluscos. Fuera del área de estudio hacia la península de la Guajira, se describe la explotación perlífera, la obtención de langostas, y camarones así como de la explotación de moluscos u otros invertebrados (ANDAGOYA, 1865; BENZONI, 1857; DE CASTELLANOS, 2004; ELVÁS, 2008; FERNÁNDEZ DE OVIEDO, 1535; PATIÑO, 1990; SIMÓN, 1892; TOVAR, 1994).

Las especies seleccionadas

En las ciénagas, lagunas y en las fuentes de aguadulce como el río Magdalena principalmente, las crónicas mencionan diversidad de géneros de peces como las doncellas, las corvinas, bagres y bocachicos que explotaban los indígenas en grandes cantidades junto con mamíferos como el manatí, y reptiles como los caimanes, la hicotéa y la iguana (ANDAGOYA, 1865,

p. 80; BENZONI, 1857, p.108; DE CASTELLANOS, 2004, p. 368; CARVAJAL, 2014; PATIÑO, 1990; SIMÓN, 1892, p. 294; TOVAR, 1994, p. 330, 343, 369, 429-430):

Ay muchos géneros de pescados en este río de muchas maneras, ay unos que llaman donzellas que es un pescado que no tiene escama, es muy delicado de bueno, ay otros que se llaman corbinatas y bagres y boquichicos y otros muchos generos (TOVAR 1994, p.343). Son pocas las menciones de las especies de peces o moluscos en la costa, salvo las menciones que hace Fernández de Oviedo en las Antillas (1535) sobre el tiburón, el pez volador, la vihuela, las sardinas, las morrajas, los jureles, las palometas y los dorados (ELVÁS, 2008).

Técnicas empleadas para la obtención y preparación de peces y moluscos

Tanto en la costa como en las ciénagas y lagunas, los cronistas mencionan que los indígenas se transportaban en canoas. Como se indicó arriba, no se menciona la extracción de los moluscos salvo la explotación de la ostra perlífera en la península de la Guajira que se realizaba en parejas, generalmente por hombres jóvenes, cuando el agua estaba clara (estación seca) desde la mañana hasta antes del atardecer. Buceaban por las ostras hasta llenar el trasmallo o nasa, abriendo los moluscos en la canoa y dejandolos secar al sol. No se menciona con que artefacto abrían las ostras (ELVÁS, 2008; FERNÁNDEZ DE OVIEDO, 1535; GONZÁLEZ 2004; PATIÑO, 1990; TOVAR, 1994).

Las crónicas mencionan que para obtener pescado y camarones, los indígenas utilizaban redes elaboradas a partir de algodón, cañas, atarrayas, así como pesas, arpones, y anzuelos en materiales perecederos, además de utilizar la sal, el sol y las barbacoas para la preservación de la carne (FERNÁNDEZ DE OVIEDO, 1535; PATIÑO, 1990; URUETA, 1887: 186). Por ejemplo, Fray Pedro Simón menciona para la ciudad de Mompox en el mismo departamento que Cartagena de Indias, pero ubicado a orillas del río Magdalena la explotación de la doncella con anzuelos nutría los mercados cartageneros de manera preservada:

Son innumerables las especies de pescados que abriga en sus turbias aguas este río, que por ser turbias les dan menor defensa, pues río turbio, ganancia de pescadores; de los menudos son menos conocidos, pero de los mayores se alzan con la excelencia los que llaman doncellas, que pocos se hallan fuera del término de Mompox; pienso son los mejores, más sanos y sabrosos que se han hallado en estas Indias, en especial salpresa de un día para otro; **sécanlos con sal y al sol**, y no es pequeña la cantidad que así goza la ciudad de Cartagena y Santafé; cógense en raudales con **anzuelos** (FRAY PEDRO SIMÓN, 1892, p. 294).

De las Casas (1875, p.19) menciona que los indígenas utilizaban una planta venenosa durante la batalla, “dijimos, las gentes de por allí habían por esta causa descalabrado y muerto algunos de los nuestros, porque **tenían hierba ponzoñosa y brava**”, pero no se menciona su uso para pescar como en otras regiones de las Américas tanto en pesca marina como en agua dulce (BEAREZ, 1998; COOKE Y JIMÉNEZ 2008).

En síntesis, las fuentes etnohistóricas para la región caribe entre las Bahías de Barbacoas, Cartagena y el canal del Dique, sugieren que la pesca y recolección de moluscos es una actividad de verano que se hace en ambientes cercanos a la costa y en agua dulce, no son muy específicas con relación a las especies. Las artes de pesca son una actividad masculina, aunque no se puede generalizar; si era una actividad individual y/o colectiva, como tampoco los métodos de preservación y/o consumo. Cabe destacar además que el río Magdalena era la fuente de pescados salados para ciudades como Cartagena o Santafé de Bogotá (COLÓN, 1892; COOKE, 2009; FERNÁNDEZ DE OVIEDO, 1535; PATIÑO, 1990; TOVAR, 1994).

El contexto de la información arqueológica

A continuación, se mencionará la información arqueológica de los cuatro sitios investigados: Puerto Hormiga, Monsú, Islita del Pozón y Leticia con fechas entre el 3500 a. C y el siglo XII y se relacionará con algunas investigaciones en el Caribe colombiano contemporáneos o con arqueofaunas similares. En un marco regional, las primeras investigaciones en Puerto Hormiga fueron llevadas a cabo por Gerardo y Alicia Reichel- Dolmatoff (1961) (Figura 1). Este sitio incluye una de las cerámicas más antiguas del norte de Colombia. Los depósitos fueron interpretados como un conchero ocupado por temporadas y donde se inició la vida sedentaria a expensas de los abundantes recursos estuarinos y costeros en sus vecindades (REICHEL-DOLMATOFF 1965). En los años subsiguientes, este investigador y otros arqueólogos identificaron otros sitios tempranos tanto concheros como otro tipo de sitios: Bucarelia (REICHEL- DOLMATOFF 1965), Monsú (REICHEL- DOLMATOFF 1985), Puerto Chacho (LEGROS 1992) Canapote y Barlovento (BISHOF, 1966; 1972; REICHEL- DOLMATOFF, 1955; REICHEL- DOLMATOFF Y DUSSAN 1955, 1958). La arqueofauna de estos y otros sitios del Caribe colombiano como Estorbo, Cangarú y San Ramón, demostraron que las poblaciones humanas aprovechaban locaciones ubicadas en zonas de abundantes recursos estuarinos, fluviales y costeros eran ocupaciones de corto plazo afectados por las cambiantes condiciones geomorfológicas y que seguramente explicarían la preeminencia de la Costa Caribe en los procesos de cambio cultural (ARCHILA, 1993; ARDILA, 1996; MURDY 1986; OYUELA Y RODRÍGUEZ 1995; SANTOS, 1986) (Tabla 1 y 2).

Sitios no costeros con cerámica temprana como San Jacinto I, San Jacinto II, Momil (Reichel-Dolmatoff 1956, 1974), Punta de Pájaro (LOZANO, 2014) y Punta Polonia (2003) desvirtuaron que la subsistencia se centraba solo en recursos marinos. En el caso de los sitios San Jacinto, estos corresponden a campamentos de propósito específico fueron ocupados estacionalmente para recolectar y procesar plantas como el arruruz (*Marantha arundianacea*) y explotar recursos animales en cercanías al sitio (OYUELA Y BONZANNI 2005; STAHL Y OYUELA 2007). Plazas y Falchetti (1986) también identificaron un sitio en el interior (El Pozón) sobre el borde de la Depresión Momposina, al igual que numerosas investigaciones en el bajo Magdalena (LANGEBAEK Y DEVER 2000), en la ciénaga de Guájaro en sitios de l Formativo Tardío como Malambo (ANGULO, 1981), Cecilio, Tasajeras, Palmira y los Jagueyes (ANGULO, 1978) y Rotinent que demuestran el uso de recursos animales acuáticos en diversos hábitats (ANGULO, 1988; LOZANO, 2014). Betancourt (2003) identificó sobre la margen oriental de la ciénaga de Guájaro el sitio arqueológico de Punta Polonia. Este sitio documentó un cambio climático alrededor del 3.600 y 3.700 a.P. En contextos posteriores al Formativo se han hecho análisis zooarqueológicos y cuantitativos preliminares como en el caso del Sitio San Pedro en la depresión Momposina donde la mayor parte de la fauna corresponde a peces de la orden Siluriformes y Perciformes y esta asociada a plataformas de vivienda, canales de drenaje y camellones (FLÓREZ, 2018), en el caso de Tubará (RAMOS Y ARCHILA 2008), los análisis zooarqueológicos indican que la mayor restos de vertebrados corresponden a especies dulceacuícolas como bagre rayado y bocachico y en menor medida especies marinas como el jurel, la mojarra, pez aguja y la barracuda.

Para contextualizar la información en términos de especies explotadas se compiló la tabla 1 con la información de peces y la tabla 2 con los datos de restos de moluscos en algunos sitios del Caribe colombiano desde el 5000 a.P. hasta el siglo XIII. Se nota la diversidad de taxones en las muestras arqueoiictológicas en cuanto a especies marinas y dulceacuícolas, así como moluscos marinos y continentales. Son pocos los taxones en las muestras arqueológicas identificadas a nivel de especie. De hecho, en los materiales analizados para Monsú, Momil y Punta Polonia, se agruparon los peces en una sola categoría y se cuantificaron, pero no se sabe si por número de especímenes (NISP) o individuos (MNI), extrapolar la información arqueológica con la distribución actual de dichas especies por lo que no se incluyó en la tabla 1 y 2. Otros como el Sitio San

Pedro en al Depresión Momposina, requieren la comparación con una colección de referencia que incluya un amplio espectro de especies ictiológicas de la cuenca Magdalena-Cauca para refinar las interpretaciones (FLOREZ, 2018).

También en estos cuadros se nota la necesidad de contar con ictiólogo experto. Análisis filogenéticos han modificado la terminología del genero Arius a Notarius (BETANCUR, 2009), en tanto que la identificación del *Rhamdia guatemalensis* es poco probable por su ubicación zoogeográfica, siendo *Rhamdia quelen* la especie que se encuentra en Colombia (ABELL ET AL., 2008). En cuanto a los moluscos (Tabla 2), la información es aún más limitada, poca es la información a nivel de especie, no hay cuantificaciones y solo se mencionan aquellos moluscos que están relacionados con artefactos.

Por otro lado, taxones como el *Strombus gigas* cambió al genero *Lobatus gigas* (ARCHILA, 1993; TILEY ET AL., 2019; REICHEL-DOLMATOFF, 1985). Las limitaciones en la identificación taxonómica de peces y moluscos en algunos sitios de la región caribe colombiana, no permiten diferenciar hábitats específicos dentro de la ciénaga, aguas salobres y el mar. Por lo tanto, no se sabe con exactitud las condiciones paleoambientales o las áreas de captación en las que se desarrollaron las poblaciones prehispánicas de donde se adquirieron y consumieron los recursos. Esto sumado a la falta de cuantificaciones, no permiten entender como vertebrados e invertebrados acuáticos han contribuido a la dieta de las poblaciones del caribe colombiano (OYUELA Y RODRÍGUEZ 1995).

Esta misma información sugiere que las actividades de pesca y recolección de moluscos son locales, pero no hay detalles en términos de que implementos utilizaban o en que estación (ARCHILA, 1993; OYUELA Y RODRÍGUEZ 1995). En las excavaciones arqueológicas del caribe no se encontraron implementos de pesca como arpones o anzuelos. Por el comportamiento de los taxones identificados se podría asumir que no requerían una tecnología sofisticada para su obtención.



Figura 1. Algunos sitios arqueológicos mencionados en el texto (modificado de Oyuela 2006).

Como resultado de estas problemáticas en torno a la explotación de recursos acuáticos, su cuantificación e identificación, las muestras de los sitios arqueológicos de este artículo fueron recuperadas recientemente a partir de dos proyectos de investigación en curso: “Evaluación Zooarqueológica de concheros cercanos al Canal del Dique, Fase Inicial” y el Proyecto de Reconocimiento del Conchero la Isleta del Pozón. Estas investigaciones buscaban investigar ambientes pretéritos y el uso de recursos animales de las poblaciones precolombinas que ocuparon los sitios.

Los restos arqueológicos a identificarse corresponde a los sitios de Monsú, La Isleta del Pozón y Puerto Hormiga (Figura 1) asociados al Período Formativo y Leticia un conchero con cerámica que muestra semejanzas con el complejo Crespo (siglo XII d.C.) identificado por Alicia Dussan de Reichel (1954). Esta cerámica se ha encontrado también en las islas tales como Tierra Bomba, Barú, Islas del Rosario y de San Bernardo, Isla Fuerte y hacia el interior en la población de Turbaco

(CARVAJAL, 2012; 2013a, 2013b; REICHEL, 1986).

Puerto Hormiga está localizado a 300 metros del canal del Dique, un sondeo de 1 metro por un metro se realizó en el extremo sur del conchero alejado de las pruebas realizadas por Reichel y los sondeos de los pobladores actuales que excavan para obtener moluscos para rellenar sus pisos. Se excavaron ocho niveles arbitrarios de 10 cm de espesor cada uno (Figura 2). Mezclados con los restos faunísticos se encontraron pocos fragmentos de cerámica (35 no diagnósticos y 9 diagnósticos), un posible fogón, artefactos líticos tallados en calcedonia, limolita y artefactos líticos modificados por uso en caliza conchífera (CARVAJAL, 2013a; OLIVERA, 2015). Análisis de almidones en los artefactos líticos sugieren que los pobladores de Puerto Hormiga consumían ahuyama, yuca y batata (MEJÍA, 2015).



Figura 2. El sitio de Puerto Hormiga (Foto A. Cadena).

Monsú fue excavado por los esposos Reichel-Dolmatoff en 1974 y se encuentra cerca de la desembocadura del Canal del Dique a unos 800 metros de la orilla oriental. Consiste de un montículo de 100 metros de diámetro con una altura de tres metros. Se excavó una prueba de 1 X 1 metro en el sector sur opuesto a la trinchera realizada por Reichel-Dolmatoff. Se excavaron veintiuno niveles arbitrarios de 10 cm de espesor cada uno. En los sedimentos se encontraron fragmentos de cerámica (19337 no diagnósticos y 1217 diagnósticos), abundantes restos de fauna, artefactos tallados en calcedonia chert y jaspe, artefactos modificados en caliza conchífera y hueso (OLIVERA, 2015; CARVAJAL, 2013 a, b; Figura 3).



Figura 3. El sitio de Monsú.

La prueba se finalizó a los 210 centímetros bajo la superficie al terminar de levantar un esqueleto de un adulto femenino en posición flexionada. Análisis de almidones de este individuo sugieren el consumo de yuca, maíz y batata (MEJÍA, 2015).

El tercer sitio, un conchero denominado La Islita del Pozón, está localizado se encuentra a 2,5 kilómetros de la Ciénaga de la Virgen. Este sitio fue investigado en un proyecto de reconocimiento autorizado por el Instituto Colombiano de Antropología e Historia -ICANH-. Los depósitos de casi un metro de profundidad contenían cerámica que corresponde a cuencos y tecomates con decoraciones incisas, similar a la cerámica Formativa encontrada en Canapote y Barlovento alrededor del 3.100 a.C. (CARVAJAL, 2019, Figura 4).



Figura 4. El sitio La Islita del Pozón.

El cuarto sitio, un conchero, denominado Leticia está localizado aproximadamente a 700 metros del Canal del Dique y 800 metros al occidente de la Bahía de Barbaocoas en cercanías de la población de Leticia. La población moderna aún explota mariscos por lo que toda la zona se encuentra cubierta de moluscos (Figura 5). El corte en Leticia I demostró que el material cultural se extendía hasta una profundidad de 60 centímetros y consta de cerámica con desgrasante de arena y partículas amarillas, que como se mencionó anteriormente, está asociado con el complejo Crespo. También se recuperaron líticos tallados en calcedonia, líticos pulidos y restos de vertebrados (CARVAJAL, 2013b).



Figura 5. El sitio de Leticia.

Los ambientes y especies disponibles

Sin ser exhaustiva, la anterior información arqueológica presenta un panorama parcial de la explotación de recursos acuáticos y la importancia de algunos taxones para las poblaciones precolombinas. Sin embargo, una guía reciente ha identificado recopilado los taxones costeros que viven en aguas someras del gran Caribe, estas comprenden al menos 1500 especies de peces pertenecientes a 169 familias (ROBERTSON Y VAN TASSELL 2012). Aunque hay varias especies de peces en peligro crítico en el Caribe colombiano como el pez sierra (*Pristis pectinata*), el sábalo (*Megalops atlanticus*), el mero guasa (*Epinephelus itajara*), según Chasqui, Polanco, Acero, Mejía, Navia Zapata y Caldas (2017), en la zona no se ha reportado extinciones. Es una gran diversidad disponible para las poblaciones humanas la que se encuentra en la Bahía de Cartagena y Bahía de Barbacoas, sin contar los peces dulceacuícolas, la malacofauna y la fauna terrestre.

No obstante, esta biodiversidad está en peligro en la zona no solo por la degradación del medioambiente por el Canal del Dique sino por la introducción de especies foráneas. Jiménez (2008) menciona que la diversidad y composición de la ictiofauna y malacofauna de la Bahía de Cartagena se encuentra modificada por el vertimiento de aguas de enfriamiento, las aguas servidas y desechos de hidrocarburos. Según la autora, aunque hay descenso en la población, aunque las especies son muy tolerantes a cambios drásticos ambientales. En el año de 2008, CARDIQUE reportó la expansión de especies ictiológicas del Mar Indico comúnmente denominadas pez león: *Pterois volitans*. Al ser un depredador tan voraz, estaba afectando las poblaciones locales de peces del mar Caribe colombiano (ROJAS, TAVERA Y ACERO, 2019). Adicionalmente, los aportes fluviales del Canal del Dique no solo están degradando los arrecifes de coral y los manglares, sino también impactando indirectamente la diversidad de comunidades de animales como los peces y moluscos (RESTREPO ET AL., 2008). La presencia actual en la Bahía de Cartagena de mejillón de substratos rocosos del estuario, *Mytella charruana*, es considerada exótica en tanto que es dramática la disminución y ausencia de la almeja *Polymesoda solida* en la Ciénaga de Tesca (INVEMAR 2010; PUYANA, PRATO Y DÍAZ 2012).

La colección de peces de la Universidad Externado y la investigación etnoarqueológica

A partir de este escenario, se hizo imperioso realizar una colección de referencia que albergara colecciones de peces del caribe colombiano con el propósito de identificar muestras arqueológicas, así complementar con colecciones existentes en la Universidad Nacional y la Universidad de los Andes. Desde el 2014 y gracias a dos becas de investigación otorgadas por la Fundación de Investigaciones Arqueológicas (FIAN), se comenzó con la creación de una colección de referencia especializada en los peces y un estudio etnoarqueológico de las zonas cercanas al Canal del Dique, Bahía de Cartagena y Bahía de Barbacoas.

En diferentes temporadas de campo entre el 2014 y el 2015, se han obtenido diversos especímenes ya sea con los pescadores o en el mercado de Bazurto. La verificación de la identificación taxonómica de estos especímenes estuvo a cargo del biólogo Juan Francisco Rodríguez. Esta colección afinará las identificaciones taxonómicas y osteológicas de los materiales arqueológicos del la Bahía de Cartagena, la Bahía de Barbacoas y el Canal del Dique. Hasta el momento la colección cuenta con 71 especímenes de peces óseos y cartilagosos (Tabla 3).

La pesca y la extracción de moluscos en la zona de interés es una alternativa económica de las familias afrodescendientes. Se realiza en forma artesanal por los hombres de manera individual, parejas o grupos utilizando generalmente atarraya, anzuelo

y trasmallo sobre las ciénagas y las Bahías de Cartagena y Barbacoas. Para generar modelos que permitieran interpretar la información arqueológica, se diseñó una investigación etnoarqueológica en los corregimientos de Pasacaballos y Leticia en el distrito de Cartagena (Bolívar), cercanos a sitios arqueológicos del Canal del Dique. La investigación actualmente en curso busca obtener información contemporánea sobre la pesca y extracción de moluscos, identificar correlatos materiales y evaluar su comparabilidad con material arqueológico de la zona.

Observaciones preliminares de los concheros actuales en Leticia, muestran que jóvenes como adultos, mujeres y hombres obtienen el caracol *Melongena melongena* de los bancos durante la marea baja utilizando sus manos o pies. Llevan los caracoles a sus viviendas para ser procesadas en las cocinas y vender la carne preparada a cevicherías de Cartagena. Las actividades de procesamiento dan como resultado la formación de montículos que comparten similitudes y diferencias con antiguos montículos de moluscos del caribe colombiano. Se destaca que, durante la extracción de la carne, los moluscos se cocinan en agua caliente y estos permiten obtener la carne sin utilizar instrumentos. También destaca que este choque térmico no deja ninguna evidencia en el exoesqueleto de los caracoles.

Identificaciones preliminares de las Investigaciones Arqueológicas

La sección anterior demuestra la gran diversidad de recursos ictiológicos y malacológicos, a pesar del impacto de la contaminación y la introducción de especies foráneas y las estrategias implementadas para mejorar la interpretación detallada de las faunas arqueológicas, en cuanto a las proporciones de esos recursos, las técnicas de pesca utilizadas y la relación de las especies aprovechadas en el espacio y tiempo dado que los ecosistemas del siglo XXI son similares a los aprovechados en 5.000 años.

Aunque la construcción de una colección de referencia de peces en la Universidad Externado está en sus estadios iniciales, los análisis de los restos de moluscos sugieren hábitats cercanos a las costas (CARVAJAL, 2013a). Es posible asumir que los peces también corresponden a ambientes similares. No se reportaron artefactos arqueológicos asociados con las artes de pesca.

Los elementos preliminarmente separados y analizados de la fauna de vertebrados en los cuatro sitios arqueológicos en el Caribe (Tabla 4), prometen ser representativos de dicha diversidad. Los restos de peces corresponden a 3930 especímenes que corresponden a 29 familias. En cuanto a la malacofauna de esos cuatro sitios (CARVAJAL, 2013a), las muestras comprenden más de 15000 restos de moluscos marinos y continentales, pertenecientes a 36 familias, 42 géneros y 54 especies.

En Puerto Hormiga, las muestras mostraron pocos restos de vertebrados y estos son exclusivamente peces del orden Siluriformes y no se encuentran carbonizados. En el caso de Puerto Hormiga, la especie dominante es la almeja *Polymesoda solida* y en menor proporción *Crassostrea rhizophorae* y *Melongena melongena* (Figura 6). Tanto los peces como los moluscos describen un ambiente de aguas salobres y estuarinos.

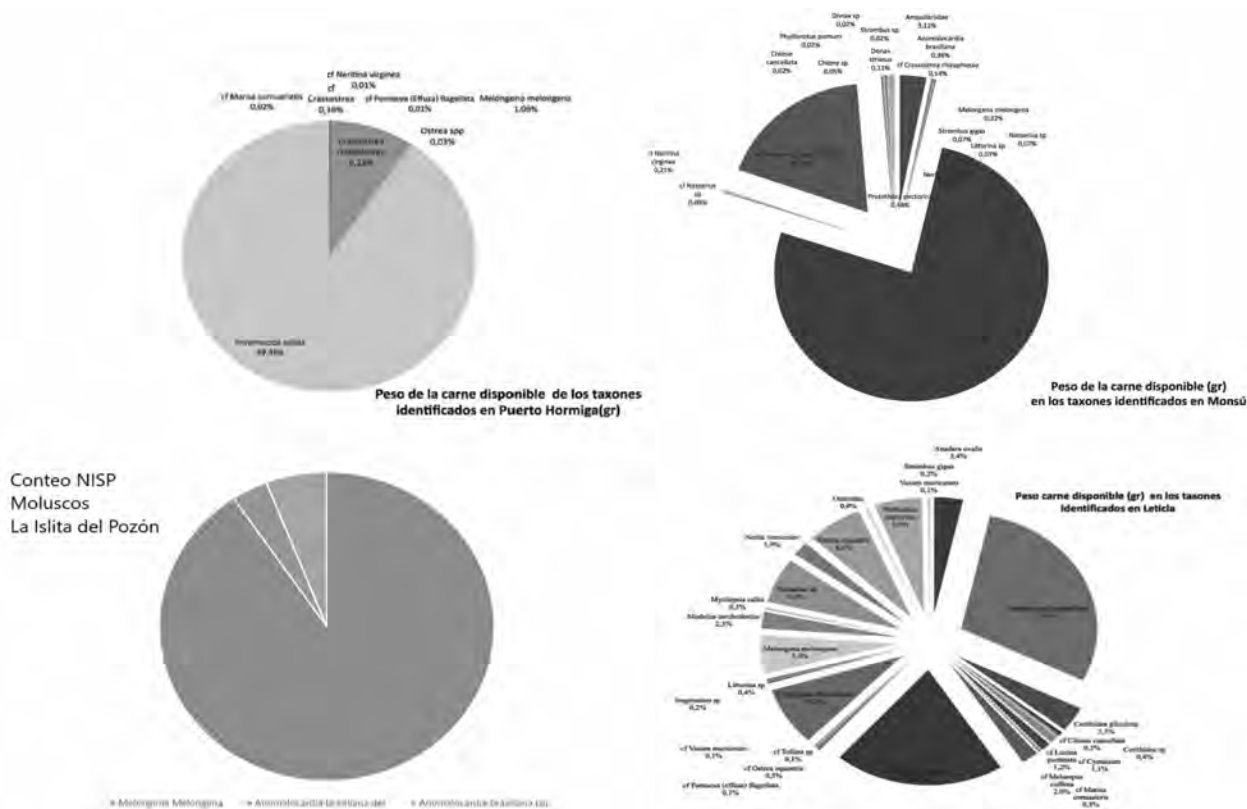


Figura 6. Invertebrados de Puerto Hormiga, Monsú, La Isleta del Pozón y Leticia.

En Monsú, se recuperaron abundantes restos de vertebrados en los que se destacan los peces (DÍAZ, 2016). Son frecuentes dos gasterópodos continentales *Marisa cornuarietis* y el *Pomacea-Efusa-flagellata*. Así mismo se identificaron el gasterópodo de origen marino *Lobatus gigas* que habita en pastos de monte marino y en arena producto de detritus y de algas, este gasteropodo fue utilizado para hacer artefactos para la manipulación de tubérculos y el gasterópodo de estero *Melongena melongena* que fue utilizado como alimento (Figura 6).

Al igual que en Puerto Hormiga, son poco los especímenes sometidos al calor y no presentan huellas de extracción. En cuanto a los restos de vertebrados (ver Tabla 4 y DIAZ, 2016), se identificaron anguilas de agua dulce (Synbranchidae), el sábalo, (Megalopidae), robalos (Centropomidae), salmonete (Mullidae), bagre (Siluriformes), tararira (Erythrinidae), pargo (Lutjanidae) y rayas (Rajiformes) que describen ambientes marinos cercanos a la costa, ambiente de cienága y de aguadulce pero también hábitats lejos de la costa como los arrecifes con los restos del pez loro (Scaridae) y peces ballesta (Balistidae). No se observan cortes o termoalteración en los peces (CARVAJAL, 2013a; DIAZ, 2016).

En el caso de la Isleta del Pozón la obtención de recursos malacológicos fue selectiva reportándose solo el caracol *Melongena melongena* y el bivalvo *Anomalocardia brasiliensis* que son encontradas en fangos intermareales cercanos al manglar (CARVAJAL, 2019). En cuanto a los vertebrados, se reportaron peces como carángidos, áridos de aguas cercanas a la costa, así como restos de Sparidae y Diodontidae que describen ambientes de arrecifes. No se observaron huellas de alteración térmica ni cortes (Tabla 4).

Finalmente, en el sitio de Leticia se identificaron moluscos como los ostiones *Ostrea spp.*, *Crassostrea rhizophorae*, la almeja arca de sangre (*Anadara ovalis*), *Donax sp.*, *Anomalocardia brasiliensis* y *Protothaca sp.*, además de gasterópodos como el caracol burro (*Melongena melongena*), el caracol pala (*Lobatus gigas*) y la nerita (*Neritina virginea*) (Figura 6). Estos restos describen ambientes estuarinos cerca al manglar y arrecifes. Las identificaciones en los peces solo llegaron al

nivel de orden pero estos al igual que los moluscos no se encontraron termoalterados.

DISCUSIÓN Y CONCLUSIONES

Las crónicas no son muy claras en torno a las especies, ambientes, artes de pesca y recolección de recursos acuáticos. Es arriesgado, asumir que las condiciones del siglo XVI sean similares a las de hace 5000 años. Según los cronistas, la gran mayoría de los artefactos utilizados para la captura de estos recursos acuáticos eran elaborados en materiales perecederos.

La información de la Tabla 1 y 2 muestra que las especies cambian con respecto a los cambios de sedimentación y geomorfología costera. No obstante, estos taxones describen una diversidad de especies que eran capturadas en hábitats cercanos a las costas, ciénagas o ríos por pobladores prehispánicos, pero faltan muchos detalles en torno a los ambientes aprovechados y a la tecnología requerida para su obtención. No hay evidencia de pesas de red, anzuelos u otras técnicas para la captura de peces en los contextos arqueológicos. Sin embargo, es de notar la gran disponibilidad de especies en el área, en particular los peces. En otros sitios arqueológicos mencionados en la tabla 1, se nota que son pocos los taxones seleccionados, cabe preguntarse si la muestra no está sesgada por los métodos de recuperación o la disponibilidad de diversos especímenes en la colección de referencia.

Los restos de moluscos y vertebrados acuáticos de estos cuatro sitios del Caribe colombiano evidencian la explotación de una amplia variedad de ambientes acuáticos similares a los existentes en la actualidad en la zona y similares a las recopiladas en las Tablas 1 y 2. Los moluscos y los peces eran obtenidos en ambientes como las marismas intermareales cercanas a la boca del río y las ciénagas, manglares, fangos arenosos, playas arenosas de aguas turbias y llevados a los sitios arqueológicos. Los gasterópodos utilizados como materia prima para hacer artefactos como el *Lobatus gigas* y restos de peces como Sparidae y Diodontidae en el sitio arqueológico la Islita del Pozón y Labridae y Sparidae en Monsú, sugieren la explotación de otros hábitats lejos de las costas como arrecifes y empleo de otras tecnologías para su captura (CARVAJAL, 2013a, b).

Sin un análisis más detallado de los restos de peces, es posible que otros ambientes, además de los anteriores, fuesen explotados por las poblaciones precolombinas y no estén representados en las muestras malacológica. Se destacan recursos dulceacuícolas como el *Synbranchus* en Monsú, y los silúridos en Puerto Hormiga. Por otro lado, los ambientes descritos por los taxones acuáticos sugieren el cambio en la geomorfología costera con ambientes de aguas salobres en Puerto Hormiga hasta ambientes más marinos en la Islita del Pozón, Monsú y Leticia.

Las evidencias preliminares aquí presentadas, indican que las especies corresponden a ambientes muy cercanos a la costa y el estuario como manglares, fangos arenosos, playas arenosas de aguas turbias, aguas salobres y ciénagas. Por la ausencia de materiales artefactuales, es probable que fueron capturados con mallas y anzuelos de materiales perecederos. Para el sitio de Monsú, los taxones Megalopidae y Erythrinidae son depredadores que actualmente se capturan con anzuelo. Se requiere un análisis más detallado de los restos de peces, ya que su etología sugeriría la utilización de otro tipo de artes pesqueras. Como lo demostró la evidencia etnoarqueológica en Leticia, la extracción de moluscos se realiza con las manos y los pies, estrategia posiblemente empleada durante tiempo prehispánicos.

En cuanto a la estacionalidad, la identificación de Díaz (2016) a nivel de familia da una respuesta tentativa para la fauna de Monsú. La mayor parte de los restos de peces corresponden a al género *Synbranchus*, este taxón según evidencia etnográfica se captura durante la época de verano desenterrándolo del fango, Díaz (2016) no descarta su obtención en época de lluvias. Comparando con la ausencia de alteraciones por calor o huellas de extracción en el conchero actual en la investigación etnoarqueológica en Leticia, es posible pensar que los moluscos arqueológicos de Leticia, Monsú, Puerto Hormiga y la Islita

del Pozón se consumieran hervidos en sopas. Es similar esta situación en las muestras de peces, no se observan huellas de termoalteración y corte, es necesario en un futuro investigar las frecuencias de porciones esqueléticas para saber como se procesaba el pescado.

Continuar con la colección de referencia de la Universidad Externado, permitirá afinar la interpretación de los restos óseos de peces, recuperados en los yacimientos arqueológicos del Caribe. Por ejemplo, como se mencionó en un artículo anterior (CARVAJAL, 2013a), Reichel-Dolmatoff (1961; 1965) había mencionado que el principal molusco de Puerto Hormiga era la almeja *Pitar* sp. Dicha afirmación no concuerda con nuestra identificación de este espécimen como *Polymesoda solida* una almeja de aguas salobres. La identificación de restos faunísticos en Puerto Chacho (ÁLVAREZ Y MALDONADO 2009), ubicado en inmediaciones del Canal del Dique, que ocupa la misma terraza marina y cuyos materiales culturales indican contemporaneidad con Puerto Hormiga describen esa misma especie como *Polymesoda artacta*.

Por lo tanto, tanto la reconstrucción ambiental propuesta en esta investigación estaría en concordancia tanto lo propuesto para Puerto Chacho y con los análisis de vertebrados acuáticos mencionados por Reichel-Dolmatoff como *Pseudoplatystoma* sp. (bagres) y *Plagioscion* sp. (barbos), pero no tendría sentido con la identificación de la almeja *Pitar* sp., que es de ambientes más arenosos y salinos. Lo mismo es cierto para la Islita del Pozón, en el sitio cercano de Barlovento se identificaron los bivalvos como perteneciente a la especie *Chione histrionica* (REICHEL- DOLMATOFF Y DUSSAN 1955). Esta investigación reevalúa esta identificación con el taxón *Anomalocardia brasiliana*.

La información mostrada de manera preliminar en este artículo será mejorada con la ayuda de la colección de referencia y permitirá aproximarse mejor a las condiciones ambientales, culturales, climáticas y estudio de las dietas de los grupos humanos que habitaron el Canal del Dique desde hace 5000 años.

Agradecimientos

El financiamiento de esta investigación fue proporcionado por un incentivo de Investigación otorgado por el Instituto Colombiano de Antropología e Historia –ICANH- 2011-2012 y las becas 2014 y 2018 de investigación otorgadas por la Fundación de Investigaciones Arqueológicas Nacionales (FIAN). Estudiantes de antropología y arqueología de la Universidad Externado asistieron en las actividades de campo y laboratorio. Algunos de los problemas logísticos y materiales fueron aliviados o facilitados por el personal de la Fundación Madre Herlinda Moses, CORMAGDALENA y CARDIQUE. Finalmente, y no por esto menos importante, esta investigación se hizo posible gracias a la hospitalidad y el trabajo de diferentes personas en las poblaciones de Cartagena (Barrio el Pozón), Pasacaballos, Puerto Badel, El Recreo y Leticia.

REFERENCIAS

- ABELL, Robin, THIEME, Michelle, REVENGA, Carmen, BRYER, Mark, KOTTELAT, Maurice, BOGUTSKAYA, Nina, COAD, Brian, MANDRAK, Nick, CONTRERAS BALDERAS, Salvador, BUSSING, William, STIASSNY, Melanie, SKELTON, Paul, ALLEN, Gerald, UNMACK, Peter, NASEKA, Alexander, NG, Rebecca, SINDORF, Nikolai, ROBERTSON, James, ARMIJO, Eric, HIGGINS, Jonathan, HEIBEL, Thomas, WIKRAMANAYAKE, Erick, OLSON, David, LÓPEZ, Hugo, REIS, Roberto, LUNDBERG, John, SABAJ PÉREZ, Mark, y Paulo, PETRY . Freshwater ecoregions of the world: a new map of biogeographic units for freshwater biodiversity conservation. *Bioscience*, v. 58, n. 5, pp. 403-414, 2008.
- ALVAREZ, Ricardo. y Hernando, MALDONADO. Arqueofauna encontrada en Puerto Chacho, sitio arqueológico del Caribe Colombiano (3300 a.C.). *Revista de la Academia Colombiana de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales*, v. 33, n.128, p. 407-424, 2009.
- ANDAGOYA, Pascual. *Narrative of the Proceedings of Pedrarias Davila in the provinces of tierra firme or Castilla del Oro and of the discovery of the South and the coast of Peru and Nicaragua*. Londres: Hakluyt Society, 1865
- ANGULO, Carlos. *Guájaro en la arqueología del Norte de Colombia*. Bogotá: Fundación de Investigaciones Arqueológicas del Banco de la República, 1988
- ARCHILA, Sonia. Medio ambiente y arqueología de las tierras bajas del caribe colombiano. *Boletín Museo Del Oro Banco De La República*, v.34-35, p.111 – 164, 1993.
- ARDILA Gerardo. *Los tiempos de las conchas*. Bogotá: Editorial Universidad Nacional de Colombia, 1996.
- BEAREZ, Phillipe. *Comparison des ichtyofaunes marines actuelle et Holocene et reconstitution de l'activite halieutique dans les civilisations precolombines de la cote du Manabi Sud (Equateur)*, Museum National d'Histoire Naturelle (Tesis Doctoral), 1996
- BEAREZ, Phillipe. First Archaeological Indication of Fishing by poison in a Sea Environment by the Engoroy Population (Manabi, Ecuador), *Journal of Archaeological Science*, v.25, n.10, p.943-948, 1998.
- BENZONI, Girolamo. *History of the New World*. Londres, the Hakluyt Society, 1857.
- BETANCOUR, Ricardo. Molecular phylogenetics and evolutionary history of ariid catfishes revisited: a comprehensive sampling. *Evolutionary biology* v.9, n. 175, p. 1-18, 2009
- BETANCOURT, Alejandra. *Punta Polanía y El Formativo Temprano en Colombia*. Tesis de Licenciatura (pregrado en antropología), Universidad Nacional de Colombia, 2003.
- BISHOF, Henning. Canapote, an Early Ceramic Site in Northern Colombia (preliminary Report), XXXVI *Congreso Internacional de Americanistas, España, Actas y Memorias*. v.1, p. 483-491, 1966.
- BISHOF Henning .The Origins of Pottery in South America, Recent Radiocarbon dates From Southwest Ecuador. *Atti del XL Congresso Internazionali degli Americanisti*, Roma-Genova, p. 269-281, 1972.
- BRYAN, Alan y Ruth, GRUHN. The sambaqui at Forte Marechal Luz, state of Santa Catarina, Brazil. En *Brazilian Studies*, editado y Bryan ALLAN y Ruth GRUHN, p. 1-114. Corvallis-Oregon: Center for the Study of First Americans, 1993.
- CARNEIRO, Robert. The history of Ecological Interpretations of Amazonia: Does Roosevelt have it Right? En *Indigenous Peoples and the Future of Amazonia*, editado por Leslie SPONSEL, p. 45-70. Tucson: University of Arizona Press, 1995.
- CARVAJAL CONTRERAS, Diana Rocío. *La Pesca y la Recolección de Moluscos: Algunos comentarios con base a Información Etnohistórica y la Arqueofauna de cuatro sitios Arqueológicos en la Región Caribe Colombiana*. In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 76-105, Jul-Dez. 2019.

- CARVAJAL, Diana. *Informe de Investigación: Proyecto Evaluación zooarqueológica de concheros cercanos al Canal del Dique, Fase inicial*. Manuscrito sin publicar Instituto Colombiano de Antropología- ICANH-, Bogotá, 2012.
- CARVAJAL, Diana. Las Cucharas y Leticia: dos sitios arqueológicos tardíos en el Canal del Dique. Avance de investigación. *Memorias* v.10, n.20, p.187-215, 2013a
- CARVAJAL, Diana. Los moluscos y la arqueología: Análisis preliminar de tres sitios arqueológicos en el Canal del Dique, Colombia. *Boletín Científico de Investigaciones Oceanográficas* v.31, p.125-142, 2013b
- CARVAJAL, Diana. Human Use of Aquatic Mammals in Northern South America (Colombia and Panama): Some Evidence from Ethnographic and Ethnohistorical Records. En *Neotropical and Caribbean Aquatic Mammals: Perspectives from Archaeology and Conservation Biology*, editado por Sebastián Muñoz, Christopher GÖTZ & Elizabeth RAMOS. Nueva York: NOVA Publishers, 2014, p.107-134.
- CARVAJAL, Diana. *Conchero del Sector de la Islita, Barrio el Pozón, Cartagena, D.T., Bolívar*. Manuscrito sin publicar Instituto Colombiano de Antropología- ICANH-, Bogotá, 2019.
- CERVIGON, Fernando. *Los peces marinos de Venezuela*. Vols. I, II, III y IV. Fundación Científica Los Roques. Instituto de Investigaciones Científicas. Universidad de Oriente, Núcleo de Nueva Esparta. Venezuela, 1991.
- CHASQUI, Luis, POLANCO, Andrea, ACERO, Arturo, MEJÍA, Paola, NAVIA, Andrés, ZAPATA, Luis y Juan, CALDAS (eds.). *Libro rojo de peces marinos de Colombia*. INVEMAR, Instituto de Ciencias Naturales - Universidad Nacional de Colombia, Ministerio del Medio Ambiente. La serie Libros Rojos de Especies Amenazadas de Colombia. Bogotá, 2017.
- CIEZA DE LEÓN, Pedro. *Crónica del Perú: el señorío de los Incas*. Caracas: Biblioteca Ayacucho.
- COLÓN, Cristóbal. *Relaciones y Cartas*. Biblioteca Clásica, Tomo CLXIV. Madrid: Librería de la Viuda de Hernando y C. calle del Arenal, núm. 11, 1892.
- COOKE, Richard y JIMÉNEZ, Máximo. Pre-Columbian use of freshwater fishing the Santa Maria biogeographical province, Panama. *Quaternary International*, v.185, n.1, p.46-58, 2008.
- COOKE, Richard y JIMÉNEZ, Máximo. Teasing out the species in diverse archeofaunas: is it worth the effort? An example from the tropical eastern pacific. *Archeofauna*, v.13, p. 19-35, 2004.
- DE LAS CASAS, Bartolomé. *Historia de las Indias*. Madrid: Imprenta de Miguel Ginesta, 1875.
- DE CASTELLANOS, Juan. *Elegía de Varones Ilustres de Indias*. Luis Fernando Restrepo Editor. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2004.
- DRENNAN, Robert. Betwixt and between in the intermediate area. *Journal of Archaeological Research* v.4, n.2, p. 95-132, 1996.
- DÍAZ, Alice. *Étude archéozoologique des sites de Monsu (Colombie) et Hope Estate (Saint-Martin) Proposition de reconstitution de l'alimentation et des écosystèmes fréquentés*. Présenté dans le cadre de l'obtention du diplôme de Master 2 « Environnements, Patrimoine Naturel & Sociétés » – spécialité « Quaternaire & Préhistoire ». Paris, 2016.
- DÍAZ Juan y Monica, PUYANA. *Moluscos del Caribe Colombiano: Un Catálogo Ilustrado*. Bogotá: INVEMAR, NATURA, COLCIENCIAS, 1994.
- ELVÁS, María. Naturaleza, alimentación y medicina indígenas en Cartagena de Indias en el siglo XVI. *Memorias*: v. 4, n. 8, p. 1-21, 2008.

- ERLANDSON, Jon. The Archaeology of Aquatic Adaptations: Paradigms for a New Millennium. *Journal of Archaeological Research*. v. 9, n.4, p. 287-350, 2001.
- FERNÁNDEZ DE OVIEDO Y VALDÉS, Gonzalo. (1535) *Historia general y natural de las Indias*: Part 1 [online], Disponible en <http://www.ems.kcl.ac.uk/content/etext/e026.html>. Recuperado 08/04/2019
- FLÓREZ, Saan. *La Fauna Destinada a la Alimentación Humana. Análisis Zooarqueológico de una Muestra del Sitio San Pedro de la Depresión Momposina (Sucre, Colombia)*. Tesis de Pregrado en Antropología, Universidad de Antioquia, 2018.
- GONZÁLEZ, Alejandro. *Caracterización de los factores bióticos del yacimiento 86, en la cuenca media de los arroyos Patón y Morrocoy*. Tesis de pregrado en Antropología, Universidad de Antioquia, 2009.
- GONZÁLEZ, Tatiana. Pesquería de perlas durante la Colonia en Nuestra Señora de los Remedios: del Cabo de la Vela al Río de la Hacha (1538-1545). *Jangwa Pana*, v.2, n.1, p.26-34, 2004.
- INVEMAR. *Informe del estado de los ambientes y recursos marinos y costeros en Colombia 2009*. Santa Marta: INVEMAR, 2010.
- JIMÉNEZ, María. *Caracterización trófica de algunas especies de interés comercial en la bahía de Cartagena (Caribe colombiano)*. Universidad Jorge Tadeo Lozano. Facultad de Biología Marina. T.811, 2008.
- JOORDENS, Josephine, KUIPERS, Remko, WANINK, Jan y Frits MUSKIET. A fish is not a fish: Patterns in fatty acid composition of aquatic food may have had implications for hominin evolution. *Journal of Human Evolution*, v.77, p.107-116, 2014.
- LANGEBAEK, Carl y Alejandro DEVER. Arqueología del bajo Magdalena. Estudio de los primeros agricultores del Caribe Colombiano En: *Informes Antropológicos* editorial ICANH v. 1, 2000.
- LEACH, Foss. Fish and other Marine foods in diet and economy. *Archaeofauna* v.15, p. 175-204, 2006.
- LEGROS, Thierry. *Puerto Chacho et les Premiers Ceramistes Americains: Nouvelles données sur le Formatif Ancien du Littoral Caraibe de Colombie*. These de Doctorat, Universite de Paris I, 1992.
- LINARES, Edgar y Mónica, VERA. *Catálogo de los moluscos continentales de Colombia*. Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 2012.
- LLERAS, Roberto. El concepto del Formativo en las investigaciones arqueológicas en Colombia: una revisión crítica. En *Formativo Suramericano, una revaluación*. Editado por Paulina LEDERGERBER- CRESPO.p.86-96. Quito, Ediciones ABYA-YALA, 2002.
- LOZANO, Carlos. *Análisis de subsistencia y selección de recursos en Punta de Pájaro, un posible yacimiento formativo temprano, Ciénaga de Guájaro, Atlántico*. Tesis de pregrado en Arqueología, Universidad Externado de Colombia, Bogotá, 2014.
- MEJÍA, Marta. *El consumo de plantas en el Caribe Colombiano durante el Formativo Temprano (7000-3000 A.P.)*. Una evaluación paleoetnobotánica de la subsistencia a partir de almidones. Tesis de Pregrado en Arqueología, Universidad Externado de Colombia, Bogotá, 2015.
- MELO, Jorge . *Historiografía colombiana, realidad y perspectivas*. Medellín:Seducu, 1996.
- MURDY, Carson. Cangarú: una economía marítima prehistórica en la Isla de Salamanca (Departamento del Magdalena). *Informes Antropológicos* No. 2, p. 3-38, 1986.

- OLIVERA, Paola. *Caracterización Tecnológica de los Líticos del Formativo Temprano de la Costa Caribe Colombiana: Aproximación a la Fabricación y Uso*. Tesis de pregrado en Arqueología. Bogotá: Universidad Externado de Colombia, 2015.
- OSBORN, Alan. Strandloopers, mermaids, and other fairy tales: Ecological determinants of marine resource utilization—the Peruvian case. En *Theory Building in Archaeology*, editado por Lewis BINFORD, p. 157-205. New York: Academic Press, 1977.
- OYUELA, Augusto. Dos sitios Arqueológicos con Desgrasante de fibra Vegetal en la Serranía de San Jacinto (Departamento de Bolívar). *Boletín de Arqueología*, v. 2, n. 1, p. 5-26, 1987.
- OYUELA, Augusto. The study of collector variability in the transition to sedentary food producers in northern Colombia. *Journal of World Prehistory*, v.10, n.1, p. 49-93, 1996.
- OYUELA, Augusto. y Renne, BONZANI. *San Jacinto 1: a historical ecological approach to an archaic site in Colombia*. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 2005.
- OYUELA, Augusto y Camilo, RODRÍGUEZ. La Formación de Concheros en la Costa Norte de Sur América. *Revista de Antropología y Arqueología* n.11, p.73-123, 1995.
- PATIÑO, Víctor. *Historia de la Cultura Material en la América Equinoccial*, Tomo 1: Alimentación. Disponible en <http://babel.banrepcultural.org/cdm/ref/collection/p17054coll10/id/3311> 1990. Recuperado 08/04/2019.
- PATIÑO, Víctor. *Historia de la Cultura Material en la América Equinoccial*, Tomo 5: Tecnología. Disponible en http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/historia/equinoccial_5_recursos-industria/inicio.htm. 1990. Recuperado 08/04/2019.
- PEÑA, Germán. Origen y desarrollo de la arqueozoología colombiana. En *Latin-American Archaeozoology: Origins and Development*. Editores MENGONI, Guillermo, ARROYO, Joaquín y Felisa, AGUILAR. México: INAH y Consejo Nacional para la Ciencia y Tecnología, 2010, p. 93-104.
- PLAZAS, Clemencia y FALCHETTI, Ana. Cerámica arcaica en las Sabanas de San Marcos, Sucre. *Boletín de Arqueología*, v. 1, n.2, p.16-23, 1986.
- PUYANA, Mónica, PRATO, Julián y Juan, DÍAZ. Mytella charruana (D'orbigny) (Mollusca: Bivalvia: Mytilidae) en la Bahía de Cartagena, Colombia. *Boletín del Instituto de Investigaciones Marinas y Costeras*, v.41, n.1, p. 213-217, 2012.
- RAMOS, Elizabeth. La zooarqueología y el estudio de la complejización social en las sociedades prehispánicas de Colombia: Algunas deudas pendientes. *Archeofauna*, n.28, p.73-83, 2019.
- RAMOS, Elizabeth y Sonia, ARCHILA. *Arqueología y Subsistencia en Tubará siglos IX - XVI d.c. Bogotá*: Ediciones Uniandes, 2008.
- REICHEL DOLMATOFF, Gerardo. Momil. Excavaciones Arqueológicas en el Sinú. *Revista Colombiana de Antropología*, v. 5, pp. 185-187, 1956.
- REICHEL DOLMATOFF, Gerardo. Puerto Hormiga: Un Complejo Prehistórico Marginal de Colombia (Nota Preliminar). *Revista Colombiana de Antropología*, v. 10, p. 349-354, 1961.
- REICHEL DOLMATOFF, Gerardo. Excavaciones Arqueológicas en Puerto Hormiga, Departamento de Bolívar. *Serie Antropológica No. 2*, Ediciones universidad de los Andes, Bogotá, 1965.
- REICHEL DOLMATOFF, Gerardo. Momil, Dos Fechas de Radiocarbón. *Revista Colombiana de Antropología*, v.17, p. 185-187, 1974.
- REICHEL DOLMATOFF, Gerardo. *Monsú*. Bogotá: Biblioteca Banco Popular, 1985.

- REICHEL DOLMATOFF, Gerardo y DUSSAN Alicia. Excavaciones en los Conchales de las costas de Barlovento. *Revista Colombiana de Antropología*, v. 4, p. 249-272, 1955.
- REICHEL DOLMATOFF, Gerardo y DUSSAN Alicia. Reconocimiento Arqueológico de la Hoya del río Sinú. *Revista Colombiana de Antropología*, v.6, p. 29-159, 1958.
- REITZ, Elizabeth y Elizabeth, WING. *Zooarchaeology*. Cambridge: Cambridge Manuals in Achaeology, 1999.
- RESTREPO, Juan, ZAPATA, Paula, DÍAZ, Juan, GARZÓN-FERREIRA, Jaime, GARCÍA, Camilo y Camilo RESTREPO. Aportes Fluviales al mar Caribe y Evaluación preliminar del impacto sobre los ecosistemas costeros. En *Los sedimentos del río Magdalena: reflejo de la crisis ambiental*. Editado por Juan Darío Restrepo Ángel. EAFIT, 2005, p.189-215.
- ROBERTSON, Ross y VAN TASSELL, James. *Peces costeros del Gran Caribe: Guía de identificación de peces del Caribe y áreas adyacentes*, aplicación de Ipad versión 1.0. Smithsonian Tropical Research Institute, 2012.
- RODRÍGUEZ, Horacio. El caso de Colombia. En *Manejo y aprovechamiento acuícola de lagunas costeras en América Latina y el Caribe*. De La Lanza G. et al editores. Trabajos presentados por Brasil, Colombia, Cuba, México, y Venezuela en el Taller sobre lagunas costeras. México D.F. 9-12 de febrero 1993. Organizado por Aquila II, FAO. México D.F. Disponible en <http://www.fao.org/docrep/field/003/AB485S/AB485S00.htm>, 1993. Recuperado 08/04/2019.
- ROJAS, Stephania, TAVERA, José y Arturo, ACERO. Unraveling lionfish invasion: Is *Pterois volitans* truly a morphologically novel predator in the Caribbean?. *Biological Invasions*, v.21, n. 6, p. 1921-1931, 2019
- SANDWEISS, Daniel, MCINNIS, Heather, BURGER, Richard, CANO, Asunción, OJEDA, Bernardino, PAREDES, Rolando, SANDWEISS, María y Michael GLASCOCK. Quebrada Jaguay: Early Maritime Adaptations in South America. *Science*, v.281,n.5384 p. 1830-1832, 1998.
- SANTOS, Gustavo. Asentamientos Prehispánicos en la Región de Urabá y su desarrollo hasta la época de Conquista. *Maguaré*, v.3, p.57-62, 1986.
- SAUER, Carl. *The Early Spanish Main*: Berkeley, University of California Press, 1966.
- SIMÓN, Pedro. *Noticias Historiales de las Conquistas de Tierra Firme en las Indias Occidentales*. Bogotá: Casa Editorial de Medardo Rivas, 1892.
- STAHL, Peter y Augusto, OYUELA. Early Prehistoric Sedentism and Seasonal Animal Exploitation in the Caribbean Lowlands of Colombia. *Journal of Anthropological Archaeology*, v. 26, n.3, p.329-349, 2007.
- STOTHERT, Karen. The Preceramic Las Vegas Culture of Coastal Ecuador. *American Antiquity*, v. 50, n.3,p. 613-637, 1985.
- TILEY, K., Freeman, M. A., YEN, I., & DENNIS, M. M. Histology Atlas and Systematic Approach to Postmortem Examination of the Queen Conch *Lobatus gigas*. *Journal of Shellfish Research*, 38(1), 131-148, 2019.
- TOSCANO, Marguerite, PELTIER, Richard y Rosemarie, DRUMMOND. ICE-5G and ICE-6G models of postglacial relative sea-level history applied to the Holocene coral reef record of northeastern St Croix, U.S.V.I.: investigating the influence of rotational feedback on GIA processes at tropical latitudes. *Quaternary Science Reviews*, v.30, n.21-22, p. 3032-3042, 2011.
- TOVAR, Hermes. *Relación y Visitas a los Andes S.XVI*. Tomo 2 Región del Caribe. Bogotá: Colcultura, Instituto Colombiano de Cultura Hispánica, 1994.
- TOVAR, Hermes. *Relación y Visitas a los Andes S.XVI*. Tomo 3 Región Centro-Oriental. Bogotá: Colcultura, Instituto Colombiano de Cultura Hispánica, 1995.
- URUETA, José. *Documentos para la historia de Cartagena*. Cartagena: Tipografía Araujo, 1887

VAN ANDEL, Tjeerd. Late Quaternary Sea Level Changes and Archaeology. *Antiquity*, v.63, n.241, p.733-745, 1989.

WAKE, Thomas. On the Paramount Importance of Adequate Comparative Collections and Recovery Techniques in the Identification and Interpretation of Vertebrate Archaeofaunas: A Reply to Vale & Gargett(2002). *Archeofauna*, v. 13, p.173-179, 2004.

Tabla 1. Ictiofauna de algunos sitios arqueológicos del Caribe Colombiano (modificado de Archila 1993; Oyuela y Rodriguez 1995)

		Monsu	Puerto Chacho	Puerto Chacho	Puerto Hormiga	Rotinet	Canapote	Punta Polonia	Barlovento	Malambo	Depresión Momposina	Momil	Estorbo I	Cangurú	San Pedro depresión Momposina	Tubará	Punta de Pájaro
Fecha				5200a.P	5040 a.P			3685a.P	3510a.P			2150 a.P	1055 a.P		VIII d.C.	IX-XVI d.C	
Colección de referencia		NO	SI	SI	NO	NO	NO	SI	NO	NO	NO	NO	NO	SI	SI	SI	SI
Malla		N/A	5mm	5mm	N/A	N/A	N/A	5mm	N/A	N/A	5mm	N/A	N/A	5mm	5mm	5mm	5mm
Fuente	Hábitat	Reichel 1985	Legros 1992	Alvarez y	Reichel 1986	Angulo 1988	Bischof 1972		Oyuela y	Angulo 1981	Plazas y	Reichel	Santos 1989		Florez 2018	Ramos y Archila 2008	Lozano 2014
Taxon																	
Archosargus sp	Marino																X
Plagioscion sp		X			X												
Scualus acanthias	Marino												X				
Rhamdia guatemalensis													X				
cf Chaetodipterus sp	Marino								X								
Carcharhinus sp	Marino			X													
Pseudocarcharias kamoharai	Marino															X	
cf Galeocerdo cuvier	Marino													X			
Pristis spp	Marino			X													
cf Pristis sp	Marino													X			
Dasyatidae	Marino													X			
Aeteobatus narinari	Marino			X										X			
Harengula spp	Marino			X													

cf Arius sp	Marino												X			
Strongylura sp	Marino												X		X	
Sphyraena sp	Marino														X	
Mugilidae	Marino															
Mugil sp	Marino														X	
Epinephelus sp	Marino			X												
Caranx sp	Marino	X											X		X	
Caranx hippos	Marino			X												
Caranx ruber	Marino														X	
Oligoplites saurus	Marino			X												
Centropomus sp	Marino												X			
Centropomus spp	Marino			X												
Centropomus cf undecimalis	Marino												X			
Cardisoma sp	Marino							X								
Diapterus sp	Marino												X			
Eugerres sp	Marino		X													
Eugerres plumieri	Marino												X			
Eugerres spp	Marino			X												
Elops saurus	Marino												X		X	
Micropogonias fumieri	Marino												X			
Bairdiella sp	Marino			X												
Larimus sp	Marino			X												
Bothidae	Marino												X			
Lutjanus spp	Marino			X												
Dormitator sp	Marino			X												
Gobiomurus sp	Marino			X												
Synbranchus marmoratus				X						X					X	X

Petenia kraussi																		X
Plagioscion surinamensis																		X
Megalops atlanticus																		X
Triportheus magdalenae																		
Cichlidae																		X
Characidium caucanum				X														
Trachycorystes sp			X															
Trachycorystes insignis						X												
Trachycorystes insignis badelli				X							X							
Hoplias sp			X															
Hoplias malabaricus				X							X							
Pseudoplatystoma sp						X												
Pseudoplatystoma fasciatum						X				X	X							X
Pimelodus grosskopfi						X												
Pimelodus clarias										X	X							
Rhamdia spp				X														
Centrochil crocodili																		X
Prochilodus magdalenae						X				X	X	X						X
Geophaus stendaichneri										X		X						
Ctenolucius hujeta				X														
Sorubin lima											X							
Hemiancistrus wilsoni											X							

Tabla 2. Malacofauna de algunos sitios arqueológicos del Caribe Colombiano (modificado de Archila 1993; Oyuela y Rodríguez 1995)

	Hábitat	Fuente	Malla	Colección de referencia	Fecha	Monsu	Puerto Chacho	Puerto Chacho	Puerto Hormiga	Rotinet	Canapote	Punta Polonia	Barlovento	Malambo	Depresión Momposina	Momil	Estorbo I	Cangurú	Tubará	Punta de Pájaro	
		Reichel 1985	N/A	NO	5300a.P																
		Legros 1992	5mm	SI	5200a.P																
		Alvarez y Maldonado 2009	5mm	SI	5200a.P																
		Reichel 1986	N/A	NO	5040 a.P																
		Angulo 1988	N/A	NO	4190a.P																
		Bischof 1972	N/A	NO	3890a.P																
		Betancourt 2003	5mm	NO	3685a.P																
		Oyuela y Rodríguez 1990	N/A	NO	3510a.P																
		Angulo 1981	N/A	NO	3070a.P																
		Plazas y Falchetti	5mm	NO	2760a.P																
		Reichel Dolmatoff 1986	N/A	NO	2150 a.P																
		Santos 1989	N/A	NO	1055 a.P																
		Murdy 1984	5mm	SI	985a.P																
		Ramos y Archila 2008	5mm	SI	IX-XVI d.C																
		Lozano 2014	5mm	SI																	
Anadara brasiliensis	Marina					X															
Anadara floridiana	Marina								X												
Anadara notabilis	Marina								X												
Chione sp	Marina								X												
Chione histrionica	Marina											X									
Donax carinatus	Marina																	X			
Donax denticulatus	Marina																	X			

Donax striatus	Marina														X		
Ostrea sp	Marina				X												
Pitar sp	Marina				X												
Pitar circinata	Marina														X		
Pitar dione	Marina														X		
Pseudochama radians	Marina					X											
Ventricola rigida	Marina					X											
Marginella lactea	Marina					X											
Strombus sp	Marina											X					
Strombus gigas	Marina	X															
Tivela mactroides	Marina														X		
Clatoridillia leucoyma															X		
Cryptogramma braziliana?	Marina								X								
Crassostrea rhizophora	Marina		X	X													
Polymesoda equilatera	Aguadulce												X				
Polymesoda arctata	Aguadulce			X													
Prothotaca grata	Marina								X								
Melongena melongena	Marina	X	X		X	X											
Anodontite glaucus	Continental				X												
Ampularia sp	Continental	X			X												
Marisa cornuarietis	Continental				X			X									

Tabla 3. Peces de la colección de referencia de la Universidad Externado

No.	Familia	Especie	Referencia Autor	Nombre Común
1	Carangidae	Chloroscombrus chrysurus	Linnaeus, 1766	Casabito
2	Mugilidae	Mugil liza	Valenciennes, 1836	Lebranche
3	Centropomidae	Centropomus undecimalis	Bloch, 1792	Robalo blanco
4	Haemulidae	Haemulon plumierii	Lacepede, 1802	Ronco
5	Haemulidae	Haemulon bonariense	Cuvier, 1829	Ronco rayado
6	Centropomidae	Centropomus ensiferus	Poey, 1860	Róbalo congo
7	Carangidae	Oligoplites saurus	Bloch & Schneider, 1801	Siete cueros
8	Mugilidae	Mugil incilis	Hancock, 1830	Lisa
9	Serranidae	Cephalopholis cruentata	Lacepede, 1802	Mamita
10	Carangidae	Sellenne setapinnis	Mitchil, 1815	Jorobado
11	Gerridae	Eugerres plumieri	Cuvier, 1830	Mojarra rayada
12	Carangidae	Chloroscombrus chrysurus	Linnaeus, 1766	Casabito
13	Sparidae	Archosargus rhomboidalis	Linnaeus, 1758	Sargo amarillo
14	Sciaenidae	Micropogonias furnieri	Desmarest, 1823	Corvinata
15	Haemulidae	Haemulon plumierii	Lacepede, 1802	Ronco
16	Sciaenidae	Cynoscion spp	Cuvier, 1830	Corvinata
17	Carangidae	Sellenne setapinnis	Mitchil, 1815	Jorobado
18	Stromateidae	Peprilis paru	Linnaeus, 1758	Palometa
19	Ariidae	Notarius bonillai	Betancur & Acero, 2005	Barbudo cabeza de piedra
20	Gerridae	Diapterus rhombeus	Cuvier, 1829	Mojarra blanca
21	Sciaenidae	Bairdiella ronchus	Cuvier, 1830	Corvineta blanca
22	Lutjanidae	Lutjanus mahogoni	Cuvier, 1830	Pargo ojón
23	Carangidae	Caranx hippos	Linnaeus, 1766	Jurel
23	Lutjanidae	Lutjanus griseus	Linnaeus, 1758	Pargo prieto
24	Ariidae	Cathorops mapale	Betancur & Acero, 2005	Chivo
24	Sphyraenidae	Sphyraena guachancho	Cuvier, 1829	Juancho juancho
25	Gerridae	Eucinostomus spp		Mojarra aguja
25	Sciaenidae	Micropogonias furnieri	Desmarest, 1823	Corvinata
26	Haemulidae	Haemulon plumierii	Lacepede, 1802	Ronco
27	Sciaenidae	Ophioscion sp.		Corvina
	Sciaenidae	Cynoscion spp		Corvineta
28	Ariidae	Cathorops mapale	Betancur & Acero, 2005	Chivo
29	Haemulidae	Haemulon parrai	Desmarest, 1823	Ronco
30	Ariidae	Bagre marinus	Mitchil, 1815	Barbul de pluma
31	Haemulidae	Conodon nobilis	Linnaeus, 1758	Ronco amarillo
32	Carangidae	Caranx crysos	Mitchil, 1815	Cojinua
33	Carangidae	Selene vomer	Linnaeus, 1758	Jorobado

34	Mullidae	Mullus auratus	Jordan & Gilbert, 1882	Salmonete colorado
35	Gerridae	Gerres cinereus	Walbaum, 1792	Mojarra blanca
36	Clupeidae	Ophistonema oglinum	Lesuer, 1818	Machuelo
37	Lutjanidae	Lutjanus analis	Cuvier, 1828	Pargo rubia
38	Coryphaenidae	Coryphaena hippurus	Linnaeus, 1758	Dorado
39	Carangidae	Elegatis bipinnulata	Quoy & Gaimard, 1825	Macarela
40	Belonidae	Ablennes hians	Valenciennes, 1846	Agujón
41	Serranidae	Epinephelus itajara	Lichtenstein, 1822	Mero
42	Ariidae	Notarius bonillai	Betancur & Acero, 2005	Barbudo cabeza de piedra
43	Sphyraenidae	Sphyraena guachancho	Cuvier, 1829	Juancho juancho
44	Centropomidae	Centropomus pectinatus	Poey, 1860	Robalo amarillo
46	Mugilidae	Mugil incilis	Hancock, 1830	Lisa
47	Trichiuridae	Trichiurus lepturus	Linnaeus, 1758	Sable

Tabla 4. Identificación preliminar de las muestras ictiológicas de cuatro sitios arqueológicos de esta investigación

Monsú (Díaz 2016)			Puerto Hormiga (Carvajal 2012)			Leticia (Carvajal 2012)			La Isleta (Carvajal 2019)		
Taxón	NISP	Hábitat	Taxón	NISP	Hábitat	Taxón	NISP	Hábitat	Taxón	NISP	Hábitat
Albulidae	2	estuario	Siluriformes	4	estuarino	Perciformes	51	estuarino?	Actinopterygii	1859	
Balistidae	5	arrecifes				Mammalia	2		Ariidae	191	estuario
Belonidae	32	costero							Artiodactyla	4	
Carangidae	162	estuario							Ave	3	
Characidae	27	aguadulce							Carangidae	14	estuario
Centropomidae	76	estuario							cf Diodontidae	1	arrecife
Elopidae	21	estuario							cf Reptilia	5	
Erythrinidae	125	aguadulce							Decapoda	5	
Gerridae	1	estuario							Mamalia	59	
Haemulidae	60	arrecifes							Reptilia	6	
Holocentridae	30	arrecifes							Rodentia	5	
Labridae	11	arrecifes							Sparidae	1	arrecife
Lutjanidae	45	estuario							Squamata	1	
Malacanthidae	1	estuario							Testudines	4	
Megalopidae	294	estuario							Vertebrados	264	
Mugilidae	8	estuario									
Mullidae	90	arrecifes									
Scaridae	4	arrecifes									
Sciaenidae	5	estuario									
Scombridae	1	costero									
Serranidae	29	arrecifes									
Sparidae	2	arrecifes									
Squalidae	2	estuario									
Synbranchidae	638	aguadulce									
Rajiformes	8	estuario									
Perciformes	3										
Siluriformes	118	aguadulce									

**LA PESCA DE PODOCNEMIS EXPANSA EN EL ORINOCO MEDIO: UNA
PERSPECTIVA DIACRÓNICA SOBRE LAS RELACIONES ENTRE HUMANOS Y
TORTUGAS**

*TURTLE FISHING (PODOCNEMIS EXPANSA) IN THE MIDDLE ORINOCO: A DIACHRONIC
PERSPECTIVE ON HUMAN-TURTLE RELATIONSHIPS*

*A PESCA DE PODOCNEMIS EXPANSA NO ORINOCO MEDIO: UMA PERSPECTIVA
DIACRÔNICA SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE HUMANOS E TARTARUGAS*

Elis Esther Meza Peña

Como citar este artigo:

PEÑA, Elis Esther Meza. *La pesca de Podocnemis expansa en el Orinoco Medio: una perspectiva diacrónica sobre las relaciones entre humanos y tortugas*. In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 106-121, Jul-Dez. 2019.

Recebido em: 31/05/2019

Aprovado em: 21/10/2019

Publicado em: 15/12/2019

ISSN 2316 8412



La pesca de *Podocnemis expansa* en el Orinoco Medio: una perspectiva diacrónica sobre las relaciones entre humanos y tortugas

Elis Esther Meza Peña^a

Resumen: La tortuga Arrau (*Podocnemis expansa*) ha sido muy importante en las Tierras Bajas suramericanas desde la época precolonial. Diversos cronistas señalaron sus apreciaciones sobre la pesca de la tortuga para las poblaciones indígenas. Una perspectiva diacrónica a la par de evidenciar las sociabilidades establecidas entre humanos y tortugas, vinculados principalmente a la pesca, colecta de huevos y consumo, también nos permite discutir los efectos de los procesos de colonización en tales relaciones. Localizamos estas reflexiones a partir del análisis material y documental en el contexto del Orinoco Medio .

Abstract: The Arrau turtle (*Podocnemis expansa*) has being important in South America Lowlands since precolonial times. Several chronicles appointed their appreciations about turtle fishing for indigenous populations. A diachronical perspective allows us to evidence the sociabilities established between humans and turtles, mainly related to fishing, eggs collecting and consumption, as well as discuss the effects of the colonization processes in such relationships. These reflections are based on the material and documental analysis in the Middle Orinoco context.

Palavras Chave:

Tortuga amazônica, Pesca, Arqueología Histórica, Rio Orinoco

Keywords:

Amazon turtle, Fishing, Historical Archaeology, Orinoco River

^a *Doutoranda, Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9565-5015>.*

INTRODUCCIÓN

La tortuga ha jugado un papel importante en las culturas indígenas de las Tierras Bajas suramericanas desde hace milenios. En la cuenca amazónica se encuentran con mayor frecuencia las especies *Podocnemis expansa*¹, *Podocnemis unifilis*² y *Podocnemis vogli*³. De éstas, daremos especial atención a *Podocnemis expansa*. La tortuga *Podocnemis expansa*, conocida en el contexto Orinoquense como Arrau, habita un amplio espacio geográfico que comprende áreas de Venezuela, Colombia, Brasil, Perú, Ecuador, Bolivia y Guyana. En la época de sequía, cuando descienden significativamente los niveles de agua en los ríos se forman “playas”, donde las mayores tortugas de agua dulce desovan anualmente. Hasta hace relativamente poco tiempo se generaban masivas movilizaciones de personas que buscaban recolectar huevos⁴ (MEZA, 2013) y pescar tortugas. Por un lado, las poblaciones ribereñas disponían de una localización espacial que les permitía vincularse a una constante actividad de pesca de tortugas. Por otro lado, para quienes vivían “tierra adentro” era necesario trasladarse hasta las orillas de las playas y establecer campamentos provisorios en el verano. Tal movilización señala una relación específica y significativa entre humanos y tortugas.

Es importante destacar que un entendimiento de este fenómeno requiere pensar las relaciones entre humanos y tortugas más allá de una perspectiva de “aprovechamiento de los recursos naturales”. Así como una amplia bibliografía antropológica ha venido discutiendo los encuentros entre humanos y animales, divergiendo de una dicotomización moderna entre naturaleza y cultura (DESCOLA, 1994; FAUSTO, 2007; VIVEIROS DE CASTRO, 1998), también en arqueología estos debates motivan a nuevos enfoques (HARRISON-BUCK; HENDON, 2018; HILL, 2013; OVERTON; HAMILAKIS, 2013), más allá de una visión utilitaria de los animales como “objetos” (HILL, 2013). Así, inclusive en los casos en que el tipo de vínculo con animales está mediado por el consumo, también puede ser pensada la agencia de los animales y su participación en la co-constitución de las sociedades. Igualmente, Norton (2015) ha señalado la importancia de entender las nociones de persona en el pasado para el entendimiento sobre las elecciones de consumo y de domesticación/familiarización de animales⁵. En futuros trabajos abordaremos detenidamente una reflexión post-antropocéntrica sobre la relación de humanos y tortugas, a partir de la pesquisa etnográfica e histórico-arqueológica.

En este trabajo procuro abordar diversos momentos en los que se evidencian las diferenciaciones que se produjeron entre las perspectivas indígenas sobre las relaciones inter-especies, y los espacios que habitan, y las perspectivas europeas en el marco del contacto y la colonización. Decidí aquí tratar principalmente de la pesca de tortugas en su dimensión de práctica indígena que existió antes de la colonización, durante y después continuó siendo realizada, en el Orinoco y en otros contextos en Tierras Bajas amazónicas, ya que esto nos permite aproximarnos a un entendimiento sobre la persistencia de prácticas indígenas y de prácticas de las tortugas. Sin embargo, también una interseccionalidad interpretativa del contexto orinoquense, permite considerar que “el poder sobre los humanos frecuentemente se da vía el poder sobre los animales, o la animalización de los humanos” (ALVES 2013 apud NORTON 2015:34).

¹ En Brasil conocida popularmente como Tartaruga da Amazônia.

² En Brasil es conocida popularmente como Tracajá.

³ Especie presente en Venezuela y Colombia (SEPÚLVEDA, 2018).

⁴ La pesca y recolección de huevos de tortugas como práctica colectiva existió hasta mediados del siglo XX.

⁵ Una referencia sobre *Podocnemis expansa* en el contexto etnográfico del Rio Negro, entre los hupd'áh, señala estas tortugas como “elemento aglutinador de nuevos elementos de ancestralidad en el orden cosmológico” (POUGET; RAMOS, 2014, p. 18). Esta noción es interesante para pensar el contexto de colonización y la continuidad técnica y tecnológica en la pesca de tortugas en el Orinoco medio.

La pesca de *Podocnemis* expansa en contexto amazónico: relatos históricos

Pesquisas historiográficas y ecológicas han abordado diversos contextos nacionales enfocando el consumo a gran escala de tortugas. Sin embargo, la cuenca amazónica y la interconexión de sus ejes fluviales, del mismo modo que la presencia de las tortugas no responde a los límites geopolíticos establecidos por los humanos. Al considerar esto, las múltiples investigaciones, incluyendo el presente trabajo, pueden pensarse como adiciones a la construcción de una macro historia de la tortuga amazónica. En la Amazonia boliviana, el trabajo de Conway (2004) presenta datos enfocados en la historia del uso de las tortugas en las tierras bajas del este del país, especialmente en la cuenca del río Ucayali. Ella señala evidencias de un consumo prehispánico y de la continuidad en los registros más tempranos, luego del contacto con los europeos. No obstante, para esta región, los testimonios que mejor documentan las relaciones con las tortugas se encuentran en el siglo XIX, entre los que destacan las materialidades utilizadas por los Conibo para la pesca de tortugas (figura 1), que incluyen el uso de metal, introducido a partir de la colonización europea y las interacciones de indígenas con las tortugas para pescarlas, a partir del conocimiento de sus prácticas gregarias (figura 2) y sus comportamientos de nifidicación.

En el actual territorio de Brasil, las actividades relacionadas a la temporada de tortugas atrajeron la atención de los colonizadores portugueses, quienes en el siglo XVIII, establecieron un “Pesqueiro Real das Tartarugas”, cerca de la confluencia del Amazonas con el Río Negro para suplir de alimento a la Capitanía de São José do Rio Negro y a los militares asentados en Barcelós, lugar en el que según Ferreira (apud SMITH, 1979), se mantenían 53.468 tortugas en dos corrales estatales (SMITH, 1979; ver también SCHNEIDER et al, 2011). Un interesante trabajo historiográfico sobre pirarucus, manatíes y tortugas en la amazonia brasileña en siglos XVIII y XIX fue realizado por Fiori y Dos Santos (2015).

En relación a los llanos orientales de Colombia, Morey (1975) señala las playas de Tortugas del Guaviare-Inírida, donde se reunían principalmente la especie terecay (*Podocnemis unifilis*), además de en casi todos los ríos llaneros, Meta, Vichada y Magdalena. En enero y febrero, dos centros, “ferias” (Mapiripan, Guaviare) atraían muchas personas para la recolección de los huevos y la fabricación del aceite, pero señala que las “ferias” en el Orinoco Medio eran aún mayores.



Figura 1. Flecha (Tapuá) con la que los Conibo pescaban tortugas (MOLL; MOLL, 2004:157).



Figura 2. Indígenas Conibo disparando flechas a tortugas en el Ucayali (MOLL; MOLL, 2004:157).

Por su vez, ya en territorio de la actual Venezuela, pero en un período temprano, Fernández de Oviedo y Valdés, [1478-1557] cronista designado por la Corona Española, escribe *Historia General y Natural de las Indias*, donde hace un énfasis especial en la descripción de la “naturaleza americana”. En su obra señala que:

Matan los indios estas tortugas con unos *arponcillos de un clavo, pequeños, que ligan a un buen volantín o cordel recio*; y aunque son grandes animales y la herida es poca, porque les entra poco y no bastaría para danificar ni ser presa la tortuga por tal causa, ella da más armas a su ofensor para su daño, porque así como se siente herida, aprieta tanto la concha que fortifica tanto el arpón tan firme que no se puede soltar; entonces el indio se echa al agua y trastorna la tortuga hacia arriba, y como está puesta de espaldas, no es para huir ni puede, tirando de la cuerda del arpón y ayudando al que la trastornó la meten los indios en la canoa (OVIEDO Y VALDÉS, 1986, sp).

En 1542, la hambrienta expedición de Orellana, al pasar por el Amazonas, encontró una aldea con más de mil tortugas que eran mantenidas en corrales y zanjas inundables, lo cual atestigua el consumo regular de este animal en una época temprana de la colonización (SMITH, 1974). En Conway (2004) se presentan algunas imágenes históricas que refuerzan esta relevancia amazónica del consumo de tortugas (figura 3).

Otro testimonio es el que se encuentra en el relato de Jacinto de Carvajal [1648] cronista de la Expedición de Ochogavía al Apure y Orinoco. En relación al comportamiento de las tortugas y la pesca que realizaban los indígenas de la región de Los Llanos, comenta:

...de aquestas ay inmensidad en las bocas de los rios, çanjones y esteros que entran en el rio de Orinocco, y *son tan ynquietas que levantan por minutos las cabeças sobre el agua*, sobre la qual andan en sus curiaras los yndios con sus arcos y flechas en cuios tiros son tan diestros que apenas saca la tortuga su cabeça quando ya la tienen clauada: lleva la flecha un empaque de forçada cabulla, y *si bien la tortuga se profunda debajo de el agua queda descubierta la superior parte de la flecha y cordel*, que llegando el yndio al parage que ynsinua hala de el y ua sobre aguando a la tortuga hasta que haciendo pressa en sus conchas

por la ynferior parte de ellas la traslada a su bajel, y en breue espaçio con el modo dicho le llena de tortugas con que le sobran no ssolo para el sustento suio y de su familia, sino para uender a los españoles por los rescates que arriba é yndicado por el ser el hordinario sustento de aquestos y los yndios la carne de las tortugas y el mismo en la Guayana y Trinidad respecto de auer poco ganado vaccuno en estas partes de Trinidad y Guayana, a quienes se auenta la Nueva Cantabria en esta parte por mucho de el que abunda la Nueva Cantabria (CARVAJAL, 1956: 230).



Figura 3. Ribereño cocinando una tortuga en el río Amazonas. Imagen de CONWAY, 2004:7.

Las tortugas también tenían un papel importante en el movimiento de las relaciones comerciales, especificándose los intercambios de mercancías entre indígenas y europeos, apuntando al objetivo de la pesca de tortugas. Carvajal (1956) señala que:

puyas de hierro, harpones y cuchilleria, todo lo qual es entre los naturales de mucho aprecio, y tanto que la plata y oro respeto de lo dicho no suppone entre todos los yndios, porque los cuchillos le sirven de reducir a frustros los manaties; a estos matan con los harpones y figsas; y las puyas para la pescha de tortugas; (CARVAJAL, 1956: 230).



Figura 4. Corrales y matanzas de tortugas en una aldea Conibo. Imagen de MOLL; MOLL 2004:

PEÑA, Elis Esther Meza. La pesca de *Podocnemis expansa* en el Orinoco Medio: una perspectiva diacrónica sobre las relaciones entre humanos y tortugas. In: *Cadernos do Lepaarg, v. XVI, n.32., p. 106-121, Jul-Dez. 2019.*

Es de destacar que así como era realizada la pesca fluvial, también fueron desarrolladas otras estrategias para asegurar el acceso continuo a tortugas, como los “corrales” (figura 4). Así como también se conseguía capturar tortugas que estaban desovando mediante voltear sus caparazones (FIORI; DOS SANTOS 2015; MEZA, 2013) y de igual modo, mantener en los corrales.

La pesca de *Podocnemis expansa* en el Orinoco medio y la colonización

Esfuerzos esporádicos e infructíferos de asentamientos europeos en el Orinoco acontecieron entre los siglos XVI al XVII. En el siglo XVIII, la Corona Española decidió consolidar su presencia en el Orinoco principalmente mediante la acción misionera, específicamente en su porción media, hubo el asentamiento de misioneros de la orden Jesuita. Tal incursión debe entenderse como un proyecto civilizatorio que tenía como objetivo central la conversión de los indígenas a la fe Católica, a la par del control estratégico de este importante eje fluvial.

Los Jesuitas tenían ya varias experiencias evangelizadoras en América, pues su acción en otros espacios americanos se remonta al siglo XVI (KLAIBER, 2007). De manera que consideraron factible aplicar tales conocimientos para el establecimiento de las misiones en Guayana (REY FAJARDO, 1974). La fundación de pueblos coloniales, llamados “Reducciones”, junto con los fortines, transformaron radicalmente tanto el espacio geográfico como el espacio social de los grupos indígenas asentados en la zona (HERNÁNDEZ, 2007). Por otro lado, las modificaciones que tuvieron lugar en los patrones productivos, en las relaciones de género, el cuestionamiento de las formas políticas internas, incluso las prohibiciones de prácticas de pintura corporal o de decoración de la alfarería, supusieron importantes cambios para las poblaciones nativas (TARBLE; SCARAMELLI, 2004). También, las actividades tradicionales de los hombres, como la caza, recolección, pesca, y expediciones comerciales fueron limitadas por los misioneros, cuyo temor residía en que tal vez no regresaran, o que mientras permanecían alejados de las misiones, participaran en una práctica pagana (TARBLE; SCARAMELLI, 2004).

No obstante, su acción en el ámbito religioso no siempre obtuvo los resultados que ellos esperaban. Por ejemplo, Gumilla pasó cerca de ocho años procurando reducir a los Betoyes, sólo para que luego de un corto tiempo, éstos desertaran de la Misión (REY FAJARDO, 1974). Los sacerdotes tenían que tolerar costumbres locales, como por ejemplo bailes y reuniones, considerándolas necesarias dada la tendencia de escapar si las prohibiciones eran muy estrictas (TARBLE; SCARAMELLI, 2004).

De hecho, es importante reconocer que “en el terreno de la economía productiva, la colonización en Guayana no llegó a remplazar los modos de producción tradicionales ni las múltiples actividades de subsistencia relacionadas con la movilidad residencial” (PERERA, 2006: 379). Esto es especialmente evidente en el hecho de que la localización geográfica de las Misiones Jesuitas en el siglo XVIII coincide con la localización de las principales playas de desove de las tortugas Arrau (figura 5). Para los Jesuitas, la carne de tortuga, los huevos y el aceite de tortuga eran esenciales para la subsistencia, tanto como para las posibilidades de control de las poblaciones indígenas que querían acceder a las playas, recolectar huevos y producir aceite, que además del uso alimenticio, tenía una función en la protección corporal y en la iluminación. En ese sentido, el colonialismo también puede ser pensado a través de las relaciones inter-especies.

Abordando el contexto de las configuraciones indígenas para pescar tortugas, podemos citar la narración del misionero español Felipe Gilij (1987), quien documentó sus observaciones sobre la forma en que los Otomacos organizaban sus actividades colectivas de obtención y redistribución de alimento. Escribió que:

cómo estas personas “acuden en grupos copiosísimos” a su recolecta en las playas del Orinoco Medio, a lo que añade que los Otomacos, “dejaban en aquel tiempo casi todas sus cabañas, y con fiesta y danzas toda la nación se embarca y se traslada a la playa que está en tres millas más bajo de Uruana (GILIJ, 1987: 111). Asimismo, ya en el siglo XIX, Humboldt menciona que, a estos lugares arribaban “gentíos enteros del Atabapo y del Casiquiare que pasaban los Raudales para tener parte en la pesca de la Urbana” (HUMBOLDT, 1956 Vol. III:269). Los grupos que participaban de la colecta y producción de aceite de tortuga, de acuerdo con los registros historiográficos, fueron los Atures, Sálivas, Caribes, Mapoyo, Achaguas, Guamos y Otomacos (PERERA, 2006), pero es muy probable que otros muchos grupos también pescaran tortugas o accedieran a su consumo mediante relaciones comerciales.

En el Período Republicano (1831-1930)⁶, ya con la previa expulsión de los jesuitas, todos los pueblos de misión fueron transformados en pueblos de criollos y agrupados en cuatro distritos. Las tierras de las misiones fueron “privatizadas” y convertidas en haciendas o hatos ganaderos (SANOJA; VARGAS, 2007:174). En este contexto se generaron encuentros etnocidas y etnogenéticos, en los que las poblaciones indígenas experimentaron diversos tipos de presiones desde su incorporación como soldados a las tropas independentistas, o como trabajadores en la cría de ganado, en minas de oro o en la recolección de productos naturales (FALCONI, 2003; PINTO, 2012; TORREALBA, 2011; TORREALBA; SCARAMELLI 2018). De igual forma, Scaramelli (2005:78- traducción propia) señala que “las poblaciones indígenas entraron en contacto directo con una forma interna de colonialismo, orientada a la explotación y comercialización de los recursos locales”, lógica en la que también se incluyó a la recolección de tortugas y huevos de tortuga.

Como parte de las estrategias en la implementación de relaciones de poder específicas, encontramos la creación de un aparato burocrático por parte de los Criollos republicanos para el control de las playas tortugueras, especialmente a través de la implantación de la recaudación de impuestos, el “remate de las playas”, que consistía en la subasta de porciones territoriales de las playas en época de desove para una explotación organizada y la creación de puestos de trabajo destinados a la vigilancia de los espacios (guardias), registro contable (recaudadores) y comisionados. En este sentido, se incorpora todo un nuevo contingente de personas a las actividades relacionadas a las tortugas en el Orinoco. Quienes asistían a estas riberas, según un documento de la Gobernación de Guayana en 1842, era “un considerable número de personas de todas edades, sexos y condiciones” (BURGOS, 1842: AHG- folio 1).

Un Oficio de 1844, firmado por José Mendoza en Caicara del Orinoco, menciona el nombramiento oficial de José Rodríguez como Celador para la playa Ceiba:

en vista del enorme perjuicio que sufría el erario por el desorden que hay en ella, siendo como es una de las en que se cosecha la manteca de tortuga en este Cantón; pues las cazan o pescan como para exterminar la tortuga, según los grandes acopios que de ellas hace un inmenso gentío allí estacionado que casi viven de la pesca y extraen para diferentes puntos (MENDOZA, 1844: AHG- folio 1).

Por otro lado, Michelena y Rojas menciona que la pesca de tortugas con barbasco (*Craccacineria*) producía la muerte de una enorme cantidad de tortugas en los caños, envenenadas por esta operación que “consiste en tapan la boca del caño, y echar en él la porción necesaria molida de aquella yerba. De este modo, para 10 que cojan matan 100 sin provecho alguno” (MICHELENA Y ROJAS, 1989: 275). No obstante, fue principalmente la organización mercantil que se desarrolló en el Siglo

⁶ Esta referencia temporal para el Orinoco Medio fue definida por Scaramelli y Tarble (2004).

XIX para la “explotación” de las tortugas que constituyó una significativa reducción de las capacidades reproductivas de la especie, lo cual la llevaría a una drástica disminución demográfica, así como también a una progresiva ocupación de otras playas (MEZA, 2013).

A principios de siglo XX existía cierta continuidad en cuanto a actividades económicas y productivas respecto a las últimas décadas del siglo XIX, siendo mayormente agricultura y ganadería. Y la pesca de tortugas también continuaba como práctica indígena. Cruxent refiere a este grupo en su descripción “Datos Demográficos” enmarcado en la expedición de la Sociedad de Ciencias Naturales La Salle a Pararuma e incluye una imagen donde refiere a un Piaroa con un arco para pescar tortugas (figura 6).



Figura 6. Piaroa con arpón para cazar tortugas. Imagen tomada por Cruxent, J.M. e incluída en Blohm, T y Fernández, A (1948)

En “*verano*”, la principal actividad en la región era el desove de las tortugas, pero también “durante las anuales temporadas de lluvias, los llaneros capturan mucha tortuga al anzuelo con cebos de topocho, guayaba cañero, arizo, altapuca, chara, anamú, barabara y cacho, frutas que *son muy del agrado de ese quelonio*” (MOSQUEIRA, 1960:68). Otra afirmación del mismo autor señala que los indios Yaruro, que viven en las riberas del río Cinaruco y Capanaparo, pescan durante todo el año la tortuga: en invierno, con anzuelos, y en verano con flecha (o arpón) (ver también MITRANI, 1988; PETRULLO, 1939, figura 7). Podría decirse que esta actividad era/es predominantemente masculina.



Figura 7. Hombres caleteando tortugas en Pararuma (1945). Imagen extraída de Mosqueira (1960, sp.).

Según la versión de Jesús Reyes (com. pers. 2011), miembro del pueblo Mapoyo, los artefactos que utilizaba su familia para cazar tortugas consisten en una flecha de una vara (un poco más de un metro) hecha con caña brava⁷ (otro nombre que recibe es verá). En la punta le colocaban “un trozo de hierro cuadrado” de cerca de 10 cm, al cual le dejaban una lengüeta (figuras 8, 9). Lo insertaban en el palo, el cual a su vez se conectaba con uno más largo. Para pegarlo se usaba *peramán* y le amarraban una cabuya. Esta era lanzada desde la curiara y cuando cae en la tortuga, ésta es halada hacia la curiara. Le dan un golpe en la cabeza con un chuzo y se le atan las patas. Esta flecha no atraviesa la tortuga, sino que se incrusta en el caparazón, de modo que era posible que algunas se soltaran y quedaran con marcas que atestiguaban su supervivencia frente a tal encuentro.



Figura 8. Punta de arpón Mapoyo para pesca de tortugas.



Figura 9. Arpón utilizado actualmente por los Yaruro para pescar tortugas. Foto cortesía de Omar Hernández.

⁷ De nombre científico *Bulnesia arbórea*.

Durante los trabajos de campo que realicé entre 2011 y 2012⁸ en el Orinoco Medio varias personas mencionaron que se dio una mayor explotación de la tortuga cuando en lugar de la cacería en las playas con arco y flecha, comenzaron a utilizar “chinchorro” (especie de red), dado que con esto capturaba no sólo tortugas, sino también toninas, peces que no iban a consumir, y que en ocasiones, al no ser sacadas rápido, morían. Además, mediante esa forma más reciente, es posible capturar muchos ejemplares de una sola vez, a diferencia de la pesca con arpón o con arco y flecha, que implica un tratamiento individualizado junto con precisión y requiere la dedicación de una mayor cantidad de tiempo.

Actualmente y desde mitad del siglo XX⁹ está prohibida estatalmente la pesca de tortugas y la recolección de sus huevos en vista de la identificación por biólogos y ecólogos de la proximidad de su extinción causada por un excesivo consumo humano. No obstante, siendo una práctica cultural relevante en el contexto orinoquense, se ha mantenido en una menor escala y en un formato de ilegalidad, lo cual también apunta a las intersecciones de los entendimientos de comunidades locales y Estado frente al consumo/preservación de la tortuga amazónica.

REFLEXIONES FINALES

El abordaje diacrónico de la relación entre humanos y tortugas en el Orinoco Medio nos permite entender de otras formas el proceso de colonización europeo en esta región. Si bien fue un acontecimiento violento y disruptivo, no consiguió alterar por completo las vinculaciones que poblaciones indígenas habían ejercido desde mucho antes con los lugares, como el río Orinoco y con animales, como las tortugas.

Las informaciones con las que contamos para entender el período de contacto en la colonización europea de las Tierras Bajas amazónicas parten de relatos documentales, por lo que destacamos que son necesarias investigaciones arqueológicas que colaboren en abordar la materialidad y la socialidad en torno a las relaciones indígenas con las tortugas en un contexto precolonial, tanto como en el período colonial y republicano. En trabajos anteriores (MEZA 2013) apuntamos a la posibilidad interpretativa de manifestaciones rupestres pre-contacto que registran tortugas o huevos de tortugas para un comienzo de esta tarea para la arqueología amazónica, pero también los espacios ribereños y playas del Río Orinoco podrían abrir nuevas oportunidades.

En el período colonial y en el republicano, personas no-indígenas procuraron establecer formas de controlar las playas de tortugas para el aprovechamiento de los huevos, con los cuales se producían grandes cantidades de aceite de tortuga, pero la pesca de tortugas, tanto en el período de verano como de lluvias, se mantuvo como práctica indígena a través de tales momentos históricos hasta la actualidad. Ambas partes, tanto colonizadores como colonizados desarrollaron estrategias y esferas de control de acuerdo a sus intereses particulares y a sus lógicas propias (SCARAMELLI; TARBLE, 2005). En este sentido, podemos pensar en las técnicas de pesca, en las materialidades como flechas, arpones, cuerdas, curiaras, en las percepciones sobre los espacios y en el consumo de tortuga en la persistencia de los pueblos nativos amazónicos. De igual forma, para las tortugas, el incremento colonial y republicanos de las interacciones asimétricas con los humanos, diezmo sus poblaciones e influyó en algunos cambios en sus lugares de nidificación. Overton y Hamilakis (2013) comentan sobre cómo en la división occidental de naturaleza/cultura, se produce una homogenización de los animales, pero estudios de casos como el

⁸ Esta investigación formó parte del proyecto “Colonialismo, cultura material e identidad en el Orinoco Medio”, coordinado por los profesores Dr. Franz Scaramelli (Instituto Venezolano de Investigaciones Científicas) y Dra. Kay Tarble de Scaramelli (Universidad Central de Venezuela).

⁹ La veda sobre la tortuga arrau tuvo lugar primeramente en el año de 1946, cuando el por entonces Ministerio de Agricultura y Cría (MAC) declaró según Gaceta Oficial (Nº 4, Estados Unidos de Venezuela, Sección de Pesquería, 136º y 87º)55 que se prohibía la recolección de huevos y de tortuguillos.

presentado en este artículo contribuyen a construir perspectivas específicas, como lo son las que se produjeron y se producen aún entre pobladores orinoquenses y tortugas arrau. El contexto de movilización de personas, técnicas, artefactos y narrativas, así como la presencia y agencia de las tortugas dejan claro el papel fundamental de estos animales en la constitución social de las Tierras Bajas amazónicas

Agradecimientos

A la comunidad Mapoyo El Palomo (Venezuela), especialmente al sr. Jesús Reyes. A los profesores Kay Tarble y Franz Scaramelli, por sus enseñanzas sobre el contexto orinoquense. A la profesora Marcy Norton por el impulso para abordar la perspectiva de relacionalidad entre humanos y tortugas en el pasado. En los trabajos de campo, agradezco a Jesybeth Pinto y a Omar Hernandez por la disponibilización de bibliografía y entendimientos sobre la pesca actual de tortugas. La investigación tuvo apoyo del Instituto Venezolano de Investigaciones Científicas, a través de una beca en la categoría Estudiante Asistente (2009-2012). La escritura de este artículo fue realizada con el financiamiento de la agencia de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERENCIAS

- ALVES, Abel. *The Animals of Spain: An Introduction to Imperial Perceptions and Human Interaction with Other Animals, 1492–1826*. Boston: Brill, 2011.
- BLOHM, Tomás; FERNÁNDEZ, Agustín. La Sociedad de Ciencias Naturales La Salle en Pararuma. *Memorias de la La Sociedad de Ciencias Naturales La Salle, Caracas*, v.8, 21, p. 35-69, 1948.
- CARVAJAL, Jacinto. *Relación del descubrimiento del Río Apure* [1648]. Caracas: EDIME, 1956.
- CONWAY, Kristen. *Human use of two species of river turtle in lowland Eastern Bolivia*. Ph.D. Dissertation. University of Florida, Florida, 2004.
- DESCOLA, Philippe. *In the Society of Nature: A Native Ecology in Amazonia*. Trans. Nora Scott. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- FALCONI, Maura. *Arqueología del período Republicano (1831-1940) en el Orinoco Medio, Estado Bolívar: Características del encuentro económico, social y cultural entre indígenas, criollos y extranjeros*. Monografía de graduación, Escuela de Antropología, Universidad Central de Venezuela, Caracas, 2003.
- FAUSTO, Carlos. Feasting on People: Eating Animals and Humans in Amazonia. *Current Anthropology* v.48, 4, p. 497–530, 2007.
- FEW, Martha; TORTORICI, Zeb (eds). *Centering Animals in Latin American History*. Durham: Duke University Press, 2013.
- FIORI, Marlon; DOS SANTOS, Christian. *A carne, a gordura e os ovos: colonização, caça e pesca na Amazônia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.
- GILIJ, Felipe. *Ensayo de historia americana*. Caracas: Biblioteca Nacional de la Historia. Fuentes documentales para la historia colonial de Venezuela, 1987.
- HARRISON-BUCK, Eleanor; HENDON, Julia. *Relational identities and other-than-human agency in archaeology*. Louisville: University Press of Colorado, 2018.
- KLAIBER, J. *Los jesuitas en América Latina 1549-2000*. Lima: Fondo Editorial Universidad Antonio Ruiz de Montoya, 2007.
- HERNÁNDEZ, Ananda. *Etnoarqueología del espacio habitacional y comunitario de la población indígena Mapoyo de la comunidad El Palomo, Municipio Cedeño, Estado Bolívar*. Monografía de graduación, Escuela de Antropología, Universidad Central de Venezuela, Caracas, 2007.
- HUMBOLDT, Alejandro. *Viaje a las regiones equinocciales del Nuevo Continente*. Caracas: Biblioteca Venezolana de Cultura. Ediciones del Ministerio de Educación, 1956.
- MEZA, Elis. *Aceite de Tortuga: Colonialismo, Agencia y Producción en el Orinoco Medio durante los siglos XVIII al XX*. Monografía de graduación, Escuela de Antropología, Universidad Central de Venezuela, Caracas, 2013.
- MICHELENA Y ROJAS, Francisco. *Exploración oficial por primera vez desde el norte de la América del Sur*[1867]. Iquitos: Monumenta Amazónica, 1989.
- MITRANI, Philippe. Los Pumé (Yaruro). In LIZOT, Jacques (ed.) *Los aborígenes de Venezuela*. Vol III. Caracas: Fundación La Salle, Monteávila Editores, 1988.
- MOLL, Don; MOLL, Edward. *The ecology, exploitation and conservation of river turtles*. New York: Oxford University Press, 2004.
- PEÑA, Elis Esther Meza. *La pesca de Podocnemis expansa en el Orinoco Medio: una perspectiva diacrónica sobre las relaciones entre humanos y tortugas*. In: *Cadernos do Lepaarq*, v. XVI, n.32., p. 106-121, Jul-Dez. 2019.

- MOREY, Robert; MOREY, Nancy. *Relaciones comerciales en el pasado en los llanos de Colombia*. Caracas: Montalbán, Universidad Católica Andrés Bello, 1975.
- MOSQUEIRA, J. *Las tortugas del Orinoco*. Buenos Aires: Editorial Citania, 1960.
- NORTON, Marcy. The Chicken or the *Jegue*: Human-Animal Relationships and the Columbian Exchange. *American Historical Review* v. 120, 1, p. 28-60, 2015. Disponible en: <https://academic.oup.com/ahr/article-abstract/120/1/28/46122>
- OVERTON, Nick; HAMILAKIS, Yannis. A manifesto for a social zooarchaeology. Swans and other beings in the Mesolithic. *Archaeological Dialogues*, 20, p. 111-136, 2013.
- OVIEDO y VALDEZ, Fernando. *Historia General y Natural de las Indias*. S.i. 1986.
- PERERA, Miguel Angel. *El Orinoco domeñado. Frontera y límite: Guayana siglo XVII. Ecología cultural y antropología histórica de una colonización breve e inconclusa*. Caracas: CDCH-Universidad Central de Venezuela, 2006.
- PETRULLO, Vicenzo. *Los Yaruro del río Capanaparo*. Instituto de Antropología e Historia. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1939.
- PINTO, Jesybeth. *Interacción social y transformación espacial. Configuración del asentamiento criollo de Los Pijiguaos durante el período republicano*. Monografía de graduación, Escuela de Antropología, Universidad Central de Venezuela, 2012.
- POUGET, Frederic; RAMOS, Danilo. Ancestrais, tartarugas e moisés—interface dialógica entre arqueologia e antropologia na etnografia dos hupd’äh (Rio Negro). *Revista Arqueologia Pública*, Campinas, v. 8, 1, p. 6-22, 2014. Disponible en: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8635662>.
- REY FAJARDO, José. *Documentos Jesuíticos relativos a la Compañía de Jesús en Venezuela II*. Caracas: Biblioteca de la Academia Nacional de la Historia, 1974.
- SANOJA, Mario; VARGAS, Iraida. *Las edades de Guayana. Arqueología de una quimera, Santo Tomé y las misiones Capuchinas catalanas 1595-1817*. Caracas: Monte Ávila Editores Latinoamérica, 2005.
- SCHNEIDER, Larissa; FERRARA, Camila; VOGT, Richard; BURGER, Joana. History of turtle exploitation and management techniques to conserve turtles in the Rio Negro basin of the Brazilian Amazon. *Chelonian Conservation and Biology* v. 10, 1, p. 149-157, 2011. Disponible en: <https://bioone.org/journals/Chelonian-Conservation-and-Biology/volume-10/issue-1/CCB-0848.1/History-of-Turtle-Exploitation-and-Management-Techniques-to-Conserve-Turtles/10.2744/CCB-0848.1.short>.
- SCARAMELLI, Franz. *Material culture, colonialism and identity in the middle Orinoco, Venezuela*. Ph.D Dissertation, Departement of Anthropology, University of Chicago, Chicago, 2005.
- SEPÚLVEDA, Ana María. Ficha sobre la tortuga dulceacuicola *Podocnemis vogli*. *Catálogo de Anfibios y Reptiles de Colombia* v. 4, 2, p. 36-44. Asociación Colombiana de Herpetología, 2018.
- SMITH, Nigel. Destructive exploitation of the South American river turtle. *Yearbook of Pacific coast geographers* v.36, p.85-102, 1974.
- SMITH, Nigel. “Aquatic turtles of Amazonia. An endangered resource”. *Biological Conservation* v.16, 3, p.165-176, 1979.
- TARBLE, Kay; SCARAMELLI, Franz. A brief but critical presence: The archaeology of a Jesuit mission in the Middle Orinoco (1730-1747). *Missionalia* 32(3) p.419-444, 2004. Disponible en: <https://journals.co.za/docserver/fulltext/mission/32/3/1053.pdf?expires=1572418664&id=id&acname=guest&checksum=F7AAD276332D88B7E805811B2CA28D38>
- TORREALBA, Gabriel. *La economía política de la sarrapia. Etnografía histórica de las actividades productivas entre los Mapoyo del Orinoco Medio, Venezuela*. Trabajo de Maestría. Departamento de Antropología, Instituto Venezolano
- PEÑA, Elis Esther Meza. *La pesca de Podocnemis expansa en el Orinoco Medio: una perspectiva diacrónica sobre las relaciones entre humanos y tortugas*. In: *Cadernos do Lepaarg*, v. XVI, n.32., p. 106-121, Jul-Dez. 2019.

de Investigaciones Científicas, Altos de Pipe, 2011.

TORREALBA, Gabriel; SCARAMELLI, Franz. Las estaciones sarrapieras: los Mapoyo y las economías extractivas en el Orinoco Medio, Venezuela. *Boletim do Museu Paranaense Emílio Goeldi, Belém*, v.13, 2, p.293-314, 2018.

Disponibile en: <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v13n2/1981-8122-bgoeldi-13-2-0293.pdf>

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Cosmological Deixis and Amerindian Perspectivism. *Journal of the Royal Anthropological Institute* v.4, 3, p. 469–88, 1998.

Documentos primarios

Burgos, 1842: Archivo Histórico de Guayana, folio 1.

Mendoza, 1844: Archivo Histórico de Guayana, folio 1.

A ARTE DA CONSTRUÇÃO NAVAL NA PESCA ARTESANAL: SOBRE SABERES E HABILIDADES DE CARPINTEIROS NAVAIS DO LITORAL DO EXTREMO SUL DO BRASIL

THE SHIPBUILDING ART INTO ARTISANAL FISHING: ABOUT KNOWLEDGE AND SKILLS OF NAVAL CARPENTERS FROM SOUTHERNMOST BRAZILIAN COAST

Gianpaolo Knoller Adomilli
Francisco Barroso Rotondaro Romani
Letícia D'Ambrosio Camarero

Como citar este artigo:

ADOMILLI, Gianpaolo Knoller; ROMANI, Francisco Barroso Rotondaro; CAMARERO, Letícia D'Ambrosio. *A arte da construção naval na pesca artesanal: sobre saberes e habilidades de carpinteiros navais do litoral do extremo sul do Brasil*. In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 122-137, Jul-Dez. 2019.

Recebido em: 01/06/2019

Aprovado em: 11/06/2019

Publicado em: 15/12/2019

ISSN 2316 8412



A arte da construção naval na pesca artesanal: sobre saberes e habilidades de carpinteiros navais do litoral do extremo sul do Brasil

Gianpaolo Knoller Adomilli ^a

Francisco Barroso Rotondaro Romani ^b

Letícia D'Ambrosio Camarero ^c

Resumo: Este trabalho apresenta os conhecimentos e habilidades no âmbito de processos técnicos da construção naval para a pesca artesanal na região costeira do extremo sul do Brasil. Objetiva-se identificar as singularidades de grupos e práticas, suas associações/conexões com outros atores (humanos e não humanos), bem como suas relações com contextos mais amplos, como o mercado da pesca, que apresenta um caráter global. Os dados e interpretações que trazemos dizem respeito a experiências etnográficas junto a carpinteiros navais, realizadas em duas localidades de comunidades pesqueiras, buscando pensar como se operam mudanças dentro de uma relativa tradição, a partir das práticas/experiências desses carpinteiros navais, nas associações/conexões que se estabelecem no processo técnico de construção de embarcações.

Abstract: This work presents the knowledge and skills in the field of shipbuilding technical processes to artisanal fisheries between coastal regions of southern Brazil. It's means to identify the singularities of groups and their associations/connections with other actors (human and non-human), as well as its relationship with broader contexts, like the fishery market, which features a global character. The interpretations that we relate in this studies, means to ethnographic experiences along the naval carpenters, performed in two localities of fishing communities and trying to think how to operate changes within a relative tradition from the practices/experiences of these naval carpenters and the associations/connections that are established in the technical process of shipbuilding.

Palavras Chave:

Construção Naval; Pesca; Saberes; Habilidades

Keywords:

Shipbuilding; Fishing; Knowledge; Skills

^a Professor do bacharelado em Arqueologia e do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Brasil; Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FURG), Brasil. E-mail: giansatolep@gmail.com

^b Bacharel em Arqueologia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Brasil. E-mail: romanifrancisco@gmail.com

^c Professora da Universidad de La República, Uruguai. Doutora em Antropologia Social pelo Instituto de Altos Estudios Sociales- Universidad Nacional de San Martín, Argentina.

INTRODUÇÃO

As embarcações destinadas a pescarias tradicionais são descritas com recorrência na literatura relativa aos estudos antropológicos sobre grupos/comunidades pesqueiras, enquanto ferramenta e espaço de trabalho, principalmente como meio pelo qual pessoas e grupos se deslocam, trabalham e convivem no ambiente aquático, voltados às atividades de captura de peixes e crustáceos. Também se observa a descrição de sua presença em áreas de portos, trapiches, enseadas, enquanto parte da paisagem de comunidades pesqueiras e que diz respeito aos momentos em terra, onde ocorrem atividades de construção/manutenção/preparo das mesmas, destacando-se aí os preparativos que antecedem as saídas para as pescarias. Soma-se a isto a referência constante às embarcações que surgem nas conversas entre pescadores, não somente nos seus ambientes de trabalho, mas nos momentos de sociabilidade em terra, que adquirem outros significados que transcendem seu simples uso instrumental, conforme já fazia referência Malinowski (1986) e que podemos encontrar de forma recorrente em pesquisas antropológicas contemporâneas, tais como Lima e Pereira (1987); Maldonado (1994); Adomilli (2007); Colaço (2015), entre outros. Por outro lado, podemos considerar que em geral o tema das práticas de construção de embarcações destinadas à pesca artesanal é pouco abordado em relação ao litoral do Rio Grande do Sul, destoando da literatura sobre as demais regiões da costa brasileira, onde encontramos uma grande diversidade dessas práticas (IPHAN, 2012)¹.

Neste artigo, lançamos um olhar sobre a “tradição” dessas práticas de construção de embarcações para a pesca artesanal, sobretudo em relação ao conhecimento e as experiências adquiridas pelos carpinteiros navais, em sua associação com outros atores. Identificamos nos lugares onde a pesquisa foi realizada, a existência de certa tradição de práticas de trabalho, que são em parte transmitidas geracionalmente, ao mesmo tempo em que as novas gerações incorporam tecnologias relacionadas com as condições do mercado e, sobretudo, com as condições dos materiais utilizados e as agências de humanos e não-humanos, imbricadas ao ambiente marítimo costeiro.

Partimos da ideia de embarcação como algo vivo, conforme assinala Tim Ingold (2011), ao considerar que as coisas apresentam fluidez e um caráter transitório dos usos. Para Ingold (2011) há interpenetração dos fluxos da vida entre humanos e não humanos

Por sua vez, pensar sobre uma “tradição local” da construção naval para pesca artesanal, remete necessariamente a um conhecimento da vida e das atribuições da pesca, tais como as questões náuticas relativas ao desempenho e à praticidade das embarcações nas pescarias. Outro aspecto consiste na relação com a noção de arte, no sentido da criatividade individual dos carpinteiros navais, relacionada às suas práticas de trabalho atravessadas pelos fluxos do ambiente marítimo-costeiro.

Trata-se, por fim, de pensar como se configuram redes e se operam mudanças dentro de uma relativa tradição, a partir das práticas/experiências dos carpinteiros navais, nas associações e atravessamentos que envolvem o processo técnico de construção de embarcações.

Os dados e interpretações que trazemos dizem respeito a duas experiências de pesquisas etnográficas realizadas junto a comunidades pesqueiras, entendidas aqui como comunidades de trabalho da pesca artesanal, na região que envolve o litoral sul do RS. As investigações ocorreram junto a comunidades pesqueiras do entorno do estuário da Lagoa dos Patos: na Z3, situada no município de Pelotas, e em localidades do centro urbano e arredores do município de São José do Norte (Figura 1).

¹ Um exemplo desta importante lacuna fica evidente na publicação do IPHAN sobre patrimônio naval brasileiro (IPHAN, 2012), em que se apresentam as principais embarcações de cada região e um breve histórico. Nesta produção, encontramos uma parte importante, embora resumida, sobre a construção de botes no Rio Grande do Sul. Já no levantamento bibliográfico geral sobre o tema, além desta produção do IPHAN, não encontramos outras produções especificamente sobre o tema relacionado com a região pesquisada, apenas dados associados indiretamente ao tema, como parte de outros estudos.

ADOMILLI, Gianpaolo Knoller; ROMANI, Francisco Barroso Rotondaro; CAMARERO, Leticia D'Ambrosio. *A arte da construção naval na pesca artesanal: sobre saberes e ...* In: *Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 122-137, Jul-Dez. 2019.*

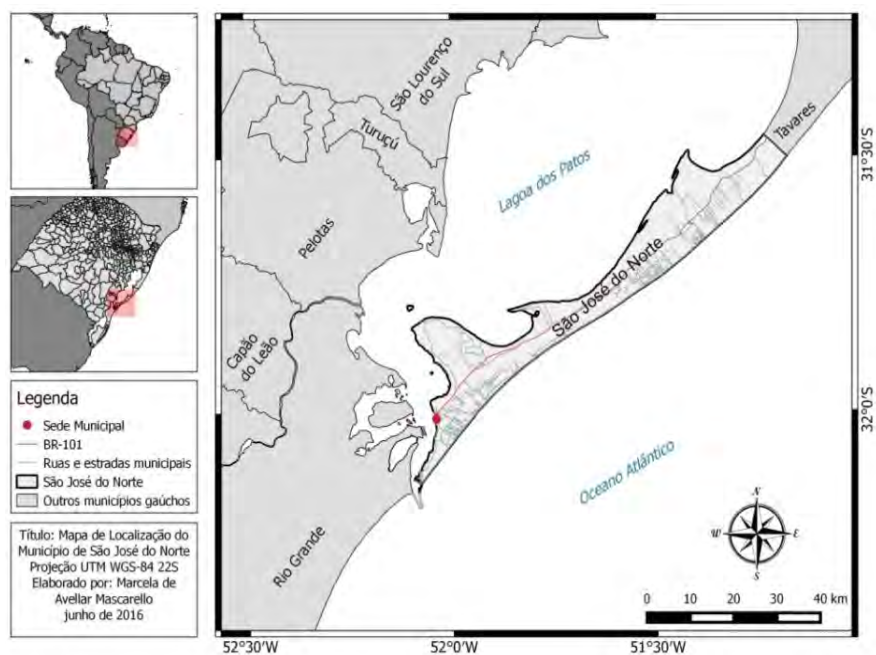


Figura 1: São José do Norte e região (tendo ao sul, Rio Grande e, na margem oposta da Lagoa dos Patos, Pelotas e São Lourenço do Sul). Fonte: Geografafes Ferramenta de Leitura (2016).

Em São José do Norte, a pesquisa ocorreu durante o ano de 2017, no âmbito da execução de um projeto com vistas à realização de um inventário sobre as referências culturais deste município, sob a supervisão e metodologia do IPHAN². Um dos aspectos relativos à cultura local contemplada neste inventário foi o tema da construção naval para a pesca artesanal. Embora esta pesquisa fosse pautada de acordo com a metodologia do IPHAN, isso não excluiu a realização de uma abordagem etnográfica, possibilitando um acompanhamento sistemático junto aos carpinteiros navais, em visitas sucessivas aos espaços de trabalho, realização de entrevistas abertas e contato com demais atores sociais, como familiares, pescadores artesanais e outros habitantes do município. Ao todo, mapeamos a existência de seis carpinteiros navais neste município, tendo estabelecido um contato mais aprofundado com dois destes carpinteiros. Finalizado no ano seguinte, este projeto teve como consequência a proposta de pensarmos, a construção naval para a pesca artesanal enquanto uma referência cultural da região que compreende o estuário da Lagoa dos Patos e seu entorno, envolvendo, juntamente com São José do Norte, os municípios de Rio Grande, Pelotas e São Lourenço do Sul. Esta perspectiva surgiu a partir dos relatos que obtivemos junto aos carpinteiros navais de São José do Norte, que faziam referências à construção naval nesses outros municípios, inclusive identificando embarcações construídas nesses lugares, todas obedecendo à mesma tipologia de embarcações encavernadas, sejam elas botes ou canoas, porém com alguns detalhes e acabamentos mais particulares, que serviam para identificar o “estilo” do carpinteiro naval, denotando de modo geral o que poderíamos chamar de design da embarcação, que diz respeito a arte e, portanto, o reconhecimento de quem construiu e de um padrão do lugar de onde veio.

Outro aspecto a reforçar esse recorte regional, foi a constatação de que essas comunidades pesqueiras, no qual a construção naval se insere e faz parte de uma rede de trabalho e forma de viver, incluindo aí redes de parentesco, compartilham o estuário da Lagoa dos Patos, sendo este ambiente aquático lugar de pescarias, que permitem o contato, a comunicação/ intercâmbio entre esses grupos/comunidades, onde essas práticas são comuns e dizem respeito a uma mesma identidade

² INRC – Referências Culturais do Município de São José do Norte. 2017. Este inventário foi realizado como medida compensatória a partir da implantação da empresa EBR Estaleiros do Brasil em São José do Norte.

ADOMILLI, Gianpaolo Knoller; ROMANI, Francisco Barroso Rotondaro; CAMARERO, Leticia D’Ambrosio. A arte da construção naval na pesca artesanal: sobre saberes e ... In: Cadernos do Leparq, v. XVI, n.32., p. 122-137, Jul-Dez. 2019.

étnico-cultural (ADOMILLI, 2007 e 2016; BITENCOURT, 2017).

A partir dessa primeira experiência e recorte para a região do estuário, estendemos a pesquisa para a colônia Z3, localizada no município de Pelotas (Figura 02), durante o ano de 2018. Posteriormente, a pesquisa também resultou em um Trabalho de Conclusão de Curso (ROMANI, 2018), possibilitando um aprofundamento quanto à questão das propriedades, fluxos e dinâmicas dos materiais e ampliando a perspectiva etnográfica. Contatamos quatro carpinteiros navais dessa localidade, sendo três deles proprietários de galpões de trabalho (Neri, Otto e Renato), tendo acompanhado sua rotina de trabalho nos galpões onde executam seu ofício, realizado entrevistas abertas e observação participante (Figura 03).

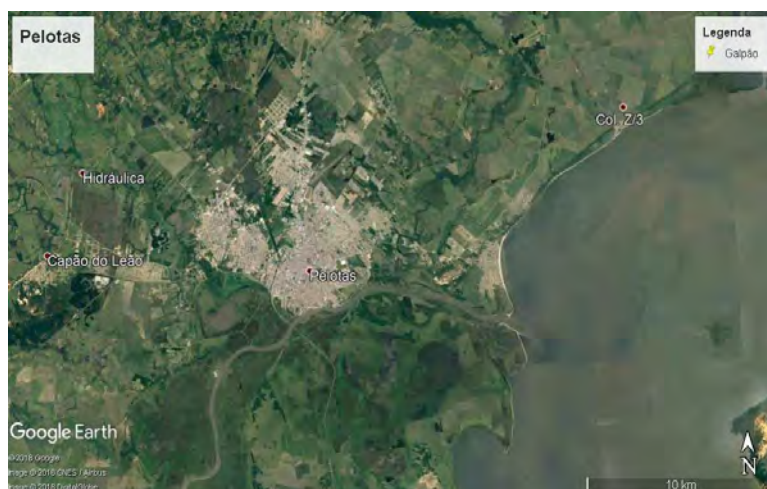


Figura 2: Pelotas e Colônia Z3. Fonte: Romani (2018).

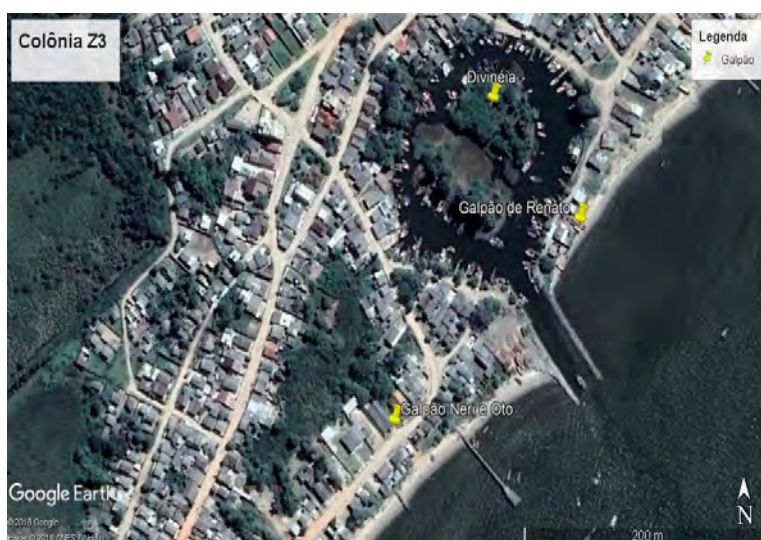


Figura 3: Colônia Z3 e localização dos galpões de trabalho dos carpinteiros navais (Neri, Otto e Renato). Fonte: Romani (2018).

Assim, ao abordarmos os conhecimentos e habilidades no âmbito de processos técnicos da construção naval para a pesca artesanal em cada uma dessas comunidades, buscamos identificar as aproximações entre grupos e práticas, suas associações com humanos e não humanos, bem como suas relações com contextos mais amplos.

SÃO JOSÉ DO NORTE E Z3: A CONSTRUÇÃO NAVAL PARA A PESCA ARTESANAL EM DUAS COMUNIDADES PESQUEIRAS DO ESTUÁRIO DA LAGOA DOS PATOS

São José do Norte e Pelotas são municípios que margeiam o estuário da Lagoa dos Patos, caracterizando-se, juntamente com Rio Grande e São Lourenço do Sul, enquanto território marítimo-lacustre-costeiro, habitado por comunidades pesqueiras. Estes se direcionam majoritariamente à captura de espécies de peixes e crustáceos vindos do Oceano Atlântico que adentram a Lagoa dos Patos pelo canal da barra. Trata-se de uma região costeira que envolve a pesca e a navegação enquanto elementos históricos e culturais da região, sobretudo um modo de viver ligado ao ambiente aquático (ADOMILLI, 2007 e 2016). Esses grupos praticam a pesca visando, sobretudo, garantir sua sobrevivência econômica, reprodução social e herança cultural, conforme demonstram suas atividades cotidianas, vinculadas à pesca, como espaço de conhecimento, experiência e relação com o ambiente,

O trabalho da pesca, mais especificamente, diz respeito aos modos de pescarias, redes empregadas e safras de peixes, mas é aqui estendido a uma abordagem mais ampla, enquanto comunidade de trabalho em torno da pesca artesanal. Por fim, trata-se de apresentar e descrever o trabalho relativo à construção de botes e canoas (Figuras 04 e 05), uma tipologia de embarcações encavernadas e suas especificidades, bem como a formação de uma “tradição” da construção naval local.



Figura 04: Bote e canoa. Fonte: Adomilli (Dados, pesquisa 2017).



Figura 05: Bote e barcos de pesca ao fundo. Fonte: Adomilli (Dados, pesquisa 2017).

Em São José do Norte e na Z3, a tradição local da construção naval para pesca artesanal, de modo geral, remete necessariamente a um conhecimento da vida e das atribuições da pesca, tais como as questões náuticas relativas ao desempenho e à praticidade das embarcações nas pescarias. Além disso, entre os carpinteiros navais dessas localidades, a ligação com o ofício é passada geracionalmente, apresentando um conhecimento que se estende a duas ou três gerações no âmbito das comunidades pesqueiras. Entre os atuais, os ensinamentos retrocedem à geração dos pais e, em alguns casos, dos avós. O aprendizado do ofício também pode ser passado por um irmão mais velho ou por meio de outras redes de parentesco ou amizade, estas por meio da realização do trabalho de ajudante do carpinteiro naval.

Em relação às redes de trabalho e de parentesco, boa parte dos carpinteiros navais, em algum momento de suas trajetórias de vida, atuaram diretamente na pesca ou têm familiares que são pescadores. Esta atuação ocorreu no trabalho familiar, em botes e/ou canoas.

Há também alguns casos, observados em São José do Norte, no qual o processo de aprendizagem e inserção no ofício se deu em uma mutação da carpintaria voltada à construção de móveis e casas para a carpintaria naval. Dessa forma, um conhecimento familiar prévio de carpintaria foi se direcionando para a carpintaria naval, a partir das demandas de trabalho para a pesca na região. Outra referência de alguns carpinteiros navais de idade avançada, diz respeito ao contato (trabalharam ou conheceram), durante a década de 1960, com os estaleiros localizados em Rio Grande e destinados à construção de barcos voltados para pesca barra afora, tornando-se também uma importante referência³.

Em ambas as localidades (São José do Norte e Z3) os carpinteiros navais iniciaram no ofício com ferramentas rústicas e em condições precárias de trabalho, tendo progressivamente se aprimorado nas técnicas de construção. Os mais velhos dedicaram-se por anos à construção naval para pesca artesanal, acompanhando as transformações no setor, como ampliação do tamanho das embarcações para condicionar melhor o pescado e a mudança de uma propulsão à vela para a motorizada. Contudo, no caso de São José do Norte, durante a década de 1980, identifica-se uma guinada para a construção de barcos voltados para pesca barra afora e o aumento progressivo do tamanho das embarcações acabou direcionando parte desses construtores navais para o reparo de embarcações maiores.

O trabalho ocorre de forma independente, ou seja, os carpinteiros navais são proprietários das ferramentas e do seu espaço de trabalho, geralmente galpões de madeira ou alvenaria, de dimensões variáveis e com pé direito elevado, para possibilitar a construção de botes e canoas, bem como todo o equipamento de trabalho, sobretudo, madeiras e serras. Alguns dos galpões podem ser destinados apenas à realização de reparos de embarcações, podendo ser de tamanho bem mais reduzido. Todos eles se situam em localidades às margens da Lagoa dos Patos, para assim viabilizar a entrada e saída das embarcações. Nesses locais se constroem e reparam botes, canoas e, em alguns casos, barcos, cujo processo de construção de uma embarcação envolve as seguintes etapas:

1. O carpinteiro naval recebe do pescador um pedido de construção de uma embarcação. Ele conhece de forma detalhada o tipo de pescaria e as qualidades náuticas e demais necessidades de trabalho que requererá a embarcação a ser construída. A partir disso, estipula o valor pelo trabalho mais os gastos com material e acerta o prazo aproximado para finalizar o trabalho. O valor é pago em duas partes: uma metade é paga antes do trabalho e inclui o dinheiro para compra de material para a construção, especialmente, a madeira. Atualmente, as principais madeiras utilizadas são a grápia e o cedro alagoano, consideradas madeiras boas, legalizadas e de valor mais acessível. No passado, eram utilizadas madeiras nobres,

³ Em alguns casos a referência a esses estaleiros parece supor alguma influência nas práticas construtivas de embarcações encavernadas entre os carpinteiros mais experientes, que iniciaram na atividade durante esse período. Em Rio Grande, devido ao porto e a indústria pesqueira, já havia certa tradição de estaleiros voltados para a construção de barcos, além das embarcações menores. Em relação a tradição em práticas construtivas anteriores, parte de modelos e imagens de embarcações antigas podem ser encontradas no Museu Oceanográfico, em Rio Grande.

de maior durabilidade, uma grápia de maior qualidade que a atual e madeiras que atualmente não se encontram ou estão proibidas. Isso levou a adaptação com madeiras mais simples e, portanto, diminuí a durabilidade das embarcações, requerendo mais reparos sistemáticos.

2. O carpinteiro inicia o processo de construção, a partir de um projeto prévio, com os cálculos em torno das medidas solicitadas, procedendo aos cortes e medidas, iniciando, em linhas gerais, primeiramente pelo fundo, depois na construção do cavername, montando assim o “esqueleto” da embarcação, sua estrutura. Com a estrutura pronta, procede à fixação das tábuas laterais, em um processo de “fechamento”, onde a madeira é envergada, no processo de esquentar para amolecer a madeira, de “dar fogo” e calafetar. E, por fim, proceder aos arremates e vedação. Os instrumentos básicos de trabalho são os seguintes: um conjunto de serras elétricas para cortar a madeira, pregos, martelos, lixadeiras, e mais alguns poucos equipamentos industriais utilizados no mundo da carpintaria, além da madeira, que forma a estrutura da embarcação, os pregos galvanizados, a cola naval e o óleo de linhaça, servem respectivamente para fixação das partes, selagem das frestas da madeira e impermeabilização. Já a serra de fita, em muitos casos é uma serra de açougueiro adaptada, serve para os principais cortes da madeira. No passado, o trabalho era realizado com poucas ferramentas e de forma rústica. O relato das trajetórias dos carpinteiros navais aponta para um trabalho apenas com serrotes, pois em determinados lugares não existia sequer energia elétrica. Essa situação foi progressivamente melhorando, no sentido de as instalações (galpões) contarem com energia elétrica e aquisição de equipamentos que facilitaram a atividade. Juntamente, houve o aperfeiçoamento e o processo de desenvolvimento das habilidades a partir dos anos de experiência.

3. Concluída a embarcação, o valor restante é pago pelo proprietário da embarcação. Além disso, cabe ao proprietário realizar a pintura e a colocação do motor e demais apetrechos de pesca. Trata-se de um processo de trabalho artesanal, sendo que cada carpinteiro tem seu “estilo” próprio, uma forma específica de dar um corte, no formato do casco, sua inclinação, etc., que pode ser reconhecida nas embarcações quando sua construção está finalizada.

Em relação à tipologia geral sobre embarcações, esses nomes apresentam uma tipologia específica à cultura local, destacando-se aí algumas variações do termo conforme as denominações nativas, como é caso da canoa. Na literatura sobre o patrimônio naval brasileiro, a canoa é concebida como “canoa de um tronco só” ou como “canoa de pranchão” (IPHAN, 2012). Já localmente, refere-se a uma embarcação com cavername e propulsão a motor. Em outras palavras, em São José do Norte e região as canoas, assim como botes e barcos, constituem modelos específicos de barcos encavernados.

Ao longo da história da construção naval na região, identificamos a existência das canoas de pranchão, que seria uma primeira modalidade de embarcação voltada a uma pesca mercantil e que, a partir de sua transição para a pesca artesanal, chega a receber motor, mas logo acaba se extinguindo, dando lugar aos botes e, posteriormente às canoas atuais (modelos encavernados), estas últimas, embarcações da pesca artesanal.

Podemos afirmar que se trata de um modelo de construção que acompanha a pesca artesanal a partir das pescarias em botes na Lagoa dos Patos, que inicia, aproximadamente, entre o final da década de 1960 e início da década de 1970. Anteriormente a esse período, se utilizava a canoa de pranchão, embarcação principalmente dos pescadores portugueses que migraram para esta região e que antecede às embarcações atuais (SANTANA, 2013). A canoa de pranchão aponta para modelos parecidos em outras regiões do Brasil, em suas técnicas de construção, sendo que “[...] integra o rol de embarcações sucedâneas de grandes canoas e que se valeram do subterfugio de inserir pranchas de madeira de modo a ampliar a seção natural dos troncos com que se confeccionavam essas embarcações” (IPHAN, 2012:105).

O bote começou a ser utilizado na região por volta da década de 1960, inicialmente à vela e logo (ainda na década de 1960 e, com mais intensidade na década de 1970) passando a operar com motor. De acordo com Santana (2013:148),

com o surgimento do bote, a canoa de pranchão foi deixando de ser construída e, aos poucos, foi desaparecendo, uma vez que os botes eram mais leves e mais baratos do que essas canoas. Segundo a autora, apesar de apresentarem maior durabilidade do que os botes, as canoas de pranchão eram mais difíceis de reparar e suas madeiras já não se encontravam disponíveis no mercado, tornando sua construção cara e trabalhosa. Além disso, essas canoas caracterizaram pescarias realizadas pelos pescadores portugueses que se estabeleceram em Rio Grande e em São José do Norte (a maioria vindo de Póvoa do Varzim, entre fins do século XIX e início do século XX), sendo que, na segunda metade do século XX, os mesmos já não apresentam efetivamente uma continuidade em seus modelos de pescaria, baseada em conjuntos dessas canoas, que formavam as “parelhas”, dando lugar a pescadores oriundos de Santa Catarina denominados de “açorianos” ou “catarinas”, que acabaram se estabelecendo na região, com parelhas menores, que tinham também a vantagem de requerer tripulações mais reduzidas (ADOMILLI, 2016). Por sua vez, a modalidade construtiva de botes também era encontrada no litoral catarinense. Trata-se, portanto, de uma relação que diz respeito à configuração étnico-cultural dos pescadores da região, formada a partir de fluxos migratórios de portugueses e açorianos (“catarinas”) e suas pescarias e técnicas construtivas de embarcações.

Se o bote surge por volta da década de 1960, a construção de canoas encavernadas começa a ocorrer com maior intensidade a partir da década de 1980. Assim seria como uma transformação que se relaciona com critérios técnicos, com improvisação, e com possíveis tradições, mas que, portanto, estão também ligadas ao aumento do mercado da pesca após os anos 1980. Sendo a canoa, um tipo de embarcação que oferece mais espaço para acondicionamento do pescado e para motores maiores. Desse modo, toda a estrutura da embarcação foi sendo remodelada, com modificação na popa e em diversas estruturas internas, que a compõem (Figuras 06 e 07).



Figura 6: Estrutura de uma canoa em construção. Fonte: Adomilli, (dados, pesquisa 2017).



Figura 7: Bote sem o fundo. Fonte: Adomilli, (dados, pesquisa 2017).

A DIMINUIÇÃO DAS DEMANDAS DE CONSTRUÇÃO DE BOTES/CANOAS, O SURGIMENTO OCASIONAL DE DEMANDAS DE CONSTRUÇÃO DE LANCHAS E O TRABALHO DE REPARO DAS EMBARCAÇÕES

Após o processo de desenvolvimento durante fins do século passado, a construção de botes e canoas vêm em decadência, conforme assinala Neri, carpinteiro naval da Z3, em diversos relatos. Uma das principais razões alegadas para explicar este quadro, e que constatamos ser recorrente entre os carpinteiros navais de São José do Norte e da Z3, consiste na diminuição da demanda de construção de novas embarcações pelos pescadores, devido à redução da atividade pesqueira. Esta, por sua vez, é decorrente da escassez de pescado, o que vem gerando uma crise aguda no setor pesqueiro (e consequentemente dessa carpintaria) nas últimas décadas. Outro fator seria o risco de uma não continuidade geracional do ofício da carpintaria naval local, uma vez que não se encontram mais jovens nessa atividade. Os carpinteiros navais se encontravam, durante a pesquisa, majoritariamente na faixa etária varia entre 60 a 80 anos de idade, não apresentando renovação, correndo o risco de uma ruptura na transmissão de conhecimentos para as gerações seguintes. Observamos que a transmissão do conhecimento na Z3 praticamente não ocorre mais, apresentando um quadro mais agudo. A exceção seria o caso de Edson, carpinteiro naval da Z3, que se considera aprendiz e trabalha com seu pai, Renato. Já em São José do Norte, havia três carpinteiros navais na faixa etária entre 20 a 30 anos de idade, indicando alguma continuidade.

Na Z3 e em São José do Norte a construção/reparo de embarcações é solicitada por pescadores. Em ambas as localidades, embora esta seja a atividade principal, observa-se recentemente uma variação das práticas de construção a partir de pedidos realizados por navegadores que tem essa atividade como lazer (turismo e pesca amadora). Assim, essas embarcações, chamadas de “lanchas” seriam uma alternativa à diminuição da demanda de embarcações, além de apresentarem diferenças em relação aos botes/canoas, já que são construídas com outras finalidades. Neste caso, ainda que a construção de lanchas ocorra de forma pouco expressiva, consiste em uma mudança na carpintaria naval local.

Em relação ao pedido, o que poderíamos considerar como ‘contrato’, diz respeito às práticas que relacionam o sujeito carpinteiro com outros sujeitos, de proximidades variáveis: pescadores, mais próximos, pertencentes à mesma comunidade

trabalho, dentro de redes de parentesco, amizade e vizinhança, e onde se complementam os conhecimentos e atividades; mas também com aqueles mais distantes, os donos de embarcações de lazer, para onde se expandem alternativamente as práticas e as relações estabelecidas com esses sujeitos de fora da comunidade pesqueira, mas que, por outro lado, constituem uma alternativa aos carpinteiros e os levam a realizar outras adaptações técnicas.

Se a diminuição da atividade decorre das restrições ao desenvolvimento da pesca artesanal no estuário da Lagoa dos Patos, esta é indicativa a correlação entre a pesca e construção de embarcações. Apesar de não ser recorrente, a modalidade de contrato entre pescador e carpinteiro naval, essa já foi basilar na constituição e desenvolvimento das práticas de construção de embarcações.

Contrasta-se, portanto, a relação de proximidade entre o pescador artesanal e o carpinteiro naval, para com a relativa distância presente na relação aqui apresentada. Essa distância, em termos socioeconômicos e culturais, é reafirmada pela distância geográfica: enquanto o pescador e carpinteiro naval – na Z3 – dividem lugares públicos e habitam em zonas próximas, esses novos requisitantes, como relata Neri, são “lá de Pelotas”, referindo-se à zona central do município de Pelotas, esclarecendo que alguns são sócios de clubes náuticos.

Se com a queda na demanda, uma das saídas, apontada acima seria a relação com novos atores sociais, via construção de lanchas, a principal variação da atividade que mantém estes carpinteiros navais nos reparos (Figuras 08 e 09). Geralmente são reformas de embarcações, com vistas a substituição das partes deteriorados pelo tempo. Na Z3 e em São José do Norte, há um grande número de canoas e botes construídos num passado recente. Levando em conta que uma embarcação dessas, na maioria das vezes, era feita em grábia, pode chegar a durar uns 40 anos – como relata Neri -, a grande incidência dessas indicam que em anos passados a encomenda de embarcações era relativamente grande. Portanto, canoas e botes que estão em uso na pesca necessitam de reparos em partes apodrecidas de suas estruturas.



Figuras 08 e 09: Canoa em reparos. Fonte: Adomilli (Dados da pesquisa, 2017).

MATERIAIS EM FLUXO: PROPRIEDADES DAS SUBSTÂNCIAS NOS SABERES DOS CARPINTEIROS NAVAIS

Seguindo a perspectiva de Ingold (2011), as propriedades dos materiais presentes na carpintaria naval diz respeito ao que sua composição oferece enquanto possibilidade e limitação ao carpinteiro naval. Assim, observa-se alguns materiais ‘desaparecidos’, por debaixo da materialidade denominada embarcação, como “as pedras também têm histórias, forjadas nas contínuas relações com o entorno que podem ou não incluir seres humanos e muitas outras coisas” (INGOLD, 2011: 67). Essa relação/interpenetração carpinteiro/materiais pode ser pensada inicialmente em quatro materiais: madeira, metais, colas e tintas.

Para Neri, as madeiras tinham que ser trabalhadas de forma que se aproveitassem bem suas dimensões e que não forçasse sua estrutura. Mas como não forçar, por exemplo, uma tábua que precisa ser dobrada e encaixada no costado? Ingold (2011) diria que as propriedades de qualquer material, substância, é trabalhada pelo artesão com respeito, para não extrapolar as condições impostas por essas. Edson, nos elucida sobre essa questão ao revelar que “as tabuas vêm com um lado certo, mais fácil de curvar”. Evidenciando uma propriedade da madeira, da condição que o emaranhado de fibras daquela tabua impunha ao trabalho humano (Figuras 10 e 11).

Apenas uma propriedade da madeira – a resistência e direção de suas fibras – já elenca um contexto para sua utilização na carpintaria naval. Trata-se de uma propriedade percebida principalmente pela visão e tato desses carpinteiros, sendo importante observar a curvatura ‘natural’ da madeira, bem como tocar e sentir essa leve pendência para um dos lados. Como lembra Neri, para barcos maiores eram usadas, antigamente, estufas para amolecer as madeiras. Elas umedeciam a madeira com vapor de água para propiciar maior elasticidade. Hoje, tanto Neri quanto Renato, utilizam o maçarico em seus reparos: eles aquecem as partes onde a madeira oferece maior resistência para em seguida colocá-las nos braços com presilhas. Portanto, observa-se mudanças na história das madeiras na carpintaria naval, desde uso de estufas, óleo, maçarico, etc. todos para trabalhar com sua propriedade que é ressaltada quando se tenta torcê-la. Para Ingold (2011) toda propriedade é contextual, como para quem constrói uma estante a resistência das fibras da madeira não está para ser ‘contornada’, mas sim para ser reafirmada enquanto propriedade que possibilita esta estante aguentar peso.



Figura 10: Tábua envergada. Fonte: Romani (2018).

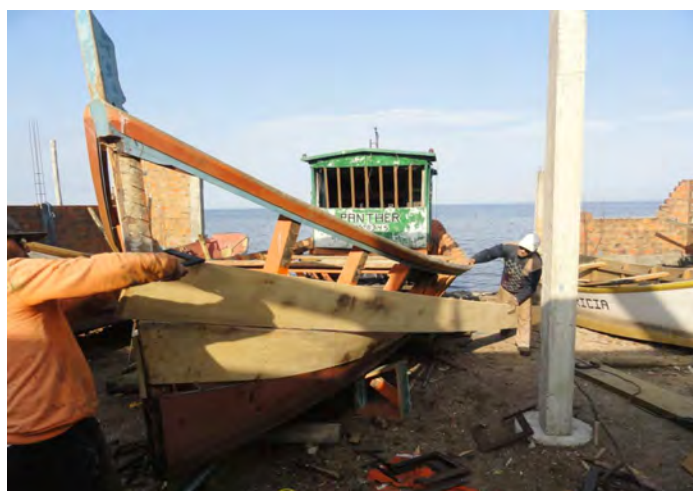


Figura 11: Colocação de tábua. Fonte: Romani (2018).

Já na confecção de peças como a quilha e as cavernas, por exemplo, a propriedade elástica da madeira não é tão relevante quanto para as tabuas do costado. Enquanto no último caso precisa-se de tabuas que se acomodem em curvas do casco, nas outras se busca pela maior dureza, pela maior resistência da madeira, já que são peças estruturais que asseguram a forma do barco. Por isso, nessas peças, se utiliza tabuas com maior espessura.

Os tipos de madeira – relacionados com as espécies de árvores dos quais provêm – também guardam conhecimentos acerca de suas propriedades específicas. Neri revela que o cedro não é ideal para a construção de embarcações, já que possui menor resistência e maior permeabilidade. Já a grábia seria ideal, pois apresentaria maior resistência, durabilidade e impermeabilidade. Portanto, existem três propriedades, ligadas a qualidade das fibras e suas disposições. Mesmo não sendo o ideal, utiliza-se o cedro em reparos. Isso incide em um contexto de trabalho: na utilização do cedro para a confecção de um costado não é necessário aplicar tanto calor e o cuidado para não quebrar a tabua é maior devido à menor resistência de suas fibras. Além do contexto de uso, do meio perceptivo, também o tipo de madeira nos revela determinadas práticas e significações.

A madeira cortada em tabuas também oferece uma propriedade significativa à carpintaria naval. O fato de serem cortadas faz com que suas superfícies apresentem muitas imperfeições, ou seja, farpas que promovem uma superfície não totalmente lisa, contrapondo-se a um dos objetivos cruciais na fabricação das peças em madeira: a proeminência de superfícies lisas que melhorem a aplicação da tinta e diminuam a possibilidade de pontos permeáveis. Essa busca por superfícies lisas é observável em diversos momentos: quando Oto lixava o casco de uma lancha, sempre olhando e passando a mão para sentir a superfície, ou quando Neri cortava e aplainava tabuas. Assim, ver e tocar essas superfícies são uma prática no qual o carpinteiro desenvolve habilidades perceptivas em sua prática de trabalho cotidiana para identificar a diferença entre uma superfície lixada com pequenas imperfeições e outra extremamente lisa. Logo, essa propriedade das fibras das madeiras conduz um trabalho intenso para a fabricação de superfícies lisas em um contexto específico de trabalho que envolve a utilização de diversas lixas, observação e toque minuciosos.

Os metais estão presentes, sobretudo, nas ferramentas. Já nos materiais que compõem as embarcações podemos vê-los consubstanciados em pregos e parafusos. São de aço galvanizado, sendo que apresentam uma resistência necessária ao mantimento das estruturas de uma embarcação. Seu corpo precisa segurar as diversas peças que são ligadas umas às outras. Como Renato indica: “Os pregos tem que aguentar o balanço das tabuas”. Indicando que, sendo as tabuas nunca totalmente estáveis, esses pregos e parafusos precisam ter resistência e elasticidade para acompanhar esses movimentos sem quebrarem. A segunda propriedade do aço galvanizado é o seu potencial corrosivo relativamente baixo quando em contato com a água, contribuindo para maior durabilidade das embarcações. Neri indica que resistem relativamente bem ao contato, quase sempre, inevitável com a umidade e os compara aos pregos de cobre, que eram utilizados antigamente e não apresentavam o mesmo desempenho. Estes, no contato com a água, rapidamente enfraqueciam e quebravam.

As colas e a serragem compõem uma mistura que apresenta suas propriedades enquanto material cujo processo de mistura deve ser realizado até se obter uma pasta de textura “parecida com a do mel”. Essa mistura com a serragem é feita com a precisão de quem repete essa prática a muito tempo, sendo realizado “a olho”. Como aponta Neri, a textura dessa pasta influencia bastante na otimização do uso, ou seja, com uma pasta mais líquida pode-se perder muito, pois essa irá escorrer com maior facilidade. Oto aponta para uma das propriedades observadas no uso dessa pasta de cola e serragem: o tempo de secagem, que irá refletir no tempo que o carpinteiro tem para trabalhar nessa parte. A cola de melhor qualidade demora mais a secar e propicia mais tempo para o carpinteiro trabalhar. Além da qualidade da cola que indica o tempo de seu uso, também as condições climáticas incidem sobre este tempo, conforme revela Oto, ao explicar que no inverno (mais húmido e com pouca

incidência de sol) a cola pode demorar mais de um dia pra secar, enquanto no verão, a secagem ocorre em poucas horas.

A propriedade adesiva de uma pasta de cola é analisada pelos carpinteiros a partir da observação desta em embarcações com certo tempo de uso, conforme demonstrou Neri em uma embarcação que estava a proceder com reparos: “olha aqui como essa cola é difícil de soltar”.

As tintas são um componente essencial para o acabamento de uma embarcação. Além da função estética, também promove a melhor conservação das madeiras, tanto em contato com a água como acima dela. Por isso, segundo Neri, é indispensável que se aplique a tinta numa superfície lixada bem retilínea. Como quem pinta a embarcação é o pescador, podemos observar mais diretamente a participação deste nos fazeres técnicos da carpintaria naval. Assim, podemos pensar o uso das tintas como uma das relações entre carpinteiro e pescador (além da interlocução e troca de percepções sobre a embarcação e sua posterior atividade no meio aquático).

Já em casos em que o requisitante não é pescador, o carpinteiro naval pode ser incumbido de aplicar a tinta. As propriedades das tintas estão ligadas a elasticidade e impermeabilidade. A elasticidade está ligada a aderência à madeira e que não sofra com o movimento que as tabuas fazem até assentar, proporcionando uma superfície que acompanhe seus movimentos. A impermeabilidade, enquanto propriedade da tinta está na busca pela menor absorção de água pelas tabuas, mantendo estas com suas superfícies bem definidas e estáveis em seu uso.

O MAR (ÁGUA), O VENTO E O TEMPO

Os materiais, suas superfícies, substâncias e meios interagem no fenômeno técnico, em um múltiplo sentido de influência, não só o do trabalho humano, mas também das propriedades dos materiais envolvidos. Ao comentar sobre a qualidade das embarcações, Neri afirma que “a água é tihosa, vai mostrar se é bom ou não”. A ação do meio aquático incide na criação de novas estruturas que respondam melhor à resistência da água, mas também diz respeito ao teste das superfícies que são expressamente postas em contato com esse meio. Assim, o meio aquático que reside no estuário da Lagoa dos Patos, chamado por alguns de “mar” está presente neste processo técnico de construção e reparos de embarcações. Inspiração para a criatividade, para o desenvolvimento técnico e acabamento, consiste em teste final da funcionalidade e substância que oferece resistência levando a busca por um aperfeiçoamento hidrodinâmico da embarcação.

As propriedades da água enquanto substância promovem o último acabamento nas embarcações. Segundo Oto, “Se ficar na água não precisa dar mais uma mão. Se ficar ai ela se abre toda”, uma vez que “a embarcação na água assenta melhor a tinta e não faz aparecer rachaduras no casco”, portanto substância que oferece o último acabamento: “ela ‘fecha’ as frestas, ela conserva e faz pegar melhor a tinta”.

Segundo Ingold (2011) o que caracteriza um meio é a sua capacidade de possibilitar movimento e percepção; assim, possibilita ao carpinteiro a percepção dos movimentos da embarcação e contribui na reflexão acerca das melhores saídas para otimizar esse movimento. Certa vez Neri, quando me falava da estrutura aonde vai a hélice, revelou observar o movimento das embarcações na água, averiguando como se comporta e como poderia melhorar esse comportamento. Logo, a água é meio para parte da embarcação.

Assim, a metáfora de um território anfíbio, diz respeito à paisagem de areia terras, lagoas e mares, e no viver neste ambiente lacustre-marítimo-costeiro, acrescentando que a arte dos carpinteiros navais e também a arte de um barco que vive na água, ou melhor, entre dois meios: terra e água, onde (como um anfíbio) os carpinteiros, pescadores e embarcações

precisam da água para realizarem seus feitos e propagar suas ações/criações.

Essa relação se estende para a embarcação na atividade pesqueira e envolve ai outros atores, como o vento e o tempo (estações do ano, condições climáticas), já mencionados implicitamente nos processos de construção das embarcações, mas que principalmente remete às épocas do ano e aos tipos de vento (sul, norte, nordeste, leste) que trazem e afastam os peixes e decidem se haverá ou não pescarias. O vento associado condições climáticas e determinadas estações do ano permite que o estuário da lagoa fique mais salgada ou mais doce, mais agitada ou calma definindo as safras de peixes. Para entrada do camarão, uma das safras mais lucrativas para os pescadores, por exemplo, deve ocorrer entre no verão e com vento sul que permite a entrada do oceano para a lagoa e poucas chuvas (ADOMILLI, 2007). O vento, assim como a água diz respeito á mobilidade no qual reside a dinâmica da vida em suas associações nesse ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há um emaranhado de espaços de vida que envolve o carpinteiro naval, vinculado ao que podemos chamar de comunidade de trabalho em torno da pesca artesanal. A relação entre carpinteiros navais e pescadores é algo indissociável, no sentido que vai para além do ato de pescar em si, diz respeito a um modo de viver, ao ethos de pescador, suas famílias e todo o universo de parentesco e sociabilidade que a compõe, bem como outras atividades, como a do carpinteiro naval. Por sua vez, o mercado da pesca envolve relações entre local e global e incide nas formas de viver e nas técnicas, na tecnologia empregada nas atividades dessas comunidades, na comercialização do peixe etc., bem como mudanças nas práticas, riscos e alternativas. Em relação a construção e uso, essas práticas são atravessadas pelo ambiente marítimo, onde o mar age como meio e substância, que incide e intercambia com as embarcações, no processo de construção e de capacidades náuticas. As tradições locais da construção naval para pesca artesanal, de modo geral, remetem necessariamente a um conhecimento da vida e das atribuições da pesca, tais como as questões náuticas relativas ao desempenho e à praticidade das embarcações nas pescarias. Além disso, entre os carpinteiros a ligação com o ofício é passada de uma geração a outra, apresentando um conhecimento que se estende a duas ou três gerações no âmbito das comunidades pesqueiras. Em relação às redes de trabalho e de parentesco, boa parte dos carpinteiros navais, em algum momento de suas trajetórias de vida, atuaram diretamente na pesca ou têm familiares que são pescadores. Esta atuação ocorreu no trabalho familiar: em botes e/ou canoas. Por fim, buscamos etnograficamente demonstrar como a embarcação é algo vivo, na dinâmica e intercâmbio das substâncias que o compõem e pelo atravessamento das condições climáticas, das águas e dos ventos, que envolve a vida entre dois meios, onde também se inserem/ intercambiam, ou seja, são atravessados por esses fluxos, peixes, crustáceos, pescadores artesanais e carpinteiros navais.

REFERÊNCIAS

- ADOMILLI, Gianpaolo. Terra e mar, do viver e do trabalhar na pesca marítima. Tempo, espaço e ambiente junto a pescadores de São José do Norte- RS. (Tese de Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social / Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- ADOMILLI, Gianpaolo. As cebolas, os peixes e os camarões: a dinâmica cultural das práticas de trabalho e processos de territorialização de pescadores do litoral sul do RS. *Tessituras. Revista de Antropologia e Arqueologia*. v. 4, n. 1., p. 259-279, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/8979/6571>>. 2016. Acessado em: 03 nov. 2019.
- BITENCOURT, Carolina Amorin da Silva. Pessoas, Sereias e Divindades: Um estudo Etnológico, Mitológico e Etnoceanográfico em uma Colônia de pescadores no Sul do Rio Grande do Sul (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.
- COLAÇO, José. Quanto custa ser pescador artesanal? Etnografia, relato e comparação entre dois povoados pesqueiros no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.
- GEOGRAFARES FERRAMENTA DE LEITURA. Mapa do município de São José do Norte. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/geografares/rt/suppFiles/11991/0>>. 2016. Acessado em: 03 nov. 2019.
- INGOLD, Tim. *Estar Vivo. Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011.
- IPHAN. Patrimônio Naval Brasileiro. V. 2. Brasília, DF: Edições técnicas sobre Patrimônio Material, 2012.
- LIMA, Roberto Kant de; PEREIRA, Luciana. *Pescadores de Itaipu*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1987.
- MALDONADO, Simone. *Mestres e mares: espaço e indivisão na pesca marítima*. São Paulo: Annablume Editora, 1994.
- MALINOWSKI, Bronisław. *Los argonautas del Pacífico occidental*. Barcelona: Planeta DeAgostini, 1986.
- ROMANI, Francisco Barroso Rotondaro. Contribuições à compreensão da carpintaria naval na Z3: etnografia dos carpinteiros navais, suas técnicas e seu ofício (Trabalho de Conclusão de Curso), Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2018.
- SANTANA, G. M. A cultura da pesca artesanal de bote na comunidade da Barra em Rio Grande/RS (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Geografia / Instituto de Ciências Humanas e da Informação / Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2013.

***REFLEXÕES SOBRE A PESCA PRÉ-COLONIAL NA BAÍA DA BABITONGA,
LITORAL NORTE DE SANTA CATARINA, BRASIL***

*REFLECTIONS ON PRE-COLONIAL FISHING IN THE BABITONGA'S BAY REGION,
NORTH COAST OF SANTA CATARINA, BRAZIL*

Jessica Ferreira
Dione da Rocha Bandeira
Magda Carrion Bartz
Thiago Fossile
Felipe Mayorka

Como citar este artigo:

FERREIRA, Jessica; BANDEIRA, Dione da Rocha; BARTZ, Magda Carrion; FOSSILE, Thiago; MAYORKA, Felipe. *Reflexões sobre a pesca pré-colonial na Baía da Babitonga, litoral norte de Santa Catarina, Brasil*. In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 138-155, Jul-Dez. 2019.

Recebido em: 16/06/2019
Aprovado em: 10/11/2019
Publicado em: 15/12/2019

ISSN 2316 8412



Reflexões sobre a pesca pré-colonial na Baía da Babitonga, litoral norte de Santa Catarina, Brasil

Jessica Ferreira ^a

Dione da Rocha Bandeira ^b

Magda Carrion Bartz ^c

Thiago Fossile ^d

Felipe Mayorka ^e

Resumo: Evidências relacionadas à pesca entre populações sambaquianas e da cultura taquara-itararé na Baía da Babitonga são muito antigas, pode-se dizer que desde a sua primeira publicação, no século XIX, há menção aos vestígios relacionados à esta prática, já que estes sítios são constituídos majoritariamente por restos de animais obtidos por técnicas de pesca. Somente a partir dos anos de 1990 estudos sistemáticos voltados para os restos faunísticos e com base na Zooarqueologia começam a ser feitos, permitindo avançar no aspecto quali-quantitativo. Estes estudos permitiram conhecer melhor o papel do peixe em relação aos outros recursos marinhos, as preferências entre as espécies capturadas, as inferências sobre os ambientes frequentados e os apetrechos utilizados assim como as relações de práticas pesqueiras entre estas diferentes culturas. Pode-se dizer que foi este viés pode contribuir para a brilhante iniciativa de criação de uma rede colaborativa de estudos sobre o tema assim como fundamentar estudos de cunho conservacionista sobre a fauna marinha da Baía da Babitonga.

Abstract: Evidence related to fishing between sambaquian populations and taquara-itararé culture in Babitonga Bay is very old, it can be said that since its first publication in the nineteenth century, there is mention of the traces related to this practice, since these sites are consisting mainly of animal remains obtained by fishing techniques. Only from the 1990s onwards, systematic studies focusing on faunal remains and based on zooarcheology began to be made, allowing the qualitative and quantitative progress to be made. These studies made it possible to better understand the role of fish in relation to other marine resources, the preferences between the species caught, the inferences about the environments frequented and the equipment used as well as the relationships of fishing practices between these different cultures. It can be said that it was this bias that can contribute to the brilliant initiative of creating a collaborative network of studies on the subject as well as to base conservation studies on the marine fauna of Babitonga Bay.

Palavras Chave:

Sambaquis. Taquara-itararé. Pesca pré-histórica. Baía da Babitonga. Pescadores-coletores-caçadores

Keywords:

Sambaquis. Taquara-Itararé. Prehistoric fishing. Babitonga's Bay. Fishermen-gatherers-huntsmen

^a Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), Brasil. Bióloga. Departamento de Ciências Humanas e Biológicas, jessferreira.f@gmail.com;

^b Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), Brasil. Doutora e Professora do programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade; dione.rbandeira@gmail.com;

^c Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), Brasil. Mestre pelo programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade; magdacarrion@gmail.com;

^d Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil; Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade Animal; thifossile@gmail.com; e Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), Brasil. Bióloga. Graduando em Ciências Biológicas – Biologia Marinha pelo Departamento de Ciên-

INTRODUÇÃO

A Baía da Babitonga, localizada no extremo norte do estado de Santa Catarina, Brasil, é a última grande formação de manguezal do hemisfério sul e um dos estuários de maior importância do estado, abrigando inúmeras espécies endêmicas e/ou ameaçadas de extinção e, devido à riqueza de ambientes costeiros característicos da Mata Atlântica, entremeados de restingas e manguezais à Floresta Ombrófila Densa, faz deste lugar um dos grandes “berçários da vida marinha” do litoral brasileiro (FAVA, 2016; CREMER, 2006). Além disso, a sua riqueza ecológica e, conseqüentemente, a localização geográfica, torna a Baía da Babitonga um ecossistema extremamente visada para atividades pesqueiras, devido alta produtividade que a região fornece (CREMER, 2006; KILCA *et al*, 2011).

Entretanto, o interesse antrópico pela região não é recente e não se limita há uma diversidade ecológica, os ambientes costeiros que permeiam o complexo hídrico da Babitonga são contemplados com mais de 180 sítios arqueológicos das quais, um pouco mais de 80% destes sítios são sambaquis com registros de ocupação entre 7 mil e 1 mil anos A.P (BANDEIRA, 2000; BANDEIRA *et al*, 2018; WAGNER *et al*, 2011). Além desta cultura, a região foi ocupada por grupos da tradição Umbu, ainda pouco conhecida na Baía Babitonga, marcada pela ocorrência de sítios com pontas de flechas, sendo eles, os primeiros registros de ocupação proveniente do Holoceno Inicial e grupos de tradição ceramistas Guarani e Taquara-itararé que ocuparam a baía por volta 1.000 anos A.P. até o contato com imigrantes europeus (DE MASI, 2008; COSTA, 2014; WAGNER *et al*, 2011; ALMEIDA, 2014; BANDEIRA *et al*, 2018).

Dentre estes grupos culturais na Baía Babitonga, os sambaquianos se destacam pela larga distribuição de ocorrência e pelos possíveis registros de contato entre a cultura Taquara-Itararé, uma vez que são encontradas cerâmicas do grupo jê nas camadas superficiais de diversos sambaquis (BANDEIRA, 2004; BANDEIRA *et al*, 2018; ALMEIDA, 2014). E com base nos vestígios arqueológicos, estes grupos tinham práticas culturais similares, da qual se destaca a pesca, uma atividade fortemente exercida por ambas as culturas, uma vez que uma das maiores composições da matriz arqueológica dos sambaquis são vestígios ósseos da ictiofauna e, por vezes, artefatos que remetem à pesca, esculpidos e moldados em material lítico ou ósseo (BANDEIRA, 2015; FIGUTI, 2008; KLOKLER, KLOKLER, 2016; 2018; PROUS, 2007).

Desta forma, este estudo apresenta um descritivo acerca dos registros de atividades pesqueiras realizadas pelos povos pretéritos, com base nas abordagens apresentadas por diversos autores que estudaram estes grupos ao longo dos 30 anos de pesquisas arqueológicas no litoral norte catarinense.

AS EVIDÊNCIAS DA PESCA NA PRÉ-HISTÓRIA DA BAÍA DA BABITONGA

Os sambaquis, que demarcam as paisagens da Baía Babitonga, são os registros mais evidentes da relação entre o homem e a natureza. Estas formações de origem antrópica são definidas genericamente como acúmulos de conchas de moluscos, sedimentos e demais vestígios da cultura material. Dentre estes vestígios, destacam-se os fragmentos das estruturas ósseas de peixes encontrado em abundância nestes sítios, o que já se evidencia as interações pesqueiras destes povos. No entanto, são por meio dos registros dos artefatos de pesca que se confirmam as possíveis técnicas utilizadas por estes grupos para captura de peixes (GOULART, 1980; BECK, 2007; BIGARELLA *et al*, 2011; WAGNER *et al*, 2011; PROUS, 2007).

Dentre os artefatos da indústria lítica e óssea, Fossari (1984); Tiburtius & Bigarella (1953); Tiburtius *et al*, (1954; 1950-1951); Beck (1962; 2007), Bryan (1972) e Goulart (1980) sugerem os pesos de rede, anzóis e pontas de projéteis como vestígios da atividade de pesca:

Peso de rede

Segundo Beck (1962; 1980), os fragmentos de quartzito encontrados em sambaquis, cuja o córtex apresenta uma porção central mais clara circundando toda a peça, poderiam ter sido utilizadas para lastrar e a diferença na coloração destes fragmentos podem ser provenientes da fixação destes às redes de pesca. A autora também atribui a mesma função às peças líticas em diabásio, polidas ou alisadas, e fusiformes com dimensões por volta de 90 x 20 mm.

Tiburtius *et al* (1950-1951) definem os pesos de rede como peças líticas de tamanhos variáveis (11 a 56 mm) com formato ovalada chata, polimento natural mas com acentuada reentrância em cada extremidade proveniente de atividade antrópica no qual sugere-se que foram feitas a fim de amarrarem as peças para serem usadas como peso para as redes de pesca (Figura 1).

Para Goulart (1980), os pesos de redes seguem a classificação de Emperaire (1967, p. 87) “Conhecem-se seixos que não possuem outra marca de trabalho além de entalhes praticados ao longo do perímetro de um círculo de pequeno diâmetro da pedra escolhida, entalhe esse que retém o filamento, que liga o peso à rede.”.

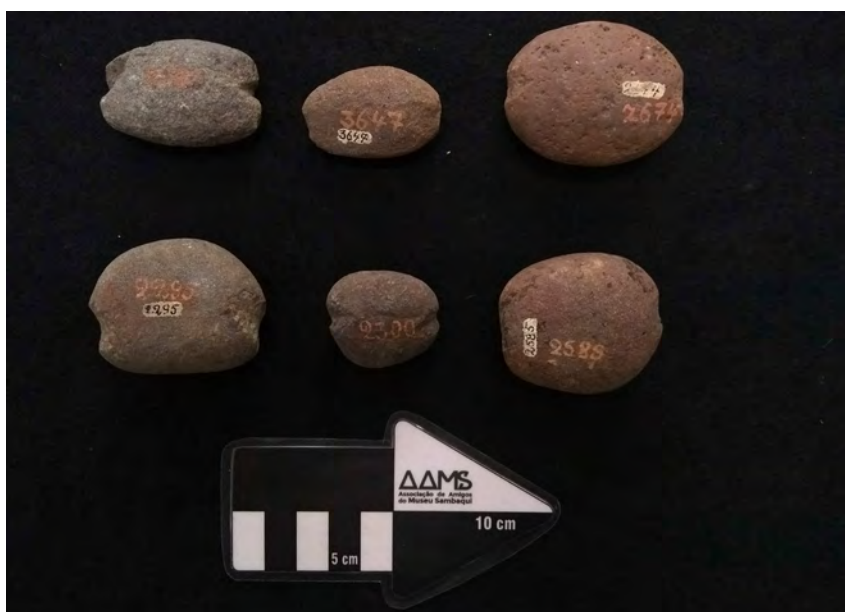


Figura 1. Registro fotográfico dos pesos de rede encontrados no sambaqui Itacoara. Peças da Coleção Guilherme Tiburtius do acervo do MASJ (códigos: 2295; 2300; 2585; 2674; 3647; 2597). Fonte: Fotografado por Jessica Ferreira.

Anzol

“Instrumento mais característico da atividade pesqueira” (Montandon, 1934, p. 242 *apud* Tiburtius & Bigarella, 1953), os anzóis registrados em sambaquis são confeccionados em ossos proveniente de mamíferos de pequeno porte devido à resistência e porosidade destes ossos que também apresentam, em sua forma natural, determinadas estruturas planas, facilitando na confecção do osso na forma de anzol.

Beck (1962; 2007), Bryan (1972) e Fossari (1982) também afirmam a confecção de anzóis com uso de ossos de mamíferos, no qual, segundo a Beck (1962; 2007), eram utilizadas diáfises para a sua construção que variavam em anzóis entre 60 a 18 mm de comprimento com 20 a 10 mm de largura.

FERREIRA, Jessica; BANDEIRA, Dione da Rocha, BARTZ, Magda Carrion, FOSSILE, Thiago, MAYAROKA, Felipe. *Reflexões sobre a pesca pré-colonial na Baía da Babitonga, litoral norte de Santa Catarina, Brasil*. In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 138-155, Jul-Dez. 2019.



Figura 2. Registro fotográfico dos anzóis a) encontrados no sambaqui Itacoara e b) sem procedência. Peças da Coleção Guilherme Tiburtius do acervo do MASJ (códigos: 2794; 245; 3242; 3581). Fonte: Fotografado por Jessica Ferreira.

Ponta de projétil

Tiburtius & Bigarella (1953) e Fossari (1982) caracterizam as pontas de projeteis como pontas utilizadas para caça ou pesca servidas na elaboração de lanças, arpões ou flechas. Essas pontas eram confeccionadas em ossos de mamíferos, provavelmente, proveniente da tíbia de mamíferos de pequeno porte. Uma classificação proposta por Beck (1962; 2007), distingue as pontas com base nas características morfológicas e técnicas de confecção, sendo elas, *pontas triangulares*: com secção transversal triangular; com secção transversal plano-convexa; pedunculada com secção transversal côncavo-convexa; e com secção longitudinal côncavo-convexa; *pontas ovaladas*; *pontas duplas*; e *pontas simples*. Entretanto, não há definição funcional para cada tipo de ponta.

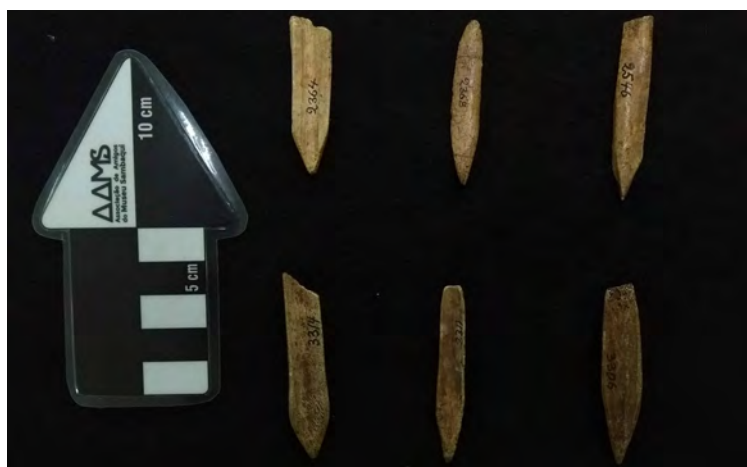


Figura 3. Registro fotográfico de pontas de projétil do sambaqui fluvial Itacoara. Peças da Coleção Guilherme Tiburtius do acervo do MASJ (códigos: 2364; 2368; 2546; 3314; 2311; 3306). Fonte: Fotografado por Jessica Ferreira.

Contudo, além destes vestígios, um estudo recente realizado por Sá (2015) sobre os métodos de nós de fibras preservados no sambaqui Cubatão I sugere técnicas de elaboração de nós para uso em redes e demais armadilhas de pesca:

Nós em fibra vegetal

Sá (2015) caracteriza 9 tipos de nós em fibras vegetais, sendo eles nó simples (Figura 4.A), nó de correr (Figura 4.B), nó em oito (Figura 4.C), nó boca de lobo (Figura 4.E), nó volta do fiel (Figura 4.F), amarra paralela, nó de fita (Figura 4.G), nó direito (Figura 4.H) e nó do pescador (Figura 4.I) como possíveis técnicas “empregadas em atividades pesqueiras, quer nas embarcações, na construção de redes, armadilhas, fixação de lastros, anzóis, etc” (Sá, 2015, p. 65).



Figura 4. Cordas, nós, acabamentos e amarras identificados nos artefatos coletados no Sambaqui Cubatão I, acervo MASJ. A) Nó Simples, amostra 7; B) Nó de correr, amostra n. 110; C) Nó em oito n. 27; D) Nó lais de guia, amostra n. 15; E) Nó boca de lobo, amostra n. 45; F) Nó volta do fiel, amostra n. 92; G) Nó de fita, amostra n. 27; H) Nó direito, amostra n. 45; I) Nó de pescador, amostra n. 45. Fonte: Adaptado de Sá (2015).

OS ARTEFATOS DE PESCAS NOS SAMBAQUIS DA BAÍA DA BABITONGA

Em relação aos sambaquis da região estuarina, seis sítios apresentam artefatos de pesca confeccionados em osso e/ou lítico: o sambaqui fluvial Itacoara e os sambaquis Bupeva II, Morro do Ouro, Rio Pinheiros II, Enseada I e Forte Marechal Luz.

A respeito dos artefatos confeccionados em fibra vegetal, considerou-se apenas o sambaqui Cubatão I, objeto de estudo na pesquisa de Sá (2015). De fato, não há registros suficientes para confirmar o uso exclusivo de determinados nós para

pesca, entretanto, não se descartam a possibilidade da sua função para tais atividades.

A seguir, tem-se uma descrição dos artefatos encontrados assim como uma caracterização geral dos sambaquis supracitados.

Sambaqui fluvial Itacoara

O sambaqui fluvial Itacoara está localizado no município de Joinville, situado no interior do complexo estuarino da Baía da Babitonga, próximo ao rio Pirai, numa distância de, aproximadamente, 30 km da costa. É o único sambaqui fluvial registrado na região com datação por volta de 1570 ± 20 anos A.P. Este sítio foi registrado por Guilherme Tiburtius em 1947 sendo escavado por ele em meados da década de 40 e, posteriormente, pela arqueóloga Dione da Rocha Bandeira por volta de 2004 (OKUMURA, 2007; MASJ, 2010).

Conforme Tiburtius (1996), este sambaqui apresentava medições por volta de 20 x 15 x 5 metros. Atualmente, está parcialmente destruído por ações antrópicas (BANDEIRA, 2000). Bandeira (2004), ao escavar o sambaqui caracterizou duas camadas que demarcam a ocorrência de cerâmica jê, evidenciando posterior ocupação por grupos taquara-itararé, uma vez que a cerâmica foi encontrada em camadas superiores. (BANDEIRA, 2004; TIBURTIUS, 1996).

Nas duas camadas, foram encontrados sepultamentos, porém, sem registro de artefatos associados que pudessem sugerir registros de oferenda (BANDEIRA, 2004; TIBURTIUS, 1996). Entretanto, foram registrados artefatos no contexto arqueológico tais como, pontas de flechas, anzóis, agulhas e outros artefatos confeccionados em ossos; machados de pedra, pedra de amolar, quebra-cocos, além de vestígios de fogueiras, cerâmica (nas camadas superiores) e esqueletos humanos (TIBURTIUS, 1996; BANDEIRA, 2004).

Destes vestígios, destacam-se os artefatos de pesca registrados nas intervenções arqueológicas por Bandeira (2004): 5 anzóis, 9 bipontas, 2 pontas simples e 29 pontas fragmentadas, além de diversos fragmentos de anzóis. Além da confecção desses apetrechos de pesca em osso, foram registrados dois pesos de rede produzidos em material lítico. Ainda, Bandeira (2004) relata que a rocha de um deste artefato lítico, o riolito, não ocorre na região, sendo o registro mais próximo desta rocha é na região do município de Campo Alegre/SC, na serra, à, aproximadamente, 30 km do sítio.

Tiburtius *et al* (1950-1951); e Tiburtius & Bigarella (1953), também registram anzóis confeccionados em ossos, porém em maiores quantidades, geralmente fragmentados dificultando sua contabilização. Também registraram ocorrência de pontas que, segundo os autores, são vestígios de pontas de arpão móvel; além 75 artefatos líticos de dimensões variáveis entre 11 e 56 mm, ovaladas, achatadas, polidas em meio natural e com reentrâncias em cada extremidade oval, possivelmente feitas para amarrar as peças a fim de ser usadas como peso de rede; e 174 pontas de flechas confeccionadas em osso no qual, entre suas diversas utilidades, poderiam ser usadas para pesca.

Sambaqui Rio Pinheiros II

Localizado em Araquari/SC, estava situado nas margens do Rio Pinheiros e há 4 km da costa, com medidas entorno de 65 x 47 x 14 metros (TIBURTIUS *et al*, 1954). Mas, atualmente está totalmente destruído. Há três datações disponíveis para o sítio: a datação da malacofauna registra uma ocupação entre 4.580 ± 120 anos e 3.850 ± 140 anos A.P. e a datação da cerâmica caracterizou uma ocupação de 860 ± 30 anos A.P. (OKUMURA, 2007; FERREIRA *et al*, 2018).

O sambaqui sofreu intervenções arqueológicas por Tiburtius *et al* (1954), no qual foram encontradas, aproximadamente,

300 vestígios em ecofatos e artefatos, nas categorias lítica, faunística e cerâmica, além de esqueletos humanos. A cerâmica Taraqua-Itararé foi registrada em abundância camada superficial do sambaqui. Na primeira ocupação foram encontrados maior abundância de artefatos em lítico e ossos, assim como a presença de sepultamentos.

Uma descrição realizada por Tiburtius *et al* (1954), caracteriza, dentre os artefatos registrados, a ocorrência de 12 pontas ósseas na camada com cerâmica que poderiam ter servido como lanças; e nas camadas inferiores foram encontradas duas pontas ósseas, possivelmente, usada como pontas de flecha.

Morro do Ouro

Localizado às margens do Rio Cachoeira, no município de Joinville/SC, era um dos maiores sambaquis da Baía da Babitonga já registrado, com 100 x 100 x 10 metros (Rohr, 1984). Resultante da exploração da matriz para fins econômicos até proibição dessa atividade, atualmente, o sítio possui 60 x 95 x 13 metros. Datações realizadas no sambaqui demarcam atividade entorno de 4.030 ± 40 anos A.P (OKUMURA, 2007; BANDEIRA, 2000; MASJ, 2010).

Tiburtius (1966), Beck (1962; 2007) e Goulart (1980) realizaram escavações arqueológicas neste sambaqui, no qual resultou em grande abundancia de ecofatos e artefatos em ossos, conchas e rochas. Além de um número considerável de estruturas de fogueiras e sepultamentos. Neste sambaqui, a ausência de cerâmica caracteriza a ocupação por somente dos seus construtores.

Quanto aos artefatos de pesca, Beck (1962; 2007) traz registros de 7 fragmentos de quartzito que poderiam ter a função de peso de rede, usado para lastrar; Goulart (1980) registra pesos de rede, representando entorno de 1% dos 1.403 artefatos líticos encontrados. Em relação a indústria óssea, Goulart (1980), registrou-se 21 peças na categoria de pontas simples, nas quais alguns modelos apresentavam fragmentação nas extremidades, podendo estas serem pontas duplas; e uma ponta dupla. Tiburtius (1996) registra pontas ósseas possivelmente usadas em flechas ou lanças. Nenhum dos autores registra vestígios de anzóis durante as escavações.

Sambaqui Enseada I

Localizado na extremidade norte da costa leste da Ilha de São Francisco do Sul/SC, possuía medidas entorno de 80 x 40 x 10 m, no qual matem atualmente 25% da sua proporção original, uma vez que a matriz deste sítio foi largamente usada para arruamento até a proibição do uso de sambaquis para atividades econômicas a partir de 1961 (BANDEIRA, 2000; MACIEL & BANDEIRA, 2015).

Escavado por Guilherme Tiburtius em 1964 e Beck em 1969 a 1971, ambos caracterizaram duas ocupações distintas neste sambaqui, no qual foram registradas cerâmicas da tradição taquara-itararé nas camadas superficiais e após 1,5 metros de profundidade há uma variação na composição da matriz arqueológica caracterizando a ocupação dos povos, construtores do sambaqui (OKUMURA, 2007).

Em relação aos vestígios encontrados, em ambas as camadas houve grande diversidade de artefatos proveniente da indústria óssea, tais como anzóis, pontas de projeteis, adornos, entre outros; e da indústria lítica: machados de pedra, polidores, etc. Além de uma composição considerável de vestígios faunísticos, especialmente moluscos e peixes em todas as camadas de ocupação, assim como abundantes registros de sepultamentos e fogueiras (TIBURTIUS, 1996; BECK, 2007).

Com base nos artefatos de pesca Tiburtius (1996) registra ocorrência de pontas de setas confeccionadas em ossos,

ao qual sugere-se domínio no uso de arco e flechas. Também registra vestígio de anzóis em ossos de mamífero que, segundo o autor poderia ser proveniente de um animal de médio porte devido à resistência do osso. Conforme os registros do autor, houve um anzol com ponta fragmentada que pode ter sido usada como oferenda mortuária, visto que a peça estava situada junto a um sepultamento.

Beck (2007) registra a ocorrência de 3 exemplares de pesos em diabásio, no qual um estava cuidadosamente polido. Em relação a indústria óssea, a autora registrou 28 exemplares inteiros e 36 exemplares fragmentados de anzóis confeccionados em ossos de mamíferos no qual, sugere-se que 8 exemplares podem ter sido rejeitados por falhas durante a confecção. Também foram registradas pontas ósseas de tamanhos e formas variadas: 38 pontas triangulares e pedunculadas; 14 pontas triangulares diversas; 1 ponta ovalada; cerca de 100 pontas duplas diversas; 13 pontas simples entre outros provenientes das matérias-primas ósseas de peixes, mamíferos e aves.

Sambaqui Forte Marechal Luz

O sambaqui, escavado por uma equipe liderada por Bryan em 1977, está localizado no norte da ilha de São Francisco do Sul e possuía medições entorno de 50 x 40 x 6 metros. Atualmente encontra-se parcialmente preservado (BRYAN, 1993; BANDEIRA, 2000).

De acordo com Bryan (1993), o sambaqui apresentou nas camadas superficiais, ocorrência de cerâmica da tradição taquara-itararé com datações entorno de 620 ± 100 a 1440 ± 100 anos A.P., na qual foram datados, respectivamente, um fragmento de cerâmica e carvão associado a algum recipiente de argila nos níveis mais profundos da camada com cerâmica. Em relação à camada pré-cerâmica foram realizadas duas datações, uma no início e outra no final da camada pré-cerâmica que resultou, respectivamente em 2060 ± 120 a 3660 ± 130 anos A.P.

Em relação a cultura material registrada, o sambaqui Forte Marechal Luz apresentou uma diversidade de artefatos provenientes de indústria óssea (anzóis, adornos, dentes, raspadores entre outros), malacológica (adorno) e lítica (batedores, machados, quebra-cocos entre outros). Além de ecofatos provenientes de conchas e ossos da fauna, com predominância de peixes. No contexto arqueológico da matriz identificaram-se fogueiras com presença de “coquinhos” e registros de sepultamentos (BRYAN, 1993).

Com base nos artefatos de pesca, Bryan (1993) registrou: 60 pontas duplas; 6 pontas pendunculadas; 2 pontas de projeteis; 6 fragmentos de pontas; 16 exemplares inteiros e 7 exemplares fragmentados de anzóis.

Bupeva II

Localizado no extremo sul da costa leste da ilha de São Francisco do Sul/SC, foi descrito por Bigarella *et al* (1954) e Rohr (1984) e escavado por BANDEIRA (2004) no início dos anos 2000. Suas medições alcançam 161 x 30 x 6 metros e encontram-se bem preservados.

O sambaqui apresenta duas ocupações bem distintas caracterizada por cerâmica da tradição taquara-itararé nos níveis superiores (0-60 cm de profundidade) e, nas camadas inferiores, registra-se somente a ocupação dos construtores dos sambaquis, caracterizada pela ausência de cerâmica. Em relação à datação da malacofauna (*Anomalocardia flexuosa*) da matriz arqueológica, o sítio registra atividade por volta de 2.325 ± 25 anos A.P (BANDEIRA, 2004). Possivelmente, a ocupação ceramista foi mais recente, quando comparado a ocupação pelos povos sambaquianos.

Conforme o relato de Bandeira (2004), referente a cultura material presente na matriz arqueológica deste sítio, no que se trata da fauna, excluindo-se os moluscos que demarcam em abundância os sambaquis, os peixes foram os mais abundantes. No entanto, houve registros consideráveis de mamíferos, especialmente, cetáceos. Além dos ecofatos ósseos, houve grandes quantidades de fragmentos de rochas não alterados, corante vermelho e artefatos da indústria lítica (polidores, batedores e fragmento de lamina polida); óssea (pontas e anzóis) e um artefato em concha, ao qual sugere-se ser um adorno.

Em relação aos artefatos de pesca, Bandeira (2004) registra apenas 2 fragmentos de anzóis esculpidos em osso, similares aos registrados no Itacoara, e 6 pontas fragmentadas de tamanhos e formas variadas.

Cubatão I

Localizado à margem do Rio Cubatão, próximo à sua foz no Canal do Palmital, o sambaqui se compõe juntamente com outros sítios próximos, que os caracterizam como um agrupamento denominado Complexo Cubatão (FOSSILE, 2013). Este sambaqui, caracterizado por suas grandes dimensões (110 metros de comprimento x 8 metros de altura), vem sofrendo impactos devido a erosão da parede anexa as margens do Rio Cubatão (BANDEIRA *et al*, 2009) e, portanto, entre os anos 2007 e 2009, uma equipe liderada por Figuti e técnicos do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) realizaram uma intervenção arqueológica sobre o sítio (MASJ, 2010; FOSSILE, 2013; BANDEIRA *et al*, 2009).

Com base nos resultados da escavação arqueológica, registrou-se diversos ecofatos e artefatos em osso, lítico e malacológico. Além do registro de 20 sepultamentos, fogueiras e, junto à base aparente do perfil do sambaqui, evidências de estruturas de estacas de madeiras e material vegetal trançado (fibras) (SÁ, 2015; BANDEIRA *et al*, 2009; FIGUTI, 2008; FOSSILE, 2013). Com base nas intervenções, caracterizou-se duas ocupações: a camada superficial com registro de cerâmica da Tradição Taquara-Itararé e dos construtores dos sambaquis (primeiras camadas) (BANDEIRA *et al*, 2009). Com base na datação do material malacológico, registrou-se duas datas: 3.480 ± 60 e 2.250 ± 40 anos A.P.

Em relação aos apetrechos de pesca, não houve registros artefatos da indústria lítica ou óssea que remetesse ao uso para atividades pesqueiras, exceto uma ponta óssea encontra com função incerta. Entretanto, a presença de determinados tipos de nós registrados por Sá (2015), sugerem a possibilidade deste uso em artigos de pesca, seja em rede ou armadilhas para captura de peixes.

A ICTIOFAUNA REGISTRADA NOS SAMBAQUIS DA BAÍA DA BABITONGA

Nos aspectos zooarqueológicos, não há um sambaqui que não possua vestígios ósseos da ictiofauna, uma vez que estes povos, conhecidos por pescadores-coletores-caçadores, apresentam uma cultura material rica em ecofatos e artefatos ósseos, líticos e malacológicos que remetem ao domínio nas artes de pesca e navegação. Entretanto, conforme supracitado, ao se tratar de artefatos de pesca, pouco se há quando comparada a abundância e riqueza de ecofatos ósseos de peixes, sendo eles, os registros mais evidentes das interações destes povos com os ambientes marinhos (FIGUTI & KLOKLER, 1996; LIMA, 1999-2000; BANDEIRA, 2015; WAGNER *et al*, 2011).

Na Baía da Babitonga, mesmo com 100% dos sambaquis compostos por vestígios de peixes, menos de 50% dos sambaquis possuem estudos referente aos seus dados ictioarqueológicos, sejam no aspecto qualitativo, quantitativo ou qualitativo. Entretanto, um estudo realizado por Fossile *et al* (2019) obtiveram um levantamento de espécies identificadas nestes sítios arqueológicos, ao qual totalizaram 70 espécies da ictiofauna, sendo 56 peixes ósseos (Actinopterygii) e 14 peixes

cartilaginosos (Elasmobranchii) (Tabela 1).

Destes registros, com base nos estudos zooarqueológicos (BANDEIRA, 1992; 2004; 2015; FIGUTI & KLOKLER, 1996; FOSSILE, 2013; BARTZ, 2018; BECK, 2007; BRYAN, 1993), as espécies mais abundantes identificadas nos sambaquis são: bagre (*Genidens* sp., Ariidae); pescada (*Cynoscion* sp., Scianidae); corvina (*Micropogonias furnieri*, Scianidae); baiacu (*Lagocephalus laevigatus* e *Sphoeroides* sp., Tetraodontidae); roncadador (*Conodon nobilis*, Haemulidae); e robalo (*Centropomus* sp., Centropomidae). No entanto, torna-se curioso a baixa ocorrência de tainha (*Mugil lisa*, Mugilidae) nos sambaquis, uma vez que esta espécie, caracterizada por ocorrer em cardume, é abundante durante seu período sazonal favorável (inverno) na Baía da Babitonga, onde chega a região para a desova (BARTZ, 2016; FOSSILE, 2013; BANDEIRA, 2015).

Bartz (2016; 2018) defende a hipótese de que os sambaquianos praticavam uma pesca “oportunista”, ou seja, aproveitavam todos os recursos disponíveis no ecossistema marinho, uma vez que as espécies mais abundantes nos sambaquis são as mesmas coletadas em pescas de práticas oportunistas pelos atuais pescadores tradicionais da região.

Contudo, os vestígios destas espécies não se resumem à restos de alimentação descartados nos sítios. Há registros do uso de determinadas estruturas ósseas na confecção de artefatos, tais como, o acúleo (esporão) do bagre (Ariidae), possivelmente aproveitado como ferramenta; ou vertebras de tubarões e algumas estruturas de peixes ósseos usados como adornos (LIMA, 1999-2000; KLOKLER, 2012; 2016; 2018).

Klokler (2012; 2016; 2018), Tiburtius (1996); Bigarella *et al*, (2011); Rohr (1984); Gaspar (2000); Prous (2007) entre outros, defendem que uso dos peixes não eram resultados apenas alimentação ou interesse utilitários, uma vez que há registros em sambaquis com ocorrência de esqueleto de peixes inteiramente preservado ou grande acúmulo de otólitos próximo a sepultamentos, sugerindo seu uso como oferendas em festins e/ou rituais funerários.

Corroborando com a atribuição simbólica dos peixes na cultura pretérita, um levantamento bibliográfico realizado por Garcia (2018) exhibe registros de peças líticas esculpidas na forma de animais (zoólitos) representando a forma de peixes, tais como um zoólito registrado no sambaqui Barra do Sul, localizado no município de Balneário Barra do Sul/SC (Figura 5), no qual Tiburtius & Bigarella (1960, p. 14) descrevem:

É um zoólito que parece representar fielmente o peixe denominado parati (diversas espécies do gênero *Mugil*) em Santa Catarina. Foi descoberto juntamente com um peixe menor confeccionado em bula timpânica de baleia o qual, infelizmente não foi conservado. O zoólito que aqui mencionamos, tem a parte traseira entumecida como a que representa o peixe na época da desova. Sua boca é representada por um entalhe, e os opérculos por sulcos laterais pouco profundos. Notam-se, claramente, na boca, olhos e opérculos os vestígios de raspagem deixados pelo instrumento confeccionador.



Figura 5. Zoomorfo em material lítico sob forma de peixe registrado no sambaqui Barra do Sul/SC. Fonte: Garcia, 2018.

Contudo, é evidente que o registro da ictiofauna em sambaquis, sejam elas, evidenciados como artefatos ou ecofatos de uso utilitário ou simbólico, representa a forte relação entre estes povos e os peixes, caracterizando duas sociedades pré-históricas da Baía da Babitonga com domínio na tecnologia de pesca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades pesqueiras na Baía da Babitonga, evidenciada por meio dos registros arqueológicos, caracteriza uma prática milenar com tecnologias de pescas bem desenvolvidas e fortemente utilizadas por sociedades pretéritas que ocuparam largamente a região estuarina.

De fato, ao avaliar a abundância de sítios arqueológicos na região, ainda há poucos dados sobre os vestígios de pesca, uma vez que mais de 50% dos sambaquis estão atualmente destruídos e aqueles já estudados, apresentam poucos dados para maiores discussões, uma vez que muitos foram resultados de estudos arqueológicos de salvamento ou pesquisa amadora.

Entretanto, há dados demasiadamente suficientes para levantar questões sobre a complexidade cultural destes grupos e seus impactos sob os recursos naturais. Uma vez que tais informações reunidas ao longo de 30 anos de pesquisa vêm recebendo maior importância, não apenas para compreensão das estruturas destas sociedades, mas no escopo da Biologia da Conservação sobre as possíveis influências dos impactos antrópicos dos povos pretéritos sob as populações faunísticas atuais.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, D. R. The Use of Wildlife by Sambaquianos in Prehistoric Babitonga Bay, North Coast Of Santa Catarina, Brazil. **Revista Chilena de Antropología**, Santiago, p. 117-123, 2015.
- BANDEIRA, D. R. **Ceramistas Pré-coloniais da Baía da Babitonga – Arqueologia e Etnicidade**. 2004, 272 f.. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campina, Campinas.
- BANDEIRA, D. R. **Mudança na Estratégia de Subsistência O Sítio Arqueológico Enseada I - Um estudo de caso**. 1992. 146 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- BIGARELLA, J. J., TIBURTIUS, G. & SOBANSKI, A. Contribuição ao estudo dos sambaquis do litoral norte de Santa Catarina I Situação geográfica e descrição sumária. **Arquivos de Biologia e Tecnologia**, v. 9, n 8, Curitiba: Imprensa Paranaense, p 99-140, 1954.
- BIGARELLA, J.J., TIBURTIUS, G., BIGARELLA, I.K., LEPREVOST, A., SOBANSKI, A. Sambaquis. Editora Posigraf, Curitiba-PR/Brazil. 2011.
- BRYAN, A.L., The Sambaqui at Forte Marechal Luz, State of Santa Catarina, Brazil. Corvallis: Center for the Study of the First Americans, Oregon State University, Oregon/EUA. 1993.
- CREMER, M.J. O estuário da Baía da Babitonga, In: Cremer, M.J., Morales, P.R.D., Oliveira, T.M.N. (Eds.). Diagnóstico ambiental da Baía da Babitonga. Univille, Joinville-SC/Brazil, pp. 15-19. 2006
- FOSSARI, T.D. **A Indústria Óssea na Arqueologia Brasileira: Estudo-Piloto do Material de Enseada-SC e Tenório-SP**. Tese de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.
- FOSSILE, T; FERREIRA, J; BANDEIRA, D.R.; SILVA, S.D.; COLONESE, A.C. *Integrating Zooarchaeology in the conservation of coastal-marine ecosystems in Brazil*. *Quaternary International: Florida*, Abril, 2019.
- GASPAR, Madu. **Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- KLOKLER, D. Animal para toda obra: Fauna ritual em sambaquis. **Habitus**, Goiânia, v. 14, n.1, p. 21-34, jan/jun, 2016.
- _____. Consumo ritual, consumo no ritual: festins funerários e sambaquis. **Revista Habitus**, Goiânia, PUC Goiás, v. 10, n. 1, p. 83-104, 2012.
- LIMA, T. A. Em busca dos frutos do mar: Os pescadores-coletores do litoral centro-sul do Brasil. **Revista USP**, v. 44, p. 270-327, 1999-2000.
- PROUS, André. **O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história do nosso país**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.
- PROUS, A.; PIAZZA, W. Documents pour la préhistoire du Brésil méridional. **Cahiers d'Archeologie d'Amérique du sud**. Paris, n. 4. 1977.
- ROHR, J. A. Sítios arqueológicos de Santa Catarina. **Anais do Museu de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina**, Florianópolis, n. 17, p. 5-24, 1984.
- SÁ, J. C. *Etnoarqueologia E Arqueologia Experimental: Desatando Informações Sobre Nós E Amarrações No Sambaqui Cubatão I, Em Joinville - Sc*. 2015. 87 f. Monografia (Especialização em Arqueologia) – Universidade da Região de Joinville, Joinville.
- TIBURTIUS, G. A. E. **Arquivos de Guilherme Tiburtius I**. Joinville: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, 1996.
- TIBURTIUS, G.A.E., BIGARELLA, I.K., Nota sobre os anzóis de osso da jazida paleoetnográfica de Itacoara, SC. *Separata dos arquivos de Biologia*, 7:381-387. 1953.
- TIBURTIUS, G.A.E., BIGARELLA, I.K., BIGARELLA, J.J., Nota prévia sobre a jazida paleoetnográfica de Itacoara
- FERREIRA, Jessica; BANDEIRA, Dione da Rocha, BARTZ, Magda Carrion, FOSSILE, Thiago, MAYAROKA, Felipe. *Reflexões sobre a pesca pré-colonial na Baía da Babitonga, litoral norte de Santa Catarina, Brasil*. In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 138-155, Jul-Dez. 2019.

Tabela 1. Ictiofauna e apetrechos de pesca registrados em sambaquis da Baía da Babitonga. Fonte: primária. *Não houve estudos científicos suficientes para levantar quaisquer afirmações.

(Joinville estado de Santa Catarina). Separata dos arquivos de Biologia, 5:315-346. 1951.

TIBURTIUS, G.A.E., BIGARELLA, I.K, BIGARELLA, J.J.. Contribuição ao estudo dos Sambaquis do litoral norte de Santa Catarina II: Sambaqui do Rio Pinheiros (n. 8), Arquivos de Biologia e Tecnologia, 9:141–197. 1954

TIBURTIUS, G.A.E., BIGARELLA, I.K., Objetos Zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná. Pesquisas Antropologia, (7):5-53. 1960.

WAGNER, G., HILBERT, K., BANDEIRA, D., TENÓRIO, M.C., OKUMURA, M.M., Sambaquis (shell mounds) of the Brazilian coast. Quaternary international: the journal of the International Union for Quaternary Research 239, 51–60. 2011.

Tabela 1. Ictiofauna e apetrechos de pesca registrados em sambaquis da Baía da Babitonga. Fonte: primária. *Não houve estudos científicos suficientes para levantar quaisquer afirmações.

SAMBAQUI	NOME CIENTÍFICO	NOME VULGAR	APETRECHOS DE PESCA
Itacoara	Chondrichthye	---	Sim. Ocorrência de anzóis e pontas de flechas ósseas fragmentadas e inteiras e pesos de rede em material lítico.
	Batoidea	---	
	Rajiformes	---	
	<i>Carcharhinus isodon</i> (Müller & Henle, 1839)	Cação-dente-liso	
	<i>Hoplias</i> sp.	Traíra	
	<i>Trichiurus lepturus</i> (Linnaeus, 1758)	Peixe-espada	
	Ariidae	---	
	<i>Rhamdia</i> sp.	Jandiá	
Morro do Ouro	<i>Hypostomus</i> sp.	Cascudo	Sim. Ocorrência de pesos de rede e pontas ósseas.
	Chondrichthye	---	
Cubatão I	Actinopterygii	---	Não houve registros artefatos líticos ou ósseos que remetesse à pesca, exceto uma ponta óssea encontra com função incerta e fibras com determinados nós que lembram os usados para técnicas de pesca artesanal.
	Batoidea	---	
	<i>Carcharias taurus</i> (Rafinesque, 1810)	Cação-mangona	
	Beloniformes	---	
	<i>Selene vomer</i> (Linnaeus, 1758)	Peixe-galo	
	<i>Centropomus parallelus</i> (Poey, 1860)	Robalo-peva	
	<i>Chaetodipterus faber</i> (Broussonet, 1782)	Paru-Branco	
	<i>Anisotremus surinamensis</i> (Bloch, 1791)	Sargo-de-beiço	
	<i>Conodon nobilis</i> (Linnaeus, 1758)	Roncador	
	Mugilidae	---	
	<i>Pseudopercis</i> sp.	Namorado	
	<i>Pomatomus saltatrix</i> (Linnaeus, 1766)	Anchova	
	<i>Cynoscion</i> sp.	Pescada	
	<i>Micropogonias furnieri</i> (Desmarest, 1823)	Corvina	
	<i>Pogonias cromis</i> (Linnaeus, 1766)	Miraguaia	
	<i>Pagrus pagrus</i> (Linnaeus, 1758)	Pargo	
	Pleuronectiformes	---	
	Ariidae	---	
	<i>Cathorops spixii</i> (Spix & Agassiz, 1829)	Bagre-amarelo	
	<i>Genidens barbatus</i> (Lacepède, 1803)	Bagre-branco	
<i>Genidens genidens</i> (Cuvier, 1829)	Bagre-urutu		
<i>Rhamdia</i> sp.	Jandiá		
<i>Hypostomus</i> sp.	Cascudo		
<i>Lagocephalus laevigatus</i> (Linnaeus, 1766)	Baiacú		

Enseada I	Batoidea	---	Sim. Ocorrência de anzóis e pontas de flechas ósseas fragmentadas e inteiras e pesos de rede em material lítico.
	<i>Galeocerdo cuvier</i> (Péron & Lesueur, 1822)	Tubarão-tigre	
	<i>Prionace glauca</i> (Linnaeus, 1758)	Tubarão-azul	
	<i>Sphyrna</i> sp.	Tubarão-martelo	
	<i>Carcharodon carcharias</i> (Linnaeus, 1758)	Tubarão-branco	
	<i>Carcharias taurus</i> (Rafinesque, 1810)	Cação-mangona	
	<i>Centropomus undecimalis</i> (Bloch, 1792)	Robalo-flecha	
	<i>Chaetodipterus faber</i> (Broussonet, 1782)	Paru-Branco	
	<i>Conodon nobilis</i> (Linnaeus, 1758)	Roncador	
	<i>Haemulon</i> sp.	Sapuruna	
	<i>Lutjanus</i> sp. (Bloch, 1790)	Pargo	
	<i>Mugil liza</i> (Valenciennes, 1836)	Tainha	
	<i>Cynoscion acoupa</i> (Lacepède, 1801)	Pescada-amarela	
	<i>Larimus breviceps</i> (Cuvier, 1830)	Oveva	
	<i>Micropogonias furnieri</i> (Desmarest, 1823)	Corvina	
	<i>Pogonias cromis</i> (Linnaeus, 1766)	Miraguaia	
	<i>Hyporthodus niveatus</i> (Valenciennes, 1828)	Cherne-verdadeiro	
	<i>Epinephelus</i> sp.	Garoupa	
	<i>Archosargus probatocephalus</i> (Walbaum, 1792)	Sargo-de-dentes	
	<i>Peprilus paru</i> (Linnaeus, 1758)	Peixe-manteiga	
	<i>Trichiurus lepturus</i> (Linnaeus, 1758)	Peixe-espada	
	<i>Aspistor luniscutis</i> (Valenciennes, 1840)	Bagre-guri	
	<i>Genidens genidens</i> (Cuvier, 1829)	Bagre-urutu	
	<i>Bagre bagre</i> (Linnaeus, 1766)	Bagre	
<i>Diodon hystrix</i> (Linnaeus, 1758)	Peixe-balão		
<i>Lagocephalus laevigatus</i> (Linnaeus, 1766)	Baiacú		
Forte Marechal Luz	<i>Aetobatus</i> sp.	raia	Sim. Ocorrência de anzóis e pontas de flechas ósseas fragmentadas e inteiras.
	Myliobatidae	---	
	<i>Carcharodon carcharias</i> (Linnaeus, 1758)	Tubarão-branco	
	<i>Carcharias</i> sp.	Tubarão	
	<i>Carcharias taurus</i> (Rafinesque, 1810)	Cação-mangona	
	<i>Caranx</i> sp.	Xaréu	
	<i>Chaetodipterus faber</i> (Broussonet, 1782)	Paru-Branco	
	<i>Haemulon</i> sp.	Sapuruna	
	<i>Kyphosus sectatrix</i> (Linnaeus, 1758)	Piragica	
	<i>Mugil liza</i> (Valenciennes, 1836)	Tainha	
	<i>Pomatomus saltatrix</i> (Linnaeus, 1766)	Anchova	
	<i>Micropogonias furnieri</i> (Desmarest, 1823)	Corvina	
	Serranidae	---	
	<i>Archosargus probatocephalus</i> (Walbaum, 1792)	Sargo-de-dentes	
	<i>Diplodus argenteus</i> (Valenciennes, 1830)	Sargo-comum	
	<i>Pagrus pagrus</i> (Linnaeus, 1758)	Pargo	
	<i>Trichiurus lepturus</i> (Linnaeus, 1758)	Peixe-espada	
	<i>Diodon hystrix</i> (Linnaeus, 1758)	Peixe-balão	
	<i>Lagocephalus laevigatus</i> (Linnaeus, 1766)	Baiacú	

Ilha dos Espinheiros II	Myliobatidae	---	Dados insuficientes*
	<i>Alopias vulpinus</i> (Bonnaterre, 1788)	Tubarão-raposa	
	<i>Carcharias taurus</i> (Rafinesque, 1810)	Cação-mangona	
	<i>Centropomus undecimalis</i> (Bloch, 1792)	Robalo	
	<i>Chaetodipterus faber</i> (Broussonet, 1782)	Paru-Branco	
	<i>Conodon nobilis</i> (Linnaeus, 1758)	Roncador	
	<i>Bairdiella ronchus</i> (Cuvier, 1830)	Canguá	
	<i>Cynoscion jamaicensis</i> (Vaillant & Bocourt, 1883)	Pescada	
	<i>Isopisthus parvipinnis</i> (Cuvier, 1830)	Tortinha	
	<i>Larimus breviceps</i> (Cuvier, 1830)	Oveva	
	<i>Menticirrhus americanus</i> (Linnaeus, 1758)	Betara	
	<i>Micropogonias furnieri</i> (Desmarest, 1823)	Corvina	
	<i>Pogonias cromis</i> (Linnaeus, 1766)	Miraguaia	
	<i>Stellifer rastrifer</i> (Jordan, 1889)	Canguá	
	<i>Archosargus probatocephalus</i> (Walbaum, 1792)	Sargo-de-dentes	
	<i>Trichiurus lepturus</i> (Linnaeus, 1758)	Peixe-espada	
	<i>Aspistor luniscutis</i> (Valenciennes, 1840)	Bagre-guri	
	<i>Genidens barbatus</i> (Lacepède, 1803)	Bagre-banco	
	<i>Bagre bagre</i> (Linnaeus, 1766)	Bagre	
Bupeva II	Rajiformes	---	Sim. Ocorrência de anzóis e pontas ósseas fragmentadas e inteiras.
	<i>Carcharhinus isodon</i> (Müller & Henle, 1839)	Cação-dente-liso	
	<i>Galeocerdo cuvier</i> (Péron & Lesueur, 1822)	Tubarão-tigre	
	<i>Sphyrna</i> sp.	Tubarão-martelo-panã	
	<i>Carcharodon carcharias</i> (Linnaeus, 1758)	Tubarão-branco	
	<i>Isurus oxyrinchus</i> (Rafinesque, 1810)	Isurus oxyrinchus	
	<i>Carcharias taurus</i> (Rafinesque, 1810)	Cação-mangona	
	<i>Gymnothorax ocellatus</i> (Agassiz, 1831)	Moreia-pintada	
	<i>Centropomus parallelus</i> (Poey, 1860)	Robalo-peva	
	<i>Chaetodipterus faber</i> (Broussonet, 1782)	Paru-Branco	
	<i>Anisotremus surinamensis</i> (Bloch, 1791)	Sargo-de-beiço	
	<i>Conodon nobilis</i> (Linnaeus, 1758)	Roncador	
	<i>Lutjanus</i> sp. (Bloch, 1790)	Pargo	
	<i>Pomatomus saltatrix</i> (Linnaeus, 1766)	Anchova	
	<i>Bairdiella ronchus</i> (Cuvier, 1830)	Canguá	
	<i>Cynoscion jamaicensis</i> (Vaillant & Bocourt, 1883)	Pescada	
	<i>Micropogonias furnieri</i> (Desmarest, 1823)	Corvina	
	<i>Pogonias cromis</i> (Linnaeus, 1766)	Miraguaia	
	<i>Archosargus probatocephalus</i> (Walbaum, 1792)	Sargo-de-dentes	
	<i>Trichiurus lepturus</i> (Linnaeus, 1758)	Peixe-espada	
	<i>Rhambdia</i> sp.	Jandiá	
	<i>Diodon hystrix</i> (Linnaeus, 1758)	Peixe-balão	
<i>Lagocephalus laevigatus</i> (Linnaeus, 1766)	Baiacú-ará		

Espinheiros II	<i>Oligoplites</i> sp.	Guavira	Dados insuficientes*
	<i>Centropomus parallelus</i> (Poey, 1860)	Robalo-peva	
	<i>Chaetodipterus faber</i> (Broussonet, 1782)	Paru-Branco	
	<i>Conodon nobilis</i> (Linnaeus, 1758)	Roncador	
	<i>Mugil liza</i> (Valenciennes, 1836)	Tainha	
	<i>Bairdiella ronchus</i> (Cuvier, 1830)	Canguá	
	<i>Cynoscion virescens</i> (Cuvier, 1830)	Pescada	
	<i>Cynoscion acoupa</i> (Lacepède, 1801)	Pescada-amarela	
	<i>Cynoscion leiarchus</i> (Cuvier, 1830)	Pescada-branca	
	<i>Isopisthus parvipinnis</i> (Cuvier, 1830)	Tortinha	
	<i>Larimus breviceps</i> (Cuvier, 1830)	Oveva	
	<i>Micropogonias furnieri</i> (Desmarest, 1823)	Corvina	
	<i>Nebris microps</i> (Cuvier, 1830)	Pescada-branca	
	<i>Pogonias cromis</i> (Linnaeus, 1766)	Miraguaia	
	<i>Stellifer</i> sp.	Cangoá	
	<i>Archosargus probatocephalus</i> (Walbaum, 1792)	Sargo-de-dentes	
	<i>Trichiurus lepturus</i> (Linnaeus, 1758)	Peixe-espada	
	Ariidae	---	
	<i>Aspistor luniscutis</i> (Valenciennes, 1840)	Bagre-guri	
<i>Lagocephalus laevigatus</i> (Linnaeus, 1766)	Baiacú-ará		
Conquista I	<i>Pomacanthus paru</i> (Bloch, 1787)	Paru	Dados insuficientes*
	Sciaenidae	---	
	<i>Mugil liza</i> (Valenciennes, 1836)	Tainha	
Casa de Pedra	<i>Cynoscion</i> sp.	Pescada	Dados insuficientes*
	<i>Pogonias</i> sp.	Miraguaia	
	<i>Genidens</i> sp.	Bagre	
	<i>Sphoeroides</i> sp.	Baiacú	
Espinheiros I	<i>Pogonias cromis</i> (Linnaeus, 1766)	Miraguaia	Dados insuficientes*
	<i>Peprilus paru</i> (Linnaeus, 1758)	Peixe-manteiga	
Rio Pinheiros II	<i>Peprilus paru</i> (Linnaeus, 1758)	Peixe-manteiga	Sim. Ocorrência de pontas ósseas.

PRE-COLONIAL GROUPS FROM BRAZILIAN COAST AND SHARKS: FIRST GLIMPSE ON A COMPLEX RELATIONSHIP THROUGH THE CASE STUDY OF THE SHALLOW SITE RIO DO MEIO, SANTA CATARINA

GRUPOS PRÉ-COLONIAIS DA COSTA BRASILEIRA E TUBARÕES: PRIMEIRO OLHAR SOBRE UMA RELAÇÃO COMPLEXA ATRAVÉS DO ESTUDO DE CASO DO SÍTIO RASO RIO DO MEIO, SANTA CATARINA

Simon-Pierre Gilson
Andrea Lessa

Como citar este artigo:

GILSON, Simon-Pierre; LESSA, Andrea. *Pre-colonial groups from Brazilian coast and sharks: first glimpse on a complex relationship through the case study of the shallow site Rio do Meio, Santa Catarina*. In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 156-168, Jul-Dez. 2019.

Recebido em: 31/05/2019

Aprovado em: 22/10/2019

Publicado em: 15/12/2019

ISSN 2316 8412



Pre-colonial groups from Brazilian coast and sharks: first glimpse on a complex relationship through the case study of the shallow site Rio do Meio, Santa Catarina.

Simon-Pierre Gilson^a

Andrea Lessa^b

Abstract: The excavation of the coastal shallow site Rio do Meio (500-700 years cal BP, Santa Catarina, Brazil) made available a large faunal collection with a particularly interesting frequency of shark remains. Considering all the identified faunal fragments, the centra and teeth of sharks participate with 15% of the remains, being the third most important element behind the bones of fish and shells. The high frequency of shark remains led to the questioning of the dietary value of this resource for coastal groups, fishing and processing techniques, as well as issues associated with their interaction with the supply territory. In this sense, the high frequency of Whitemouth croaker (*Micropogonias furnieri*) in association with shark remains at the Rio do Meio site suggests fishing strategies with non-aleatory choices, which may be related to geographic and environmental conditions, as well as to the interspecies interactions. These reflections provide new elements for discussions on diet and territory exploration for subsistence activities, and their implications in terms of spacial movement by these fisher-hunter-gatherer groups.

Resumo: A escavação do sítio raso Rio do Meio (500-700 years cal BP, Santa Catarina, Brasil) disponibilizou uma numerosa coleção faunística com uma frequência particularmente interessante de restos de tubarões. Considerando-se todos os remanescentes faunísticos identificados, as vértebras e dentes de tubarões participam com 15% do total da coleção, sendo o terceiro elemento mais importante, atrás dos ossos de peixes e das conchas. A alta frequência de restos de tubarões observada levou ao questionamento sobre o valor dietético desse recurso para os grupos litorâneos, sobre as técnicas de pesca e de processamento, assim como sobre questões associadas a sua interação com o território de abastecimento. Neste sentido, a alta frequência da corvina (*Micropogonias furnieri*) em associação com restos de tubarão no sítio Rio do Meio sugere estratégias de pesca com escolhas não-aleatórias, o que pode ser relacionado com condições geográficas e ambientais, assim como com interações interespecies. Essas reflexões fornecem novos elementos para discussões sobre dieta e exploração do território para atividades de subsistência, e suas implicações em termos de movimentação espacial por parte desses grupos pescadores-caçadores-coletores.

Palavras Chave:

Zooarchaeology, Shark remains, Diet, Fishing strategies, Brazil

Keywords:

Zooarqueologia, Restos de tubarão, Dieta, Técnicas de pesca, Brasil

^a Museu Nacional vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN/UFRJ), Brasil; Departamento de Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. Apoios financeiros da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Brasil; e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil. E-mail: simonp.gilson@gmail.com

^b Museu Nacional vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN/UFRJ), Brasil; Departamento de Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. Apoios financeiros da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Brasil; e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil. E-mail: lessa.mn@gmail.com

INTRODUCTION

The first studies on faunal remains from pre-colonial coastal sites were carried out in the 1990s, in the context of southern and southeastern sambaquis. These studies were fundamental for proposing new paradigms on the lifestyle of these groups, especially on diet and mobility, from discussions on the preponderance of fish and the secondary role of mollusks as a food source. They also indicated the permanent feature of the settlements demonstrating the consumption of species captured throughout the year (BANDEIRA, 1992; FIGUTI, 1993, 1995, 1998; FIGUTI; KLOKLER, 1996). Since then, other studies on food consumption of marine resources have been carried out, even from an extended interpretive perspective, as symbolic behavior has become an element of discussion (PLENS, 2010; KLOKLER, 2008, 2012, 2014, 2016).

As a rule, however, the studies were carried out in sambaquis. Shallow sites, pre-colonial coastal settlements other than sambaquis, have not received the same attention for systematic zooarchaeological studies, with Bandeira (1992) and Cardoso (2018) being the only two up to now. Indeed, few shallow sites (with or without ceramic) were excavated, probably due to the low visibility in the landscape and location in areas with high real estate speculation, which led to the destruction of many of these sites.

In addition to the scarcity of approaches to shallow sites, specific studies on sharks are rare, although they are often found in the archaeological record. Gonzalez's thesis (2005) on shark remains from sambaquis of São Paulo state is an exception, in which the author discusses some current fishing techniques in Brazil and traditional techniques in several regions of the world, besides the use of faunal elements as instruments or adornments.

Rio do Meio Archaeological Context

The shallow site Rio do Meio was found on Jurerê beach, Santa Catarina Island, Santa Catarina state (Figure 1). It was identified in 1987 by the archaeological team of the MARquE-UFSC (*Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal de Santa Catarina*) and was excavated between 1996 and 1997 by a team of the same museum under the direction of the archaeologist Teresa Fossari. The excavation was part of an archaeological survey project since the preservation of the site was threatened by a real estate business.



Figure 1: Map showing the shallow site Rio do Meio, Santa Catarina Island, Brazil. QGIS 2.14/ Sources: Apple Iphoto Map and Unidades Federativas shapefile of the Núcleo de Economia Regional e Urbana da USP-NEREUS

GILSON, Simon-Pierre; LESSA, Andrea. Pre-colonial groups from Brazilian coast and sharks: first glimpse on a complex relationship through the case study of the shallow site Rio do Meio, Santa Catarina. In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 156-168, Jul-Dez. 2019..

Situated on the waterfront in a dune area with current dense vegetation of *restinga*, the site is on a beach ridge plain which is delimited at the east and west by an elevation of Precambrian rocks, still covered by a Neotropical forest, and by a mangrove at the south (FOSSARI, 2004). From the ecological perspective, its condition is privileged once the site is located in the entrance of a bay and close to an estuary formed by the flowing of the Rio do Meio river. In recent decades, the strong wave action has slowly closed the Rio do Meio river mouth, which certainly had greater affluence in the past (FOSSARI, 2004) (Figure 2).



Two main areas were excavated by natural layers, RM I and RM II, with a surface of 448 m². There is no direct connection between the two areas but they share a similar material culture and stratigraphic aspect. The RM II area, which presented the bigger extension (350 m²) and received higher attention during the excavation, with all layers carefully screened through a 1 or 2 mm sieve (FOSSARI, 1998; 2004), is the focus of this study. No extensive laboratory work has been done at the time and most of the material remained unprocessed until 2014, when the collection received new attention by a mixed team of the LEIA-UFSC (*Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia*) and MarquE-UFSC, by the financing obtained with the Program *Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura, Prêmio Catarinense de Museus Elisabete Anderle, Modalidade de Pesquisa*, promoted by *Fundação Catarinense de Cultura* (GONDIM; SCHERER; GILSON, 2017).

Figure 2: Aerial photography of the Rio do Meio river in 1957. Sources: Sistema de Informações Geográficas de Santa Catarina (SIGSC)-<http://sigsc.sds.sc.gov.br/>

The site has been characterized in the Brazilian archaeological context as a shallow site (*sítio raso*), which is not the unique term used to call this kind of settlement. The terms *jazidas páleo-etnográficas*, *acampamento litorâneo*, *sambaqui sujo* and *sambaqui tardio* have also been used, creating some confusion in the specialized literature (LESSA, 2005; LESSA; SCHERER, 2008; CARDOSO, 2018). The noun ‘shallow site’ has been preferred as it refers to the physical description of this kind of site, opposite to the sambaquis, and does not involve any cultural or functional interpretation.

Shallow sites are defined based on their own stratigraphic, material, chronological and contextual characteristics, which gives them a great deal of homogeneity. The great quantity of funeral structures, normally exceeding a hundred, is one of those characteristics. The Rio do Meio shallow site, especially, is unique so far in the pre-colonial landscape of the south coast, since no burials have been performed. This particular scenario is certainly due to the small number of sites identified and excavated, which, in turn, is associated with the difficulty in locating and preservation issues. Four dates are available to this site, which a critical review allows to situate between 500 and 700 years cal BP (Table 1). The other shallow sites are situated between 500 and 1300 years cal BP, therefore Rio do Meio site was occupied at a time near the arrival of Europeans

in Brazil (Gilson and Lessa, accepted paper).

In relation to sambaquis, or shellmounds, which dominated the Brazilian coast for at least 7.000 years (GASPAR, 1996, 1998; FISH *et al.*, 2000; LIMA, 2000; DEBLASIS *et al.*, 2007; GASPAR, KLOKLER; DEBLASIS, 2011; FISH *et al.*, 2013), the available dates indicate that shallow sites are more recent, probably having a few hundred years of simultaneous occupation of the coast during the final moments of the shell mound builders.

Table 1: Radiocarbon age of the Rio do Meio site with information about the material used for the datation, the context of the sample used, the conventional data, the calibrated data.

Site	Material	Context	Conventional data (BP)	Calibrated data (cal BP, 2 σ , Oxcal v4.3.1 Bronk Ramsey, 2017)	Curve (Bronk Ramsey, 2017)	References
Rio do Meio Beta451660	Coal	Occupation II	600 \pm 30	519-631	SHCal13	Gilson and Lessa, accepted paper
Rio do Meio Beta451661	Coal	Occupation II	620 \pm 30	527-640	ShCal 13	Gilson and Lessa, accepted paper
Rio do Meio Beta178077	Shell	Unknown	780 \pm 60	473-654	Marina 13, ΔR : -180 (\pm 20; Easteo, et al., 2002)	Fossari 2004; Gilson and Lessa, accepted paper
Rio do Meio Beta451662	Otolith	Occupation I	870 \pm 30	541-675	Marina 13, ΔR : -180 (\pm 20; Easteo, et al., 2002)	Gilson and Lessa, accepted paper

Some zooarchaeological data: sample sorting and representativeness

Three thousand and five hundred shark remains of the Rio do Meio site have already been sorted (10% of the total collection) and 60% of these were identified, part in the work of Mayer (2017), demonstrating the presence of 13 shark species (Occupation I, II and III): *Carcharias taurus*, *Carcharhinus plumbeus*, *Carcharhinus obscurus*, *Carcharhinus leucas*, *Carcharhinus brachyurus*, *Carcharhinus falciformis*, *Negaprion brevirostris*, *Galeocerdo cuvier*, *Carcharodon carcharias*, *Isurus paucus*, *Squatina sp.*, *Sphyrna sp.*, and *Rhizoprionodon sp.*

The high frequency of shark remains may be associated with the interspecies interaction between sharks and the most represented fish in the faunal collection of the Rio do Meio site, the Whitemouth croaker (*Micropogonias furnieri*). This species, found throughout the year around the Santa Catarina Island, has an annual cycle connected with its reproductive behavior (CARVALHO FILHO, 1999; CATTINI *et al.*, 2016; RIBAS, 2016). The adult fishes, which normally stay on the coastal water around a depth of 60-70 m, enter the bays to spawn. Estuarine environments are also very attractive since whitemouth croakers prefer brackish water to grow. During this time, they will form huge shoals in shallow water at the entrance of bays and estuaries (CARVALHO FILHO, 1999). The current time of reproduction around Santa Catarina Island is from September to November (RIBAS, 2016) when the shoals are in the shallow waters of the bays. Certainly, the human groups that occupied the Rio do Meio settlement have developed fishing techniques to benefit from this quite favorable condition, as demonstrated by the high frequency of this remains (47% of the total bonefish identified fragments; 60% of the total bonefish NMI, 63% of the total bonefish bone weight, 66% of the total bonefish biomass).

Some shark species, like *Carcharhinus plumbeus* and *Carcharias Taurus*, are known to have croakers on their menu (COMPAGNO, 2002; VOIGT; WEBER, 2011; EBERT; FOWLER; COMPAGNO, 2016), so, the huge congregation of these fishes has certainly attracted them closer to shore, making sharks an easier and more abundant prey for human groups. Thus, croakers may have played the role of bait for sharks, which would be caught through the use of specific fishing techniques.

The biomass importance estimation and NMI quantification of these animals is always a hard task (RICK *et al.*, 2002; GONZALEZ, 2005; BORGES, 2015; MAYER, 2017), but the high frequency of remains seems to indicate an intensive exploration of cartilaginous fish, even more if considering the sensitivity of their rests to taphonomic destruction.

The conversion ratio presented by Rick and coauthors (2002) gives, for example, a media of 115:1 for the genus *Carcharhinus* and 132:1 for the genus *Sphyrna*. These ratio conversions are higher than those used for bony fish (e.g. 28:1 for the white croaker). The application of this conversion ratio over the current sample of elasmobranch remains of Rio do Meio suggests participation for at least 10% of the biomass represented by the total of the faunal collection. This preliminary estimation should be confirmed with further studies since it can be influenced by the butchering process applied over sharks (see the section below). The application of the conversion ratio was obtained by multiplying the centra total weight of each species by the mean conversion rate published by Rick and coauthors (2002).

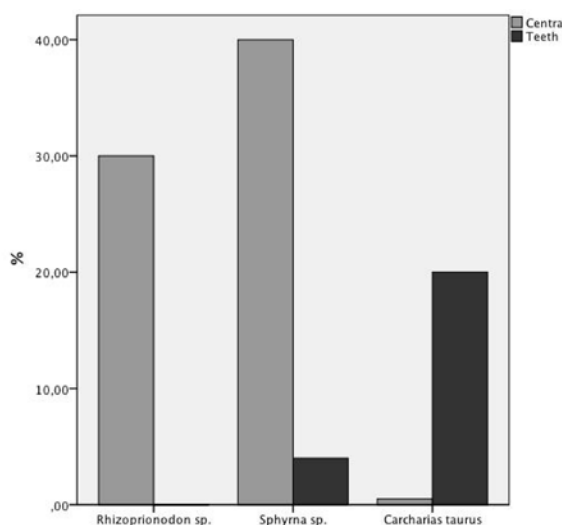


Figure 3: Difference in frequency between species based on the element (teeth or centra) choose for the identification: examples in percent for the genus *Sphyrna sp.*, *Rhizoprionodon sp.* and *Carcharias taurus*.

Important data on the representativeness of the different shark species present in the collection were also obtained. A significant variation in species frequency has been demonstrated according to the element used for identification: the teeth or the centra. Indeed, the quantification of the species is quite different when the identification is based on only one of the two elements. For example, almost no teeth of *Sphyrna sp.* have been identified (4%), but this species is well represented by the centra ($\pm 40\%$). The same phenomenon was noted among the genus *Rhizoprionodon*, from which no tooth was registered, but the centra are common in the collection ($\pm 30\%$). On the contrary, the species *Carcharias taurus*, which is well represented in the identified teeth ($\pm 20\%$), are almost unknown if considered the centra, as less than 20 centra (less than 1%) are known in the all collected and sorted collection (Figure 3).

Three main reasons may explain the difference in the quantification of the same species according to the element used for its identification. Firstly, the differential treatment given to the parts of sharks' bodies during their processing, on which the researchers have no control (see the section below). Secondly, the methodology to select the sample for analysis. The difference is evident when comparing the analysis performed on the material screened in a 2-mm sieve and carefully sorted in the laboratory, and the previous analysis performed by Mayer (2017) only with the teeth collected during the excavation of the

Rio do Meio site. As expected, the sharks with bigger teeth were favored in the work of Mayer, so, the *Carcharias taurus* is the most common species, with a frequency of almost 50%, and the frequency of *Carcharhinus plumbeus* is only 17%. With the data presented here this tendency is reversed since the *Carcharias taurus* fall to only 17% and the *Carcharhinus plumbeus* rise to 35-45%. And thirdly, the lower frequency of one of the elements could be related to its utilization by the various groups that occupied the settlement, which would imply their transportation out of the Rio do Meio.

More zooarchaeological data: Capture and processing of sharks

Of the 1048 identified centra, 80% is of young sharks, which is a high and uncommon frequency. These data suggest that fishing was mostly undertaken in shark nursery areas, as suggested by Lopes and coauthors on their study of several sambaquis of Rio de Janeiro state coast (LOPES *et al.*, 2016). The concept of ‘nursery’ is used as a protected area where female sharks give birth and the young grow on their own (BORNATOWSKI, 2008; VOIGT; WEBER, 2011; EBERT; FOWLER; COMPAGNO, 2016). Indiscriminately used in the literature, this concept has been criticized and reviewed by Heupel and coauthors (2007), mainly in an ecological purpose. The area where the Rio do Meio site is located offers very favorable ecological conditions to be used by sharks as a nursery: a shallow-water bay.

This hypothesis is reinforced by the description of European chroniclers on fishing techniques developed by coastal groups during the XVI century, which could be related to reproduction areas. These interesting ethnohistorical sources of information, presented and discussed by Gilson and Lessa (2019) and Franco (1998), bring some highlights about shark capture in shallow and offshore water, which are favorable places to the birth and development of young individuals.

Although in a lower percentage, adult sharks are also present in the sample (20%). The analyses showed, however, a particular pattern, with the lack of great size centra and especially great size mid trunk centra. This difference could be associated with the meat extraction technique, in which young and small sharks would be processed by cutting off the fillets, and the greater sharks, in its turn, would be cut in the slice manner, that is, in the transverse plane. Once the Rio do Meio site was interpreted as a functional settlement, used for capture and processing of food (GILSON; LESSA, 2018), the vertebrae of small sharks would be discarded *in loco*, whereas the vertebrae of the great ones, still adhered to the slices, would be transported for the consumption of the meat elsewhere. This practice would have as a consequence the lack of great and mid trunk centra at the butchering place.

Another possibility is that this difference is associated with the cooking process. Due to a large amount of meat, the central part of the body would need to be exposed to a greater intensity of heat, influencing the poor conservation of centra. The heat, as demonstrated by Gilson and Lessa (submitted), was probably used for processing shark body and may have had a direct consequence over the conservation of the different parts of the carcass. On the other hand, chemical analyses made on ceramic artifacts of Rio do Meio demonstrate the presence of lipids from marine animals, especially elasmobranch (HANSEL; SCHMITZ, 2006), suggesting a cooking process inside clay pots, which influenced the differential conservation of the small centra. Also, the current use of shark centra to produce fish glue (KUANG, 1999) and the results of chemical analyses in ceramic artifacts (HANSEL; SCHMITZ, 2006) open the possibility that shark centra were boiled and processed to produce a strong and useful glue (MURDINAH; NINOEK; NURUL, 1996).

Isotope data

During the last two decades, few carbon ($\delta^{13}\text{C}$) and nitrogen ($\delta^{15}\text{N}$) isotope analyses have been undertaken to understand some elements of diet from pre-colonial coastal groups (e.g. DEMASI, 2001, 2009; KLOKLER, 2008; BASTOS *et al.*, 2014, 2015). These studies show the high proportion of marine resources in the diet of these groups and, in particular, the analyses made by Bastos and coauthors at the Forte Marechal Luz and Tapera sites (2014, 2015) display isotopic values compatible with high marine trophic level in many individuals, which indicates a frequent consumption of marine top chain animals.

The data obtained with the Rio do Meio faunal collection support these results, since it shows a high frequency of shark remains, which indicates an intentional and well-organized fishing practice, as well as the importance of this resource in the protein intake.

Final Remarks

The occupation of Rio do Meio as a functional settlement focused on specific activities of capture and processing of marine resources, especially sharks, would have involved a complex and dynamic relationship between several elements: ecological conditions, interspecies interactions, specialized techniques, population movements and territory domain.

The zooarchaeological analyses demonstrate that sharks were valuable and frequent resources in the diet of shallow site groups. These results may certainly be correlated with carbon ($\delta^{13}\text{C}$) and nitrogen ($\delta^{15}\text{N}$) isotope analyses on pre-colonial coastal human remains (e.g. DEMASI, 2001, 2009; KLOKLER, 2008; BASTOS *et al.*, 2014, 2015), which indicate the importance of marine resources in protein intake. The study at the Forte Marechal Luz and Tapera shallow sites, in particular (BASTOS *et al.*, 2014, 2015), demonstrates a frequent consumption of marine top chain animals. Until then, discussions about the relationship between man and sharks converged on the presence of teeth, which, of course, lead the issue to aspects other than diet.

To date, three hypotheses have been considered for the presence of shark teeth in the site: they were collected on the beach after stranding or after the outcropping of Pleistocene material, or the sharks were fished. Specifically regarding the most aggressive species, such as the *Carcharodon carcharias*, the first hypothesis has been the most accepted (GONZALEZ; AMENOMORI, 2003). So, the present analysis also provides new and important data on how human groups obtain this resource.

Further studies are underway by the authors to better understand this complex human-shark relationship suggested by the faunal analyses of the Rio do Meio collection. A more general picture of this relationship should be available only when the Rio do Meio site ceases to be unique in its socio-cultural context, enabling more detailed discussions about the interaction between places, people and their ways of life on the southern coast of Brazil.

With the obtained data, however, it is possible to infer that the predation of sharks was an intentional task, an important aspect of the group's lifestyle. In other words, the catching, processing, and ingestion of sharks of different sizes and species were cultural choices which should be the expression of a subsistence strategy developed for a long time. This fishing activity, as reported by some ethnohistoric reports (GILSON; LESSA, 2019), was dangerous and required cooperation and coordination between the group's members.

Finally, due to the difficulty and the risk of catching sharks, it is interesting to put in perspective this cultural choice. Obviously, it will never be possible to understand it in a holistic form, but the favorable proportion between the used and discarded parts, the pleasure of the palate and symbolic aspects were possibly elements that acted in the configuration of this intense and important relationship between sharks and humans.

ACKNOWLEDGMENTS

The authors would like to thank: the Museum MARQUE-UFSC and the Laboratório de Biologia de Teleósteos e Elasmobrânquios (LABITEL-UFSC) for the welcome and assistance during the research development; the Coordination of Improvement of Higher Level Personnel-Brazil (CAPES) and The National Council for Scientific and Technological Development-Brazil (CNPq) for the financial support.

REFERENCES

- BASTOS, Murilo QR; LESSA, Andrea; RODRIGUES-CARVALHO, Claudia; TYKOT, Robert H; SANTOS Roberto V. Análise de isótopos de carbono e nitrogênio: a dieta antes e após a presença de cerâmica no sítio Forte Marechal Luz. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 24, p. 137–151, 2014.
- BASTOS, Murilo Q.R.; SANTOS, Roberto V.; TYKOT, Robert H.; MENDONCA de SOUZA, Sheila M.F.; RODRIGUES-CARVALHO, Claudia; LESSA, Andrea. Isotopic evidences regarding migration at the archeological site of Praia da Tapera: New data to an old matter. *Journal of Archaeological Science: Reports*, v. 4, p. 588–595, 2015.
- BORGES, Caroline. *Analyse archéozoologique de l'exploitation des animaux par les populations de pêcheurs-chasseurs-cueilleurs des sambaquis de la Baixada Santista, Brésil, entre 5000 et 2000 BP.* (PhD thesis) Musée National D'Histoire Naturelle, Paris, 2015.
- BORNATOWSKI, Hugo. A parturition and nursery area for *Carcharhinus limbatus* (Elasmobranchii, Carcharhinidae) off the coast of Paraná, Brazil. *Brazilian Journal of Oceanography*, v. 56, n. 4, p. 317–319, 2008.
- BRONK RAMSEY, Christopher. *OxCal, version 4.3.* Disponible at: <https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html>, 2017, Accessed: 28th October 2019
- CARDOSO, Jéssica. *O sítio costeiro Galheta IV: uma perspectiva zooarqueológica.* (Master's thesis) Museu de Arqueologia e Etnologia (USP), São Paulo, 2018.
- CARVALHO FILHO, Alfredo. *Peixes: costa brasileira.* 3rd ed. São Paulo: Melro, 1999.
- CASTILHO, Pedro Volkmer. *Mamíferos marinhos: um recurso de populações humanas pré-coloniais do litoral catarinense.* (PhD Thesis), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005
- CATTANI, André Pereira; JORGE, Fábio Gonçalves Daura; RIBEIRO, Gisela Costa; WEDEKIN Leonardo Liberali; LOPES, Paulo César de Azevedo Simões; RUPIL Gabriel Martín; SPACH, Henry Louis. Fish assemblages in a coastal bay adjacent to a network of marine protected areas in southern Brazil. *Brazilian Journal of Oceanography*, v. 64, n. 3, p. 295–308, 2016.
- COMPAGNO, Leonard J. V. *Sharks of the world. An annotated and illustrated catalogue of shark species know to date: Bullhead, mackerel and carpet sharks (heterodontiformes, lamniformes and orectolobiformes).* FAO Species Catalogues. Rome: Food and Agriculture Organization of the United Nations, 2v, 2002.
- DEBLASIS, Paulo; KNEIP, Andreas; SCHEEL-YBERT, Rita; GIANNINI, Paulo César; GASPAR, MaDU. Sambaquis e paisagem: dinâmica natural e arqueologia regional no litoral do sul do Brasil. *Arqueologia Sudamericana/Arqueologia Sul-Americana*, v. 3, n. 1, p. 29–61, 2007.
- DE MASI, Marco Aurélio Nadal. *Evolução da Dieta das Populações Pré-históricas da Costa Sul do Brasil, Santa Catarina.* IN: Anais. XI Congresso Sociedade de Arqueologia Brasileira, XI Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Rio de Janeiro, 2001 p. 1-136.
- DE MASI, Marco Aurélio Nadal. Aplicações de isótopos estáveis de 18/16O, 13/12C e 15/14N em estudos de sazonalidade, mobilidade e dieta de populações pré-históricas no sul do Brasil. *Revista de Arqueologia*, v. 22, n. 2, p. 55–76, 2009.
- EBERT, David A.; FOWLER, Sarah; COMPAGNO, Leonard. *Sharks of the world. A fully Illustrated guide.* Plymouth: Wild Nature Press, 2016.
- EASTOE, Christopher J.; FISH, Suzanne K.; FISH, Paula; Gaspar, MaDu; LONG, Austin. Reservoir corrections for marine
- GILSON, Simon-Pierre; LESSA, Andrea. *Pre-colonial groups from Brazilian coast and sharks: first glimpse on a complex relationship through the case study of the shallow site Rio do Meio, Santa Catarina.* In: *Cadernos do Lepaarq*, v. XVI, n.32., p. 156-168, Jul-Dez. 2019..

- samples from the South Atlantic coast, Santo Catarina State, Brazil. *Radiocarbon*, v. 44, p. 145–148, 2002.
- FIGUTI, Levy. O Homem pré-histórico o molusco e o sambaqui: considerações sobre a subsistência dos povos sambaquieiros. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 3, p. 67–80, 1993.
- FIGUTI, Levy. Os sambaquis COSIPA (4200 a 1200 anos AP): Estudo da subsistência dos povos pescadores coletores pré-históricos da Baixada Santista. *Revista de Arqueologia*, v. 8, n. 2, p. 267–283, 1995.
- FIGUTI, Levy. Estórias de arqueo-pescador: considerações sobre a pesca nos sítios de grupos pescadores coletores do litoral. *Revista de arqueologia*, v. 11, p. 57–70, 1998.
- FIGUTI, Levy; KLOKLER, Daniela M. Resultado preliminares dos vestígios zooarqueológicos do sambaqui Espinheiros II (Joinville, SC). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 6, p. 169–187, 1996.
- FISH, Suzanne K.; DE BLASIS, Paulo; GASPAR, Maria Dulce; FISH Paul R. Eventos incrementais na construção de sambaquis, litoral sul do Estado de Santa Catarina. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 10, p. 69–87, 2000.
- FISH, Paul R.; FISH, Suzanne K.; DEBLASIS, Paulo; GASPAR, Maria Dulce. Monumental Shell Mounds as Persistent places in Southern Coastal Brazil. IN: THOMPSON, V.D.; WAGGONER JR. *The Archaeology and Historical Ecology of Small Scale Economie*. 1st ed, Gainesville: University Press of Florida, 2013, p. 121–140
- FOSSARI, Teresa Domitila. *O Salvamento do Sítio Rio do Meio: Projeto Gerenciamento dos Sítios Arqueológicos do Empreendimento Jurerê Internacional*. Florianópolis: Iphan, 1998 (Report unpublished).
- FOSSARI, Teresa Domitila. *A população pré-colonial Jê na paisagem da Ilha de Santa Catarina*. (PhD Thesis) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004
- FRANCO, Teresa Cristina de Borges. Prehistoric Fishing Activity in Brazil: A Summary. IN: PLEW, M. G. *Explorations in American Archaeology*. Essays in Honor of Wesley R. Hurt. Lanham, New York, Oxford: University Press of America ed., 1998, p. 7–36.
- GASPAR, Maria Dulce. Análise das datações radiocarbônicas dos sítios de pescadores, coletores e caçadores. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Ciência da Terras*, v. 8, p. 81–91, 1996.
- GASPAR, Maria Dulce. Considerations of the sambaquis of the Brazilian coast. *Antiquity*, v. 72, p. 592–615, 1998.
- GASPAR, Maria Dulce; KLOKLER, Daniela M.; DEBLASIS, Paulo. Traditional fishing, mollusk gathering, and the shell mound builders of Santa Catarina, Brazil. *Journal of Ethnobiology*, v. 31, n. 2, p. 188–212, 2011.
- GILSON, Simon-Pierre; LESSA, Andrea. Neither to bury, nor to live: Rio do Meio, a specialized Late Holocene site in Santa Catarina state, southern Brazil. IN: ALCÁNTARA, Manuel; GARCÍA MONTERO, Mercedes; SÁNCHEZ LÓPEZ, Francisco. *Arqueología: Memoria del 56º Congreso Internacional de Americanistas*. Ediciones Universidad de Salamanca. Salamanca: Aquilafuente, v. 2, 2018, p. 1142–1150.
- GILSON, Simon-Pierre; LESSA, Andrea. Warm it up! Using experimental archaeology to test a shark teeth extracting hypothesis. *Latin American Antiquity*, Submitted.
- GILSON, Simon-Pierre; LESSA, Andrea. Human-Sharks interaction in the chroniclers' accounts of the XVI and XVII centuries: a rich source of information for Brazilian zooarchaeological studies. *Archaeofauna: International Journal of Archaeozoology*, v.29, p.153-164, 2019.
- GILSON, Simon-Pierre; LESSA, Andrea. Ocupação tardia do litoral norte e central catarinense por grupos pescadores-caçadores-coletores: uma revisão crítica do contexto cronológico dos sítios rasos com presença de cerâmica. Accepted to *Revista da SAB*, october 2019.

- GONDIM, Letícia da Silva; SCHERER, Luciane Z.; GILSON, Simon-Pierre Noël Robert. Gestão de acervo arqueológico herdado: Rio do Meio, um estudo de caso. *Revista de Arqueologia Pública*, v. 11, n. 2, p. 83–97, 2017.
- GONZALEZ, Manoel Mateus Bueno. *Tubarões e Raias na Pré-História do Litoral de São Paulo*. (PhD Thesis) Museu de Arqueologia e Etnologia (USP), São Paulo, 2005.
- HANSEL, Fabricio Augusto; SCHMITZ, Pedro Ignácio. Classificação e interpretação dos resíduos orgânicos preservados em fragmentos de cerâmica arqueológica por cromatografia gasosa e cromatografia gasosa - espectrometria de massas. *Pesquisas antropologia*, v. 63, p. 81–112, 2006.
- HEUPEL, Mr; CARLSON, Jk; SIMPFENDORFER, Ca. Shark nursery areas: concepts, definition, characterization and assumptions. *Marine Ecology Progress Series*, v. 337, p. 287–297, 2007.
- KLOKLER, Daniela M. *Food for Body and Soul: Mortuary Ritual in Shell Mounds (Laguna-Brazil)*. (PhD Thesis) University of Arizona, Tucson, 2008
- KLOKLER, Daniela M. Consumo Ritual, Consumo no Ritual: festins funerários e sambaquis. *Habitus*, v. 10, n. 1, p. 83–104, 2012.
- KLOKLER, Daniela. A ritually constructed shell mound: Feasting at the Jabuticabeira II Site. IN: ROKSANDIC, Mirjana; MENDONCA de SOUZA, Sheila; EGGERS, Sabine; BURCHELL, Meghan; KLOKLER, Daniela. *The Cultural Dynamics of Shell-Matrix Sites*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2014, p. 151–162.
- KLOKLER, Daniela. Animal para toda Obra: fauna ritual em sambaquis. *Habitus*, v. 14, n. 1, p. 21–34, 2016.
- KUANG, Hooi Kok. Non-food uses of sharks. IN: VANNUCCINI, Stefania. *Shark Utilization, Marketing and Trade*. Rome: FAO, 1999. (FAO Fisheries Technical paper, 389).
- HALLWASS, Gustavo; CASTRO, Alexandre Guimaraes So de. Análise ecológica da pesca da corvina (*Micropogonias furnieri*, Scianidae), composição do pescado e produtividade. IN: *Livro de resumos*. UFRGS, Porto Alegre, RS, 2005, p. 413.
- LESSA, Andrea. Reflexões preliminares sobre paleoepidemiologia da violência em grupos ceramistas litorâneos:(I) Sítio Praia da Tapera–SC. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 15–16, p. 199–207, 2005.
- LESSA, Andrea; SCHERER, Luciane Z. O outro lado do paraíso: novos dados e reflexões sobre violência entre pescadores-coletores pré-coloniais. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 18, p. 89–100, 2008.
- LIMA, Tania Andrade. Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do litoral centro-sul do Brasil. *Revista Usp*, n. 44, p. 270–327, 2000.
- LOPES, Mariana Samôr; BERTUCCI, Thayse Cristina Pereira; RAPAGNÃ, Luciano; de ALMEIDA TUBINE, Rafael; MONTEIRO-NETO, Cassiano; TOMAS, Acácio Ribeiro Gomes; TENÓRIO, Maria Cristina; LIMA, Tânia; SOUZA, Rosa; CARRILLO-BRICEÑO, Jorge Domingo; HAIMOVICI Manuel; MACARIO, Kita; CARVALHO, Carla; SOCORRO, Orangel Aguilera The Path towards Endangered Species: Prehistoric Fisheries in Southeastern Brazil. *PloS one*, v. 11, n. 6, p. 1–36, 2016.
- MAYER, Guilherme Burg. *Identificação de restos faunísticos de tubarões no sítio arqueológico Rio do Meio-Florianópolis e suas implicações ecológicas e antropológicas*. (Dissertation of Graduation) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017
- MURDINAH, Suparno; NINOEK, Indriati; NURUL, Haq. Utilization of shark cartilage for preparation of fish glue. IN: *Summary Report of and Papers Presented at the Tenth Session of the Working Party on Fish Technology and Marketing*. Colombo, Sri Lanka: FAO Fisheries report, 1996, v. 563, p. 293–297.

- PLENS, Cláudia R. Animals for humans in life and death. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 20, p. 31–51, 2010.
- RIBAS, Liz C. C. (Org.). *Que peixe é este? O sabor da pesca artesanal na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Publicação do IFSC, 2016.
- RICK, Torben C.; ERLANDSON, Jon M.; GLASSOW, Michael A.; MOSS, Madonna L. Evaluating the Economic Significance of Sharks, Skates, and Rays (Elasmobranchs) in Prehistoric Economies. *Journal of Archaeological Science*, v. 29, n. 2, p. 111–122, 2002.
- VOIGT, Matthias; WEBER, Dietmar. *Field Guide for Sharks of the Genus Carcharhinus*. München: Verlag Friedrich Pfeil, 2011.

QUANTO MAIS PEIXE, MELHOR: SOBRE A IMPORTÂNCIA DA PESCA PARA OS MBYÁ-GUARANI

THE MORE FISH THE BETTER: ABOUT THE IMPORTANCE OF FISHING FOR THE MBYÁ-GUARANI

Mártin César Tempass

Como citar este artigo:

TEMPASS, Mártin César. *Quanto mais peixe, melhor: sobre a importância da pesca para os Mbyá-Guarani*. In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 169-179, Jul-Dez. 2019.

Recebido em: 31/05/2019

Aprovado em: 05/08/2019

Publicado em: 15/12/2019

ISSN 2316 8412



Quanto mais peixe, melhor: sobre a importância da pesca para os Mbyá-Guarani^a

Mártin César Tempass^b

Resumo: O presente artigo resulta de quinze anos de diferentes pesquisas etnográficas realizadas em aldeias Mbyá-Guarani do estado do Rio Grande do Sul. O objetivo é analisar os aspectos práticos e simbólicos das pescarias e do consumo de peixes por este grupo indígena. Em um primeiro momento, analisaremos a relação da etnia com as águas e a importância atribuída aos peixes para a construção de corpos e almas perfeitos. Depois serão apresentadas as modalidades e técnicas empregadas pelos Mbyá-Guarani na prática pesqueira. Por fim, serão discutidas as regras que tornam sustentáveis as pescarias dos Mbyá-Guarani. .

Abstract: This article is the result of fifteen years of different ethnographic research carried out in Mbyá-Guarani villages in the state of Rio Grande do Sul. The objective is to analyze the practical and symbolic aspects of fisheries and fish consumption for this indigenous group. In a first moment, we will analyze the relation of the ethnicity with the waters and the importance attributed to the fishes for the construction of perfect bodies and souls. Then the modalities and techniques used by the Mbyá-Guarani in fishing practice will be presented. Finally, we will analyze the rules that make sustainable the fisheries of the Mbyá-Guarani.

Palavras Chave:

Pesca; Mbyá-Guarani; Cosmologia; Alimentação

Keywords:

Fishing; Mbyá-Guarani; Cosmology; Food

^a O presente artigo é fruto de recortes e fusões de outros textos meus, que direta ou indiretamente abordavam a questão da pesca e o consumo de pescados pelos Mbyá-Guarani. Versões parciais destes trabalhos foram apresentadas na REA/ABANNE de 2015, XI SAB-Sul de 2018 e Maritimidades

2018. Agradeço aos debatedores dos GTs pelas valiosas contribuições ao texto que agora reapresento.

^b Mestre e Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil. Professor do Bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Brasil. E-mail: potz_51@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Os Mbyá-Guarani, que constituem uma das parciaisidades étnicas dos grupos de língua Guarani, possuem suas aldeias distribuídas sobre um vasto território que abrange parcelas significativas dos territórios de Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. Esse amplo território é habitado pelos Mbyá-Guarani de forma descontínua, como se suas aldeias (*tekoá*) fossem “ilhas” estrategicamente localizadas em contextos de muita biodiversidade¹. Ocorre que os Mbyá-Guarani, desde tempos imemoriais, erguem as suas *tekoá* em lugares “eleitos” que, segundo a cosmologia do grupo, são os mais indicados para a sua reprodução física e cultural (LADEIRA e MATTA, 2004; TEMPASS, 2012).

Idealmente, os lugares “eleitos” devem apresentar uma configuração ambiental bastante específica, que geralmente corresponde ao que no Brasil chamamos de Mata Atlântica e que na Argentina e Paraguai é conhecida como Floresta Paranaense (ENRIZ, 2010). Trata-se de um ambiente riquíssimo em biodiversidade que fornece aos Mbyá-Guarani o que precisam para sobreviver, tanto em recursos materiais quanto em aspectos simbólicos. E um dos principais quesitos para a configuração ideal desses locais “escolhidos” é a presença de “águas” – fontes, córregos, arroios, rios, lagos e/ou o Oceano Atlântico. Dessa forma, podemos considerar os grupos Mbyá-Guarani como coletivos costeiros, que tem na pesca e no consumo de pescado um importante alimento para os seus corpos e suas almas.

A pesca é universal para todos os povos ameríndios (SUSNIK, 1990). Os peixes (*pirá*) são um dos alimentos mais apreciados pelos Mbyá-Guarani. E eles também são os alimentos que têm a forma de obtenção mais apreciada. Todos adoram uma pescaria. Trata-se de uma atividade despreocupada pois, diferente da caça onde os animais e seus espíritos podem oferecer perigos aos Mbyá-Guarani, as pescarias não apresentam grandes riscos (embora exijam igual respeito, como veremos a seguir). E também, pensando a alimentação como construtora de corpos e almas, o preparo e consumo de pescados requer menos cuidados em comparação com o consumo de carnes de outros animais.

Os Mbyá-Guarani estão na Terra atual (*Yvy Pyau*)² passando por uma espécie de prova, para atingir a condição de divindades. Para isso eles precisam primeiro alcançar o *aguyje*, que é a completude, a perfeição do ser (H. CLASTRES, 1978; CADOGAN, 1997). O *aguyje* é a perfeição dos seus conjuntos corpo e alma, posto que cada uma dessas partes depende da outra. E o *aguyje* é alcançado com muita sabedoria e vivência, alicerçadas por um respeito a uma série de regras estabelecidas de acordo com os fundamentos cosmológicos (PISSOLATO, 2007). Dentre essas regras podemos destacar as regras alimentares e as regras de reciprocidade entre os diferentes tipos de seres que habitam o cosmos Mbyá-Guarani (TEMPASS, 2012). Em função dessas regras, a prática pesqueira e o consumo de pescados apresentam algumas singularidades entre os Mbyá-Guarani.

Essas singularidades também estão relacionadas com a crença dos Mbyá-Guarani na dualidade de sua(s) alma(s)³. Porém, esse caráter dual não se resume apenas a(s) alma(s) dos Mbyá-Guarani, mas também aos seus corpos. Ocorre que entre

¹ Atualmente, a localização em ambientes muito biodiversos muitas vezes se limita ao plano ideal, posto que na prática grande parte das aldeias do grupo teve a sua biodiversidade destruída pela sociedade envolvente.

² Os Mbyá-Guarani nos falam da existência, em um passado mítico, de uma Primeira Terra (*Yvy Tenondé*), que foi destruída em um dilúvio (*iporum*). Foram as divindades que destruíram essa Primeira Terra, por estarem descontentes com parte dos seres que a habitavam. Os Mbyá-Guarani sobreviveram a essa destruição, por serem os “escolhidos dos deuses”. Uma Segunda Terra (*Yvy Pyau*) foi criada para os Mbyá-Guarani viverem (CADOGAN, 1997; H. CLASTRES, 1978).

³ Isso é consenso na etnologia Guarani. Mas, se por um lado todos os autores concordam com o caráter dual da alma Mbyá-Guarani, não há consenso sobre o número de almas que eles possuem. Esse número varia de autor para autor, ou de informante para informante. Em campo também obtive informações desencontradas, sendo que o número de almas variou entre uma e quatro. Não me preocupei muito em desvendar esta questão, posto que, independente do número de almas declaradas, sempre há ao menos uma alma ou uma porção de alma de origem sagrada e outra de origem telúrica.

TEMPASS, Martín César. *Quanto mais peixe, melhor: sobre a importância da pesca para os Mbyá-Guarani*. In: *Cadernos do Lepaarq*, v. XVI, n.32., p. 169-179, Jul-Dez. 2019

os Mbyá-Guarani não se pode isolar os domínios da natureza, da sociedade ou da sobrenatureza (TEMPASS, 2011). O mesmo se aplica na relação corpo e alma(s). Corpo e alma(s) são construídos e operados em conjunto. Um define o outro. O *aguyje* (a perfeição do ser) só é alcançado se corpo e alma(s) estiverem “perfeitos”.

Os Mbyá-Guarani costumam se referir às suas almas simplesmente como “a alma”, talvez por uma alegoria didática para facilitar a compreensão dos *jurua*, ou talvez porque efetivamente há apenas uma alma, mas com duas porções distintas, uma telúrica e outra sagrada. E ambas as almas – ou ambas porções da alma - nunca podem ser analisadas separadamente, posto que operam em um mesmo veículo, o corpo. Neste caso, o corpo pode ser comparado a uma gangorra: quando a alma sagrada “sobe” a alma telúrica “baixa”. Não há condições para que ambas “subam” ao mesmo tempo.

O corpo é o veículo da(s) alma(s), é o seu *habitat*. Mas, como tudo é “caminho” para os Mbyá-Guarani, é possível afirmar que a(s) alma(s) “circula(m)” pelo corpo dos indivíduos desta etnia. E, de fato, se “caminhar” é manter-se vivo, como apontou Pissolato (2007), a(s) alma(s) precisa(m) “circular” pelo corpo para também se manterem vivas. Mas, cada diferente alma, ou porção de alma, possui o seu “caminho”. Ocorre que o corpo, por associação, também é dividido em porções telúricas e sagradas. Agrupando as diferentes partes do corpo humano podemos estabelecer que o conjunto “carne e sangue” é o “caminho” da(s) alma(s) telúrica(s), enquanto que o “esqueleto” é o “caminho” da(s) alma(s) sagrada(s).

A circulação da alma sagrada é que mantém o esqueleto e, conseqüentemente, os Mbyá-Guarani eretos. A alma sagrada é a “alma-palavra” (FERREIRA, 2001; CLASTRES, 1978), somente “eretos” os Mbyá-Guarani podem pronunciar palavras. É ela que mantém “erguido o fluir do dizer” (CADOGAN, 1997). O esqueleto e a fala são condições da alma sagrada. Tanto o falar quanto o andar ereto são distintivos dos Mbyá-Guarani frente aos animais. O Mbyá-Guarani que não puder falar também não poderá andar, e vice-versa. A fala circula pelo esqueleto ereto. Qualquer um dos sintomas, não andar e/ou falar, é um sinal que a alma sagrada está abandonando o corpo Mbyá-Guarani, ou está sendo vencido pela alma telúrica. Isso para os Mbyá-Guarani significa a morte. Ou, significa adentrar o domínio da animalidade⁴, posto que não falar e/ou andar é característico dos animais.

Os alimentos tradicionais favorecem a construção de um corpo sagrado. Diariamente, a cada ingestão alimentar, corpos e almas são construídos e reconstruídos. É um processo longo em que cada dia se “caminha” bem pouco. Os alimentos “tradicionais” dos Mbyá-Guarani são chamados de *orérembiú*, que significa “nossa comida” (TEMPASS, 2005). A *orérembiú* é sagrada, pois foi especialmente criada pelos deuses para que os Mbyá-Guarani sobrevivam e passem pela prova de viver nesse mundo imperfeito. Consumir a *orérembiú* significa alimentar as porções sagradas de seus corpos-almas. Mas, dentre os alimentos sagrados existem alguns que são mais eficientes para alcançar o *aguyje*. Essa classificação é bastante complexa (ver TEMPASS, 2012), mas, grosso modo, podemos afirmar que o consumo de vegetais é mais indicado que o consumo de carnes – ou menos perigoso, se considerarmos o risco sempre presente deles adentrarem o domínio da animalidade. Os peixes são uma exceção a essa regra.

É como se os peixes constituíssem uma categoria a parte, separada do reino animal. Mas, se todos os peixes são bem vistos para o consumo, algumas espécies são especialmente recomendadas para a perfeição de corpos e almas. Para isso tem-se como regra que as espécies que melhor se alimentam também servirão de melhores alimentos para os Mbyá-Guarani. Um exemplo disso, citado pelos próprios Mbyá-Guarani, é o *pirapé*, o peixe “mais limpo de todos”, pois ele come apenas o limo das pedras do fundo dos rios.

⁴ A animalidade é grande temor de qualquer Mbyá-Guarani. Ocorre que em sua cosmologia eles se localizam entre a natureza e a sobrenatureza. Entre os animais e os deuses. Se forem bem-sucedidos em suas vidas, os Mbyá-Guarani se tornam deuses. Mas, em sentido contrário, se não viverem corretamente, eles serão transformados em animais. E, como para o *aguyje*, as regras alimentares são as que mais pesam para esta punição. E os meus interlocutores sabem de vários casos de Mbyá-Guarani que foram transformados em animais (TEMPASS, 2005 e 2012).

pirapé, ele é peixe muito boa. Ele é considerado sagrado porque ele não come muita coisa. Pra nós é sagrado porque criou deus, mas ele tem uma comida só. Por isso ele é sagrado. Ele não tem dente, só boca. Alimento dele é só pedra, ele lambe só pedra. Outra coisa não come. Por isso é sagrado. [...]. Se tem uma comida certa, tem saúde. Mas se come várias coisas, não é alimento sagrado. Cada bicho sagrado tem um alimento só. Por isso o alimento é muito bom. A carne é muito saudável (Mbyá-Guarani apud POZZEBON, 2008, p. 56).

Como já observado, as *tekoá* dos Mbyá-Guarani são como “ilhas” distribuídas sobre um vasto território, encravadas “entre” outras sociedades. Atualmente elas figuram, principalmente, entre as nucleações da sociedade envolvente. O interessante é que essas “ilhas” Mbyá-Guarani sempre se localizaram – e ainda se localizam – próximas aos cursos de água. Os Mbyá-Guarani eram hábeis canoieiros no passado e, mesmo no caso dos deslocamentos por terra, se orientavam baseados no percurso dos rios. Tanto que é que a expansão territorial dos grupos Guarani se deu seguindo os grandes rios (SOUZA, 2008).

As embarcações tradicionais dos Mbyá-Guarani eram feitas com a casca (ou a cortiça) do cedro, que, tirada de forma intacta, tinha suas extremidades moldadas a fim de conferir o formato de canoa. Essas canoas eram de tamanhos variados, mas as maiores podiam transportar até vinte e cinco pessoas (PALERMO, HOYOS e CHIAPPE, 2006). Atualmente, a navegação é rara entre os Mbyá-Guarani, mas para eles continua sendo impensável uma *tekoá* que não seja cortada ou tangenciada por um curso d’água, sem um lugar para pescar. Também são muito importantes as “vertentes” de água nas matas próximas às casas dos Mbyá-Guarani. A água “corrida” (que para eles é contrário de água parada⁵) é sagrada, é fonte de saúde e juventude. Para tanto, é costume dos Mbyá-Guarani lavar o rosto com a água “corrida” fria todos os dias logo após acordar. Inclusive no mais frio do inverno.

Segundo Bartomeu Meliá (1986 e 1989) uma *tekoá* baseia-se no complexo casas-roças-matas, três espaços que se interligam e se completam, inclusive no que tange a obtenção e preparação dos alimentos Mbyá-Guarani. Porém, como sugeri em um trabalho anterior (TEMPASS, 2012), dada a importância que as águas têm para este grupo deveríamos pensar as *tekoá* como um complexo de “águas”-matas-roças-casas. Isso porque, como me afirmaram várias vezes os meus interlocutores Mbyá-Guarani, não existe *tekoá* sem “boas águas”⁶.

Assim, a pesca é um dos assuntos preferidos dos Mbyá-Guarani. Eles têm muitas histórias de pescador. São muitas as técnicas empregadas pelos Mbyá-Guarani na pescaria, desde a captura dos peixes com o simples emprego das mãos, até a construção de complicadas obras de engenharia que são as armadilhas para peixes (*pari*). As formas mais simples de pescar podem ser realizadas individualmente, mas como a atividade de pesca é uma “festa” para os Mbyá-Guarani, quanto mais indivíduos participarem, melhor. A forma mais elementar de capturar peixes é simplesmente agarrá-los com as mãos. Ocorre que alguns peixes, como o cascudo, por exemplo, se deslocam até as águas rasas e transparentes das margens dos rios onde

⁵ A água parada é considerada água “morta”. Além de não favorecer em nada, ainda pode conter espíritos perigosos ou servir de veículo para a transmissão de “feitiços” (Cf. TEMPASS, 2012). Por isso no início dos anos 2000 alguns Mbyá-Guarani mais velhos se opuseram à instalação de caixas d’água e canos nas aldeias.

⁶ Atualmente, em função da desenfreada expansão da sociedade envolvente, os Mbyá-Guarani estão impossibilitados de acessar a maior parte do seu território ancestral. Muitas das suas terras sagradas e eleitas encontram-se desmatadas e/ou em posse de brancos (*jurua*), empresas ou reservas ecológicas. Isso faz com que muitos grupos desta parcialidade étnica tenham que viver em acampamentos de beira de estrada. Mas, esses acampamentos sempre estão localizados em áreas adjacentes ou muito próximas das terras tradicionalmente eleitas pelos Mbyá-Guarani. E, dessa forma, também estão localizados perto das fontes e cursos d’água que são importantes para o grupo. Curiosamente, muitas vezes os Mbyá-Guarani não podem acessar as suas terras, mas conseguem acessar as suas águas, posto que normalmente os arroios, os rios e os lagos não constituem propriedades privadas.

se alimentam do “limo” de algumas pedras. Então Os Mbyá-Guarani ficam vigiando as margens e quando avistam um peixe simplesmente o recolhem. Embora não envolva o uso de nenhum equipamento, esta técnica de pescaria é considerada de difícil execução pelos Mbyá-Guarani, exigindo agilidade.

Junto as margens os Mbyá-Guarani também se valem do arco e flecha, quando os peixes estão fora do alcance de suas mãos. São empregadas flechas com pontas especialmente trabalhadas com micro engastes para “fisgar” bem o peixe. E para que o peixe atingido não “fuja” com a flecha, ou, já morto, seja levado pela correnteza, eles amarram delgados barbantes na extremidade contrária à ponta das flechas. Esta amarração muitas vezes atrapalha a pontaria, exigindo dos pescadores uma dose extra de habilidade no manuseio do equipamento. As crianças Mbyá-Guarani gostam muito desta modalidade de pescaria e desde pequenas já povoam margens de rios e riachos brincando e aprendendo a pescar. É curioso que, diferentemente da maioria das “conversas de pescador”, onde o peixe maior sempre é o mais difícil de capturar, na pescaria com o arco e flecha o peixe menor é o alvo mais difícil. E o mais complicado é que o peixe não está onde ele é visto, em função do fenômeno de refração da luz na água. Assim, a pescaria com arco e flecha envolve cálculos complexos.

A pesca “com a mão” ou com flechas é praticada somente pelos indivíduos masculinos. Já a pesca com anzóis pode ser praticada por todos. Os Mbyá-Guarani, que hoje se valem dos anzóis dos *jurúá* (não índios), no passado confeccionavam rústicos anzóis de pedras ou ossos⁷. Hoje também são empregadas linhas de náilon, no lugar das antigas cordoalhas feitas de fibras vegetais. A adoção destes dois utensílios, segundo os Mbyá-Guarani, não afetou a tradicionalidade da pescaria. Os peixes fisgados com os anzóis niquelados dos *jurúá*, continuam sendo obtidos de forma tradicional.

No que tange a parte prática da pescaria com anzóis não é preciso tecer maiores comentários, posto que ela é desenvolvida de forma similar à da sociedade envolvente. Só que a pescaria dos Mbyá-Guarani é mais simples no que diz respeito aos equipamentos. Uma linha e um anzol são mais que suficientes. Eles acham muito engraçados os pescadores *jurúá* que se valem de carretilhas, alicates para “desfisgar” os peixes, luvas, iscas artificiais, etc. Para os Mbyá-Guarani, o uso de uma série de equipamentos na pescaria apenas atesta a pouca prática do pescador.

As três modalidades descritas acima são classificadas pelos Mbyá-Guarani como “aquelas que pegam um peixe por vez”. Já as outras duas formas de pescaria, com plantas ictiotóxicas e com armadilhas, capturam dezenas, centenas ou até milhares de peixes por empreitada. Embora muito mais rentáveis, estas duas formas de pescaria possuem alto grau de dificuldade na execução porque envolve o trabalho de um grupo numeroso de pessoas e porque devem ser realizadas em um momento preciso do nível das águas. Isso faz com que elas sejam praticadas com pouca frequência. Mas, quando são realizadas ocorre uma “festa” em toda *tekoá*.

São três os “venenos” ictiotóxicos empregados pelos Mbyá-Guarani na pesca, extraídos das seguintes plantas: *timbó*, *iraporá* e *ywuiraró*. O *iraporá* tem efeito muito fraco, sendo que para dar resultado os Mbyá-Guarani precisam “tirar muita casca” da planta. O *ywuiraró* é bastante forte, mas é de difícil localização e manejo. Já o *timbó* é o melhor de todos os “venenos” para a pesca, é fácil de ser encontrado e fácil de ser extraído. Segundo os Mbyá-Guarani, o *timbó* penetra nos peixes pelos olhos, fazendo com que boiem como mortos por cerca de trinta minutos. Mas, eles não estão mortos, pois passado esse tempo eles voltam a “viver” como antes⁸.

⁷ Palermo, Hoyos e Chiappe (2006) e Colombre (2008) trabalhando com os Guarani em geral, afirmam que eles usavam também anzóis feitos de madeira e se valiam de insetos como iscas. O abandono dos anzóis tradicionais é muito antigo, tanto que nenhum Mbyá-Guarani usou ou viu um destes anzóis. Ninguém nem conhece alguém que os tenham usado, até mesmo entre os seus parentes da Argentina ou Paraguai, terras onde, segundos os meus interlocutores, em termos de caça e pesca tudo é possível.

⁸ Alguns Mbyá-Guarani mais jovens não sabiam desta possibilidade dos peixes “voltarem a viver”, posto que nas condições atuais eles estão precisando retirar da água todo peixe possível.

A pesca com *timbó* é feita em riachos ou pequenos rios, de pouca correnteza. O nível do curso d'água não pode estar muito alto, pois seria necessário usar muito *timbó* e a coleta dos peixes boiando seria difícil pela profundidade da água. Também não é usado *timbó* em rios com um nível de água muito baixo, pois a quantidade de peixe neste caso é muito pouca, não valendo a pena realizar a pescaria. E, mesmo assim, em alguns casos os Mbyá-Guarani precisam seccionar o curso d'água com um cercado bem fechado com folhas da palmeira *pindó*. O *timbó* é cortado em pedaços de cerca de trinta centímetros. Na margem do rio, sobre uma pedra semi-submersa os Mbyá-Guarani maceram os pedaços de *timbó* com auxílio de um outro pedaço de madeira. Da maceração resulta uma espuma, que é o próprio “veneno”. Dependendo da quantidade de peixes almejados e do tamanho do rio, essa maceração do *timbó* pode ser realizada em diversos pontos, para melhorar a distribuição do produto na água.

Como já mencionado, a pesca com *timbó* envolve um grande número de participantes. Logo ao clarear o dia um grupo de Mbyá-Guarani se embrenha nas matas para coletar o *timbó*. Outros indivíduos vão fazendo os cercados no curso d'água, caso seja necessário. Depois começam a macerar o *timbó*, atividade que pode variar de trinta minutos a uma hora e meia. Por fim – o ponto alto da pescaria – os Mbyá-Guarani ganham as águas com seus balaios para coletar os peixes⁹. O mais interessante é que, não sendo muito adeptos da conservação dos alimentos, todo peixe obtido é imediatamente preparado, marcando o final da pescaria com uma grande festa.

A pesca com armadilhas (*pari*) também necessita de condições ideais do nível d'água. Mas diferentemente da pesca com *timbó*, a pesca com *pari* precisa de uma forte correnteza no riacho ou pequeno rio. É a correnteza que leva o peixe para a armadilha. Seccionando o curso d'água os Mbyá-Guarani erguem um complicado cercamento que represa parcialmente a água. Neste cercamento há uma única abertura que conduz os peixes “para o seco”, sendo então facilmente recolhidos com as mãos. Nas palavras do Mbyá-Guarani Adorfo,

A boca tem que ficar [fora] da água, da correnteza. E depois termina lá fundo. Aquela correnteza termina lá. E quando o peixe vem ali, vai rápido, vai no seco lá na ponta ... Não sai mais. Na Argentina pegava muito ... Peixe grande, [piramatã], traíra de cinco quilos. Era ... Aquela traíra vem rápida e pula lá e já fica no seco. Menor bota de volta. Não machuca. Larga. Larga lá atrás [da armadilha] (Seu Adorfo, entrevista em 09/07/2005).

Os *pari* são preferencialmente armados nos meses de março e abril, quando ocorre uma melhor equação entre o volume das águas e a quantidade de peixes, sem comprometer o período de reprodução destes.

Nas pescarias maiores, ou de vários dias, toda a comunidade (homens, mulheres e crianças) se deslocam até a beira dos rios, estabelecendo lá um “acampamento de pesca”. Um Mbyá-Guarani comentou que estes acampamentos são como “férias” para os Mbyá-Guarani. Então, todos participam de forma direta ou indireta da pescaria.

Em campo os Mbyá-Guarani me informaram que em algumas *tekoá* atuais eles usam redes para pescar, mas foram categóricos em afirmar que isso é uma introdução recente, posto que não conseguem mais fazer armadilhas e pescar com “venenos” de forma satisfatória. Ou seja: os meus interlocutores não consideram a pesca com redes como tradicional dos Mbyá-Guarani. Na bibliografia consultada não há consenso sobre este ponto. Alguns afirmam que tradicionalmente os Mbyá-Guarani usavam redes para pescar, outros dizem que não usam.

Os Mbyá-Guarani pescam e consomem todo e qualquer tipo de peixe. Inclusive de qualquer tamanho. Quando

⁹ Mulheres grávidas e os seus maridos não devem entrar na água porque eles irão cortar o efeito do “veneno” (MARTINEZ-CROVETTO, 1968).

perguntados sobre qual o peixe preferido, eles simplesmente respondem: “peixe”. “Peixe é peixe”. Ou, “é tudo peixe”. Eles gostam de todos os peixes e nos seus discursos sobre pesca (nas suas “histórias de pescador”) raramente mencionam alguma espécie em específico. Eles simplesmente pescam peixes e consomem peixes. Mas, no meu diário de campo tenho registros de pesca e consumo dos seguintes peixes: jundiá, traíra, cará, branca, cascudo, joana e lambari. Esse último tem importância lúdica, posto que a sua captura deixa a pescaria com crianças mais divertida. Lembro de algumas vezes em que insisti um pouco mais na conversa sobre as diferentes espécies de peixes. Aí destacaram o *pirapé* (já mencionado acima), pelas suas propriedades benéficas para a construção de corpos-almas. Também destacaram os jundiás, por serem peixes bonitos. E as traíras, pela sua força. Insistindo na questão do paladar, certa vez perguntei a dois Mbyá-Guarani sobre que peixe mais gostavam... o primeiro me respondeu “ensopado” e o segundo “assado”.

Podemos dizer que as atividades pesqueiras desenvolvidas pelos Mbyá-Guarani são altamente sustentáveis. E isso em função da sua visão de mundo, por seguirem os preceitos do seu sistema xamânico-cosmológico. Os grupos ameríndios, em geral, não adotam/definem limites rígidos entre as esferas da natureza e da cultura. Isso significa que animais e plantas também são vistos como sujeitos sociais (DESCOLA, 1998). Assim, em comparação com a sociedade envolvente, a distinção entre humanos e alimentos (ou entre humanos e animais e plantas) é minimizada. Reduzida apenas a uma questão corporal. Pois, da perspectiva dos ameríndios, não existe o multiculturalismo, mas sim o multinaturalismo. Para os povos ameríndios a cultura é universal e a natureza é particular. Todos os seres possuem os mesmos espíritos, apenas se distinguem pela diferente corporalidade. Em outras palavras, na “modernidade ocidental” a presença ou ausência do espírito é o distinguidor entre os diferentes seres. Entre os ameríndios, ao contrário, é o corpo que é o distinguidor (VIVEIROS DE CASTRO, 2002).

Assim, é possível trocar e/ou negociar com os animais e com os espíritos e/ou donos dos animais. Decorrente dessa visão inúmeros grupos indígenas das terras baixas da América do Sul creem em um ser¹⁰ denominado de o “dono da floresta”, “el dueño del monte”, “el dueño de los animales” ou ainda “el Señor de los animales” conforme as grafias consagradas pelos inúmeros autores de língua espanhola que se debruçaram sobre o tema. O “dueño del monte” é um ser sobrenatural que estabelece as regras para o uso dos recursos naturais que os humanos devem respeitar. Esse ser também é o responsável por impor punições aos humanos que não respeitarem essas regras de uso da natureza.

Pastor Arenas (2003) observa que no “Gran Chaco” todos os povos acreditam na existência dos “donos” de plantas e animais. E também nos donos dos ambientes, como pântanos, bosques, rios, planícies, etc. “A estos “dueños” se deberá agradecer y en ningún caso contrariarlos; debe buscarse sus favores y dar cumplimiento a un conjunto de normas preestablecidas para obtener beneficios en las actividades productivas” (ARENAS, 2003, p. 64). O mesmo autor destaca que estes donos também são chamados de chefes, pais, patrões, etc. E que ao “senhor da floresta” estão subordinados outros “senhores” mais específicos. Por exemplo, subordinado ao “senhor da floresta” existe o “senhor dos felinos”, e subordinado a este encontram-se os donos de cada felino específico. Para estes últimos é que os povos do “Gran Chaco” devem pedir permissão antes de caçar, coletar e pescar.

Ainda segundo Arenas (2003), os xamãs possuem vínculo direto com esses donos e seu principal papel é intermediar as relações entre os caçadores/pescadores/coletores com os seres que controlam o acesso aos alimentos. Ou seja, o xamã providencia a permissão. Mas, mesmo com a permissão, ainda há uma série de regras que precisam ser respeitadas. Por exemplo,

¹⁰ Também presente no imaginário popular de inúmeras sociedades mais distanciadas dos grandes centros urbanos. Por exemplo, a crença no “Señor de los animales” também é observada entre a população rural da Argentina, conforme informa Catalina Saugy de Kliaugas (1984), sobretudo nas regiões do Paraná Médio e de Entre Rios.

Los tobas mencionan la vigencia del pensamiento antiguo de no hacer mal uso de la colecta de mieles y larvas. Esto se expresa en no desecharlos o tirarlos al fuego por causas que no se justifiquen. Si ocurriera la transgresión, el Dueño o Padre (*le'ta*) se encoleriza y castiga; éste consiste en que el o los involucrados no encuentre más colmenas y también hace que la persona se pierda en el monte (ARENAS, 2003, p. 294).

Entre os Mbyá-Guarani também voga a ideia exposta acima, mas em uma versão mais complexa. Ocorre que, para os Mbyá-Guarani, não existe um único “dono” da natureza, mas sim milhares, que são os *já*, os espíritos donos de cada elemento “natural”. Cada animal tem o seu *já*. Cada planta também. Idem para o ar, a água, a terra, as rochas, etc. É essa multiplicidade de “donos” que cimenta a interdependência dos seres de todos os domínios do cosmos Mbyá-Guarani.

Branislava Susnik (1990) observou para os grupos Guarani em geral que as regras de caça são impostas por “conceitos mágico-religiosos”¹¹ e que os caçadores para terem êxito dependem muito dos “donos dos animais”. Estes castigam todo o Guarani que matar e não comer a sua presa.

Os Mbyá-Guarani, antes de se aventurarem nas caçadas, precisam realizar uma série de rituais, que servem de pedido de permissão aos *já*. Caso os ritos sejam corretamente executados, os *já*, satisfeitos, fornecerão animais para serem caçados pelos Mbyá-Guarani. Se algum Mbyá-Guarani caçar algum animal sem os devidos cuidados rituais, o *já* dono desse animal irá se zangar e castigará o caçador e, muito provavelmente, também toda a comunidade¹². O castigo pode ser desde o simples não fornecimento de animais até a morte dos caçadores, que geralmente são causados por ataques de animais.

Se a tarefa da caça é, na maioria das vezes, feita de forma individual, os trabalhos rituais para proporcionar a caça são sempre coletivos, envolvendo toda a comunidade que se beneficiará dos alimentos obtidos. Mas, os Mbyá-Guarani nunca caçam mais do que podem consumir. Não existe desperdício nesta parcialidade étnica. Não consumir um animal abatido seria como desperdiçar o trabalho e a boa vontade dos *já*. E, da mesma forma, caçar e consumir exclusivamente (ou simplesmente de forma desequilibrada) um determinado animal significa sobrecarregar esse *já*, em detrimento dos outros. Isso também causa a ira dos *já*, e vale para todos os alimentos. Assim, por essas concepções cosmológicas, a dieta dos Mbyá-Guarani é bastante variada.

A relação dos Mbyá-Guarani com os animais e plantas e com os seus *já* é uma relação de tipo social, como já observado, baseada na reciprocidade, onde um ser depende do outro para sobreviver. Através de rituais são estabelecidas alianças entre todos estes seres. O que significa que não respeitar um determinado ser pode causar danos as relações com muitos outros. Assim, os Mbyá-Guarani devem respeitar inclusive os seres que não lhes são diretamente úteis.

Pelo exposto, conclui-se que os Mbyá-Guarani possuem uma consciência ecológica (categoria nossa) muito apurada. Eles precisam preservar o meio ambiente para manter as relações cosmológicas necessárias para a sua sobrevivência. Da natureza só se tira o extremamente necessário, depois de obterem autorização dos seres que controlam essa “natureza”. E, óbvio, isso também se aplica para a pesca. Cada espécie de peixe tem o seu *já*. Para obter sucesso na pesca é preciso realizar rituais prévios. Não se deve pescar mais do que se pode consumir. E deve-se respeitar também os outros seres que são aliados dos *já* dos peixes – o que poderíamos entender como a preservação de rios e lagos.

Porém, os cuidados rituais e de consumo que envolvem os peixes e as pescarias são mais brandas do que os cuidados

¹¹ Mantenho aqui os termos utilizados pela autora da obra consultada. Mas, é importante observar que a abordagem “mágico-religiosa” já está em desuso na Antropologia desde o século passado. Em seu lugar, atualmente, a literatura etnológica tem preferido o uso de “sistema xamânico-cosmológico”.

¹² O castigo ao caçador não deixa de ser também um castigo para toda a comunidade, posto que as regras alimentares do grupo impõem que todo animal abatido deve ser distribuído entre os membros da aldeia.

necessários na caça. O que, como já observado, torna a pesca uma atividade “despreocupada”. “Despreocupada”, mas regrada. E realizada com responsabilidade e respeito.

Essas regras, segundo os Mbyá-Guarani, são muito mais eficientes que as legislações ambientais oficiais¹³, que não dão conta da preservação necessária. Conforme os Mbyá-Guarani me afirmaram diversas vezes, os *jurúá*, com suas leis falhas, são os únicos responsáveis pela degradação do meio ambiente. Autorizam grandes embarcações pesqueiras a retirarem toneladas de peixe das águas ao mesmo tempo que proibem o pescador amador com sua linha e anzol de obter o seu alimento. Os Mbyá-Guarani consideram isso “uma baita burrice”. Eu também considero.

Por fim, é preciso observar o texto aqui apresentado foi produzido a partir de etnografias realizadas em contextos de tensões, desde 2004 até o presente. Tensões diversas: passado *versus* presente, ideal *versus* real, discurso *versus* prática, estático *versus* dinâmico, tradição *versus* inovação, Mbyá-Guarani *versus* resto do mundo... e assim por diante. Ocorre que em seus discursos eles lembram e louvam um modo de vida e uma visão de mundo de um passado “bom”, mas que hoje em dia não é mais possível porque foram confinados em pequenas áreas pelos brancos. Alguns dizem que isso é um problema momentâneo e que assim que retomarem as suas terras tradicionais tudo voltará a ser como era antes. Outros já dizem que é um caminho sem volta. O certo é que, aconteça o que acontecer, eles continuam e continuarão sendo Mbyá-Guarani, orgulhosos de sua cultura e das suas habilidades pesqueiras. Onde tem Mbyá-Guarani, tem peixe.

¹³ Como observou Kliauga (1984) em pesquisa entre a população rural da Argentina, nas regiões do Paraná Médio e de Entre Rios, a crença no “Señor de los animales” faz com que a população em geral não cace e pesque de forma indiscriminada. E o interessante é que esta população não segue os preceitos da legislação ambiental oficial, muito mais branda e pouco fiscalizada. Eles seguem a risca as determinações tradicionais, do senhor dos animais, que pune sem exceção. Torres, Santoni e Romero (2007) também observam que os Wichí não podem pescar porque eles não possuem “guía” (licença de pesca/ “carteirinha” de pescador). E destacam que estes indígenas não compreendem porque precisam pedir permissão para o governo se quem cuida dos animais é o “dueño del monte”, e junto ao qual os Wichí costumam obter autorizações para caçar, pescar e coletar.

REFERÊNCIAS

- ARENAS, Pastor. *Etnografía y alimentación entre los Toba-Ñachilamole#eky Wichí-Lhuku'tas del Chaco Central*: Argentina. Buenos Aires: Pastor Arenas, 2003. 562p.
- CADOGAN, León. *Ayvu rapyta*: textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá. Assunção: Fundación León Cadogan, 1997.
- CLASTRES, Hélène. *Terra sem mal*: o profetismo tupi-guarani. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- COLOMBRES, Adolfo. *Los guaraníes*. Buenos Aires: Del Sol, 2008.
- DESCOLA, Philippe. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. *Revista Mana*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 23-45, abr. 1998.
- ENRIZ, Noelia. *Jeroky Poña*: juegos, saberes y experiencias infantiles mbyá-guaraní en Misiones. 2010. 274f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidad de Buenos Aires, 2010.
- FERREIRA, Luciane Ouriques. *Mba'e achy*: a concepção cosmológica da doença entre os mbyá guarani num contexto de relações interétnicas – RS. 2001. 159 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – PPGAS, UFRGS, Porto Alegre, RS, 2001.
- KLIAUGA, Catalina Saugy de. Aspectos sociales de la pesca en el Paraná Medio, Entre Ríos, Argentina. In: BRACHT, Federico Guillermo (Org). *Cultura tradicional del área del Paraná Médio*. Buenos Aires: Instituto Nacional de Antropología, 1984. p. 21-47.
- LADEIRA, Maria Inês; MATTA, Priscila. *Terras Guarani no Litoral*: as matas que foram reveladas aos nossos antigos avós = Ka'agüy oreramói kuéry ojou rive vaekue ~y. São Paulo: CTI, 2004.
- MARTINEZ-CROVETTO, Raúl. La alimentación entre los indios guaraníes de misiones (Republica Argentina). *Etnobiologica*, Corrientes, n. 4, p. 1-24, fev. 1968.
- MELIÀ, Bartomeu. *El Guarani conquistado y reducido*. Assunção: Universidade Católica, 1986.
- _____. A experiência religiosa guarani. In: MARZAL, Manuel M. *O rosto índio de Deus*. São Paulo: Vozes, 1989. Tomo I.
- PALERMO, Miguel Angel; HOYOS, María de; CHIAPPE, Aldo. *Guaraníes*: gente americana. Buenos Aires: A-Z, 2006.
- PISSOLATO, Elizabeth. *A duração da pessoa*: mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (guarani). São Paulo: UNESP/ISA; Rio de Janeiro: NuTI, 2007.
- POZZEBON, Altair. *O direito humano à alimentação adequada na aldeia guarani de Coxilha da Cruz – Barra do Ribeiro – RS*. Monografia (Especialização em Direitos Humanos) – IFCH, ESMPU/UFRGS, Porto Alegre, RS, 2008.
- SOUZA, José Otávio Catafesto de. Territórios e povos originários (des)velados na metrópole de Porto Alegre. In: Prefeitura Municipal de Porto Alegre; Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Segurança Urbana. *Povos Indígenas na Bacia Hidrográfica do Lago Guaíba, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil*. Porto Alegre: Prefeitura de Porto Alegre, 2008. p. 14-24.
- SUSNIK, Branislava. *Guerra, transito, subsistência*: âmbito americano. Asunción: Litocolor, 1990.
- TEMPASS, Martín César. *Orerémbiú*: a relação das práticas alimentares e seus significados com a identidade étnica e a cosmologia Mbyá-Guarani. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – PPGAS, UFRGS, Porto Alegre, RS, 2005.
- _____. A culinária indígena como elo de passagem da “cultura” para a “natureza”: invertendo Lévi-Strauss. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 69-101, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/view/20874/12089>. Acesso em: 31 dez. 2013.
- _____. *A doce cosmologia Mbyá-Guarani*: uma etnografia de saberes e sabores. Curitiba: Appris, 2012.
- TORRES, Graciela F.; SANTONI, Mirta E.; ROMERO, Liliana N. *Los wichí del Chaco Salteño ayer y hoy*: alimentación y nutrición, 2007.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A incostância da alma selvagem*: e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

**QUANDO OS PESCADORES ENVELHECEM: IDENTIDADE E IDADE
AVANÇADA ENTRE OS CONSTRUTORES DO SAMBAQUI MAR VIRADO, NO
LITORAL PAULISTA**

*WHEN FISHERMEN GROW OLDER: IDENTITY AND LATER LIFE BETWEEN THE
BUILDERS OF THE MAR VIRADO SHELL MIDDEN, IN THE COAST OF THE SÃO
PAULO STATE*

Soraya Martins de Alencar

Como citar este artigo:

ALENCAR, Soraya Martins de. *Quando os pescadores envelhecem: identidade e idade avançada entre os construtores do sambaqui Mar Virado, no litoral paulista*. In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 180-193, Jul-Dez. 2019.

Recebido em: 30/05/2019

Aprovado em: 12/10/2019

Publicado em: 15/12/2019

ISSN 2316 8412

Quando os pescadores envelhecem: identidade e idade avançada entre os construtores do sambaqui Mar Virado, no litoral paulista

Soraya Martins de Alencar^a

Resumo: A velhice não é um tema recorrente na arqueologia como nas outras disciplinas das ciências sociais e humanas, sendo mais frequentemente foco de atenção de pesquisas bioarqueológicas, com poucos estudos que investigam aspectos da identidade social, sobretudo no que se refere à questão produtiva. Os construtores de sambaquis se caracterizam como grupos de pescadores, caçadores coletores complexos, em que a organização social em torno da pesca pressupõe uma diferenciação por sexo e idade, onde os mais longevos são entendidos como atores passivos nessa atividade. O sítio Mar Virado, no litoral paulista, se destaca como um sambaqui insular e raso, particularidades que podem sugerir uma diversificação nas estratégias de pesca, que podem nos dizer como esse grupo etário interagiu com essa atividade. As práticas funerárias podem elencar elementos sobre os objetos associados à essa atividade, em seus três componentes: os adornos que impactam na aparência física; os utilitários e os de caráter ritual. Palavras-chave: idoso, velhice, identidade, pesca, sambaqui.

Abstract: The old age is not a common subject in archeology as in other social sciences and humanities disciplines, where is more often focus of bioarchaeological research, with few studies that investigate aspects of social identity, especially in concern to the productive question. The shell midden (sambaquis) builders are characterized as complex hunter-gatherer fishing groups, in which the social organization around the fishery presuppose differentiations by sex and age, where the elders are considered as passive actors in this activity. The Mar Virado site, in the coast of São Paulo State, stands out as an insular and flat sambaqui, particularities that may suggest a diversification in fishing strategies, which can tell us how this age group interacted with this activity. Funerary practices can list elements on the objects associated with this activity, in its three components: adornments that affect physical appearance, and the utilitarian and ritual characteristics objects.

Palavras Chave:

Idoso, Velhice, Identidade, Pesca, Sambaqui.

Keywords:

Elderly, Old age, Identity, Fishery, Shell midden.

^a Pós-doutoranda no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), Brasil. E-mail: sorayamalencar@gmail.com

INTRODUÇÃO

Sítios conchíferos são denominações dadas a montículos artificiais que se caracterizavam como locais de assentamento permanente ou de ocupação sazonal, onde poderiam dar-se tanto atividades diárias como ritualizadas, em que a concha se constitui como a principal matéria-prima utilizada como material construtivo. Esses sítios estão distribuídos em determinadas áreas costeiras de todos os continentes e, menos frequentemente, também nas margens dos rios.

Os construtores desses montículos eram grupos de pescadores, caçadores coletores complexos que tinham como prática utilizar a concha obtida da coleta de moluscos no processo formativo dessas edificações. Esses tipos de construções podem ser compreendidos como similar aos monumentos, pois embora não tenham a arquitetura monumental *stricto sensu*, são entendidos como locais permanentes na paisagem que são revisitados repetidamente (CUMMINGS, 2007).

No Brasil, esses sítios são chamados sambaquis e estão preponderantemente localizados na faixa costeira, com maior concentração na porção centro-sul do litoral (GASPAR, 1998). A prática de construir sambaquis subsistiu ao longo de 8000 a 800 AP (AFONSO; TENÓRIO, 2011), com o registro mais antigo de ao redor de 10500 anos AP (FIGUTI; PLENS; DEBLASIS, 2013) e o mais recente de aproximadamente 545 anos AP (LIMA, 1999-2000).

A edificação de um sambaqui demandava o compromisso do grupo por gerações, visto que alguns desses montículos exibem processo formativo que abarca mais de mil anos e podem ultrapassar 40 metros de altura, como o sambaqui Garopaba do Sul. Nesse sentido, os sambaquis são a manifestação material da persistência na paisagem de modos de vida que têm a coleta de moluscos como base estruturadora para a sua reprodução social.

Essa questão se coloca mais aparente, quando, por exemplo, em alguns sambaquis do litoral de Santa Catarina em que se observa a interação com grupos ceramistas do interior, a coleta de moluscos deixa de ser expressiva, pois os restos de peixes passam a ser mais presentes como elemento construtivo desses montículos (VILLAGRAN, 2014). Essas relações com os grupos ceramistas alteraram paulatinamente os modos de vida e a apreensão do espaço pelos sambaquieiros, nos quais o processo de assimilação se mostra mais evidente quando o ato de erigir sambaqui perde significado social, ainda que o mesmo se conserve na paisagem.

Por outro lado, a organização social desses grupos em torno da coleta de moluscos e as demais técnicas empregadas na pesca se apresentam diferenciadas por sexo, quando a primeira é tida como uma atividade exclusivamente feminina e a segunda como masculina, segundo dados etnográficos (CLAASSEN, 1991). Essa divisão traz intrínseca também uma diferenciação por idade, pois tendo como pressuposto a teoria do forrageamento ótimo para essas sociedades (*ibid.* 1991), o baixo custo para aquisição de moluscos posiciona essa atividade como passiva e, deste modo, possível de ser executada também por crianças e idosos, enquanto as técnicas empregadas para a captura de peixes exigem maior gasto energético, sendo preponderantemente realizadas por homens adultos.

Essa diferenciação por sexo e idade coloca menos ênfase à coleta de moluscos como prática norteadora da identidade desses grupos e a situa mais como uma atividade secundária de subsistência. De igual modo, minimiza os arranjos sociais que se estruturam em torno da coleta e da pesca, que se expressam na edificação dos montículos; na construção da aparência individual, por meio do uso desses materiais como adornos corporais; na confecção de instrumentos utilitários utilizados para a pesca e outras atividades; e o componente cerimonial que os materiais provenientes dessa atividade adquirem, ao serem integradas às práticas funerárias e nos festins rituais que se dão no espaço dos sambaquis.

Ao mesmo tempo, a distinção por sexo e idade entre a coleta e as demais técnicas de pesca perde significado quando a pesca é entendida num sistema mais amplo de relações sociais, que abrange a busca do material necessário para a elaboração

dos instrumentos usados nessa atividade, o conhecimento técnico empregado nas estratégias de pesca, a preferência alimentícia do grupo para o consumo de determinados animais, e ainda a demanda por materiais específicos dessas fontes de recursos que serão aproveitados para a confecção de objetos.

Ademais do componente demográfico, em que a alta mortalidade infantil e a baixa esperança de vida de populações pretéritas colocam os extremos da distribuição etária como invisíveis nessas sociedades, omitindo o papel dessas categorias etárias na estrutura social. No âmbito da arqueologia da infância, os processos de aprendizagem durante essa fase do curso de vida têm trazido importantes contribuições, principalmente na habilidade artesanal, como a produção lítica e a manufatura cerâmica (SÁNCHEZ ROMERO, 2017). Em contraparte, a velhice é mais frequentemente foco de atenção de pesquisas bioarqueológicas, como poucos estudos que investigam aspectos da identidade social, sobretudo no que se refere à questão produtiva (APPLEBY, 2017).

O sambaqui Mar Virado, no litoral paulista, se caracteriza como um sambaqui insular e raso, pois não tem a formação de colina típica e a ilha em que se encontra está afastada da costa em torno de 2,9 km, particularidades que podem sugerir uma diversificação nas estratégias de pesca, visto que a coleta de moluscos não se assenta como uma atividade primordial para a utilização da concha como material construtivo e o aproveitamento dos recursos marinhos pode acontecer tanto nos arredores da ilha quanto em alto mar.

Essas estratégias variadas em torno da pesca podem nos dizer como os mais longevos do grupo interagiam com essa atividade, onde as práticas funerárias podem elencar elementos sobre os objetos associados à essa atividade, em seus três componentes: os adornos que impactam na aparência física; os utilitários, que são os utensílios e ferramentas utilizados na pesca ou provenientes dela; e os de caráter ritual, como os materiais que envolvem o corpo e os alimentos do banquete funerário.

A investigação sobre a velhice na arqueologia

A temática da velhice não é um tema recorrente na arqueologia como acontece com as outras disciplinas das ciências humanas e sociais, em que o estudo de diferentes aspectos do processo de envelhecimento suscitou a atenção do meio acadêmico desde a década de 1960. As principais justificativas para esta lacuna se devem à dificuldade em estimar a idade dos remanescentes ósseos de indivíduos com mais de 40 anos e também pela baixa esperança de vida de populações pretéritas.

Essas duas questões estão associadas à utilização de um parâmetro fixo de idade cronológica que determina a entrada à idade avançada, que é o mais empregado atualmente para questões como sistemas de aposentadoria e pensão, em que o intervalo entre 60 e 65 anos de idade é o marcador do início a essa fase da vida. Devido a que esse critério está baseado em populações modernas que contam com maior esperança de vida, os indivíduos com essa faixa etária seriam praticamente inexistentes no passado.

Com os avanços nas técnicas de estimação da idade dos esqueletos, nas décadas recentes, cresceram os trabalhos de bioarqueologia interessados em estudar com maior detalhe alguns marcadores e patologias que estão relacionados ao processo de envelhecimento biológico nos ossos. Porém, o estudo da velhice como uma fase do curso de vida e sua inter-relação com outros aspectos da identidade social, como gênero, etnicidade, ocupação, entre outros, continua sendo um tema escasso na arqueologia (APPLEBY, 2010, 2017; FAHLANDER, 2013).

Isso se deve a que para determinar quem são os idosos no passado é necessário não somente entender como acontece

o processo de senescência¹ no corpo, identificando as patologias e marcadores da idade avançada, mas também ponderar quando esse processo impulsiona a transição da fase adulta para a velhice. Dessa forma, investigar a velhice envolve a compreensão tanto dos aspectos biológicos do processo de envelhecimento no corpo, quanto dos culturais, onde se integra a análise das mudanças fisiológicas no corpo que são resultantes da senescência com o próprio entendimento sobre a velhice, sendo esse tanto do indivíduo como da sociedade. Por conseguinte, a percepção do âmbito funerário é um elemento central para investigar a velhice no passado, no qual as práticas funerárias podem elencar significados associados à última etapa do curso de vida, que podem ser tanto simbólicos como sociais.

Para compreender a velhice como a última fase do ciclo de vida individual é necessário primeiramente contextualizar como se estrutura o pensamento sobre a idade, que é um tema que vem sendo investigado desde a década de 1990, com a arqueologia da infância, pela influência das teorias feministas e de gênero, assim como das reflexões em torno aos conceitos de agência, prática e estruturação (LUCY, 2005).

A idade é concebida para ser analisada desde a perspectiva do curso de vida, para observar como determinada fase da vida é percebida materialmente através do corpo. Esta abordagem compreende a experiência da vida como um *continuum*, com o objetivo de examinar como a sociedade atribui significados sociais e pessoais para as trajetórias e transições da vida (GILCHRIST, 2012). Assim, a inter-relação entre as três categorias de idade (biológica, cronológica e social) são a base para estudar o envelhecimento nessas três esferas. A idade cronológica corresponde ao ano de nascimento, enquanto a biológica é relativa ao envelhecimento físico do corpo em seus níveis de função e incapacidade, e a social incorpora as atitudes e comportamentos que são apropriados de cada idade cronológica. As idades social e cronológica são socialmente construídas (ARBER; GINN, 1995).

Nesse sentido, o estudo arqueológico do corpo é fundamental para examinar a idade em seus distintos componentes (biológico, cronológico e social), pois é através do corpo e sua relação com os objetos, lugares e pessoas que se tem uma aproximação à idade. A idade biológica pode ser correspondente à idade osteológica, que é a estimada a partir do material ósseo humano. A cronológica pode ser equiparada à biológica, pois em sociedades não letradas esta não é o fator principal de demarcação da entrada à velhice, podendo não ser definida em termos de idade em anos, mas sim pela aparência física e os papéis sociais. Enquanto a idade social é obtida através de uma análise pormenorizada do corpo em seu contexto funerário, pois as alterações físicas que são resultantes do processo de envelhecimento e que podem ser visualizadas nos remanescentes esqueléticos têm um papel preponderante para auxiliar na conformação da longevidade no passado quando associadas com a cultura material (APPLEBY, 2010).

Por essa razão, a consideração sobre as características físicas do corpo envelhecido ganha maior sustento para verificar como interatuam as três categorias de idade (fisiológica, cronológica e social), em que o mesmo é examinado considerando não somente a idade estimada do esqueleto, mas também as patologias e marcadores da senescência, que compreendem, por exemplo, osteoartrite, osteoporose, desgaste dental e a perda de dentes *ante mortem* (APPLEBY, 2010; FAHLANDER, 2013).

Logo, a idade osteológica obtida a partir de métodos tradicionais da bioarqueologia deixa de ser o único parâmetro para definir os indivíduos de idade avançada nas coleções ósseas e a dificuldade em estimar com precisão as ossadas senis já não é um impedimento para investigar a velhice no passado. O corpo, portanto, é tomado como sustento não somente para a definição de uma etapa da vida por meio da idade cronológica, mas ainda para a explicação da idade social (SOFAER, 2011).

¹ Processo biológico de alteração disfuncional, no qual o organismo diminui a sua capacidade de manter a sua função fisiológica e a homeostase, conforme o avanço da idade (CREWS, 2003).

A prática da pesca no sambaqui Mar Virado

Em contexto arqueológico, as evidências materiais sobre como se davam as atividades em torno da pesca se restringem à própria natureza dos utensílios empregados, como as cestas de palha, as linhas e redes de pesca, as lanças e canoas de madeira, entre outros, onde os objetos que aparecem associados com a pesca são aqueles confeccionados em ossos de animais, conchas, raios de nadadeira de peixes e líticos. Entre esses objetos, se destacam aqueles relacionados diretamente à prática da pesca, como o anzol, o peso de rede e a ponta de projétil e de lança, e as ferramentas empregadas na manufatura dos instrumentos de pesca, como a lasca e o machado lítico, a agulha de osso ou de raio de nadadeira de peixe, o tortual de fuso de vértebra de peixe, e o raspador de concha.

Os dados zooarqueológicos exibem a amplitude de espécies de animais obtida a partir das diferentes técnicas de pesca, em que para o sítio Mar Virado mostram a variedade de animais lacustres e marinhos, que incluem desde coleta de moluscos e ouriço-do-mar, até a pesca no entorno da ilha e de alto mar (cetáceos, seláquios e quelônios) (BARBOSA, 2001). A própria localização da ilha do Mar Virado, onde se encontra o sambaqui, em relação à costa já supõe o conhecimento das correntes marítimas e das técnicas necessárias para a construção de canoas destinadas à navegação em alto mar, como se verifica em outros sítios conchíferos a partir da comparação com dados etnográficos (ARNOLD, 1995). Isso porque ainda em dias atuais, o percurso desde a linha costeira até a ilha leva de duas a três horas com barco a motor (UCHÔA, 2009).

A prática da pesca se inicia com a coleta dos materiais necessários para a elaboração dos utensílios usados nessa atividade, que abrange o conhecimento sobre a disponibilidade desses materiais no ambiente, assim como das suas especificidades, de acordo com o objeto a ser confeccionado. Tendo em vista que a coleta é considerada como uma atividade feminina e também realizada pelos membros mais jovens e longevos, a busca e a seleção desses materiais poderiam ser feitas por esses membros do grupo, que devem ter o domínio sobre o funcionamento dos utensílios para poder selecionar as fontes de recursos adequadas para a sua elaboração. Na prática da coleta estão incluídos, por exemplo, os diferentes materiais que fornecerão as fibras, palhas e madeiras; a cera de abelhas e as resinas de troncos de árvores, que são utilizados como cola; as ervas empregadas para a captura de animais; entre outros

Os restos materiais dos sambaquis mostram que nesses sítios se davam atividades diárias, como preparação de alimentos, e produtivas, como a elaboração de instrumentos líticos, de conchas e ossos. Dessa maneira, é possível supor que o processo que envolve a preparação dos materiais e a confecção dos utensílios de pesca também aconteceria nesse espaço. Para o caso do sítio Mar Virado, essas evidências materiais aparecem distribuídas nos mesmos recintos onde se concentravam os sepultamentos (AMENOMORI, 2005) sem claras demarcações entre a esfera dos vivos e dos mortos.

O tratamento funerário que se verifica nos sambaquis compartilha um número de pontos comuns que indicam práticas que foram utilizadas deliberadamente para articular e manter a alteridade, sugerindo a fusão de diferentes ideias sobre o corpo. Entre os aspectos que unificam essas práticas, pode-se mencionar o enterramento em covas, na maioria dos casos, o uso de fogueiras e banquetes rituais, assim como a pintura de corpos e objetos com corantes, principalmente ocre e amarelo (GASPAR et al., 2008; PROUS, 1992).

Em comparação com outros sambaquis do litoral paulista (Buracão, Piaçaguera e Tenório), se observa no sítio Mar Virado a ênfase dada nas práticas funerárias aos materiais e objetos provenientes da pesca, devido à maior frequência e proporção dos mesmos como acompanhamentos funerários, seja como instrumentos utilitários, adornos ou como parte do ritual funerário. Entre esses objetos, se destacam o dente de seláquio (73,7%), a ponta óssea de peixe (65,8%), a vértebra de peixe perfurada (78,9%), o osso de mamífero marinho (34,2%) e a carapaça de quelônio (63,1%). (Tabela 1)

Tabela 1. Frequência de variáveis associadas à pesca segundo sambaquis do litoral paulista.

Variáveis associadas à pesca	Mar Virado (n=38)		Buracão (n=44)		Piaçaguera (n=77)		Tenório (n=41)	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Dente de seláquio	28	73,7	17	38,6	27	35,1	8	19,5
Ponta óssea (peixe)	25	65,8	6	13,6	4	5,2	10	24,4
Vértebra perfurada (peixe)	30	78,9	3	6,8	1	1,3	1	2,4
Ossos de mamífero marinho	13	34,2	-	-	4	5,2	5	12,2
Carapaça de quelônio	24	63,1	3	6,8	-	-	4	9,8

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados publicados por Silva (2001, 2005).

Alguns objetos podem ser explicados tanto como adornos marinhos quanto ferramentas, como a vértebra de peixe perfurada e os dentes de seláquio perfurados ou não. O caráter utilitário desses objetos pode ser mais específico, como a vértebra de peixe, ou para distintos fins, como o dente de seláquio. O primeiro foi interpretado como tortual de fuso para o fabrico de redes de pesca, a partir da observação dos objetos do sambaqui Mar Casado e da comparação com dados históricos e etnográficos (GUIDON; PALESTRINI, 1962). Enquanto o segundo, poderia ser usado como ferramenta cortante ou perfurante, quando fixado em cabos de madeira ou osso (GUIDON; PALESTRINI, 1962; PROUS, 1992). Por outro lado, a ponta óssea de peixe e o osso de mamífero marinho são utilizados especificamente como instrumentos, onde a ponta óssea é empregada na manufatura de projéteis, como lanças e arpões de pesca (PROUS, 1992). A carapaça de quelônio adquire caráter ritual ao ser inserida na prática funerária, colocando em realce a interação com o ambiente marinho, visto que os membros do grupo acomodavam esse objeto principalmente sobre a parte superior do corpo no sítio Mar Virado.

Os velhos pescadores do sambaqui Mar Virado

As escavações do sítio Mar Virado foram coordenadas pela equipe de Dorath Uchôa, do MAE-USP, onde o sítio foi escavado por completo durante saídas de campo que perduraram de 1990 a 2005, em que foram delimitadas 78 quadras de 2m², numa superfície total de 312m². Foram expostas três camadas formativas: a mais recente revela ocupação dos séculos XIX e XX, tanto de populações indígenas quanto europeias; a intermediária mostra o processo formativo do sambaqui; e a mais antiga não apresentou material arqueológico. O processo formativo do sambaqui, na camada II, permaneceu ao longo de quase mil anos, com datações de 3465 ± 31 e 2570 ± 70 anos AP (UCHÔA, 2009)

O material esquelético do sítio compreende 54 indivíduos presentes em 33 sepultamentos e foi previamente analisado pela equipe da mesma investigadora, sendo objeto de dois trabalhos acadêmicos (e.g. SILVA, 2001, 2005). No entanto, somente parte da coleção óssea (temporadas de 1990 a 1995) foi divulgada com maior detalhe e abrange 22 (n=38) sepultamentos. Os critérios para a determinação da idade e sexo dos remanescentes, assim como da identificação das patologias e marcadores já foram anteriormente reportados (SILVA, 2005).

Foram selecionados os indivíduos com idade estimada a partir de 40 anos, que é o momento em que começa a degeneração óssea (WHITE; BLACK; FOLKENS, 2012) e que podem ser identificadas as primeiras mudanças que se produzem no corpo como resultado do processo de envelhecimento biológico. Para identificar os corpos longevos, foram analisadas também algumas doenças e marcadores da idade avançada que poderiam impactar na aparência física e

funcionalidade (APPLEBY, 2010; FAHLANDER, 2013).

Entre as doenças mais comuns que se desenvolvem com a idade avançada estão a osteoartrite e a osteoporose (CREWS; BORGIN, 2010) e são as únicas que podem ser observadas no esqueleto (WALDRON, 2009). Entre os indicadores da senescência que podem ser visualizados nos remanescentes humanos estão a formação de osteófitos nas vértebras, que é um marcador geral do processo de envelhecimento no corpo (ROBERTS; MANCHESTER, 2010); as fraturas nos ossos, que são a maneira mais simples de identificar a osteoporose (BRICKLEY, 2000); o desgaste dental que, durante a idade avançada, se apresentam mais tipos de ocorrência e conjuntamente existem alguns que são mais frequentes entre este grupo, como as facetas de desgaste localizadas em superfícies oclusais e as cargas oclusais excessivas (FAHLANDER, 2013); e a perda dental *ante mortem*, cuja ocorrência aumenta com a idade, sendo comumente reportada como resultado da mastigação e da má nutrição durante a vida (WALDRON, 2009).

No sambaqui Mar Virado, dos 38 indivíduos analisados, sete (18,4%) tinham corpos com aparência longeva, pois se observa os efeitos das mudanças degenerativas associadas ao processo de envelhecimento no corpo, onde em alguns se expressam com maior impacto no aspecto físico (n=5) e outros também na funcionalidade (n=2). (Quadro 1)

Ao confrontar com as outras faixas etárias, se verifica que a metade dos indivíduos era adulta (20-40 anos), com baixa frequência daqueles que corresponderiam a base da pirâmide demográfica, representada por nove (23,7%) crianças (2-12 anos) e três (7,9%) jovens (18-20 anos), com a ausência de bebês (até dois anos) e adolescentes (12-18 anos). Essa estrutura etária não é característica de populações pretéritas, onde se esperaria que os infantis e adolescentes abarcariam as maiores proporções dos sepultamentos do sítio, pois estão associados à alta fecundidade e mortalidade infantil, e uma proporção bem inferior à observada daqueles de idade avançada, devido à baixa esperança de vida. Em vista disso, se permite especular que mesmo que o sambaqui tenha estreita relação com o funerário, nem todos os membros do grupo eram sepultados nesse local. As faixas etárias divulgadas para todo o material esquelético (n=54) não mostram diferenças para essa estrutura etária, com a inclusão de dois subadultos (até 20 anos) e 14 adultos (20+ anos) (SILVA, 2005: Tabela 3) (Quadro em anexo1)

Com relação ao sexo, para um número elevado de esqueletos não foi possível fazer essa determinação (n=15), dos quais entre os infantis (n=9) não é incomum devido à fragilidade desses remanescentes (SÁNCHEZ ROMERO, 2017), ao passo que os demais incluíam um jovem (18-20 anos) e cinco adultos (20-40 anos). Para os 23 restantes, a maioria era de adultos (n=9) e idosos (n=6) do sexo masculino, e os do sexo feminino integravam períodos distintos da vida adulta, com dois indivíduos jovens (18-20 anos), cinco adultos (20-40 anos) e um senescente (40+ anos).

Entre os sepultamentos do grupo etário mais velho, a normatividade foi incluir alguns dos objetos relacionados com a pesca como acompanhamento funerário, como o dente de seláquio, a vértebra de peixe perfurada, a carapaça de quelônio e a ponta óssea de peixe. Dessa forma, a transição para a velhice não foi identificada por alterações nos papéis sociais que pudessem supor uma interrupção nessa atividade, onde os objetos poderiam cogitar mudanças na construção da aparência individual, pela ausência de adornos relacionados com essa atividade, como o dente de seláquio e a vértebra de peixe perfurada; na omissão de instrumentos utilitários associados com a pesca, como a ponta óssea de peixe e a vértebra de peixe perfurada; e na própria prática ritual funerária, ao não associar a carapaça de quelônio como elemento ritual.

Entre esses objetos, merece destaque a ponta de raio de nadadeira de peixe, que é usada na confecção de lança de pesca e está presente em praticamente todos os sepultamentos de indivíduos na da última etapa do curso de vida (n=6). Isso porque a caça de animais terrestres é bastante restrita, considerando o material zooarqueológico que compreende a camada formativa do sambaqui (BARBOSA, 2001). De igual forma, as ferramentas líticas usadas para a confecção dos utensílios de pesca também são frequentes na maioria desses sepultamentos (n=6). (Quadro 1)

A especialização nessa atividade poderia aparecer na particularidade de alguns objetos que poderiam ser específicos nas práticas funerárias de determinados sepultamentos, como se mostra em algumas ferramentas, como o esporão de arraia e o dente de seláquio com três perfurações. O esporão de arraia pode originar lanças com características perfurantes, diferenciadas das confeccionadas com raio de nadadeira, visto que o principal atributo dos utensílios em ossos é a possibilidade de obter objetos com essa qualidade, que seriam muito difíceis de conseguir através do material lítico (PROUS, 1992).

Igualmente, o dente de seláquio com três perfurações permite outras possibilidades de fixação em madeira ou osso para potencializar o uso desse material como instrumento cortante, como na manufatura de utensílios de pesca. Esses objetos estão presentes unicamente entre os indivíduos que alcançaram a idade avançada e são exclusivos em apenas dois desses sepultamentos, dos quais um deles com esporão de arraia (sep. 14) e outro com dente de seláquio com três perfurações (sep. 16).

Ao mesmo tempo, a ênfase dada a um tipo de material pode sugerir especialização nessa atividade, que pode ser mensurada pela quantidade superior de um único objeto entre os 22 sepultamentos analisados, como a vértebra de peixe perfurada e a ponta óssea de peixe. A ponta óssea de peixe pode ser empregada na manufatura da lança de pesca e a vértebra de peixe perfurada na fabricação de redes, visto que para poder relacioná-la com algum tipo de adorno, teria que aparecer em concentração junto ao corpo e não disperso no espaço funerário.

Essa especialização também foi característica de alguns indivíduos longevos, pois dos 13 sepultamentos (n=30) em que foram integradas vértebras perfuradas de peixe como parte do ritual funerário, a normatividade foi encontrar entre dois e cinco desses objetos, exceto entre dois indivíduos com aparência mais envelhecida, que tinham 17 (sep. 14) e 23 (sep. 17) vértebras, respectivamente. Ambos indivíduos tinham vértebras tanto concentradas próximas do corpo quanto associadas com outros objetos no interior da deposição funerária. Para os 14 sepultamentos (n=25) em que a ponta óssea de peixe aparece como acompanhamento funerário, o número de pontas era de até oito, com um único indivíduo que superou essa quantidade, com 13 pontas, que também apresentou número elevado de vértebras perfuradas (sep. 14). (Quadro 1)

A relação com a pesca pode ser percebida também no destaque a objetos provenientes dessa atividade, como o dente de seláquio e a carapaça de quelônio, onde o dente de seláquio pode ter caráter tanto utilitário como de ornamento corporal, e a carapaça de quelônio adquire mais aspecto ritual, sendo colocada preponderantemente sobre a cabeça e membros superiores do corpo.

Dos 15 sepultamentos (n=28) em que aparecem dentes de seláquio, em geral somam até 10 dentes, com exceção de três sepultamentos que apresentavam de 24 a 51 dentes, dos quais em um deles estava um dos membros do grupo que atingiu a maturidade (sep. 15), com 32 dentes. Ao contrário dos dois anteriores, que eram sepultamentos múltiplos (sep. 11 e 20), o local onde o corpo do mais longevo foi depositado não foi alterado posteriormente, sendo dispostos nove dentes perfurados em torno do pescoço e os demais (sem perfuração) estavam em conjunto com outros objetos. (Quadro 1)

Entre os 11 sepultamentos (n=24) com carapaça de quelônio, três tinham idade avançada (sep. 6, 15 e 17), onde se sublinha o aspecto ritual desse objeto com a presença de outros também de origem marinha, como o dente de animal marinho (cetáceo) (sep. 6), que é exclusivo apenas de outro sepultamento (sep. 10), assim como no número superior de dentes de seláquio (sep. 15) ou de vértebras de peixe perfuradas (sep. 17). (Quadro 1)

Outros instrumentos relacionados com a pesca que foram empregados nas práticas funerárias são a agulha de osso, que poderia ser utilizada para tecer redes de pesca (GUIDON; PALESTRINI, 1962) e a lâmina de machado, que representa a ferramenta mais consistente para a fabricação de canoas, devido ao tamanho e durabilidade do material (TENÓRIO, 2003), visto que uma das funcionalidades encontradas nas ferramentas líticas em sociedades caçadoras coletoras se associa ao

trabalho da madeira (PRICE; BROWN, 1985).

As agulhas de osso já foram documentadas para alguns sambaquis, como Maratuá, Mar Casado e Boguaçu (GUIDON; PALESTRINI, 1962). No sítio Mar Virado, três sepultamentos (sep. 11, 12, 18) exibem raios de nadadeira perfurados na extremidade, dos quais em um deles está um indivíduo com aspecto senil (sep. 18). Das 35 lâminas de machado que estavam dispersas nos espaços do sambaqui Mar Virado (GARCIA, 2017), somente duas eram de contexto funerário e correspondiam aos membros mais velhos do grupo (sep. 13 e 16).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença de utensílios associados diretamente com a pesca, como a ponta óssea de peixe e a vértebra de peixe perfurada, é bastante marcante no sambaqui Mar Virado se comparado com outros sambaquis do litoral paulista (Buracão, Piaçaguera e Tenório). De igual modo, a relação indireta com a pesca em alto mar também se expressa pela maior proporção de objetos provenientes dessa atividade nas práticas funerárias, como os dentes de seláquio, os ossos de mamíferos marinhos e a carapaça de quelônio, ao cotejar com os outros sambaquis analisados. Por essa razão, havia um interesse entre os membros do grupo do sambaqui Mar Virado de conferir uma identidade inerente à pesca, que se mostrou muito mais presente entre os objetos produzidos a partir de biofatos/ecofatos de procedência marinha quando se verifica a existência dos mesmos em outros sambaquis dessa região.

No que se refere à prática da pesca, se mostra relevante o aspecto da transferência intergeracional do conhecimento associado especificamente às técnicas dessa atividade, que em sociedades que não utilizam da escritura a transmissão oral é mais aparente, pois abrange uma série de informações sobre a maré, as correntes marítimas, os recursos lacustres e marinhos, as táticas de captura, entre outros. Esse conhecimento é intrínseco à própria identidade do grupo em torno à essa atividade, como se verifica ainda nos dias atuais em populações indígenas tradicionais de pescadores, onde a prática da pesca não se mensura somente através da subsistência, pois está imbuída também de valores culturais e simbólicos que atribuem a essa atividade.

Em âmbito arqueológico, esse conhecimento pode ser traduzido em níveis de especialização nessa atividade, seja pela presença de objetos singulares ou pela preponderância daqueles que permitem destacar nas práticas funerárias alguns membros do grupo em relação aos demais. Nesse sentido, houve uma preocupação em exacerbar essa característica entre aqueles que chegaram à última etapa do ciclo de vida individual, onde foram integrados nas deposições funerárias desde adornos, materiais associados à pesca, ferramentas utilizadas na prática da pesca ou aquelas usadas para a preparação desses instrumentos.

Por conseguinte, as relações sociais que se configuram ao redor da prática da pesca não se determinaram através de caracteres biologicamente marcados, como o sexo e a idade, que são os parâmetros nos quais se baseiam os estudos arqueológicos que tratam da pesca como uma atividade unicamente de subsistência, onde os mais longevos, quando considerados, são percebidos como membros passivos dessa atividade produtiva. Pelo contrário, as práticas funerárias buscaram introduzir elementos que permitiram identificar o aperfeiçoamento nessa atividade ou ainda de delimitar diferenciações entre os objetos que abrangem a elaboração de instrumentos usados na pesca.

REFERÊNCIAS

- AMENOMORI, Sandra N. Paisagem das ilhas, as ilhas da paisagem: a ocupação dos grupos pescadores-coletores pré-históricos no litoral norte do estado de São Paulo. Tese (Doutorado em Arqueologia) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- AFONSO, Marisa C.; TENÓRIO, Maria Cristina. Shell mounds in Brazilian Coast: integrating archaeological and environmental studies. In: TURBANTI-MEMMI, Isabella (Ed.) Proceedings of the 37th International Symposium on Archaeometry. 1ª ed, Berlin: Springer-Verlag, 2011, p. 549-554.
- APPLEBY, Joanna E. P. Why we need an archaeology of old age, and a suggested approach. *Norwegian Archaeological Review*, v. 43, n. 2, p. 145-168, 2010.
- APPLEBY, Jo. Ageing and the body in archaeology. *Cambridge Archaeological Journal*, v. 28, n. 1, p. 145-163, 2017.
- ARBER, Sara; GINN, Jay (Eds.) Connecting gender and ageing: a sociological approach. 1ª ed, Buckingham: Open University Press, 1995.
- ARNOLD, Jeanne E. Transportation innovation and social complexity among maritime hunter-gatherer societies. *American Anthropologist*, v. 97, n. 4, p. 733-747, 1995.
- BARBOSA, Paula N. Estudo zooarqueológico do sítio Mar Virado Ubatuba- SP. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- BRICKLEY, Megan. The Diagnosis of metabolic disease in archaeological bone. In: COX, Margaret; MAYS, Simon. (Eds.) *Human osteology: in archaeology and forensic science*. 1ª ed, London: Cambridge University Press, 2000, p. 183-198.
- CLAASSEN, Cheryl P. Gender, shellfishing, and the shell mound Archaic. In: GERO, Joan M.; CONKEY, Margaret W. (Eds.) *Engendering archaeology: women and Prehistory*. 1ª ed, Oxford: Blackwell Publishing, 1991, p. 276-300.
- CREWS, Douglas E. Human senescence: evolutionary and biocultural perspectives. 1ª ed, Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- CREWS, Douglas E.; BOGIN, Barry. Growth, development, senescence, and aging: a life history perspective. In: SPENCER LARSEN, Clark (Ed.) *A companion to biological anthropology*. 1ª ed, Oxford: Blackwell Publishing, 2010, p. 124-152.
- CUMMINGS, Vick. From midden to megalith? The Mesolithic-Neolithic transition in western Britain. In: WHITTLE, Alasdair; CUMMINGS, Vicki (Eds.) *Going over: the Mesolithic-Neolithic transition in North-West Europe*. 1ª ed, Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 493-510.
- FAHLANDER, Fredrik. Intersecting generations: burying the old in a Neolithic hunter-fisher community. *Cambridge Archaeological Journal*, v. 23, n. 2, p. 227-239, 2013.
- FIGUTI, Levy; PLENS, Claudia R.; DEBLASIS, Paulo. Small sambaquis and big chronologies: shellmounds building and hunter-gatherers in Neotropical Highlands. *Radiocarbon*, v. 55, n. 2-3, p. 1215-1221, 2013.
- GARCIA, Davi C. Processos formativos de um sítio costeiro: estudo da indústria lítica do sítio do Mar Virado, Ubatuba, São Paulo. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- GASPAR, Maria Dulce. Considerations of the sambaquis of the Brazilian coast. *Antiquity*, v. 72, n. 277, p. 592-615, 1998.
- GASPAR, Maria Dulce; DEBLASIS, Paulo; FISH, Suzanne K.; FISH, Paul R. Sambaqui (shellmound) societies of Coastal

- Brazil. In: SILVERMAN, Helaine; ISBELL William H. (Eds.) Handbook of South American archaeology. 1ª ed, New York: Springer, 2008, p. 319-335.
- GILCHRIST, Roberta. Medieval life: archaeology and the life course. 1ª ed, Woodbridge: Boydell Press, 2012.
- GUIDON, Niède; PALESTRINI, Luciana. Estudo da indústria do sambaqui Mar Casado. Anhembi, v. 47, n. 139, p. 49-60, 1962.
- LIMA, Tânia A. Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do litoral Centro-Sul do Brasil. Revista USP, n.44, p. 270-327, 1999-2000.
- LUCY, Sam. The archaeology of age. In: DÍAZ-ANDREU, Margarita. et al. (Eds.) The archaeology of identity: approaches to gender, age, status, ethnicity and religion. 1ª ed, New York: Routledge, 2005, p. 43-66.
- PRICE, T. Douglas; BROWN, James A. Prehistoric hunter-gatherers: the emergence of cultural complexity. 1ª ed, San Diego: Academic Press, 1985.
- PROUS, André. Arqueologia brasileira. 1ª ed, Brasília: Editora UNB, 1992.
- ROBERTS, Charlotte; MANCHESTER, Keith. The archaeology of disease. 3ª ed, Stroud: The History Press, 2010.
- SÁNCHEZ ROMERO, Margarita. Landscapes of childhood: bodies, places and material culture. Childhood in the Past, v. 10, n. 1, p. 16-37, 2017.
- SILVA, Sergio F. S. M. Um outro olhar sobre a morte: arqueologia e imagem de enterramentos humanos no catálogo de duas coleções – Tenório e Mar Virado, Ubatuba, São Paulo. Volume II. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- SILVA, Sergio F. S. M. Arqueologia das práticas mortuárias em sítios pré-históricos do litoral do estado de São Paulo. Tese (Doutorado em Arqueologia) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- SOFAER, Joanna R. Towards a social bioarchaeology of age. In: AGARWAL, Sabrina C.; GLENCROSS, Bonnie A. (Eds.) Social bioarchaeology. 1ª ed, Oxford: Blackwell Publishing, 2011, p. 285-311.
- TENÓRIO, Maria Cristina. O lugar dos aventureiros: identidade, dinâmica de ocupação e sistema de trocas no litoral do Rio de Janeiro há 3500 anos antes do presente. Tese (Doutorado em Arqueologia) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- UCHÔA, Dorath P. A ilha do Mar Virado: estudo de um sítio arqueológico no litoral norte do estado de São Paulo. Clio – Arqueológica, v. 24, n. 1, p. 7-40, 2009.
- VILLAGRAN, Ximena S. A redefinition of waste: Deconstructing shell and fish mound formation among coastal groups of Southern Brazil. Journal of Anthropological Archaeology, v. 36, p. 211-227, 2014.
- WALDRON, Tony. Paleopathology. 1ª ed, Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- WHITE, Tim D.; BLACK, Michael T.; FOLKENS, Pieter A. Human Osteology. 3ª ed, New York: Elsevier, 2012.

Anexo 1 - Quadro de distribuição dos sepultamentos segundo data de escavação, localização no sítio, características demográficas e variáveis associadas à pesca. Sítio Mar Virado, litoral paulista.

Sepultamento*	Localização (quadra)	Características demográficas		Frequência de variáveis associadas à pesca			
		Sexo [#]	Grupo etário [§]	Dente seláquio	Vértebra	Ponta óssea (peixe)	
1	4-5	1	4	-	2	-	1
2	9-10	1	4	1	-	7	-
3	3	0	4	1	2	1	-
4a	3-4/3A-4A	0	3	7	3	2	1
4b	3-4/3A-4A	1	4				
4c	3-4/3A-4A	2	1				
4d	3-4/3A-4A	2	1				
5	4A	1	4	2	9	1	1
6	3, 3A	1	5	-	2	-	1
7	4, 4A	2	1	-	-	1	1
8	27-28	0	4	1	-	7	-
9	2	2	1	-	-	-	-
10a	4, 4A	1	4	-	5	4	1
10b	4, 4A	0	4				
10c	4, 4A	2	1				
11a	4	0	4	51	4	9	1
11b	4	2	1				
11c	4	1	4				
12	1B	1	4	1	-	1	-
13	1B	0	5	2	-	7	-
14	5	1	5	3	17	13	-
15	10-11, 16	1	5	32	-	-	1
16a	10	1	5	9	2	2	-
16b	10	0	3				
16c	10	2	1				
17a	5	1	5	3	23	-	1
17b	5	2	4				
18	12	1	5	1	-	4	-
19a	16	2	4	1	3	2	1
19b	16	2	3				
19c	16	2	1				
20a	4-5, 4A-5A	1	4	24	1	-	1
20b	4-5, 4A-5A	2	4				
20c	4-5, 4A-5A	2	4				

20d	4-5, 4A-5A	2	1				
21	9	2	4	-	1	-	-
22a	3	0	4	-	2	-	-
22b	3	1	4				

Notas: *temporadas de escavações 1990-1995; #sexo (0 – feminino, 1 – masculino, 2 – indefinido); §grupo etário (0 – até 2, 1 – 2 a 12, 2 – 12 a 18, 3 – 18 a 20, 4 – 20 a 40, 5 – 40+). Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados publicados por Silva (2001).

**RUÍNA E MATERIALIDADE: UMA ARQUEOLOGIA VISUAL ACERCA DA
TRANSFORMAÇÃO DE ANTIGOS ESPAÇOS DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA DE
XINGÓ**

*RUIN AND MATERIALITY: A VISUAL ARCHAEOLOGY ABOUT THE TRANSFORMATION
OF OLD SPACES FROM MUSEU DE ARQUEOLOGIA DE XINGÓ*

Marcus Vinícius Pereira Santos da Silva

Como citar este texto:

SILVA, Marcus Vinícius Pereira Santos da. *Ruína e materialidade: uma Arqueologia visual acerca da transformação de antigos espaços do Museu de Arqueologia de Xingó*. In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 190-200, Jul-Dez. 2019.

Recebido em: 19/12/2018

Aprovado em: 05/01/2019

Publicado em: 15/12/2019

ISSN 2316 8412

Ruína e materialidade: uma Arqueologia visual acerca da transformação de antigos espaços do Museu de Arqueologia de Xingó

Marcus Vinícius Pereira Santos da Silva^a

Resumo: O ensaio visual a seguir preconiza à escavação imagética de antigos espaços do Museu de Arqueologia de Xingó (MAX-UFS) que, em decorrência de seu abandono, transformaram-se, ao longo do tempo, em ambientes de ruína. A argumentação apresentada aqui busca não apenas legar uma maior importância à decadência como um fenômeno de transformação espacial, mas como a materialidade manifestada em uma ruína moderna contribui para a formação do valor histórico e arqueológico desta. Neste trabalho a fotografia é encarada enquanto testemunha do encontro ocorrido entre o arqueólogo e a cultura material, traduzindo a maneira pela qual ele escolhe representá-lo e, conseqüentemente, como esta escolha influencia na interpretação arqueológica produzida por intermédio de uma documentação visual.

Abstract: The following visual essay describes an imaging excavation of old spaces at the Museu de Arqueologia de Xingó that, due to their abandonment over time, are now in ruins. The argument presented here seeks not only to attach greater importance to decadence as a phenomenon of spatial transformation, but also how the materiality manifested in modern ruins contributes to the formation of their historical and archaeological value. In this work, photography bears witness to the encounter between archaeologist and material culture, translating how it is represented and how this influences the archaeological interpretation produced through a visual document.

Palavras Chave:

Arqueologia, Fotografia, Ruína, Materialidade

Keywords:

Archaeology, Photography, Ruin, Materiality

^a *Bacharel em Arqueologia pelo Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe (DARQ/UFS), Brasil.
Email: vinicius.fotoarqueologia@gmail.com*

INTRODUÇÃO

Este trabalho parte de um esforço daquilo que o arqueólogo Michael Shanks define por sensibilidade arqueológica (2012a; 2012b). Desta forma, a prática da Arqueologia pode ser caracterizada enquanto um exercício de imaginação por parte do arqueólogo, uma vez que ele, no presente, se debruça sobre uma série de vestígios materiais como um meio para entender aquilo que aconteceu. Em outras palavras: o fazer arqueológico nada mais é do que uma atitude contemporânea frente ao interesse de compreender o passado humano através de seus remanescentes.

Este ensaio, partindo da ideia de Shanks (1997), configura-se enquanto *Arqueografia*, ou seja, dar uma forma visual (fotográfica) ao vestígio arqueológico. Aqui as imagens assumem a função de um *photowork*, pois, tendo sua produção voltada à pesquisa arqueológica, tal conjunto caracteriza um veículo interpretativo, podendo ser pensado enquanto construção cultural em oposição à documentação objetiva. *Photowork*, portanto, denota uma coleção de registros fotográficos produzidos pelo arqueólogo, uma evidência material do passado que transcreve as reflexões (teóricas e práticas) adotadas por ele.

A proposta apresentada aqui versa sobre a exploração imagética de alguns espaços que, embora esquecidos ou destituídos de sua função original, mantêm-se de pé carregando uma parte substancial da vida do Museu de Arqueologia de Xingó. De fato, há aqui uma associação entre o abandono e a decadência dos ambientes e materiais retratados, documentando, por um lado, um momento do tempo e da história de cada local, por outro, acentuando a beleza visual da deterioração da cadeia de processos que levam à formação destes lugares.

O Museu de Arqueologia de Xingó nasceu em decorrência dos trabalhos de salvamento arqueológico efetuados entre o final dos anos 1980 e parte dos anos 1990 na região conhecida como Baixo São Francisco, compreendendo os estados de Sergipe e Alagoas. A instituição que surgiu como um bastião para salvaguardar os materiais recuperados nos trabalhos de escavação do PAX (Projeto Arqueológico de Xingó) e dar continuidade ao desenvolvimento da pesquisa arqueológica da área, com o tempo, pode-se dizer, tornou-se evidência arqueológica.

Observa-se que em virtude das diversas reformas estruturais empreendidas no prédio e em seus anexos, muitas das salas que ora foram laboratórios, espaços comunais ou mesmo depósito de restos arqueológicos acabaram por serem convertidas em repositórios de entulho, almoxarifado, ambientes vazios ou estoque de material não estudado ou abandonado. Tais transformações carregam traços que evidenciam o ciclo de existência do museu. A não-vida destes espaços e das coisas que ali jazem funcionam como testemunhas do passado da instituição, e além, nos contam como no presente estes locais têm adquirido novas funções ou são deixados permanentemente de lado.

Uma vez que a materialidade intrínseca à uma ruína contemporânea e seus aspectos implícitos sejam o foco da discussão levantada, concomitante à ideia da fotografia como um meio para representá-la, tem-se amparo nos argumentos levantados por Bjonar Olsen e Þóra Pétursdóttir (2014). Neste caso, a percepção de ruína toma a liberdade de se afastar do significado comumente empregado pelo uso da palavra: o antigo, o monumental, aquilo que é clássico e que carrega valores contemplativos e estéticos. Assim, a condição *sine qua non* de uma ruína contemporânea subsiste em seu estado atemporal, onde as camadas do passado, do presente e do futuro se chocam mutuamente. Paredes, janelas, estruturas de gesso, madeira ou ferro e outros objetos funcionam como uma escavação, pois instigam memórias e significados que, quando coadunados, podem desencadear uma série de interpretações. Tais processos subjacentes à decadência e à ruína estão cristalizados nestes locais e em seus objetos, promovendo, desta maneira, reflexões sobre sua história e sua interação com as pessoas.

As imagens mostradas buscam transmitir uma maior profundidade com relação ao uso deste tipo de ferramenta pela Arqueologia, considerando desta maneira o engajamento do registro fotográfico não apenas enquanto veículo documental,

SILVA, Marcus Vinícius Pereira Santos da. Ruína e materialidade: uma Arqueologia visual acerca da transformação de antigos espaços do Museu de Arqueologia de Xingó. In: Cadernos do Lepaaraq, v. XVI, n.32., p. 190-200, Jul-Dez. 2019.

mas como um meio de interação com a cultura material. Aqui a imagem assume uma postura mediadora do envolvimento entre o autor e a materialidade expressa na ruína. Consequentemente, tal abordagem acaba desafiando a “iconofobia” que ainda persiste no âmbito arqueológico, onde a fotografia aparece geralmente subordinada ao texto, deixada em segundo plano, servindo enquanto um dispositivo ilustrativo suplementar. Sendo assim, a procura por métodos alternativos de aplicação do documento fotográfico junto à Arqueologia preterida por este trabalho procura viabilizar a importância de reconhecer a experiência, a integridade e a alteridade daquilo que é encontrado. A visualidade mostra-se, portanto, segundo Olsen & Pétursdóttir (2014), como uma consequência do engajamento com o ambiente e as coisas, funcionando não apenas enquanto representação deste contato, mas também como um compromisso para com ele.

Esta postura compromissada frente as coisas que estão quebradas ou esquecidas, como encontradas em uma ruína moderna, tem respaldo em estudos que se valem de uma Arqueologia da Contemporaneidade para entender o valor arqueológico manifestado por estes espaços, uma vez que tal posicionamento está sincronicamente alinhado aquilo que é atual. Sob esta perspectiva, o presente trabalho apoia-se, respectivamente, nas proposições levantadas por Victor Buchli & Gavin Lucas (2001) e Alfredo Gonzáles-Ruibal (2008) como um meio para entender o conjunto de mudanças sofridas pelos espaços retratados através das fotografias aqui expostas. Levando em consideração o objeto de estudo fomentado por esta discussão, entende-se que os argumentos colocados por estes autores promovem o entrelaçamento de informações etnográficas, patrimoniais, artísticas ou históricas como um meio para interpretar diversos fenômenos relacionados a modernidade. A Arqueologia da Contemporaneidade, portanto, acaba evidenciando um ponto de vista radical, pois não apenas aceita, como trabalha em cima da natureza perturbadora, parcial e estranha do registro arqueológico.

Uma vez que estejam organizadas sob a forma de um ensaio de cunho visual, as fotografias mostradas neste trabalho têm amparo nas ideias levantadas por Beatriz Cunha Fiúza e Cristina Parente (2008) e Anne Darling (2014), cuja premissa parte do conceito de um conjunto imagético estruturado a partir de imagens que dialoguem entre si, exibindo um tema em comum onde a coesão denotada por cada elemento permite a leitura de todo o conjunto. Um ensaio, neste caso, configura um meio para construir uma narrativa a partir de uma série de imagens. No âmbito deste texto visual as fotografias não necessariamente precisam ser apresentadas em ordem cronológica para serem lidas e entendidas, pois sua finalidade está fundamentada na transmissão de uma mensagem que instigue o leitor, levando-o a questionar e promover uma reflexão a respeito do tema.

Embora possa ser descrito enquanto uma proposta arqueológica acerca da utilização da imagem a partir de uma narrativa visual, o respaldo para apresentá-las é buscado na Antropologia Visual, especialmente no princípio concebido por Luiz Eduardo Robinson Achutti em suas obras *Fotoetnografia: um estudo de Antropologia Visual sobre cotidiano, lixo e trabalho* (1997) e *Fotoetnografia da Biblioteca Jardim* (2004). Basicamente, uma vez que a produção fotográfica pressuponha a construção de uma narrativa imagética, pensada e montada coerentemente de acordo, a fotografia deve assumir independência do texto. Ou seja, ela deve falar por si mesma, prescindindo o uso de legendas ou comentários que denotem alguma explicação. No entanto, argumenta Achutti, não há necessariamente algum impedimento para que sejam anexadas informações textuais que convidem o leitor a se situar contextualmente, instigando-o a mergulhar no mundo de imagens aberto a sua frente. Ainda de acordo com Biazus (2006), a adoção desta ideia promove um emprego mais ativo do registro fotográfico, pois ao considerar o uso de conjuntos ou sequências de imagens, abrem-se possibilidades de leituras mais completas e diversificadas, afastando assim o medo imputado a um uso mais aprofundado do documento fotográfico enquanto agente de sentido.

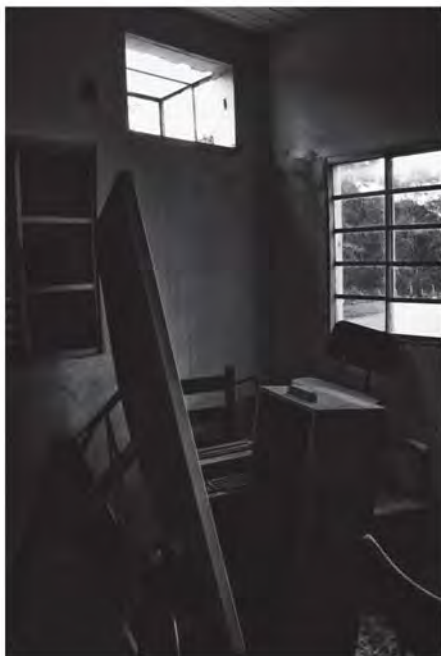
Ainda que possa ser definido como tal, este ensaio não discute, em sua totalidade, sobre a potencialidade de alcance do documento fotográfico dentro da Arqueologia, ou mesmo para os demais campos mencionados ao longo do texto. Trata-

se, na verdade, de buscar uma abordagem alternativa à cultura material, partindo da ideia de visualidade enquanto alicerce metodológico e interpretativo desta. Em outras palavras: “Ruína e Materialidade” funciona como uma intercessão entre a imagem enquanto representação artística e como esta pode ser usada enquanto instrumento para de reflexão arqueológica.

Por fim, como dito anteriormente, as fotografias exibidas aqui procuram fazer conexões entre o passado e o presente através dos espaços retratados e da cultura material existente nos mesmos. São vislumbres temporais da história do Museu de Arqueologia de Xingó que se manifestam através de estruturas, objetos, detalhes e suas conseqüentes transformações. São traços de vida e de morte, um diálogo entre o efêmero e o arqueológico transmutado em experiência visual. Em última instância, é o uso da fotografia como um veículo para entender a realidade de um lugar que vem sendo continuamente transformado através do tempo.













REFERÊNCIAS

- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. *Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho*. Porto Alegre: Editora da UFRGS: Tomo Editorial, 1997.
- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. *Fotoetnografia da Biblioteca Jardim*. Porto Alegre: Editora da UFRGS: Tomo Editorial, 2004
- BUCHLI, Victor; LUCAS, Gavin. The Absent Present: Archaeologies of the Contemporary Past. In: BUCHLI, V.; LUCAS, G. (eds.). *Archaeologies of the Contemporary Past*. Londres: Routledge, p. 03-17, 2001.
- DARLING, Anne. *Storytelling with photographs: How to create a photo essay*. Disponível em: <https://photoart.zone/wp-content/uploads/2017/05/Storytellingwith-Photographs-How-to-Create-a-Photo-Essay-Anne-Darling-1.pdf>. Acessado em 17 de novembro de 2018.
- FIUZA, Beatriz Cunha; PARENTE, Cristiana. O conceito de ensaio fotográfico. Londrina: *Discursos Fotográficos*, v.4, n.4, p. 161-176, 2008.
- GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. Archaeology of the Contemporary Past. In: SMITH, C. (ed.). *Encyclopedia of Global Archaeology*. Nova Iorque: Springer, p. 1683-1694, 2014.
- PÉTURSDÓTTIR, Þóra; OLSEN, Bjørnar. Imaging Modern Decay: The Aesthetics of Ruin Photography. *Journal of Contemporary Archaeology*, v.1, n.1, p. 07-56, 2014.
- SHANKS, Michael. Photography and Archaeology. In: MOLYNEAUX, B. L. *The Cultural Life of Images: Visual Representation in Archaeology*. Londres: Routledge, p. 73-107, 1997.
- SHANKS, Michael. Introduction. In: SHANKS, Michael. *The Archaeological Imagination*. 1ª ed. Londres: Routledge, 2012a.
- SHANKS, Michael. *The Materiality of the Invisible: An Exhibition*. S.l.: s.n., 2012b.

**UMA BREVE VISÃO GERAL DOS ÚLTIMOS 10 ANOS DAS PRINCIPAIS
DESCOBERTAS DO PLEISTOCENO SUPERIOR NO VELHO MUNDO: HOMO
FLORESIENSIS, NEANDERTAL, DENISOVAN**

*A BRIEF OVERVIEW OF THE LAST 10 YEARS OF MAJOR LATE PLEISTOCENE
DISCOVERIES IN THE OLD WORLD: HOMO FLORESIENSIS, NEANDERTAL,
DENISOVAN.*

Fernanda Neubauer

Como citar este artigo:

NEUBAUER, Fernanda. Uma breve visão geral dos últimos 10 anos das principais descobertas do Pleistoceno Superior no velho mundo: Homo floresiensis, Neandertal, Denisovan. Tradução de Fernanda Neubauer. In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 201-214, Jul-Dez. 2019.

Recebido em: 27/07/2018

Aprovado em: 04/08/2018

Publicado em: 15/12/2019

ISSN 2316 8412



Uma breve visão geral dos últimos 10 anos das principais descobertas do Pleistoceno Superior no velho mundo: Homo floresiensis, Neandertal, Denisovan^a

Fernanda Neubauer^b

Resumo: Nos últimos dez anos, novos dados fósseis, arqueológicos e genéticos alteraram significativamente nossa compreensão sobre o povoamento do Velho Mundo no Pleistoceno Superior. Os pesquisadores há muito têm sido desafiados a definir o lugar da humanidade na evolução e a rastrear nossa filogenia. Diferenças na morfologia esquelética de fósseis de homínídeos muitas vezes levaram à nomeação de novas espécies distintas, mas descobertas genéticas recentes desafiaram a perspectiva tradicional, demonstrando que o DNA humano moderno contém genes herdados dos Neandertais e Denisovans, questionando assim seu status como uma espécie separada. A recente descoberta do Homo floresiensis da Ilha de Flores também levantou questões interessantes sobre a quantidade de diversidade genética e morfológica que estava presente durante o Pleistoceno Superior. Este artigo discute a natureza e as implicações da evidência em relação ao Homo floresiensis, Neandertais e Denisovans, e analisa brevemente as principais descobertas do Pleistoceno Superior nos últimos dez anos de pesquisa no Velho Mundo e sua importância para o estudo da evolução humana.

Abstract: In the last ten years, new fossil, archaeological, and genetic data have significantly altered our understanding of the peopling of the Old World in the Late Pleistocene. Scholars have long been challenged to define humanity's place in evolution and to trace our phylogeny. Differences in the skeletal morphology of hominin fossils have often led to the naming of distinct new species, but recent genetic findings have challenged the traditional perspective by demonstrating that modern human DNA contains genes inherited from Neandertals and Denisovans, thus questioning their status as separate species. The recent discovery of Homo floresiensis from Flores Island has also raised interesting queries about how much genetic and morphological diversity was present during the Late Pleistocene. This article discusses the nature and implications of the evidence with respect to Homo floresiensis. Neandertals and Denisovans, and briefly reviews major Late Pleistocene discoveries from the last ten years of research in the Old World and their significance to the study of human evolution.

Palavras Chave:

Evolução humana; Pleistoceno Superior; Velho Mundo; Homo floresiensis; Neandertal; Denisovan; Dados fósseis, arqueológicos e genéticos.

Keywords:

Human evolution; Late Pleistocene; Old World; Homo floresiensis; Neandertal; Denisovan; Fossil, archaeological, and genetic data.

^a Artigo publicado originalmente como: Neubauer, Fernanda. 2014. A Brief Overview of the Last 10 Years of Major Late Pleistocene Discoveries in the Old World: Homo floresiensis, Neandertal, Denisovan. *Journal of Anthropology*, v. 2014, Article ID 581689, páginas 1-7. Texto traduzido para o português pela autora.

^b Pesquisadora Honorary Fellow no Departamento de Antropologia da University of Wisconsin-Madison, Estados Unidos. Doutora e mestre em antropologia (área de concentração em arqueologia) pela mesma instituição estadunidense. E-mail: fneubauer@uwalumni.com.

INTRODUÇÃO

Na literatura da evolução humana, os últimos anos foram marcados por novas questões sobre o que significa ser humano. Os pesquisadores há muito têm sido desafiados a definir o lugar dos humanos na evolução e a rastrear nossa filogenia. Diferenças na morfologia esquelética dos fósseis de homínídeos muitas vezes levaram à nomeação de novas espécies distintas. As espécies são tradicionalmente e muito frequentemente definidas como uma população ou grupo de populações capazes de cruzar e produzir descendentes férteis (MAYR, 1942), embora Mayden (1997) identifique mais recentemente pelo menos 24 conceituações alternativas de espécies (ver também de Queiroz [2005] para uma discussão das definições modernas versus tradicionais de espécies).

Descobertas genéticas recentes têm desafiado a perspectiva biológica tradicional, demonstrando que o DNA humano moderno contém genes herdados dos Neandertais e Denisovanos (GREEN et al., 2010; REICH et al., 2010, 2011). Não somente os humanos modernos compartilham parcialmente sua linhagem, mas as evidências genéticas também indicam que esses diferentes homínídeos eram capazes de cruzar e produzir descendentes viáveis, questionando assim seu *status* como espécies separadas. Dados genéticos até o presente indicam que pelo menos os Neandertais, humanos anatomicamente modernos (ou seja, humanos com esqueletos semelhantes aos dos humanos de hoje) e Denisovanos eram variantes de uma única população reprodutora de *Homo*, apesar de apresentarem vastas diferenças espaço-temporais em sua morfologia esquelética e em suas produções artefatuais.

Apesar dessas descobertas no entanto, em geral, a árvore genealógica humana continuou sua tendência de expandir “arbustos” e diversidade taxonômica, incluindo o anúncio da nova espécie *Australopithecus sediba* por Berger e colaboradores (2010). A evidência genética para o cruzamento, assim como o conceito tradicional de espécie proposto por Mayr (1942) pode levar essas populações do Pleistoceno Superior a serem integradas em uma única espécie, entretanto, também está claro que uma série de problemas filogenéticos e taxonômicos permanecem sem solução após subsumir os grupos reprodutivamente viáveis em uma única espécie. Além disso, desde a descoberta em setembro de 2003 do *Homo floresiensis* da Ilha de Flores, diferentes interpretações levantaram questões interessantes sobre a quantidade de diversidade genética e morfológica que estava presente durante o Pleistoceno Superior (BROWN et al., 2004; MORWOOD et al., 2004).

Nos últimos dez anos, novos dados fósseis, arqueológicos e genéticos alteraram significativamente nossa compreensão do povoamento do Velho Mundo durante o Pleistoceno Superior. Este artigo tem como objetivo discutir a natureza e as implicações destas evidências em relação ao *Homo floresiensis*, Neandertais e Denisovanos. Este artigo analisa brevemente essas importantes descobertas do Pleistoceno Superior no Velho Mundo e sua importância para o estudo da evolução humana. Não é a minha intenção resolver quaisquer debates, novos ou antigos, mas em vez disso discutir brevemente como várias descobertas recentes trazem novas complexidades e considerações ao campo da pesquisa do Pleistoceno Superior no Velho Mundo relacionadas ao *Homo floresiensis*, Neandertais e Denisovanos.



Figura 1: Mapa da localização dos sítios mais significativos discutidos neste artigo.

HOMO FLORESIENSIS

Em 2004, Brown, Morwood e colaboradores publicaram as descobertas de restos de esqueletos de pequenos homínidos provenientes de suas escavações em Liang Bua (Figura 1), uma grande caverna calcária na Ilha de Flores, no leste da Indonésia, e sugeriram que eles representavam uma nova espécie nomeada *Homo floresiensis* (BROWN et al., 2004; MORWOOD et al., 2004). De acordo com os relatórios originais, os homínios em Flores tinham 1 m de altura e um volume endocrânico de aproximadamente 380 cm³, equivalente aos menores australopitecíneos conhecidos.

O espécime mais completo, denominado LB1, foi identificado como feminino, devido à sua anatomia pélvica, e como adulto, devido à erupção e desgaste dos dentes e uniões epifisárias. Os ossos esqueléticos da LB1, alguns dos quais ainda estavam articulados, incluíam um crânio e mandíbula razoavelmente completos. Os ossos foram recuperados em uma pequena área datada por espectrometria de massa com acelerador calibrado (AMS) para c. 18 ka¹ por duas amostras (ANUA-27116 e ANUA-27117). Os depósitos associados continham 32 ferramentas de pedra e restos de fauna, incluindo de dragão de Komodo e espécies anãs de *Stegodon*² (MNI³ 26). Entretanto, outro nível que também continha os restos de *H. floresiensis* tinha até 5.500 artefatos por metro cúbico, incluindo pontas, lâminas e perfuradores. LB2, o terceiro pré-molar mandibular esquerdo de outro indivíduo, produziu uma datação de 37,7 ± 0,2 ka (amostra LB-JR-6A/13-23) por espectrometria de massa por ionização térmica (TIMS).

1 Abreviação para “milhares de anos”.

2 Gênero extinto de elefantes que viveu na Ásia no Plioceno. Uma população residual sobreviveu na ilha indonésia de Flores até há c. 12 ka com características anãs, e mediam aproximadamente 3 metros de altura.

3 Abreviação em inglês para “número mínimo de indivíduos”.

NEUBAUER, Fernanda. Uma breve visão geral dos últimos 10 anos das principais descobertas do Pleistoceno Superior no velho mundo: *Homo floresiensis*, Neandertal, Denisovan. Tradução de Fernanda Neubauer. In: *Cadernos do Lepaarq*, v. XVI, n.32., p. 201-214, Jul-Dez. 2019.

Com base nessas datas, os pesquisadores originalmente sugeriram que o *H. floresiensis* existia desde uma data anterior há 38 ka até pelo menos 18 ka. No ano seguinte, após mais evidências terem sido analisadas no sítio, Morwood et al. (2005) inferiram novas datas de 95-74 a 12 ka⁴ para a presença do *H. floresiensis* em Liang Bua. As novas descobertas incluíam ossos de *Stegodon* massacrados, evidências do uso do fogo e restos hominínios de uma segunda mandíbula adulta e pós-craniano de outros indivíduos.

À medida que as descobertas recebiam atenção global, pesquisadores logo questionaram onde posicionar o *H. floresiensis* na árvore filogenética hominínea e dentro de uma análise cladística mais ampla (e.g., ARGUE et al., 2009, 2010; TRUEMAN, 2010). Alguns pesquisadores hipotetizaram que o *H. floresiensis* evoluiu do *Homo erectus* javanês primitivo com dramático nanismo insular devido ao isolamento a longo prazo (e.g., KAIFU et al., 2011). Esta ideia foi proposta pela primeira vez pelos descobridores (BROWN et al., 2004; MORWOOD et al., 2004), que logo depois revisaram sua avaliação e concluíram que a genealogia da nova espécie hominínea era incerta devido a algumas de suas semelhanças com os *Australopithecus*, e provavelmente não eram descendentes do *H. erectus* nem do *H. sapiens* (MORWOOD et al., 2005). Outros sugeriram que o *H. floresiensis* não era um nanismo insular do *H. erectus*, mas de uma linhagem de hominídeos de Liang Bua que deixou a África antes de 1,8 Ma⁵, provavelmente antes da evolução do gênero *Homo*, e chegou a Flores no Pleistoceno Médio (e.g., BROWN & MAEDA, 2009).

Ao contrário de ambas perspectivas, há pesquisadores que refutaram a ideia de que o *H. floresiensis* representa uma nova espécie, argumentando que os espécimes representam um *Homo sapiens* microcefálico, que é uma anomalia patológica (e.g., MARTIN et al., 2006; VANNUCCI et al., 2011). No entanto, um número crescente de pesquisadores apoiaram a ideia de que eles representam uma nova e intrigante espécie (e.g., ARGUE et al., 2006, 2009, 2010; BROWN, 2012; BROWN et al., 2004; BROWN & MAEDA, 2009; KAIFU et al., 2011; LARSON et al., 2007, 2009; MONTGOMERY et al., 2013; MORWOOD et al., 2004, 2005, 2009; ORR et al., 2013; TRUEMAN, 2010; WESTON & LISTER, 2009). Eles criticaram a visão patológica devido à sua incapacidade de explicar como uma população doente poderia persistir por mais de 50.000 anos e abranger toda a gama de fenótipos observados no *H. floresiensis*.

Além disso, os estudos de Roberts et al. (2009) não suportaram as alegações de que a variedade de espécimes com consistentes características morfológicas esqueléticas provenientes de diferentes níveis fosse explicada por eventos tafonômicos ou de perturbação, conforme descrito pelos proponentes da teoria do distúrbio patológico. Os autores coletaram uma série extensa de 85 amostras que foram datadas usando 7 métodos de datação numérica (radiocarbono, termoluminescência, luminescência opticamente estimulada, luminescência estimulada por infravermelho, série de urânio, ressonância de spin eletrônico, ressonância de spin eletrônico/série de urânio) para estabelecer as informações geocronológicas de Liang Bua e seus ambientes imediatos. Isso produziu uma estrutura cronológica robusta para as sequências arqueológicas, faunísticas e sedimentares em Liang Bua. Os resultados obtidos indicaram boa coerência estratigráfica, e as estimativas de idade fornecem uma série de cronologias auto-consistentes para os depósitos hominínios contendo artefatos que abrangem os últimos c. 100 ka.

Há evidências de que os hominínios estavam presentes em Flores já em 1 Ma pela descoberta de 45 ferramentas de pedra *in situ*, mas nenhum animal ou restos de hominínios foram encontrados neste contexto (BRUMM et al., 2010).

4 Datações revisadas e publicadas na Nature por Sutikna et al. em 2016 agora sugerem uma idade de c. 100-60 ka para as rochas e sedimentos em torno dos restos do esqueleto de *Homo floresiensis* e de c. 190-50 ka para os artefatos líticos atribuíveis a esta espécie. Essa nova avaliação geológica sugere portanto que o *H. floresiensis* desapareceu da caverna Liang Bua há c. 50 ka.

5 Abreviação para “milhões de anos”.

NEUBAUER, Fernanda. Uma breve visão geral dos últimos 10 anos das principais descobertas do Pleistoceno Superior no velho mundo: *Homo floresiensis*, *Neandertal*, *Denisovan*. Tradução de Fernanda Neubauer. In: *Cadernos do Lepaarq*, v. XVI, n.32., p. 201-214, Jul-Dez. 2019.

Há também evidências de que o *H. erectus* foi recuperado em Sangiran (Java Central, na Indonésia; Figura 1), datando de aproximadamente 1,6 Ma, e com mais de 80 espécimes de idades variando entre 1,51 a 0,9 Ma (ZAIM et al., 2011).

Devido à falta de provas, no entanto, não está claro se o *H. floresiensis* descendeu destes primeiros habitantes da Ilha de Flores e passou por um processo de nanismo insular, assim como se eles eram uma espécie completamente diferente ou variantes da mesma espécie de *Homo*. Além disso, ainda não há concordância se eles pertencem ao gênero *Homo* ou *Australopithecus*. Apenas futuros estudos genéticos revelarão se o *H. floresiensis* foi capaz de cruzar com outros hominínios, ou se os humanos modernos compartilham uma porcentagem de seu DNA, como no caso dos Neandertais e Denisovanos.

NEANDERTAIS

O primeiro esqueleto Neandertal recuperado foi o crânio de uma criança escavado no final de 1829 ou início de 1830, estimado ter entre quatro a seis anos de idade quando morreu, embora a descoberta só tenha sido reconhecida cerca de um século depois. O espécime foi recuperado na caverna de Engis, na Bélgica, pelo médico Schmerling (JANKOVIÉ, 2004, p. 379; STAPERT, 2007, p. 17].

No entanto, o primeiro esqueleto a ser registrado como um Neandertal foi um macho encontrado em Kleine Feldhofer Grotte, perto de Dusseldorf, na Alemanha, em 1856. William King (1864) logo criou uma nova categoria taxonômica, *Homo neanderthalensis*. Hoje, porém, muitos pesquisadores atribuem os Neandertais à categoria taxonômica *Homo sapiens neanderthalensis* para enfatizar que eles eram mais semelhantes ao *Homo sapiens* moderno do que diferentes (e.g., BAILLIE, 2013).

De fato, após a recente descoberta em 2010 por Green et al. de que os humanos modernos compartilham uma porcentagem da sequência do DNA genômico Neandertal e, portanto, cruzaram com os humanos anatomicamente modernos, alguns pesquisadores agora aceitam que eles não eram duas espécies diferentes, mas que representam variantes da mesma. Seus estudos indicam que os indivíduos não-africanos retêm em média de 1 a 4% do DNA Neandertal.

Jankovié (2004, p. 395, tradução minha), antes do anúncio dessas descobertas genéticas, já havia defendido essa hipótese e argumentava que “os Neandertais são vistos como um grupo extinto de populações, não uma espécie extinta ou separada, e é esperado que tenham contribuído até certo ponto para o *pool* genético humano moderno na Europa”.

Além disso, Zilhão e colaboradores (DUARTE et al., 1999; ZILHÃO, 2000; ZILHÃO & TRINKAUS, 2002) também argumentavam que os Neandertais se misturaram com os humanos anatomicamente modernos muito antes das descobertas genéticas. Os autores propunham que os restos fósseis de uma criança recuperada no abrigo-sob-rocha Lagar Velho (Figura 1) em Portugal combinavam características esqueléticas dos Neandertais (e.g., ossos dos membros extremos curtos e grossos) e dos humanos modernos (e.g., dentes e queixo modernos), representando evidências diretas de que ambos cruzaram e contribuíram para o nosso *pool* genético. Os autores sugeriram que os Neandertais desapareceram ao serem absorvidos pela população humana moderna. Os resultados de radiocarbono das lentes de carvão localizadas abaixo das pernas da criança e de ossos de animais associados ao enterro renderam uma datação de 24,5 ka, cerca de 3.000 anos depois que os Neandertais presumivelmente desapareceram do oeste da Península Ibérica.

Até o presente, os restos de esqueletos de mais de 500 indivíduos Neandertais são conhecidos e, surpreendentemente, cerca de metade deles são de crianças (STAPERT, 2007, p. 17). Isso representa um grande número de espécimes de crianças, se considerarmos que os restos de hominídeos são raros porque a fossilização e a sobrevivência de um esqueleto durante um grande período de tempo é um evento incomum. Devido ao seu tamanho menor e fragilidade, a descoberta de restos esqueléticos

NEUBAUER, Fernanda. Uma breve visão geral dos últimos 10 anos das principais descobertas do Pleistoceno Superior no velho mundo: *Homo floresiensis*, Neandertal, Denisovan. Tradução de Fernanda Neubauer. In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 201-214, Jul-Dez. 2019.

de sub-adultos é ainda mais rara. Esse fator levou Stapert (2007, p. 17) a sugerir que a mortalidade infantil neandertal deve ter sido maior que 50% e que eles frequentemente morriam bastante jovens. Stapert também argumenta que pode ter havido muitas razões para a alta mortalidade entre os Neandertais, como escassez de alimentos, dieta desequilibrada e violência.

No entanto, Estabrook (2009) analisou inúmeros restos de esqueleto de Neandertal para verificar se as ocorrências de trauma nelas presentes são altas. A autora (p. 346, tradução minha) “não encontrou evidências de que os Neandertais tenham sofrido trauma mais frequente ou com uma distribuição diferente em todo o corpo além do que é comumente observado nos humanos modernos no contexto de caçadores-coletores, nômades, forrageiros semi-sedentários e latifundiários medievais”. Além disso, os dados de Estabrook não apoiavam a afirmação de que o trauma desempenhou um papel mais influente na vida dos Neandertais do que qualquer um dos grupos mencionados acima.

Pesquisadores também procuraram estudar as capacidades cognitivas dos Neandertais e como seus comportamentos foram comparados aos humanos modernos. Alguns pesquisadores argumentam que os Neandertais tiveram uma infância mais curta em comparação com os humanos anatomicamente modernos (e.g., HAWCROFT & DENNELL, 2000; ROZZI & CASTRO, 2004), enquanto que outros sugerem que ambos tinham taxas de crescimento semelhantes (e.g., DE LEÓN et al., 2008).

Com base nos dados provenientes dos seus estudos de esmalte e crescimento dentário, Rozzi & Bermúdez de Castro (2004) sugerem que a coroa dentária Neandertal se formava 15% mais rapidamente que a dos humanos modernos. Se todos os aspectos do desenvolvimento dentário fossem diminuídos no mesmo grau, levaria cerca de 15 anos para os Neandertais atingirem a idade adulta. Além disso, eles concluem que, apesar de terem um cérebro grande (com capacidades cranianas de 1.200 a 1.626 cm³), os Neandertais eram caracterizados por terem um curto período de desenvolvimento, mesmo quando comparados com o seu ancestral *Homo heidelbergensis*.

De León et al. (2008), no entanto, com base em sua análise do tamanho do cérebro de neonatos de Neandertal, argumentam que a duração da gravidez dos Neandertais e do *Homo sapiens* moderno foi semelhante, sugerindo taxas de crescimento fetal relativamente equivalentes. Os autores também sugerem que os cérebros Neandertais se expandiram em uma taxa mais alta e atingiram volumes adultos maiores do que o *Homo sapiens* moderno, mas atingiram tamanhos adultos dentro do mesmo período de tempo e ao longo de trajetórias equivalentes.

Enquanto isso, Kondo et al. (2005) estudaram os padrões de crescimento do neurocrânio, faces e mandíbulas dos Neandertais e dos humanos modernos. Seus resultados foram interpretados como mostrando que o crescimento facial e neurocranial eram similares em Neandertais e humanos modernos, mas em contraste, o crescimento das mandíbulas Neandertais era mais acelerado – pelo menos durante o período pós-natal a pré-adolescente entre os dois e dez anos de idade – do que dos humanos modernos. No entanto, os autores concluem que seus resultados são prematuros e que não está claro se o crescimento Neandertal foi mais acelerado do que os humanos modernos ou se eles representam o mesmo padrão de perfis de crescimento amplamente diferentes das populações modernas.

Os estudos realizados por Rozzi & Bermúdez de Castro (2004), León et al. (2008) e Kondo et al. (2005) demonstram que a questão da duração da infância Neandertal é uma discussão que ainda não foi resolvida entre os cientistas.

Embora alguns pesquisadores tenham sugerido que os Neandertais não enterravam intencionalmente seus mortos (e.g., GARRETT, 1989), examinando a literatura, Pettitt (2002, p. 3) sugere que existem de 32 a 36 indicadores convincentes de práticas de sepultamento Neandertais. A caverna Mezmaiskaya (Figura 1), localizada no norte do Cáucaso, é um sítio importante devido à descoberta de dois sepultamentos intencionais de esqueletos infantis Neandertais que foram recuperados em camadas associadas com restos de animais e artefatos Musterienses. As camadas estratigráficas contendo os sepultamentos

foram datadas por radiocarbono há 32 ka (LE-4735) e há mais de 45 ka (LE-3841).

Segundo Golovanova et al. (1999), as escavações na caverna Mezmaiskaya foram bem executadas ao ponto que as estratégias de subsistência Neandertal puderam ser estabelecidas. A região onde a caverna está localizada é caracterizada por uma rica diversidade de fauna e flora. Muitos milhares de restos de fauna foram recuperados nas camadas de ocupação dos Neandertais Musterienses no sítio. Mamíferos de tamanho médio a grande eram comuns, com domínio de bisonte estepe (*Bison priscus*), cabra caucasiana (*Capra caucasica*) e muflão asiático (*Ovis orientalis*). A análise de uma amostra de 479 ossos de mamíferos de grande porte indicou que muitos exibem traços de danos carnívoros e marcas de corte de ferramenta lítica. Marcas de corte de ferramenta de pedra estavam presentes em 7% dos ossos de bisão e 5% dos ossos de cabra, ovelha e veado, representando diferentes fases do processo de abate, incluindo desmembramento e filetagem. A coroa dentária dos terceiros molares inferiores foi medida para fornecer a idade de mortalidade dos bisontes (nº 19), e cabras e ovelhas (nº 22), que representam uma preferência por adultos em idade ativa. Esse achado levou Golovanova et al. (1999, p. 85, tradução minha) a concluir que “tal perfil não é consistente com o padrão de restos saqueados, e estes dados, em conjunto com as marcas de corte de ferramenta, indicam que a maioria dos restos de bodes, cabras e ovelhas representam animais caçados pelos habitantes da caverna Mezmaiskaya”.

É importante salientar que o tipo de carne e plantas comestíveis que faziam parte da dieta dos Neandertais variavam muito em cada região, dependendo da fauna e da flora disponíveis, mas o estudo de caso da caverna Mezmaiskaya mostra fortes evidências de que os Neandertais eram caçadores eficientes. Uma série de estudos se concentrou no comportamento de subsistência Neandertal, a maioria dos quais o retrata como sinônimo de especialização em caça e pesca (e.g., DAVIES & UNDERDOWN, 2006; GOLOVANOVA et al., 1999; HARDY & MONCEL, 2011).

Além disso, o estudo de Paixão-Córtés et al. (2013) de 162 genes cognitivos entre Denisovanos, *H. sapiens* e Neandertais revelou que, devido à grande similaridade em alguns dos genes cognitivos, eles poderiam ter compartilhado mais traços comportamentais com os humanos modernos do que se pensava anteriormente. Abi-Rached et al. (2011) sugerem que ao migrar da África, os humanos anatomicamente modernos encontraram os hominínios arcaicos, residentes da Eurásia por mais de 200.000 anos, que tinham sistemas imunológicos mais bem adaptados aos patógenos locais, e suas interações moldaram significativamente o sistema imunológico dos humanos anatomicamente modernos através da introgressão adaptativa dos alelos arcaicos.

DENISOVANOS

Em 2010, Krause e colaboradores (2010) relataram a descoberta de uma falange distal de uma fêmea jovem na caverna Denisova na Sibéria (Figura 1), datada entre 30 a 50 ka por uma fauna pouco associada. Os autores extraíram o DNA do osso e concluíram que ele pertencia a um tipo previamente desconhecido de hominínio arcaico. Eles foram cautelosos para evitar a definição dos hominínios como uma nova espécie, e os chamaram de Denisovanos.

Em contraste com todas as outras populações de hominínios (e.g., Neandertais, *H. floresiensis*), que foram reconhecidas com base na sua morfologia esquelética, os Denisovanos foram os primeiros grupos de hominínios identificados através de evidência genética. Os Denisovanos eram um grupo irmão dos Neandertais que divergiram antes dos Neandertais cruzarem com os humanos anatomicamente modernos. Mais tarde, houve mistura entre os Denisovanos e os ancestrais dos habitantes da Melanésia, envolvendo principalmente os machos Denisovanos (MEYER et al., 2012, p. 224).

Reich et al. (2010, 2011) estimaram que os melanésios modernos têm a maior porcentagem de DNA Denisovano,

NEUBAUER, Fernanda. Uma breve visão geral dos últimos 10 anos das principais descobertas do Pleistoceno Superior no velho mundo: *Homo floresiensis*, Neandertal, Denisovan. Tradução de Fernanda Neubauer. In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 201-214, Jul-Dez. 2019.

variando entre 4 a 6%. Seus estudos genéticos também indicaram que as populações do continente da Eurásia não possuíam porcentagens significativas de DNA Denisovano. Os ancestrais dos atuais asiáticos orientais não estavam presentes no sudeste da Ásia quando o fluxo de genes de Denisovanos nos ancestrais comuns dos melanésios ocorreu.

Pesquisadores investiram esforços para entender como eles chegaram à Austrália e atravessaram a Linha Wallace, uma das maiores barreiras biogeográficas do mundo, uma conquista anteriormente realizada pelo *H. floresiensis* (COOPER & STRINGER, 2013). Estudos genéticos de Rasmussen et al. (2011) indicam que houve duas ondas de dispersão na Ásia, o que reforça a hipótese sugerida por Martínón-Torres et al. (2007) sobre uma origem asiática dos Denisovanos. Os australianos nativos são descendentes de uma dispersão humana inicial na Ásia oriental que ocorreu provavelmente entre 62 e 75 ka. As descobertas de ferramentas de pedra datadas de c. 74 ka em Jwalapuram, no sul da Índia, reforçam essa hipótese (MARTINÓN-TORRES, 2011). A segunda dispersão deu origem aos asiáticos modernos entre 25 e 38 ka.

Somando-se a este quebra-cabeça está o fato de que o DNA Denisovano foi identificado em homínídeos recuperados em *Sima de los Huesos* (Figura 1) na Espanha, um local que forneceu registro há longo prazo de DNA antigo, incluindo DNA dos restos de um urso das cavernas do Pleistoceno Médio (DABNEY et al., 2013). Os restos esqueléticos provenientes de *Sima de los Huesos* mostram características derivadas de Neandertal (e.g., morfologia dentária, mandibular, facial, supraorbital e occipital), mas o seu DNA mitocondrial compartilha um ancestral comum com os Denisovanos, em vez de Neandertal (MEYER et al., 2014).

Prüfer et al. (2014), com base em seus estudos genômicos, sugerem que vários eventos de fluxo genético ocorreram entre os Neandertais, Denisovanos e os humanos anatomicamente modernos, possivelmente incluindo o fluxo genético nos Denisovanos de um grupo arcaico desconhecido (talvez *H. erectus*). Sua análise indica que o cruzamento ocorreu entre muitas populações de homínídeos no Pleistoceno Superior, mas a extensão do fluxo genético entre elas era geralmente baixa.

DISCUSSÃO

Três teorias principais foram hipotetizadas para explicar as trajetórias evolutivas humanas observadas durante o Pleistoceno Superior, esses modelos são popularmente intitulados: Fora da África, Multirregional e de Assimilação.

No modelo Fora da África ou Origem Africana Recente, o *H. sapiens* evoluiu na África e migrou para a Eurásia e Austrália após 50 ka, e rapidamente substituiu as outras espécies de *Homo*, como os Neandertais (KLEIN, 1995, 2008, 2009). Os Neandertais são vistos como uma espécie diferente da dos humanos anatomicamente modernos, e que os dois não se cruzaram. Utilizando um modelo de ramificação/substituição para a evolução humana, neste modelo o *H. erectus* é colocado como o ancestral do moderno *H. sapiens*. O modelo Fora da África, no entanto, é rígido demais para acompanhar as novas evidências provenientes dos dados arqueológicos e genéticos. Somando-se a essa complexidade, os pesquisadores devem agora considerar como os novos dados informam sobre cenários de dispersões hominíneas anteriores (e.g., BERMÚDEZ DE CASTRO & MARTINÓN-TORRES, 2013).

De acordo com a hipótese Multirregional, as populações humanas que vivem na África e na Eurásia tem sido geneticamente conectadas desde a época do *H. erectus*. Devido a esse fluxo genético, eles evoluíram juntos como uma única linhagem evolutiva. Multirregional não significa origens múltiplas independentes, mas sim uma dependência de trocas genéticas para explicar como a diferenciação, a variação geográfica e as mudanças evolutivas dentro da espécie humana ocorreram (WOLPOFF, 2000, p. 134).

Uma outra abordagem tenta fundir partes de ambas as teorias, conhecida como o modelo de Assimilação. Nesse modelo, os primeiros humanos anatomicamente modernos, após migrarem da África, cruzaram com as populações iniciais que encontraram na Eurásia, que ainda eram arcaicas. Desta forma, os genes arcaicos entraram no *pool* genético e passaram seus traços de volta para os humanos anatomicamente modernos, que rapidamente os substituíram completamente (SMITH et al., 2005).

Os principais pontos fortes dos modelos Multirregional e de Assimilação estão em sua capacidade de explicar as evidências genéticas e arqueológicas recentes e ambos são plausíveis para explicar a evolução humana durante o Pleistoceno Superior.

Para concluir, nos últimos dez anos, os pesquisadores introduziram uma variedade de novas espécies de homínios, juntamente com variantes de uma espécie singular. Muitos são candidatos em potencial para o ancestral do nosso gênero, mas somente o tempo revelará se eles continuarão a ser reconhecidos como variantes únicas (COWGILL, 2011, p. 215). É agora reconhecido que os Neandertais e os Denisovanos provavelmente não foram extintos no sentido clássico da palavra, mas em vez disso foram misturados com outras populações, e algumas de suas heranças genéticas ainda são mantidas nas populações humanas atuais (WOLPOFF et al., 2000, p. 132). Enquanto que uma contribuição genética Neandertal para o *pool* genético atual é evidenciada em todas as populações humanas fora da África, uma contribuição de Denisovanos é encontrada exclusivamente nas ilhas do sudeste da Ásia e Oceania (GREEN et al., 2010; MEYER et al., 2014; REICH et al., 2011).

Com todas as evidências para o cruzamento, é mais provável que a filogenia homínica represente redes expansivas em vez das tradicionais árvores e arbustos filogenéticos. Além disso, como sugerido por Bermúdez de Castro & Martínón-Torres (2013, p. 108, tradução minha), “tentar classificar as populações de homínios em um esquema de ‘espécie’ de forma muito rígida, e a compreensão dos eventos de dispersão como migrações direcionais e lineares ao invés de movimentos ritmados de expansão/contração de homínios, sem dúvida, interferem na compreensão do cenário evolutivo do gênero *Homo* durante o Pleistoceno”. Em estudos futuros, será necessário integrar várias linhas de evidências - genéticas, arqueológicas e fósseis - para desvendar a história da nossa própria espécie.

Agradecimentos

Agradeço Michael J. Schaefer por editar os rascunhos deste artigo e fazer comentários, e Nam C. Kim por sua orientação durante a produção deste artigo. Agradeço também à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo apoio financeiro. Por fim, gostaria de agradecer ao editor Santos Alonso do texto original em inglês, à Marina Martínez de Pinillos González e aos outros dois revisores anônimos pelos inestimáveis comentários e sugestões.

REFERÊNCIAS

- ABI-RACHED, L., et al. The Shaping of Modern Human Immune Systems by Multiregional Admixture with Archaic Humans. *Science*, vol. 334, 2011, p. 89-94.
- ARGUE, D.; DONLON, D.; GROVES, C.; WRIGHT, R. *Homo floresiensis*: Microcephalic, Pygmoid, *Australopithecus*, or *Homo*? *Journal of Human Evolution*, vol. 51, 2006, p. 360-374.
- ARGUE, D.; MORWOOD, M.J.; SUTIKNA, T.; JATMIKO; SAPTOMO, E.W. *Homo floresiensis*: A Cladistic Analysis. *Journal of Human Evolution*, vol. 57, 2009, p. 623-639.
- ARGUE, D.; MORWOOD, M.J.; SUTIKNA, T.; JATMIKO; SAPTOMO, E.W. A Reply to Trueman's 'A new cladistic analysis of *Homo floresiensis*. *Journal of Human Evolution*, vol. 59, 2010, p. 227-230.
- BAILLIE, C. P. T. Neandertals: Unique from Humans, or Uniquely Human? *Kroeber Anthropological Society*, vol. 103, no. 1, 2013, p. 93-107.
- BERGER, L. R. *Australopithecus sediba*: A New Species of Homo-like Australopith from South Africa. *Science*, vol. 328, no. 5975, 2010, p. 195-204.
- BERMÚDEZ DE CASTRO, J. M.; MARTINÓN-TORRES, M. A New Model for the Evolution of the Human Pleistocene Populations of Europe. *Quaternary International*, vol. 295, 2013, p. 102-112.
- BROWN, P. LB1 and LB6 *Homo floresiensis* are not Modern Human (*Homo sapiens*) Cretins. *Journal of Human Evolution*, vol. 62, 2012, p. 201-224.
- BROWN, P., et al. A New Small-Bodied Hominin from the Late Pleistocene of Flores, Indonesia. *Nature*, vol. 431, 2004, p. 1055-1061.
- BROWN, P.; MAEDA, T. Liang Bua *Homo floresiensis* Mandibles and Mandibular Teeth: A Contribution to the Comparative Morphology of a New Hominin Species. *Journal of Human Evolution*, vol. 57, 2009, p. 571-596.
- BRUMM, A., et al. Hominins on Flores, Indonesia, by One Million Years Ago. *Nature*, vol. 464, 2010, p. 748-753.
- COOPER, A.; STRINGER, C. B. Did the Denisovans Cross Wallace's Line? *Science*, vol. 342, 2013, p. 321-323.
- COWGILL, L. One Year in Biological Anthropology: Species, Integration, and Boundaries in 2010. *American Anthropologist*, vol. 113, no. 2, 2011, p. 213-221.
- DABNEY, J., et al. Complete Mitochondrial Genome Sequence of a Middle Pleistocene Cave Bear Reconstructed from Ultrashort DNA Fragments. *PNAS*, vol. 110, no. 39, 2013, p. 15758-15763.
- DAVIES, R.; UNDERDOWN, S. The Neanderthals: A Social Synthesis. *Cambridge Archaeological Journal*, vol. 16, n. 2, 2006, p. 145-164.
- DE LEÓN, M. S. P., et al. Neanderthal Brain Size at Birth Provides Insights into the Evolution of Human Life History. *PNAS*, vol. 105, no. 37, 2008, p. 13764-13768.
- DE QUEIROZ, K. Ernst Mayr and the Modern Concept of Species. *PNAS*, vol. 102, no. 1, 2005, p. 6600-6607.
- DUARTE, C., et al. The Early Upper Paleolithic Human Skeleton from the Abrigo do Lagar Velho (Portugal) and Modern Human Emergence in Iberia. *PNAS*, vol. 96, 1999, p. 7604-7609.
- ESTABROOK, V. H. *Sampling Biases and New Ways of Addressing the Significance of Trauma in Neandertals*. Tese de doutorado, The University of Michigan, Michigan, EUA, 2009.
- GARGETT, R. H. Grave Shortcomings: The Evidence for Neanderthal Burial. *Current Anthropology*, vol. 30, no. 2, 1989, p.

NEUBAUER, Fernanda. Uma breve visão geral dos últimos 10 anos das principais descobertas do Pleistoceno Superior no velho mundo: *Homo floresiensis*, Neandertal, Denisovan. Tradução de Fernanda Neubauer. In: *Cadernos do Lepaarq*, v. XVI, n.32., p. 201-214, Jul-Dez. 2019.

157-190.

- GOLOVANOVA, L. V.; HOFFECKER, J. F.; KHARITOV, V. M.; ROMANOVA, G. P. Mezmaiskaya Cave: A Neanderthal Occupation in the Northern Caucasus. *Current Anthropology*, vol. 40, no. 1, 1999, p. 77-86.
- GREEN, R. E., et al. A Draft Sequence of the Neanderthal Genome. *Science*, vol. 328, 2010, p. 710-722.
- HARDY, B. L.; MONCEL, M. Neanderthal Use of Fish, Mammals, Birds, Starchy Plants and Wood 125-250,000 Years Ago. *PLoS ONE*, vol 6, no. 8, 2011, p. 1-10.
- HAWCROFT, J.; DENNELL, R. Neanderthal Cognitive Life History and its Implications for Material Culture”, In *Children and Material Culture*, editado por J. S. Derevenski. Londres e Nova York: Routledge, p. 89-99, 2000.
- JANKOVIÉ, I. Neandertals... 150 Years Later. *Coll. Antropol.*, vol. 28, no. 2, 2004, p. 379-401.
- KAIFU, Y. Craniofacial Morphology of *Homo floresiensis*: Description, Taxonomic Affinities, and Evolutionary Implication. *Journal of Human Evolution*, vol. 61, 2011, p. 644-682.
- KING, W. The Reputed Fossil Man of Neanderthal. *Quarterly Journal of Science*, vol. 1, 1864, p. 88-97.
- KLEIN, R. Anatomy, Behavior, and Modern Human Origins. *Journal of World Prehistory*, vol. 9, no. 2, 1995, p. 167-198.
- KLEIN, R. Out of Africa and the Evolution of Human Behavior. *Evolutionary Anthropology*, vol. 17, 2008, p. 267-281.
- KLEIN, R. *The Human Career: Human Biological and Cultural Origins*. 3ª ed. Chicago: The University of Chicago Press, 2009.
- KONDO, O.; ISHIDA, H.; HANIHARA, T.; WAKEBE, T.; DODO, Y.; AKAZAWA, T. Cranial ontogeny in Neanderthal children: evidence from neurocranium, face and mandible. In *Current Trends in Dental Morphology Research*, editado por E. Zadzińska. Lodz: University of Lodz Press, p. 243-255, 2005.
- KRAUSE, J., et al. The Complete Mitochondrial DNA Genome of an Unknown Hominin from Southern Siberia. *Nature*, vol. 464, 2010, p. 894-897.
- LARSON, S., et al. *Homo floresiensis* and the Evolution of the Hominin Shoulder”, *Journal of Human Evolution*, vol. 53, 2007, p. 718-731.
- LARSON, S., et al. Descriptions of the Upper Limb Skeleton of *Homo floresiensis*. *Journal of Human Evolution*, vol. 57, 2009, p. 555-570.
- MARTIN, R. D.; MACLARNON, A. M.; PHILLIPS, J. L.; DOBYNS, W. B. Flores Hominid: New Species or Microcephalic Dwarf? *The Anatomical Record Part A*, vol. 288A, 2006, p. 1123-1145.
- MARTINÓN-TORRES, M.; DENNELL, R.; BERMÚDEZ DE CASTRO, J. M. The Denisova Hominin Need not Be an Out of Africa Story”. *Journal of Human Evolution*, vol. 60, 2011, p. 251-255.
- MAYDEN, R. L. A Hierarchy of Species Concepts: The Denouement in the Saga of the Species Problem. In *Species: The Units of Biodiversity*, editado por M. F. Claridge, H. A. Dawah, e M. R. Wilson. Londres: Chapman & Hall, 1997, p. 381-424.
- MAYR, E. *Systematics and the Origin of Species from the Viewpoint of a Zoologist*. Nova York: Columbia University Press, 1942.
- MEYER, M., et al. A High-Coverage Genome Sequence from an Archaic Denisovan Individual. *Science*, vol. 338, 2012, p. 222-226.
- MEYER, M., et al. A Mitochondrial Genome Sequence of a Hominin from Sima de los Huesos. *Nature*, vol. 505, 2014, p. 403-406.
- MONTGOMERY, S. H. Primate Brains, the ‘Island Rule’ and the Evolution of *Homo floresiensis*. *Journal of Human Evolution*.
- NEUBAUER, Fernanda. Uma breve visão geral dos últimos 10 anos das principais descobertas do Pleistoceno Superior no velho mundo: *Homo floresiensis*, Neandertal, Denisovan. Tradução de Fernanda Neubauer. In: *Cadernos do Lepaarq*, v. XVI, n.32., p. 201-214, Jul-Dez. 2019.

- tion, vol. 65, 2013, p. 750-760.
- MORWOOD, M. J., et al. Archaeology and Age of a New Hominin from Flores in Eastern Indonesia. *Nature*, vol. 431, 2004, p. 1087-1091.
- MORWOOD, M. J., et al. Preface: Research at Liang Bua, Flores, Indonesia. *Journal of Human Evolution*, vol. 57, 2009, p. 437-449.
- MORWOOD, M. J., et al. Further Evidence for Small-Bodied Hominins from the Late Pleistocene of Flores, Indonesia. *Nature*, vol. 437, 2005, p. 1012-1017.
- ORR, C. M., et al. New Wrist Bones of *Homo floresiensis* from Liang Bua (Flores, Indonesia). *Journal of Human Evolution*, vol. 64, 2013, p. 109-129.
- PAIXÃO-CÓRTEZ, V.; VISCARDI, L.; SALZANO, F.; BORTOLINI, M.; HÜNEMEIER, T. The Cognitive Ability of Extinct Hominins: Bringing Down the Hierarchy Using Genomic Evidences. *American Journal of Human Biology*, vol. 25, 2013, p. 702-705.
- PETRAGLIA, M., et al. Middle Paleolithic Assemblages from the Indian Subcontinent Before and After the Toba Super-Eruption. *Science*, vol. 317, 2007, p. 114-116.
- PETTITT, P. B. The Neanderthal Dead: Exploring Mortuary Variability in Middle Paleolithic Eurasia”, *Before Farming*, vol. 1, no. 4, 2002, p. 1-19.
- PRÜFER, K., et al., “The Complete Genome Sequence of a Neanderthal from the Altai Mountains. *Nature*, vol. 505, 2014, p. 43-49.
- RASMUSSEN, M., et al. An Aboriginal Australian Genome Reveals Separate Human Dispersals into Asia. *Science*, vol. 334, 2011, p. 94-98.
- REICH, D., et al. Genetic History of an Archaic Hominin Group from Denisova Cave in Siberia. *Nature*, vol. 468, 2010, p. 1053-1060.
- REICH, D., et al. Denisova Admixture and the First Modern Human Dispersals into Southeast Asia and Oceania. *The American Journal of Human Genetics*, vol. 89, 2011, p. 1-13.
- ROBERTS, R. G., et al., Geochronology of Cave Deposits at Liang Bua and of Adjacent River Terraces in the Wae Racang Valley, Western Flores, Indonesia: A Synthesis of Age Estimates for the Type Locality of *Homo floresiensis*. *Journal of Human Evolution*, vol. 57, 2009, p. 484-502.
- ROZZI, F. V. R.; BERMÚDEZ DE CASTRO; J. M. Surprisingly Rapid Growth in Neanderthals. *Nature*, vol. 428, no. 29, 2004, p. 936-939.
- SMITH, F.; JANKOVIÉ, I.; KARAVANIÉ, I. The Assimilation Model, Modern Human Origins in Europe, and the Extinction of Neandertals.. *Quaternary International*, vol. 137, 2005, p. 7-19.
- STAPERT, D. Neanderthal Children and Their Flints. *PalArch's Journal of Archaeology of Northwest Europe*, vol. 1 and 2, 2007, p. 16-39.
- TRUEMAN, J. W. H. A New Cladistic Analysis of *Homo floresiensis*. *Journal of Human Evolution*, vol. 59, 2010, p. 223-226.
- VANNUCCI, R. C.; BARRON, T. F.; HOLLOWAY, R. L. Craniometric Ratios of Microcephaly and LB1, *Homo floresiensis*, Using MRI and Endocasts. *PNAS*, vol. 108, no. 34, 2011, p. 14043-14048.
- WESTON, E. M.; LISTER, A. M. Insular Dwarfism in Hippos and a Model for Brain Size Reduction in *Homo floresiensis*. *Nature*, vol. 459, 2009, p. 85-89.
- WOLPOFF, M. H.; HAWKS, J.; CASPARI, R. Multiregional, Not Multiple Origins. *American Journal of Physical Anthro-*
- NEUBAUER, Fernanda. Uma breve visão geral dos últimos 10 anos das principais descobertas do Pleistoceno Superior no velho mundo: *Homo floresiensis*, Neandertal, Denisovan. Tradução de Fernanda Neubauer. In: *Cadernos do Lepaarq*, v. XVI, n.32., p. 201-214, Jul-Dez. 2019.

pology, vol. 112, 2000, p. 129–136.

ZAIM, Y., et al. New 1.5 Million-Year-Old *Homo erectus* Maxilla from Sangiran (Central Java, Indonesia). *Journal of Human Evolution*, vol. 61, 2011, p. 363-376.

ZILHÃO, J. Fate of the Neandertals. *Archaeology*, vol. 53, no. 4, 2000, p. 24-29.

ZILHÃO, J.; TRINKAUS, Erik (ed.). *Portrait of the Artist as a Child: The Gravettian Human Skeleton from the Abrigo do Lagar Velho and its Archeological Context*. Trabalhos de Arqueologia, no. 22. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2002.

DÍAZ-ANDREU, MARGARITA. ARQUEOLOGIA: CRÍTICA E HUMANISTA. SÃO PAULO: FONTE EDITORIAL, 2019

Tais Pagoto Bélo

Como citar esta resenha:

BÉLO, Tais Pagoto. *Díaz-Andreu, Margarita. Arqueologia: crítica e humanista. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.* In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 215-219, Jul-Dez. 2019.

Recebido em: 07/10//2019

Aprovado em: 28/10//2019

Publicado em: 15/12/2019

ISSN 2316 8412



Resenha: Díaz-Andreu, Margarita. *Arqueologia: crítica e humanista*. São Paulo: Fonte Editorial, 2019

Tais Pagoto Bélo^a

A obra “Arqueologia: crítica e humanista” tem como autora a prestigiada professora Margarita Díaz-Andreu, pesquisadora do ICREA, catedrática de Arqueologia da Universidade de Barcelona, além de ter sido professora da Universidade de Durham (1996 – 2011), com várias obras publicadas por editoras conceituadas, como Oxford U. P. e Cambridge U. P. O livro em questão foi elaborado como fruto de sua estadia no Brasil, durante o ano de 2013, com apoio da FAPESP, a convite de Pedro P. A. Funari, professor titular da Unicamp, o qual já almejava sua vinda desde 1999. O livro é resultado das aulas dadas aos alunos da Unicamp, os quais, de forma empolgada e dedicada, decidiram traduzi-las.

A publicação se inicia com um texto introdutório elaborado pelo Prof. Funari, intitulado “Uma Arqueologia crítica e Humanista,” no qual descreve os arcaísmos acadêmicos para o surgimento do Laboratório de Arqueologia Pública Paulo Duarte, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). O professor comenta que o surgimento da própria Universidade foi resultado de um movimento contra um regime de força, acolhendo cientistas notáveis que foram perseguidos, motivo pelo qual a instituição acabou se destacando, por ser voltada à sociedade e à diversidade. Esse fato refletiu em sua Arqueologia, a qual amparou Paulo Duarte (1899 – 1984), arqueólogo libertário, que teve como objetivo a popularização do conhecimento e abriu as portas para Niède Guidon.

Em sequência, a Apresentação do livro foi delineada por Cláudio U. Carlan, Professor Doutor da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL), com um texto chamado “Arqueologia ontem e hoje”. Nele, comenta sobre a importância que a autora teve em criticar, de forma veemente, os bastidores político-ideológicos do início da disciplina arqueológica, durante o Imperialismo e o Colonialismo europeu.

Continuando a leitura, no Prefácio, de Lúcio M. Ferreira, Professor Doutor da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), que tem como título “As diferentes vozes da História da Arqueologia”, comenta-se uma diversidade de temas que a obra abarca, desde etnicidade até nacionalismo, imperialismo, colonialismo, gênero e turismo. Houve uma preocupação em comentar o ponto de vista da autora, o qual é catalogado em três razões de importância: a desnaturalização de categorias arqueológicas; a disciplina gestou o eu e o outro, sem considerar valores consubstanciais nas análises; e as primeiras ideias levam a se pensar as práticas do presente e o redirecionamento do futuro.

A obra possui seis capítulos e inicia com a “História da Arqueologia: cinco perspectivas diferentes”, que foi baseado no “The Oxford Companion of Archaeology”, evidenciando cinco vozes que sobressaltam eixos comuns das relações da História, da Arqueologia e do mundo contemporâneo. A leitura das vozes demonstra uma resistência através de críticas à disciplina. A primeira voz argumenta contra as Arqueologias Americana e Britânica, as quais se fecham e apenas homenageiam seus próprios estudiosos, com o uso de um olhar nacionalista, imperialista e colonialista. A segunda voz critica a tentativa da existência da história silenciada, ou seja, aquela que acredita apenas no protagonismo da Europa e da América do Norte, mas que foi ampliada pela institucionalização de museus, sociedades científicas, legislação e até pelo patrimônio turístico. A terceira voz aborda o nacionalismo, o qual a autora menciona que foi crucial à origem da disciplina, permitindo sua institucio-

^aPós-doutoranda do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), Brasil. Apoio financeiro da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil.

nalização e profissionalização do saber. A quarta voz diz respeito ao Imperialismo, que levou à busca de monumentos antigos e civilizações para além da Europa e América do Norte. A quinta voz demonstra os usos ideológicos da Arqueologia de forma positiva e negativa e como a política se beneficiou disso.

No segundo capítulo, intitulado “Gênero e arqueologia: uma nova síntese”, Díaz-Andreu, ao criticar a pequena dimensão desse tipo de estudo na Espanha, também acaba abordando “gênero” e “sexo”, evidenciando um olhar multidimensional e diversificado, além de deixar claro que a identidade social é determinada cultural e historicamente. Além disso, a autora faz um aparato cronológico em relação ao “gênero”, da psicanálise, passando pela Antropologia, até chegar na Arqueologia, com os trabalhos revolucionários de Gero & Spector (1983) e de Conkey e Spector (1984). Critica a lentidão da Arqueologia em adotar o conceito de “gênero”, comparada à Antropologia, e culpa a demora do Pós-Processualismo em se impor, uma vez que, para ela, “gênero” é Pós-Processual. Diferencia a Arqueologia de Gênero da Arqueologia Feminista, em que, em seu ponto de vista, a primeira trata de todos os gêneros, enquanto a segunda é centrada nas mulheres. Seguindo as críticas da década de 1980, comenta que a amostragem masculina na Arqueologia sempre apareceu de forma mais positiva, além de que, quando as mulheres eram incluídas, eram mencionadas de modo secundário. Critica a interpretação binária do uso do espaço, que pode trazer efeitos às relações de gênero; recrimina a explicação pré-concebida ou pré-fixada para sepultamentos, como se existissem objetos que seriam “certos” para homens e outros para mulheres. Além disso, menciona o ponto de vista da Arqueologia tradicional, do século XIX, com suposições evolucionistas, que demonstrava que a hierarquia de gênero é algo natural do ser humano. Contudo, para a professora, a Arqueologia de Gênero contribui de forma profunda para o enriquecimento do estudo da própria Arqueologia, de maneira a propor um novo viés.

A estudiosa inicia o terceiro capítulo, nomeado “Gênero e Antiguidade: propostas da tradição anglo-americana”, comentando sobre José R. Mélida, catedrático de Arqueologia, da Universidade de Madrid, e seu texto sobre “As mulheres da Antiguidade no banheiro” (1894). Ela o utiliza para evidenciar que as categorias de homem e mulher são interpretadas de maneira diferente de acordo com o tempo, com atributos provindos do meio social, da localização geográfica e da identidade étnica. A autora teve como intuito demonstrar a contribuição dos estudos de gênero à Antiguidade, debruçou-se em autores(as) de origem inglesa, incluiu a interdisciplinaridade e, além de tratar da cultura material, também apresenta dados das fontes textuais. Ao citar S. Dixon, salienta que os textos antigos foram escritos por homens, com mulheres invisíveis ou minimizadas, e que, além desse fato, a maioria dessas fontes trata a mulher como o “outro”. Critica a não inserção de Classistas em obras gerais sobre gênero e coloca um senso cronológico ao estudo, iniciando com a famosa obra de S. Pomeroy (1975) e com os estudos sobre as mulheres em campo, desenvolvidos por L. Allason-Jones (1989), marcando a década de 1970 como o período em que o termo “gênero” apareceu na Antropologia, e na década seguinte, o mesmo termo apareceu na Arqueologia Pré-Histórica, através do artigo de Conkey e Spector (1982), além do uso do termo “sexo” por M. Wyke (1997) e M. Skinner (2005). Em 1990, com o crescente interesse acerca do “gênero” na Antiguidade, L. Zamati (1994) acaba criticando a Arqueologia Clássica por não ter entusiasmo sobre o assunto, e Revell (2010) denuncia que todos os estudiosos deveriam refletir a respeito do “gênero”, a fim de não ser tratado como uma subdisciplina. Cita S. Spencer-Wood e P. Allison (2011) denunciando o androcentrismo atual, o que faz com que o estudo da mulher na Antiguidade seja deveras importante. Pontua que a questão do gênero na Antiguidade precisou de termos específicos para práticas sexuais diversas à interpretação de Pompeia e Herculano, por exemplo, além de casos de hermafroditas, bissexuais, eunucos e outras diversidades. Por fim, evidencia alguns estudos de caso para demonstrar as dificuldades e diferentes pontos de vista dos estudos de gênero na Antiguidade, correlatando o assunto com identidades étnicas e status.

O quarto capítulo sai das questões de gênero e abre o assunto a respeito de “Identidade étnica e Arqueologia”,

iniciando-se com o debate do começo do século XX acerca de “povos” e “nações,” termos substituídos por “culturas arqueológicas”. Para a autora, a etnicidade está ligada à autoimagem de uma pessoa ou à imagem produzida por outros, resultantes da identificação com um ou mais grupos, considerando a identidade como algo multidimensional, já que cada indivíduo é associado a vários grupos que poderiam ser classificados dentro da definição de etnicidade. Compreende que cada indivíduo é ativo em relação às suas identidades étnicas e às negociações diárias, fazendo com que uma ou várias delas se manifestem, sendo que as etnias possuem fluxo contínuo e podem desaparecer. Discute o termo “comunidades,” o qual foi introduzido na última década para fazer referência ao coletivo social que divide um espaço geográfico, e define grupos como indivíduos que se mantêm unidos por viverem juntos na mesma povoação e através de práticas de afiliação, apontando que nem toda identidade de um grupo está presa pelos laços étnicos. A estudiosa não deixa de expor a origem dessa discussão, que se iniciou na virada do século XIX para o XX, dentro do Histórico-Culturalismo, protagonizada por G. Kossina com o uso do termo “cultura”, momento na Arqueologia em que as mudanças na cultura material eram vistas como resultado de invasões ou substituições de grupos étnicos, além de haver uma obsessão pela busca da origem dos povos. Denuncia o Processualismo, com seus métodos de análise de registros e formação de sítios, método hipotético-dedutivo e por ter uma visão fixa do comportamento humano. Entretanto, salienta que, na Antropologia dos anos 1970, F. Barth propôs que a identidade não fosse objetificada, deixando de lado a cultura material, porém, mais tarde, Cohen (1978) considera a fluidez da etnicidade como elemento significativo das relações sociais. Nenhum deles chegou à conclusão de que a identidade étnica é multidimensional e que múltiplas identificações étnicas coexistem na mesma pessoa, além de que o termo “identidade étnica” não era aplicável para sociedades pré-capitalistas por autores como Eriksen (1993). Dentre essas classificações, Díaz-Andreu demonstra as tentativas dentro do senso de divisão nacionalista de como classificar o “outro.” Finaliza seu artigo citando os trabalhos de I. Hodder (1982), ao evidenciar como a cultura material pode ser ativa na criação de relações sociais, enfatizando seus significados, e como a interação cultural depende de estratégias e intenções dos grupos. Conclui citando obras e autores significantes nessa área, assim como Shennan (1989) e Jones (1997).

O quinto capítulo, às luzes das questões do turismo e da ética, é resultado da organização de um número da *International Journal of Historical Archaeology*, feito pela professora espanhola sobre uma sessão que ocorreu no *Theoretical Archaeology Group (TAG)*, na Universidade de Durham, em 2009, o qual teve o intuito de discutir questões teóricas referentes ao turismo arqueológico e incluiu temas como: a mudança do papel da arqueologia turística cultural, memória, monumentos, museus e éticas, assuntos que despertaram considerações sobre a administração do patrimônio, turismo arqueológico, construção de identidades, transformação de sítios e museus em mercadorias, conservação, autenticidade, turismo de massa, patrimônio como atividade estatal institucionalizada, identidades regionais e locais e o uso da arqueologia como vetor para a descolonização do discurso histórico. Inicia o texto pelo turismo arqueológico e como ele deve ser transformado por arqueólogos com o intuito de ser utilizado como uma economia de mercado e, assim, consumido (*commodification*). Entretanto, essa atividade levantou pontos éticos que levaram a casos tensos, os quais deram origem a órgãos como o CRM (*Cultural Resource Management*) e a acordos como a Carta de Veneza. Conseqüentemente, isso deu origem a publicações, durante a década de 1970, relacionadas ao modo como os vestígios poderiam ser mais bem percebidos e tratados, assim como restos mortais e comunidades vivas e suas relações com o passado. São comentados alguns atos que muitas vezes envolveram a devolução de bens culturais apropriados antes por museus internacionais, abrangendo também o tráfico ilícito de objetos. Esses problemas levaram a UNESCO, em 1970, a aprovar a “Convenção sobre os Instrumentos de Proibição e Prevenção da Importação”. Já o ano de 1980 é colocado como o início dos debates acerca das responsabilidades éticas na Sociedade de Arqueologia Americana e no Congresso Mundial de Arqueologia, surgindo os códigos de ética em 1990. A autora menciona que o turismo foi

fundamental para o patrimônio cultural, delineando que seu início se deu mais facilmente em países com monumentalidades e que, na América Latina, somente ocorreu depois do apoio ao indigenismo. Atualmente, os arqueólogos estão muito ativos no turismo como promotores, tendo iniciativas comunitárias, assim como o advento de museus locais, obtendo uma legislação própria e sofrendo consequências econômicas pela globalização. Além disso, contam com órgãos supranacionais, como a UNESCO, que cuidam do patrimônio comum da humanidade. Dessa forma, demonstra que, por mais que a Arqueologia já tenha servido para sustentar o passado das “nações”, hoje ela legitima a existência de grupos presentes.

A estudiosa finaliza a obra apresentando outro capítulo sobre o turismo, denominado “Turismo e Arqueologia: um olhar histórico para uma relação silenciada”, no qual é descrita toda a desenvoltura histórica e mercantilista dessa área. Ela o inicia salientando que o turismo arqueológico começou através do nacionalismo do século XIX, do surgimento dos museus, do interesse por monumentos históricos e remanescentes do passado, além de ter sido um movimento aristocrático, mas que deixou de ser com o aparecimento da classe média. Discute a base que une o Turismo e a Arqueologia e como a relação entre os dois temas mudou ao longo do tempo, levando, conseqüentemente, a uma transformação mercantilista. Explica que durante o século XIX foram as exposições universais que popularizaram o passado da nação. Menciona, ainda, que os meios de transporte, tanto aqueles a vapor quanto os automotivos, facilitaram o turismo arqueológico, adicionando o transporte aéreo para o surgimento do turismo em massa, o que aumentou também o risco ao patrimônio, além do risco aos negócios da Arqueologia.

A implicação do teor da obra destina-se a qualquer estudioso da Arqueologia, uma vez que essa é uma leitura densa e dinâmica, a qual não hesita em repreender os vários parâmetros que a disciplina já seguiu e as vaidades que ainda enclaustram o mundo dos embates acadêmicos, revelando uma resistência crítica que eclode em um novo olhar, que finaliza no esforço comunitário. Passado, presente, memória, grupos, nações, povos são colocados como uma multiplicidade de ideias que a autora explicita e faz o leitor clamar por um uso mais holístico de uma área tão criativa, lucrativa e ao mesmo tempo tão polêmica.

A exclusividade dessa leitura se faz pela ousada manifestação da autora em evidenciar de forma contundente aspectos da Arqueologia que a tornaram cúmplice de políticas nacionais e que, de outro modo, ainda perpetuam um preconceito acadêmico baseado em um passado imperialista. Nesse contexto, a estudiosa expõe, por suas informações, novos vieses da Arqueologia, uma vez que essa área se mostra liberta das amarras políticas e ideológicas do passado para também servir como poder para grupos minoritários atuais.

UMA TIJOLOTECA COMO FONTE DE PESQUISA: COLEÇÃO ARQUEOLÓGICA CASA DO GRITO

THE RESEARCH OF A BRICK COLLECTION: CASA DO GRITO CASE STUDY

Angélica Aparecida Moreira da Silva
Paula Nishida Barbosa

Como citar este texto:

SILVA, Angélica Aparecida Moreira da, BARBOSA, Paula Nishida. *Uma Tijoloteca como fonte de pesquisa: coleção arqueológica Casa do Grito*. In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 220-236, Jul-Dez. 2019.

Recebido em: 14/05/2018

Aprovado em: 04/08/2018

Publicado em: 15/12/2019

ISSN 2316 8412



Uma *Tijoloteca** como fonte de pesquisa: coleção arqueológica *Casa do Grito*

Angélica Aparecida Moreira da Silva ^a

Paula Nishida Barbosa ^b

Resumen: A Reserva Técnica do Centro de Arqueologia de São Paulo possui diversas coleções arqueológicas onde, entre os vários materiais que as compõem, chama a atenção a grande quantidade de tijolos. Por isso, o Centro de Arqueologia tem como uma de suas metas a organização de uma Tijoloteca. Esse artigo traz notícias sobre a execução de um projeto piloto para a Tijoloteca do CASP[1] que foi desenvolvido pela autora no âmbito de seu trabalho de conclusão do curso de especialização em Arqueologia. São os primeiros passos para organização dos tijolos e consequente disponibilização das informações unificadas. Espera-se que a Tijoloteca contribua para diversos estudos arqueológicos e que seja uma ferramenta para ações educativas que busquem promover a importância do patrimônio arqueológico urbano. Foram organizados 163 tijolos provenientes da escavação arqueológica ocorrida em 1981 no Sítio Histórico Casa do Grito, na cidade de São Paulo. Destes, 47 unidades foram selecionadas para compor a Coleção Referência onde a partir das informações contidas no tijolo buscou-se identificar as olarias, e com isso sua localização e períodos da atividade produtiva.

Abstract: The Stored Collection of the Archaeological Center of São Paulo encompasses several archaeological collections and, of the various materials that compose them, a large number of bricks has drawn our attention. Therefore, the Center of Archeology has made of one of its goals the organization of these bricks into a “Brick Collection” or Tijoloteca. The aim of this article is to bring news about the execution of a pilot project for the CASP’s Tijoloteca, which project was developed by the author as a final course assignment for her Specialization Course in Archeology. Organizing the bricks is the first step of the project, followed by making the information about them consolidated and available. It is expected that the Tijoloteca contributes to several archaeological studies and that it turns into a tool for educational actions that seek to promote the importance of the urban archaeological heritage. 163 bricks were organized from the archaeological excavation realized in 1981 at the Casa do Grito Historic Site, in the city of São Paulo. Of these, 47 units were selected to compose the Reference Collection. Based on the information contained on the bricks, it was possible to identify the brickyards, and thus their location and period of activity.

Palavras Chave:

Tijolo, Olarias, Arqueologia Urbana, Casa do Grito, Sítio histórico

Keywords:

Bricks, Brickyards, Urban Archaeology, Casa do Grito, Historic Site

* Tijoloteca – Coleção de tijolos. Como as demais palavras com o sufixo nominal ‘teca’ - biblioteca, hemeroteca, discoteca, etc.; exprimem a ideia de caixa, depósito, coleção. Vem do Grego ΤÉΚΗΕ, “depósito, lugar de guarda”, do verbo ΤΙΤΗΝΑΙ, “colocar”. Fonte: Origem da Palavra – site de Etimologia. Disponível em: <http://origemdapalavra.com.br/palavras/teca/> acesso: março/2018.

a Pós-graduanda em Arqueologia, História e Sociedade da Universidade de Santo Amaro (UNISA), Brasil. E-mail: angelicacaetano@gmail.com

b Professora orientadora: Doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), Brasil.

Professora da disciplina Arqueologia Urbana no curso de especialização em arqueologia da Universidade de Santo Amaro (UNISA), Brasil. E-mail: paulamiw@gmail.com

INTRODUÇÃO

Esse artigo busca apresentar os primeiros passos rumo à criação de uma Tijoloteca a partir da catalogação da coleção de tijolos do CASP - *Centro de Arqueologia de São Paulo* do Departamento de Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Entre os meses de outubro e dezembro de 2017 foi realizada a organização da coleção de tijolos do Sítio Histórico *Casa do Grito*, por onde se iniciou as atividades em caráter de ‘projeto piloto’ para posteriormente organizar as demais coleções de tijolos existentes no CASP. O objetivo foi disponibilizar informações sobre os tijolos encontrados em escavações da cidade de São Paulo, sendo ferramenta útil para estudos em arqueologia histórica urbana. Com base nos dados pesquisados será possível inferir marcadores temporais para o sítio estudado, rotas de circulação dos produtos, sua utilização em obras de vários portes, identificação de terrenos que serviram para retirada de argila, entre outros. Além disso, pretende-se disponibilizar a Tijoloteca em formato digital possibilitando a fácil visualização dos dados das diversas olarias, e, com isso, auxiliar a pesquisa arqueológica de outros sítios tanto dentro da cidade de São Paulo, quanto dos seus arredores.

POR QUE ORGANIZAR UMA TIJOLOTECA E SEU CATÁLOGO

Para o entendimento do porquê organizar uma Tijoloteca, e por conseguinte, o catálogo de tijolos, inédito entre nós até o momento, cabe informar a princípio que além da presença de grande número de tijolos nas mais de 60 coleções existentes no CASP, a recorrência de tijolos nas escavações arqueológicas na cidade de São Paulo é uma realidade. Posto que se trata de um elemento construtivo que passa a ser adotado de forma intensa, como material portante utilizado na alvenaria estrutural a partir da segunda metade do século XIX. Estando vinculado, portanto, à própria transformação das práticas construtivas e modos de viver na cidade, permeando o processo de urbanização e desenvolvimento rápido da metrópole paulistana ocorrida nesse período.

Partindo dessa assertiva, a proposta para um projeto piloto foi apresentada à gestão do CASP que manifestou interesse em organizar as coleções de tijolos existentes no acervo. A Tijoloteca é entendida pelo CASP como fonte de referência para os estudos arqueológicos. O interesse em sua organização está presente nos registros da Secretaria Municipal de Cultura pelo menos desde janeiro de 2015, citado no escopo das atividades previstas para aquele ano¹. Assim, o projeto piloto que é o primeiro passo nesse sentido, alinha-se com os objetivos do CASP.

ABORDAGEM TEÓRICA

Baseando-se nos referenciais teóricos da Arqueologia Histórica, ‘*toda informação sobre artefatos de período histórico pode auxiliar na datação de sítios e estruturas de maneira única*’ (ORSER, 1992). O uso de catálogos, elementos datáveis como emblemas, marcas de fábrica, manuais técnicos-descritivos de produção fabris, livros sobre modificações tecnológicas são subsídios essenciais para o entendimento espaço-temporal dos processos diversos, abrangentes ou específicos desencadeados no Brasil a partir do século XVI com a ocupação portuguesa. Permite, ainda, através da cultura material, trazer notícias dos modos de vida e do cotidiano das pessoas comuns que na maioria das vezes, não são visíveis nos registros escritos

¹ Notícia veiculada no Portal da Prefeitura de São Paulo, datada de 20/02/2011: Item 3.13 Centro de Arqueologia de São Paulo – Coordenação ou Participação: Elaboração do projeto da ‘tijoloteca’ - Levantamento e quantificação do acervo de tijolos. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=17297> acesso em 11/03/2018.

e na documentação oficial (FUNARI, 1996, p. 166).

Este trabalho caminha também pelas veredas de duas subáreas da Arqueologia Histórica: A Arqueologia Urbana e a Arqueologia da Industrialização. A reflexão para a elaboração da proposta da Tijoloteca foi engendrada tendo-se como orientador a Arqueologia Urbana no que diz respeito à percepção da cidade como uma entidade, um sistema dinâmico único, para que a cidade não seja apenas uma grande coleção de sítios discretos (JULIANI, 1996, p. 4-6). Por isso, a preocupação com a organização da informação unificada que possa ser subsídio para contextualizar sítios na lógica da cidade, capazes de auxiliar no entendimento da trama urbana, que evidencie a construção e (des) construção do espaço da cidade, as transformações nos modos de vida e relações cotidianas, seus múltiplos e sobrepostos tempos, donde ficam sinais, por vezes dispersos, de um tempo não tão recuado, porém cujas marcas foram e são, suprimidas muito rapidamente da paisagem.

Quanto a Arqueologia da Industrialização (THIESEN, 2007), no caso da cidade de São Paulo no século XIX, as práticas construtivas da cultura local como a taipa e o pau a pique foram substituídas gradativamente pela alvenaria de tijolos (D'ALAMBERT, 1993). Tendo em vista o processo industrial já consolidado na Europa, remessas de tijolos ditos de 'qualidade superior' eram importados para o Brasil abastecendo a capital e cidades do interior paulista. O próximo passo foi a importação de maquinários à vapor para produção de tijolos na cidade e seus arredores (SALLA, 2014, p. 141). O uso dado às várzeas mudou. A paisagem se transformou significativamente. As dimensões dos tijolos foram readequadas. São exemplos de ocorrências observáveis através da cultura material e que se conectam devido ao processo inicial da industrialização no Brasil tributário do avanço do capitalismo industrial daquele período. É um referencial a ser considerado em estudos arqueológicos na cidade de São Paulo. Como os espaços fabris e seus produtos impactaram o modo de vida das pessoas, seus saberes e seus lugares?

O TIJOLO

O uso da argila pelos grupos humanos como material construtivo, seja adobe ou taipas (barro cru) ou tijolo (barro cozido) é de longa data. Sobre o barro cozido, ou seja, os tijolos, a construção mais antiga executada com esse material que se tem notícia data de 2.100 a. C. - o Grande Zigurate de Ur - na Suméria (atualmente região do Iraque e Síria).

O artefato tijolo encerra saberes e técnicas tradicionais no seu fabrico, desde a escolha da argila, preparo da pasta, moldagem, até sua queima e resfriamento das peças.

Presente como material construtivo desde o século XVI no Brasil, durante os séculos seguintes seu uso permanecia em grande parte restrito a pisos, abóbadas e preenchimentos, havendo raras edificações construídas com esse material, como algumas obras religiosas e militares (igrejas e fortes). (D'ALAMBERT, 1993)

Por volta de 1860, o tijolo popularizou-se no estado de São Paulo, sendo adotado na construção integral de edificações, inicialmente em algumas cidades do interior paulista, contempladas pela riqueza advinda do café; e posteriormente na capital do Estado. (SALLA, 2014, p. 85). A partir de 1870, a cidade começou a sofrer o impacto da adoção regular da alvenaria de tijolos em suas edificações, passando por grandes transformações em sua estrutura e fisionomia impulsionada pelas novas atividades econômicas incentivadas pela expansão da cultura cafeeira, pelo aumento contínuo da população com a chegada de grande contingente de imigrantes e a implantação da ferrovia - surtindo um rápido processo de urbanização.

O capital excedente gerado pela produção cafeeira em São Paulo teve múltiplas destinações: na importação de bens, equipamentos e máquinas agrícolas, na construção civil, na indústria,

na infraestrutura urbana, nos meios de transporte (ferrovias e bondes), na expansão de setores de comércio e serviços. (D'ALAMBERT, 1993)

Diante disso, o poder público, buscava o ordenamento da cidade e seus habitantes, perpassando por questões de ordem sanitária, de uso dos espaços, de regulamentação de técnicas e materiais construtivos, entre outras ações nesse sentido.

O TIJOLO COMO ARTEFATO ARQUEOLÓGICO

'Patinho feio' das cerâmicas na arqueologia histórica, o tijolo diferencia-se na arqueologia das demais congêneres pela sua função como material construtivo. É talvez só não mais desprezado que os artefatos em plástico - os polímeros, que apesar de serem 'arroz de festa' identificados por toda a cidade durante escavações, ainda carecem de estudos que possam revelar informações preciosas para o entendimento dos processos industriais, suas balizas temporais, circulação na cidade de objetos pioneiros produzidos nesse material, maquinários, componentes químicos, entre outros.

O tijolo tem sido objeto de estudos preferencialmente dos arquitetos desde a década de 1990. A adoção do tijolo como material construtivo em meados do século XIX na cidade de São Paulo foi tratada em 1993 por Clara D'Alambert em sua dissertação de mestrado em Arquitetura, orientada pelo também arquiteto, o Prof.º Dr.º Carlos A. Cerqueira Lemos e é uma referência para os estudos nesse sentido.

Entre essas pesquisas destaca-se aqui o trabalho do arquiteto e arqueólogo Hildo Henry Maesima que desenvolveu em 1997 pesquisa de mestrado em arqueologia sobre o Sítio Bairro da Fundação em São Caetano do Sul orientado pela Prof.ª Dr.ª Margarida Davina Andreatta. Única dissertação encontrada até o momento que analisou o tijolo como artefato arqueológico, dedicando-se à identificação das olarias a partir de suas marcas para entender o contexto de ocupação do sítio arqueológico pesquisado.

Sobre as marcas nos tijolos esse pesquisador cita uma possível explicação:

Na segunda metade do III milênio, no período proto-dinástico [Mesopotâmico], o tijolo adota uma forma característica, plano-convexa, apresentando um ligeiro abaulamento num dos lados e está habitualmente marcado com o selo do rei construtor. A partir daí, os tijolos passaram a ser importantes registros históricos, principalmente para a arqueologia, que pôde, através destes materiais, confirmar, rever e construir fragmentos [...] da história de um grupo. (MAESIMA, 1997, p. 22)

Outro trabalho que faz referência ao artefato tijolo como fonte de informação para os estudos em arqueologia urbana e da industrialização é o artigo de Rafael de Abreu e Souza sobre as pesquisas arqueológicas ocorridas na Água Branca em um terreno onde havia funcionado na década de 1940 a fábrica de margarina de propriedade das Indústrias Matarazzo:

Em especial a construção de uma enorme "tijoloteca" permitiu associar diferentes etapas da construção a cronologias aproximadas. Vale ressaltar que a coleta e a listagem de tijolos, com suas diferentes marcas, vêm colaborando para compreensão dos momentos de construção, assim como das próprias olarias que abundaram em São Paulo (e tiveram

crescimento exponencial com a arquitetura de fábrica de tijolos aparentes), dado que marcas encontradas em contextos datados permitem a inferência de cronologias relativas. (SOUZA, 2013, p. 159)

Mais recente, porém não menos importante, é a dissertação defendida em 2014 pela historiadora Natália Maria Salla, que estudou o processo de adoção e regulamentação do tijolo para as construções paulistanas na Primeira República a partir das medidas tomadas pela administração pública municipal e os estudos técnicos realizados pela Escola Politécnica de Engenharia para padronização e controle de qualidade da produção de tijolos no Estado de São Paulo. A autora trabalha com uma documentação primária para entender a regulamentação que determinava por exemplo, as práticas construtivas e as dimensões dos tijolos para a cidade de São Paulo. Na documentação do *'Gabinete de Resistência de Materiais'* da Escola Politécnica de São Paulo², as análises físico-químicas e demais testes de resistência aplicados aos tijolos para inferir qualidade ao produto podem trazer notícias sobre a composição das pastas, das argilas, antiplásticos, etc. Podendo ainda obter a partir desses registros dados sobre cor, dureza, porosidade, tipos de queima e demais atributos de algumas marcas formando um *corpus* documental de interesse para pesquisas comparativas no tocante as descrições das peças da Tijoloteca.

Os dois autores, MAESIMA (1997) e SALLA (2014), ainda que por motivos diferentes, elaboraram como parte de suas dissertações listas de olarias. O primeiro autor apresentou o *Cadastro das Olarias de São Caetano do Sul* por marcas inscritas com período de atividade produtiva entre 1730-1924 e a *Relação das Olarias por marcas inscritas da Grande São Paulo* com períodos de atividade entre 1575-1932. Já a autora elaborou seis listas de olarias identificadas na Capital, com os seguintes períodos de atividade: 1870-1880; 1889-1900; 1890-1896; 1903; 1918-1930; 1935.

Vale ressaltar aqui o potencial informativo da cultura material, onde as marcas dos tijolos em grande parte referem-se às iniciais dos nomes dos proprietários das olarias, mas também há tijolos que reproduzem símbolos diversos que podem representar uma agremiação, um grupo religioso ou ainda uma ideologia. Em 2011 na Unicamp, foi defendida uma tese de doutorado em História da Educação que teve início a partir de um tijolo. O autor da tese, o historiador Sidney Aguilar Filho, durante sua aula sobre o nazismo alemão para o ensino médio, informa que uma aluna mencionou haver tijolos com a suástica na fazenda de sua família. A partir disso, AGUILAR (2014) inicia a pesquisa que resultou na tese e posterior documentário *'Menino 23 infâncias perdidas no Brasil'*, revelando que empresários ligados ao pensamento eugenista (integralistas e nazistas) removeram 50 meninos órfãos do Rio de Janeiro para Campina do Monte Alegre, no Estado de São Paulo, para dez anos de escravidão e isolamento na Fazenda Santa Albertina de Osvaldo Rocha Miranda.³

O SÍTIO (ARQUEOLÓGICO) HISTÓRICO CASA DO GRITO

O projeto piloto para a Tijoloteca foi iniciado com a organização dos tijolos provenientes da escavação arqueológica ocorrida entre 11 de agosto a 06 de outubro de 1981 na Casa do Grito⁴. Essa edificação foi denominada 'Casa do Grito' devido a uma casinha representada na tela 'Independência ou Morte' de Pedro Américo, pintada em 1888 em Florença (Itália), 66

² Gabinete de Resistência de Materiais da Escola Politécnica de São Paulo, de 1899 a 1925. E Laboratório de Ensaio de Materiais a partir de 1926. Os testes e demais pesquisas com os tijolos eram feitos pelos engenheiros do Curso de Engenharia da Escola Politécnica de São Paulo, incorporada em 1934 à Universidade de São Paulo.

³ Documentário "Menino 23 Infâncias perdidas no Brasil". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eaZwW1wUE9o>

⁴ A Casa do Grito junto com o Museu Paulista, Parque e Monumento da Independência formam o Conjunto do Ipiranga tombado nas três esferas do poder público: IPHAN, CONDEPHAAT e CONPRESP.

anos depois da Independência do Brasil. No entanto, a documentação mais recuada encontrada sobre esse imóvel, indica que a edificação é de meados do século XIX, mais exatamente 1844.⁵ As escavações arqueológicas realizadas revelaram uma edificação de pau a pique, um dos últimos exemplares desse tipo de construção na cidade de São Paulo. Era, originalmente, residência e, ao mesmo tempo, pouso de viajantes (ARAÚJO, CAMPOS e JULIANI, 2006, p. 131-132) e venda, provavelmente de beira de estrada, junto ao chamado ‘Caminho do Mar’ (ANDREATTA, 1981).

A PESQUISA ARQUEOLÓGICA

Os estudos de arqueologia histórica em São Paulo, tiveram início com o Programa de Arqueologia Histórica no município de São Paulo iniciado em 1979 com atividades desenvolvidas até 1992 a partir de um contrato de colaboração estabelecido entre o Museu Paulista da Universidade de São Paulo e o Departamento de Patrimônio Histórico da Prefeitura de São Paulo, onde a direção das pesquisas ficou à cargo da arqueóloga Prof.^a Dra. Margarida Davina Andreatta. Esses estudos arqueológicos objetivavam subsidiar projetos de restauro das edificações consideradas de relevância histórica para a cidade. A Casa do Grito é uma das casas históricas contempladas por esses estudos, tendo sido também alvo desse programa de pesquisa a Casa do Tatuapé, o Sítio Mirim, o Sítio Morrinhos, a Casa do Itaim Bibi, o Solar da Marquesa, a Casa nº 1 e o Beco do Pinto.



Figura 1: Parede de pau a pique da Casa do Grito. Foto: Wilson Weigl. Relatório de atividades arqueológicas na Casa do Grito. Acervo CASP.



Figura 2: Parede de tijolos da Casa do Grito. Foto: Wilson Weigl. Relatório de atividades arqueológicas na Casa do Grito. Acervo CASP.

Durante as escavações da Casa do Grito, ocorridas entre agosto e outubro de 1981, além de 207 tijolos⁶, foram identificados azulejo, argamassa, cerâmica, couro, louça, madeira, metal, mineral, moeda, osso, semente, tecido, telha, valvas de molusco, vidro e na categoria diversos (dentre eles 17 são ‘plásticos’ e 4 são ‘borrachas’). Ou seja, 21 polímeros, entre eles fragmentos de botões, brinquedos e pentes de cabelo, reforçando a afirmação já apresentada sobre os polímeros, ainda pouco estudados pela arqueologia. Outros materiais na categoria ‘diversos’ são fragmentos de botões de roupa em metal, osso e madeira, vidro e carvão para análise. Grande parte dos plásticos saíram da camada entre 0-25 cm nomeada ‘entulho-nivelamento’. O carvão para análise foi identificado a 55 cm de profundidade.

⁵ <http://www.museudacidade.sp.gov.br/casadogrito.php>

⁶ No Relatório de arqueologia da Casa do Grito constam 207 tijolos, no entanto, são 116 fichas de tijolos preenchidas pela Seção de Laboratório de Restauro da Divisão de Preservação do Departamento de Patrimônio Histórico. Cada ficha equivale a mais de uma unidade de tijolos (íntegros ou fragmentados) da mesma marca retirados do mesmo local e camada – para os quais foram dados à época o mesmo número de registro.

Via de regra, vale ressaltar que os materiais arqueológicos resgatados nesse e demais sítios são passíveis de novos estudos para além da pesquisa que originou a coleção e que as instituições de guarda, como o CASP, reúnem coleções diversas que permitem outros estudos. Com isso podem trazer novas interpretações sobre seus sítios de origem mas também, essas coleções organizadas em catálogos descritivos, são referências para comparação com materiais extraídos de outros sítios arqueológicos da cidade, vislumbrando possibilidades de pesquisa e compreensão de processos urbanos, traçando possíveis rotas de distribuição, produção, circulação e uso desses materiais, ainda espacialização de práticas ou mesmo particularismos. O que não se restringe, evidentemente apenas aos tijolos, mas a todos os demais materiais identificados em escavações arqueológicas.

ORGANIZAÇÃO DA TIJOLOTECA

Entre outubro e dezembro de 2017 foram realizadas as ações de tratamento do acervo para organização da Tijoloteca. O CASP disponibilizou a versão digitalizada da documentação gerada pelas escavações para nortear as atividades com a Coleção Casa do Grito. Ressalta-se ainda que foram selecionadas do conjunto 47 peças representativas para compor a Coleção Referência, cujo critério básico foi destacar um tijolo de cada marca existente na Coleção Casa do Grito.

A escolha por chamar o conjunto de tijolos retirados das escavações da Casa do Grito por Coleção e não Acervo foi devido à definição dada às duas palavras na terminologia arquivística (ARQUIVO NACIONAL, 2005). Usa-se Acervo para referir-se a documentos de uma entidade produtora ou de uma entidade custodiadora. Já Coleção é definida como um conjunto de documentos com características comuns, reunidos intencionalmente. O entendimento para esse trabalho foi de que *Acervo* se refere a totalidade dos documentos existentes na instituição de guarda (entidade custodiadora) no caso o CASP. Enquanto *Coleção* designa o conjunto de materiais arqueológicos (documentos) de cada sítio arqueológico existente no CASP.

Durante 7 dias realizou-se a curadoria do material no Centro de Arqueologia de São Paulo - CASP. As atividades realizadas foram:

✓ Reagrupamento inicial das coleções de diferentes sítios

Na Reserva Técnica do CASP há mais de 60 coleções arqueológicas provenientes de sítios arqueológicos escavados pela própria equipe de Arqueologia do Departamento de Patrimônio Histórico, bem como provenientes de escavações arqueológicas vinculadas ao licenciamento ambiental, onde o CASP é a instituição de guarda dos materiais identificados durante a escavação desses sítios. Para iniciar a organização da Tijoloteca foram reagrupados os tijolos existentes no depósito externo à edificação principal que abriga a Reserva Técnica do CASP⁷. Para tanto, o reagrupamento foi executado de acordo com o acrônimo marcado em cada peça que indicava o sítio arqueológico ao qual o material pertencia. Assim, foi possível identificar coleções de tijolos referente às escavações dos seguintes sítios: CT – Casa do Tatuapé; MO – Sítio Morrinhos; CM – Casa do Morumbi; CG – Casa do Grito; MI – Sítio Mirim; IB – Casa do Itaim Bibi; BP – Beco do Pinto; Chácara Lane; Vale do Anhangabaú; Praça Ramos de Azevedo e Matadouro da Vila Mariana. Algumas peças ficaram sem identificação provisoriamente por estarem sem os respectivos acrônimos. Após reagrupamento das coleções, elegeu-se a da Casa do Grito para o projeto piloto.

⁷ Os trabalhos contaram com o auxílio de ajudantes gerais: 1ª etapa André Pereira; 2ª etapa Ewerton Araújo Bortoleto.

✓ Conferência das peças com as fichas do inventário de peças

O CASP possui a documentação gerada a partir das escavações realizadas na Casa do Grito e foi utilizada a versão digital das fichas do inventário de peças para fazer a conferência. Feita a conferência das fichas com as peças correspondentes, de 207 tijolos mencionados no Relatório de Atividades (ANDREATA, 1981) foram identificadas 163 peças. São 116 fichas para os 207 tijolos mencionados no Relatório, onde cada ficha faz menção a mais de uma unidade de fragmentos de tijolos da mesma marca (entendidos como fragmentos tanto as peças íntegras quanto as fraturadas) retirados do mesmo local e camada – para os quais foram dados à época o mesmo número de registro. Assim, foram identificados 163 tijolos relativos a 102 fichas. Outras 14 fichas ficaram sem a identificação dos tijolos correspondentes, que podem estar entre os tijolos sem acrônimo e que serão identificados e reagrupados quando da organização total do acervo.



Figura 3: Conferência: Tijolo e ficha de inventário da peça. Foto. Angélica A. M. Da Silva, 2017.



Figura 4: Higienização dos tijolos. Foto. Angélica A. M. Da Silva, 2017.

✓ Higienização

A higienização foi feita à seco com trincha macia em todas as peças da coleção, tirando o pó de desgaste natural do tijolo sem retirar os restos de argamassa contidas em algumas peças, que podem ser também fonte de informação arqueológica.

✓ Revisão do estado de conservação

No momento da higienização foi feita revisão do estado de conservação das peças. De maneira geral, não foram observados elementos que ameacem a conservação das peças como por exemplo, manchas, mofo e pontos de umidade.

✓ Retoque da numeração nas peças

Na curadoria original feita pelo Laboratório de Restauro do Departamento do Patrimônio Histórico (DPH), o número de registro das peças, ou seja, o acrônimo acompanhado da numeração sequencial dos tijolos: “CG-01; CG-02; CG-03...” foi escrito nas peças tendo como preparo da superfície uma camada de solução incolor ou tipo de verniz, que pode ter sido esmalte



Figura 5: Detalhe do acrônimo + número de registro marcados na superfície lateral do tijolo. Foto. Angélica A. M. Da Silva, 2017.



Figura 6: Secagem da tinta nanquim. Foto. Angélica A. M. Da Silva, 2017.

incolor. Contudo, não foi possível afirmar de que material se tratava, por não haver documentação referente a isso. A escrita foi realizada em tinta nanquim.

Na revisão do material, foi notado que algumas peças estavam com o número de registro esmaecido, craquelado ou ainda se descolando da peça. Optou-se por manter a mesma forma de numeração das peças adotada anteriormente, retocando ou refazendo a marcação na própria peça.

Como já dito anteriormente, para um mesmo número de registro há mais de um fragmento relacionado. A solução dada foi numerar e indicar na peça de qual exemplar se trata, por exemplo: CG-02, CG-02e.2, CG-02e.3; o número de registro vem acompanhado da letra ‘e’ (minúsculo) de ‘exemplar’ e o número indicando de qual exemplar se tratava.

✓ Aferição de peso e medidas

Nas fichas de inventário original não há peso e medidas dos tijolos. Durante a curadoria para o projeto piloto foram pesadas e medidas 47 peças selecionadas para a Coleção Referência.

✓ Atribuída cor pela classificação da Tabela Munsell

A atribuição de cor foi feita para a Coleção Referência a partir da Tabela Munsell.

✓ Acondicionamento e armazenamento dos tijolos conforme protocolo de curadoria e guarda do Centro de Arqueologia de São Paulo

Inicialmente os tijolos da coleção Casa do Grito estavam armazenados em caixas plásticas marrom de maior dimensão e foram trocadas por menores na cor branca. A proposição do CASP para a troca das caixas deve-se principalmente ao tamanho. As caixas anteriores, por serem maiores, embora comportem mais tijolos, não são práticas e são inadequadas do



Figuras 7 e 8: Acondicionamento dos tijolos. Foto. Angélica A. M. Da Silva, 2017.

ponto de vista ergonômico, devido ao peso. As dimensões das novas caixas são 41,5 cm x 33 cm x 14,5 cm e comportam 5 tijolos em média, a depender do tamanho dos mesmos.

Para o acondicionamento dos tijolos nas caixas, para proteção das peças contra atrito foi utilizada manta de EPE – espuma de polietileno expandido de 2mm de espessura. Foram cortadas tiras de 1,40m x 0,30 cm e aplicadas entre as peças, no fundo da caixa e abas sobre os tijolos na superfície da caixa.

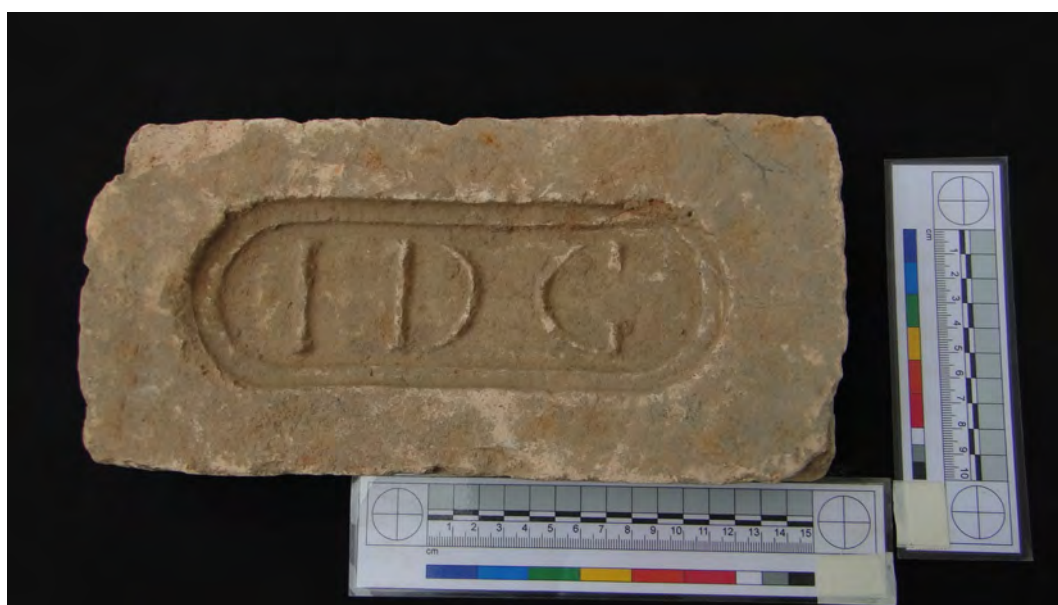


Figura 9: Tijolo, inscrição I D G, Coleção Casa do Grito. Foto. Angélica A. M. Da Silva, 2017.

- ✓ Confecção de etiquetas provisórias: contendo ordenamento numérico crescente das caixas e sequência numérica individual das peças contidas em cada uma das caixas

As caixas foram assinaladas com etiquetas de caráter provisório para serem substituídas posteriormente pelas definitivas padronizadas pelo CASP.

- ✓ Registro fotográfico da 'Coleção Referência,' formada pelas peças representativas da coleção

As fotos foram feitas com e sem escala, tendo sido usado fundo preto para destaque das peças.

- ✓ Desenhos ilustrativos da Coleção Referência

Foram feitos desenhos ilustrativos dos tijolos para evidenciar com clareza a marca da olaria e os desgastes do relevo das inscrições e das demais partes, assim como fissuras, fraturas, incisões e demais intercorrências observáveis na superfície do tijolo. Os desenhos foram também uma escolha para complementar o registro fotográfico no tocante aos detalhes.

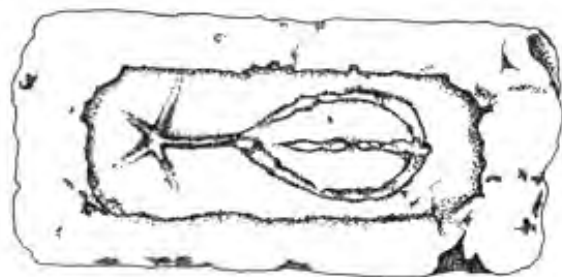


Figura 10: Tijolo, símbolo (?), Coleção Casa do Grito. Desenho ilustrativo: Carla V. Pequini, 2018.



Figura 11: Tijolo, Monograma I D G, Coleção Casa do Grito. Desenho ilustrativo: Carla V. Pequini, 2018.



Figura 12: Tijolo monograma GP, Olaria: *Giuseppe Pin*, São Caetano do Sul, séc. 19; ou *Gardini Pietro*, Estrada do Ipiranga, São Paulo, 1903. Coleção Casa do Grito. Desenho ilustrativo: Carla V. Pequini, 2018.



Figura 13: Tijolo, monograma J'J'R, Olaria: *José Joaquim Ribeiro*, Barra Funda, São Paulo, 1878, 1883, 1884 e 1885. Coleção Casa do Grito. Desenho ilustrativo: Carla V. Pequini, 2018.

- ✓ Elaboração da planilha de Inventário das peças indicando categorias de descrição

Foi criada uma planilha em *Excel* e lançados os dados existentes nas fichas de Inventário de peças preenchidas em 1981 e acrescentados os dados gerados por esta pesquisa. Os campos descritivos para os tijolos são: município, sítio arqueológico, ano da pesquisa/escavação, nome do responsável pelo preenchimento da ficha, pesquisadora responsável, cadastro CNSA/IPHAN, fotografias, referência dos exemplares, número de fragmentos, número de registro, local (cômodos escavados), nível, coordenadas UTM, denominação, desenho ilustrativo, descrição, categoria, subcategoria, cor da peça,

SILVA, Angélica Aparecida Moreira da; BARBOSA, Paula Nishida. Uma Tijoloteca como fonte de pesquisa: coleção arqueológica Casa do Grito. In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 220-236, Jul-Dez. 2019.

técnica de produção, queima, estudos petrográficos, marca/inscrição/monograma, fonte de identificação da marca/inscrição/monograma, nome da olaria, período de atividade da olaria, localização da olaria, integridade, estado de conservação, marca de uso, intervenções sofridas, recomendações de conservação, marca/inscrição/monograma/símbolo, comprimento, largura, espessura, peso, número da caixa, acervo, observações. Esse Inventário Descritivo dos Tijolos criado na planilha *Excel* foi encaminhado ao CASP.

✓ Confecção do catálogo para publicação impressa ou digital

O catálogo dos tijolos é composto por fichas com as seguintes categorias descritivas: sítio, município, ano de pesquisa, coordenadas UTM, número de registro, denominação, descrição, cor da peça, marca/inscrição/símbolo, nome da olaria, período de atividade da olaria, localização da olaria, comprimento, largura, espessura e peso. Também a indicação do Acervo ao qual pertence a Coleção e imagens (desenho e fotografia).⁸

✓ Coleção Referência: apresentação dos dados

Tendo dado início à pesquisa das marcas, inscrições e símbolos existentes nos tijolos, foi possível identificar 19 tijolos e suas marcas através das listas de olarias produzidas a partir de fontes primárias diversas por MAESIMA (1997) e SALLA (2014) no âmbito de suas pesquisas. Para as iniciais presentes em alguns tijolos, verificou-se que haviam mais de uma olaria representada pelas mesmas iniciais do monograma. É um exemplo disso o tijolo com inscrição ‘GP’ (apresentado na figura 12 acima) onde há mais de um nome de olaria (seguida de localização + data): *Giuseppe Pin, São Caetano do Sul, século 19 e Gardini Pietro, Estrada do Ipiranga, São Paulo, 1903*. Isso ocorre porque, as mesmas iniciais referem-se a olarias, cidades e datas distintas. Há outros tijolos da coleção onde ocorreu a mesma situação.

Entre os tijolos analisados, há ainda aqueles que possuem as mesmas iniciais no monograma, mas precedidos ou sucedidos por pontos ou ainda separados por eles ou por estrelas (ex. ‘PC’; ‘P.C’; ‘.PC.’). Seriam a mesma olaria? Seria uma forma de distingui-las visto ser as mesmas letras? Não sabemos por hora.

Para a continuidade da pesquisa em busca de identificar qual olaria afinal é a produtora do tijolo ‘GP’ e outros na mesma situação, será preciso analisar demais atributos da peça. Por exemplo, através do peso e medidas é possível acompanhar as modificações do tijolo e inferir uma datação relativa sabendo-se que os códigos municipais passaram a regulamentar sua produção padronizando suas dimensões. Refinando ainda mais a análise, as características físico-químicas da pasta do tijolo poderão indicar possíveis barreiros de onde a argila teria sido retirada. Uma verdadeira investigação de detetive. Porém, além dos atributos relativos à materialidade do tijolo, é preciso considerar demais variáveis do contexto de onde este artefato foi retirado. As sobreposições de pisos (o tijolo ‘GP’ foi retirado da 1ª tijoleira do cômodo 7 do Sítio Casa do Grito), paredes, alicerces e demais estruturas edificadas nas quais os tijolos foram componentes construtivos revelam indícios que podem balizar o período de sua produção. Isso auxilia na identificação da olaria que o fabricou entre outras com o mesmo monograma, mas que podem ser de períodos mais recentes, por exemplo. São conjecturas possíveis a partir da posição em que o tijolo foi encontrado, o nível de profundidade, a correlação com os demais materiais arqueológicos do Sítio, entre outras variáveis observadas para cada contexto arqueológico escavado. Tanto o tijolo serve de marcador cronológico para as estruturas identificadas nas escavações, quanto as estruturas podem ajudar a diferenciar e distinguir olarias a partir do conhecimento de seu período de atividade.

⁸ O design e diagramação do catálogo foi feito pela arquiteta designer Maria Rosa Juliani.

Geralmente, as marcas dos tijolos são pensadas através dos monogramas que correspondem as iniciais dos nomes de seus fabricantes, ou seja, os donos das olarias. No entanto, há entre os tijolos analisados alguns que possuem símbolos no lugar das letras. E isso chamou a atenção. Como atribuir a fabricação desses tijolos à alguma olaria?

Tendo refletido sobre isso, embora não haja nesse momento evidências que corrobore para confirmar a hipótese formulada, poderá ser que os tijolos com símbolos, representem grupos organizados como grêmios, associações, irmandades, sociedades, ordens religiosas, filosóficas, etc. Funcionaria como uma espécie de carimbo personalizado deixando marcas, em certa medida indelévels, porque muito duradouras. Para decifrá-los, se faz necessário uma pesquisa em fontes primárias e bibliografia sobre símbolos e sua utilização em diferentes sociedades e períodos. A pesquisa de Sidney Aguilar Filho (2011), a partir de um tijolo com a suástica, é um exemplo da carga ideológica transmitida pelo símbolo. A suástica tinha um significado diferente antes de simbolizar o nazismo alemão. Ao pensar na suástica nos tijolos, coube pensar nos símbolos presentes nos tijolos da Casa do Grito e na transitoriedade de significados e esquecimento das ideias que eles poderiam denotar. Outro exemplo são os tijolos com símbolo bastante conhecido pelos arqueólogos que faz referência ao Cometa Halley, quando de sua passagem em 1910.⁹



Figura 14: Tijolo, referência ao Cometa Halley, 1910. Coleção Sítio Morrinhos. Acervo CASP. Foto. Angélica A. M. Da Silva, 2017.

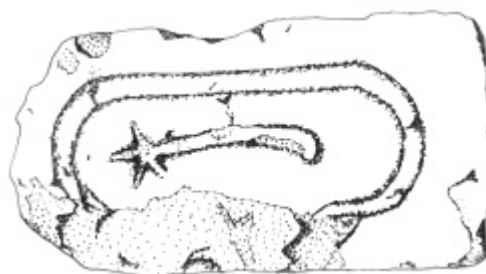


Figura 15: Tijolo, referência ao Cometa Halley, 1910. Coleção Sítio Morrinhos. Acervo CASP. Desenho ilustrativo: Carla V. Pequini, 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesses primeiros passos da Tijoloteca foram executadas a curadoria e o acondicionamento de 163 tijolos, dos quais 47 foram selecionados para a Coleção Referência tendo sido fotografados e desenhados, além da aferição de peso e medidas. Até o momento foi possível identificar através das marcas (monogramas) 19 olarias localizadas em São Paulo e São Caetano do Sul com período de atividades entre 1877-1928. Ainda que sejam resultados parciais (dos 47 tijolos apenas 19 estão identificados); foi possível concluir que os 19 tijolos analisados por essa pesquisa são vindos de olarias de São Caetano do Sul, mas também de São Paulo, onde alguns bairros como Ipiranga, Barra Funda, Lapa, Tatuapé e Pinheiros foram identificados. Ou seja, as intervenções e reparos feitos nas estruturas da edificação do Sítio Histórico Casa do Grito, utilizaram, entre outros, tijolos vindos dessas localidades.

⁹ O cometa Halley é um cometa grande e brilhante que orbita em torno do Sol, em média, a cada 76 anos, quer dizer, seu período orbital pode oscilar entre 74 e 79 anos. Trata-se de um dos mais conhecidos e brilhantes cometas (visível a olho nu) de periodicidade “curta” do cinturão de Kuiper. Foi observado pela última vez em 1986 nas proximidades da órbita terrestre, calcula-se que a próxima visita seja no ano de 2061, a anterior ocorreu em 1910. Fonte: Portal InfoEscola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/astronomia/cometa-halley/>

Pretende-se aprofundar a pesquisa para identificação dos tijolos através dos monogramas neles inscritos indicando as olarias ou ainda, os símbolos e o que representavam, confirmando ou refutando a hipótese levantada sobre serem referências à grêmios, associações, irmandades ou ordens políticas, ideológicas e filosóficas. Em momento futuro, com a continuidade da pesquisa e a organização total da Tijoloteca, será possível inferir demais informações, consolidando e aprofundando os dados arqueológicos sobre o Sítio Histórico Casa do Grito.

Para os estudos arqueológicos sobre a cidade de São Paulo, o acesso às pesquisas realizadas sobre os tijolos é fundamental. A disponibilização e acesso ao repertório de informações produzidas em diversas pesquisas arqueológicas sobre a cidade permitem o diálogo e aprimoram a produção científica. Organizar a Tijoloteca é acreditar na importância de compartilhar informações arqueológicas.

REFERÊNCIAS

- A LASCA ARQUEOLOGIA. Protocolo de curadoria do Laboratório de Arqueologia. São Paulo, 2014.
- ANDREATTA, Margarida Davina. *Relatório de Atividades Arqueológicas da Casa do Grito – Ipiranga*. Museu Paulista e DPH – Departamento do Patrimônio Histórico do município de São Paulo, 15/12/1981. Acervo do Centro de Arqueologia de São Paulo, 1981.
- AGÊNCIA FAPESP. Pauliceia 2.0: mapeamento colaborativo da história de São Paulo (1870-1940). Disponível em: http://agencia.fapesp.br/pauliceia_20_mapeamento_colaborativo_da_historia_de_sao_paulo_18701940/25017/. 2017. Acessado em: 12/02/2018.
- AGUILAR FILHO, Sidney. *Educação, autoritarismo e eugenia: Exploração do trabalho e violência à infância desamparada no Brasil*. 2011. Tese (Doutorado em Educação). Área de concentração: Filosofia e História da Educação) Comissão de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Campinas, 2011.
- ARAÚJO, Astolfo Gomes de Mello; CAMPOS, Maryzilda Couto de; e JULIANI, Lúcia de Jesus Cardoso de Oliveira. O Departamento do Patrimônio Histórico e a Arqueologia no Município de São Paulo: 1979-2005. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, 2006, v. 204:129-138.
- ARQUIVO NACIONAL (BRASIL). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, Publicações Técnicas, 2005, p. 232.
- CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE SÃO PAULO. *Protocolo de curadoria do laboratório de conservação. São Paulo: Departamento de Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo* (Autor: Renato Manguiera, 2017).
- D'ALAMBERT, Clara Correia. *O tijolo nas construções paulistanas do século XIX*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, São Paulo, 1993.
- DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO. Museu da Cidade: Casa do Grito. Disponível em: <http://www.museudacidade.sp.gov.br/casadogrito.php>. Acessado em 02/03/2018.
- FUNARI, Pedro Paulo. O Amadurecimento de uma Arqueologia Histórica Mundial. *Revista de História*, São Paulo: Departamento de História da Universidade de São Paulo, 2º semestre de 1996, v. 135: 163-168.
- JULIANI, Lúcia de Jesus Cardoso de Oliveira. *Gestão Arqueológica em metrópoles: uma proposta para São Paulo*. 1996. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, São Paulo.
- MAESIMA, Hildo Henry. *Tijolos do Sítio Bairro da Fundação, São Caetano do Sul/SP: Análise e Identificação*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, São Paulo, 1997.
- MARQUES, Fabrício. A Realidade que emerge da avalanche de dados – Humanidades digitais se disseminam por várias disciplinas, influenciam formação de pesquisadores e inspiram políticas públicas. *Revista Pesquisa Fapesp*, São Paulo: Fapesp, maio de 2017, v. 255 p. 19-25.
- MENINO 23 Infâncias Perdidas no Brasil. Direção de Belisário Franca. Brasil: 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=...>
- SILVA, Angélica Aparecida Moreira da; BARBOSA, Paula Nishida. *Uma Tijoloteca como fonte de pesquisa: coleção arqueológica Casa do Grito*. In: *Cadernos do Lepaarq*, v. XVI, n.32., p. 220-236, Jul-Dez. 2019.

com/watch?v=eaZwW1wUE9o. Acessado em 11/02/2018.

MUNSELL, R. *Soil Color Charts*. New Widson: Kollmorgen Instruments – Macbeth. Division, 1994.

SALLA, Natália Maria. *Produzir para construir: a indústria cerâmica paulistana no período da Primeira República (1889-1930)*. Dissertação (Mestrado em História Econômica) Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2014.

ORSER JR, Charles E. *Introdução à Arqueologia Histórica*. Belo Horizonte: Oficina de Livros. 1992.

SOUZA, Rafael de Abreu e. Arqueologia em fábricas paulistas, entre chaminés e estacionamentos. Ou dos métodos para escavar uma fábrica. *Revista do CPC-USP*, São Paulo: maio/out 2013, n. 16.

THIESEN, Beatriz Valladão. Arqueologia Industrial ou Arqueologia da Industrialização? Mais que uma questão de abrangência. *Patrimônio: Revista eletrônica do IPHAN*, Brasília: jan / fev. de 2007, n. 6. Disponível em:

http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/arqueologia_industrial.pdf. Acessado em: 06/12/ 2017.